Bertolt Brecht

Teatro Completo

12

Don Juan
Tambores e trombetas
Aníbal
Gösta Berling
Decadência do egoísta Johann Fatzer
A padaria
De nada, nada virá
A verdadeira vida de Jacó Vemcá
A vida de Confúcio
Dança da morte em Salzburgo

PAZ E TERRA

TEATRO COMPLETO

em 12 volumes

BERTOLT BRECHT

TEATRO COMPLETO

em 12 volumes

PAZ E TERRA

BERTOLT BRECHT
TEATRO COMPLETO
em 12 volumes
XII

DON JUAN (1953)
Tradução de Christine Röhrig

TAMBORES E TROMBETAS (1954)
Tradução de Milton Camargo Mota

FRAGMENTOS
Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Erlon José Paschoal

© Suhrkamp Verlag
Títulos dos originais em alemão:
Don Juan © *1959*, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Pauken und Trompeten* © 1959, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Hannibal* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Gösta Berling* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Untergang des Egoisten Johann Fatzer* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Der Brotladen* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Aus Nichts wird Nichts* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Das Wirkliche Leben des Jakob Geherda* © 1967; by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Leben des Konfutse* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; *Salzburger Totentanz* © 1967, by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.

Coordenação Geral: Christine Röhrig e Fernando Peixoto
Revisão: Opera Editorial
Produção gráfica: Katia Halbe
Diagramação: Raquel Tavarez e Solange Causin
Capa: Isabel Carballo (*concepção*) / Claudio Rosas (*realização*)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecht, Bertolt, 1898-1956
Bertolt Brecht: teatro completo, volume 12 / tradução Christine Röhrig ... *et al.*; colaboradores B. Besson, E. Hauptmann.
— Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
Outros tradutores: Milton Camargo Mota, Ingrid D. Koudela, Erlon José Paschoal
1. Teatro alemão I. Besson, B. II. Hauptmann, E. III. Título.

95-2922 CDD-832.91

Índices para catálogo sistemático
1. Século 20: Teatro: Literatura alemã 832.91
2. Teatro: Século 20: Literatura alemã 832.91

EDITORA PAZ E TERRA LTDA.
Rua do Triunfo, 177
Santa Ifigênia, São Paulo, SP – CEP 01212-010
Tel.: (11) 3337-8399
vendas@pazeterra.com.br
www.pazeterra.com.br

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Índice

Don Juan 9
Tambores e trombetas 79

Fragmentos 183
    Aníbal 185
    Gösta Berling 195
    Decadência do egoísta Johann Fatzer 205
    A padaria 225
    De nada, nada virá 261
    A verdadeira vida de Jacó Vemcá 273
    A vida de Confúcio 295
    Dança da Morte em Salzburgo 301

Don Juan

de Molière

Don Juan
Escrita em 1953

Tradução: Christine Roehrig

Colaboração: B. Besson, E. Hauptmann

PERSONAGENS

DON JUAN, FILHO DE DON LUIS TENÓRIO
SGANARELLE, CRIADO DE DON JUAN
DON LUIS TENÓRIO
DONA ELVIRA, MULHER DE DON JUAN
DON CARLOS E DON ALONSO, IRMÃOS DE DONA ELVIRA
ESTÁTUA DO COMENDADOR
ANGÉLICA, FILHA DO COMENDADOR
SR. DIMANCHE, COMERCIANTE
GUSMÃO, ESTRIBEIRO DE DONA ELVIRA
LA VIOLETTE, CRIADA DE DON JUAN
RAGOTIN, ESTRIBEIRO DE DON JUAN
PIETER, PESCADOR
BERTHELOT, ANGELOT E COLIN, REMADORES
CHARLOTTE, PESCADORA
MATHURINE, PESCADORA
MARPHURIUS, MÉDICO
SERAFINA, COZINHEIRA DE DON JUAN

A peça se passa na Sicília.

Primeiro Ato

ENTRADA DE UMA MANSÃO NA CIDADE. BAGAGEM DIANTE DA PORTA

1

SGANARELLE. GUSMÃO

SGANARELLE *fisga uma latinha de rapé da bagagem de Don Juan* — O que quer que digam Aristóteles e a filosofia de um modo geral: nada está acima do rapé. É a paixão dos grandes deste mundo. Ah, eles escolhem as suas paixões com cuidado! Hoje em dia, quem vive sem rapé, não vive. Além de ser a purificação e o deleite do cérebro, ele ainda propicia uma calma celestial, sem a qual o homem deste mundo não consegue ser homem do mundo. Somente o rapé faz com que os grandes homens consigam esquecer o sofrimento, principalmente o alheio. Algumas propriedades estão causando problemas? Basta uma fungadinha e tudo já não parece mais tão grave assim. Um peticionário está se tornando inconveniente, um credor muito insistente? Dê uma fungadinha, meu amigo, seja um filósofo! Uma fungadinha dessas satisfaz tanto a quem dá como a quem recebe. A começar pelo gesto de oferta: não se espera até ser solicitado, adivinha-se o desejo do próximo — é rapé o que ele quer —, e logo é atendido com um sorriso. Dê uma fungadinha, amigo Gusmão, sirva-se!

GUSMÃO — Muito obrigado. Mas voltando ao nosso assunto. Talvez eu não tenha me explicado direito...

SGANARELLE — Claro que sim. Dona Elvira veio correndo atrás de nós, o amor dela pelo meu patrão é tão grande que não é capaz de viver nem de morrer sem ele — resumindo, ela está aí.

GUSMÃO — O que eu gostaria de saber é como seremos recebidos.

SGANARELLE — Quer saber o que eu penso a respeito? Temo que o amor dela não será correspondido, que sua viagem tenha sido em vão. Ela teria feito melhor ficando em casa.

GUSMÃO — Como assim? O seu patrão já deu sinais de que o amor dele por ela tenha esfriado? Teria sido esse o motivo de sua repentina viagem?

SGANARELLE — Isso não. Como você pode pensar uma coisa dessas? Nós não costumamos fazer comentários sobre nossas questões amorosas. A propósito: faz tempo que ele não precisa falar nenhuma palavrinha para que eu saiba exatamente o que se passa na cabeça dele. Às vezes até sei melhor do que ele mesmo. O que não faz a experiência!

GUSMÃO — O quê? Então quer dizer que esta viagem imprevista não é nada além de traição infiel? Quer dizer que Don Juan simplesmente abandonou Dona Elvira vergonhosamente, sua esposa desde algumas semanas apenas? E sem uma única explicação sequer!

SGANARELLE *dá uma fungada* — Ah! Ainda somos jovens e não somos lá muito corajosos.

GUSMÃO — Um homem na posição dele?

SGANARELLE — Que posição coisa nenhuma! Isso lá vai prejudicá-lo? E ele tem a posição que tem para desistir de alguma coisa?

GUSMÃO — Mas e os laços do sagrado matrimônio?

SGANARELLE — Ah, meu pobre Gusmão, meu amigo! Também os laços são — só laços! Vocês não conhecem Don Juan.

GUSMÃO — Eu estou começando a temer não conhecê-lo. Essas juras calorosas, as cartas ardentes, a impaciência, até conseguir arrancá-la do sagrado refúgio do convento de Santa Regina! Como é que ele pode abandoná-la depois de tudo isso! Eu não entendo.

SGANARELLE — Se você conhecesse o rapaz, você saberia que para ele isso não representa dificuldade. A propósito, eu não falei nada. Eu tive que vir antes para tomar algumas providências para ele e ainda não lhe falei desde que chegou. Não sei nada ao certo. Quero preveni-lo, no entanto, que o meu patrão, Don Juan, é o maior patife que a terra já carregou, um maníaco, um diabo, um herege, que não acredita nem no céu nem no inferno; leva uma vida como um animal selvagem, como um porco epicurista, um Sardanapalo! Tá certo, ele casou com a sua patroa. Para alcançar seu objetivo ele teria casado com você, com o padre, com o cachorro e com o gato até. O que é o casamento para ele! Nessa armadilha ele pega todas. Ele é o maior casadoiro diante do Senhor. Senhora, donzela; nobre, plebéia; condessa, camponesa; mulher do prefeito, noviça — nada é para ele muito quente, nada é muito frio. Se eu fosse enumerar todas com quem ele se casou, ficaríamos aqui até amanhã de manhã. Mas uma coisa somos obrigados a reconhecer: ele atrai as mulheres como a groselha atrai as moscas. Não existe uma que possa escapar ao seu ímã. O pobre do pai não sabe mais como superar os escândalos que se sucedem a cada dia! E as dívidas então! Mas o que se pode fazer? Não se pode fazer nada. O céu enfurecido irá fulminá-lo um dia desses.

GUSMÃO — Quieto. Lá vem ele. O que eu digo para minha patroa?

Sganarelle dá de ombros.

Gusmão sai desesperado.

2

DON JUAN. SGANARELLE

SGANARELLE *avisa* — A bagagem leve de campanha!

DON JUAN — Com quem você estava falando agora há pouco? Esse não era o estribeiro de dona Elvira? Gusmão?

SGANARELLE — Era, alguém assim.

DON JUAN *ameaça-o com o bastão* — Era ele ou não?

SGANARELLE — Era ele.

DON JUAN — Desde quando ele está na cidade?

SGANARELLE — Acabou de chegar.

DON JUAN — O que o trouxe até aqui?

SGANARELLE — O senhor deveria saber.

DON JUAN — Nossa viagem?

SGANARELLE — Ele queria saber o motivo.

DON JUAN — O que você disse a ele?

SGANARELLE — Que o senhor não havia me revelado nada.

DON JUAN — E qual foi o motivo, na sua opinião?

SGANARELLE — Minha opinião? Se o senhor me permite, penso que viemos atrás de outra.

DON JUAN — É isso que você pensa?

SGANARELLE — É.

DON JUAN — Você não está enganado. É isso mesmo. Uma outra expulsou Elvira do meu pensamento.

SGANARELLE — Pois eu conheço meu patrão como meu dedo mindinho. Coração insaciável.

DON JUAN — E você não acha isso bom?

SGANARELLE — Não, magnânimo senhor...

DON JUAN — O quê? Fale!

SGANARELLE — É claro que é bom assim, se o senhor faz tanta questão. Mas se o senhor quisesse de outro jeito, talvez fosse de outro jeito.

DON JUAN — Está bem. Fale o que pensa, eu lhe dou permissão.

SGANARELLE — Então, magnânimo senhor, vou lhe dizer sem rodeios: esse assanhamento desenfreado é algo terrível.

DON JUAN — O quê? Por acaso você deseja que a gente se acorrente à primeira melhorzinha que aparece e que não mais tenhamos olhos para as outras? Que egoísmo ridículo, querer ser fiel! Enfeitiçar a gente, esse direito todas as belas têm. Se eu faço justiça a uma e cedo aos seus encantos, isso não quer dizer que eu deva ser injusto com as outras. Por acaso aquela que teve a sorte de cruzar nosso caminho em primeiro lugar tem o direito de furtar ao nosso coração os outros justos apelos? Eu sempre tenho os olhos voltados para apreciar as vantagens das outras e quero pagar a cada uma o tributo a que a natureza me obriga. Cadeira! *Sganarelle traz uma cadeira dobrável de viagem. Don Juan senta-se.* Que prazer indizível esse de inventar milhares de galanteios que dominam o coração de uma bela jovem! Acompanhar a cada dia os pequenos progressos que fazemos! Que satisfação a de lutar contra os ímpetos, as lágrimas e os suspiros de uma alma envergonhada que se penaliza por depor as armas! Vencer passo a passo os delicados empecilhos, destruir os lampejos de consciência de que ela tanto se orgulha, e conduzi-la suavemente até onde queremos chegar. Uma vez que a fortaleza foi conquistada, não sobra nada a dizer e a desejar: só resta adormecer. Homem, nesse território eu tenho a avidez do conquistador que está constantemente se lançando de uma vitória a outra e que não permite que se imponham limites aos seus desejos. Nada, nada neste mundo pode conter o meu apetite voraz. Dentro de mim bate um coração que ama todo mundo. Como Alexandre da Macedônia, eu sonho em submeter outros mundos ao poder do meu amor. O que você me diz disso, Sganarelle?

SGANARELLE — Bom, magnânimo senhor... seu modo de vida — agradar, não me agrada viver como o senhor vive.

DON JUAN — Por quê? Como é que eu vivo?

SGANARELLE — Ah, muito bem. Muito bem mesmo. Só, por exemplo, essa casação a cada três semanas...

DON JUAN — Mas isso é tão agradável!

SGANARELLE — Que é, é. Eu mesmo não seria contra se não fosse pecado. Zombar dessa maneira das instituições sagradas!

DON JUAN— Vá, vá! Isso é assunto meu com o céu.

SGANARELLE — Oh, magnânimo senhor. Dizem que o céu é vingativo, muito vingativo. Quando alguém zomba...

DON JUAN — Cala a boca! Você não sabe que eu não suporto sermões moralistas? Imbecil!

SGANARELLE — Deus me livre. Eu não estava me referindo ao senhor. O senhor não tem culpa. O seu poder de atração, o seu fogo! São mais que motivos! Infelizmente, existem pessoas que não levam a moral a sério e, no entanto, não têm esses bons motivos. Se eu tivesse um patrão desses eu diria na cara dele: seu verme, seu piolho desmantelado, como pode zombar daquilo que é sagrado aos homens! Pensa que só por ser nobre, por ter uma peruca loira bem cuidada na cabeça e um chapéu com penas — eu diria a ele —, o senhor acha que por vestir um casaco bordado a ouro com galões vermelho cor de sangue, que pode fazer tudo?— eu diria a ele...

DON JUAN *sorrindo* — Patife.

SGANARELLE — Para esse tipo de gente deveríamos dizer essas verdades.

DON JUAN — Basta agora. Não temos muito tempo. Temos de falar da beleza que nos trouxe até aqui...

SGANARELLE *à parte* — Trouxe até aqui!

DON JUAN — ...viajando para cá.

SGANARELLE — Justamente! Devo lembrá-lo que o senhor matou o Comendador, Don Rodrigo, aqui nessa província? O senhor não teme nada?

DON JUAN — Temer o quê? Pois já não o matei? E ainda conforme todas as regras da arte?

SGANARELLE — Claro, claro. Nesse sentido ele não pode se queixar.

DON JUAN — Quem é que teme um morto? E, além do mais, houve um processo, meu pai intercedeu por mim, eu fui absolvido, a coisa foi enterrada.

SGANARELLE — Enterrada, sim. Mas existem amigos, parentes próximos, uma filha menor de idade — o senhor acha que esses amigos e parentes estão satisfeitos com sua absolvição?

DON JUAN — Agora basta. Temos de pensar na diversão que espera por nós. A beldade de quem falei é uma moça... *Vê dona Elvira.* Dona Elvira! Que visão indesejável! Imbecil! Traidor! Por que você não me falou que ela está aqui?

SGANARELLE — O senhor não perguntou, magnânimo senhor!

DON JUAN — Ela ficou doida? Viajar nesse enorme vestido de noite!

3

DON JUAN. DONA ELVIRA. SGANARELLE

DONA ELVIRA — Don Juan! Será que posso lhe pedir que me reconheça? Posso ao menos pedir-lhe que volte seu rosto para mim?

DON JUAN — Madame, eu devo confessar que fui surpreendido. Não esperava encontrá-la aqui.

DONA ELVIRA — É, eu notei que não esperava encontrar-me aqui. Sua surpresa não é aquela que eu esperava, mas ela confirma o que eu me recusei a acreditar. O que me espanta agora é a minha ingenuidade e o meu coração tolo que bem poderia ter suspeitado de sua traição, da qual não faltaram provas. Eu fui tão boa e dócil, ou melhor, tão estúpida de querer iludir a mim mesma. Eu inventei mais de cem boas razões para a sua viagem repentina. Para absolvê-lo do crime de que a minha razão o acusava, emprestei meu ouvido somente aos seus milhares de sussuros fantasiosos. Essa recepção porém não deixa mais dúvidas; o olhar com que me recebeu revelou mais do que eu desejava saber. Mas mesmo assim eu ficaria feliz em ouvir da sua boca quais foram os motivos da sua viagem repentina. Fale, Don Juan, eu lhe peço. Estou curiosa em saber como o senhor irá se explicar.

DON JUAN — Sganarelle irá dizer-lhe qual foi o motivo da minha viagem, cara senhora.

SGANARELLE *em voz baixa para Don Juan* — Eu, magnânimo senhor? Se me permite dizer, não sei de nada.

DONA ELVIRA — Então, Sganarelle? Não me importa de quem saberei a verdade.

DON JUAN *faz um sinal para que Sganarelle se aproxime de Dona Elvira* — Anda, diz pra ela.

SGANARELLE *em voz baixa* — Mas o que eu devo dizer?

DON JUAN — Quer falar de uma vez?!

SGANARELLE — Cara senhora...

DONA ELVIRA — Então...

SGANARELLE *para Don Juan* — Senhor... o que... *olhar severo de Don Juan.* Então... minha senhora, culpados por nossa viagem são...os grandes conquistadores... Alexandre da Macedônia e os outros mundos... Mais eu não sei.

DONA ELVIRA — Don Juan, posso pedir-lhe uma explicação dessa enigmática explicação?

DON JUAN — Para dizer a verdade, minha cara...

DONA ELVIRA — Meu Deus, como o senhor se defende mal! O senhor deveria ter aprendido isso na Corte. Por que o senhor não jura simplesmente que ainda nutre os mesmos sentimentos por mim, que ainda me ama com fervor e que só a morte pode nos separar? Por que não me conta que foi um compromisso de extrema urgência que o obrigou a partir sem se despedir de mim, que terá de ficar aqui por algum tempo contrariando a sua vontade, mas que eu volte tranqüila, com a certeza de que logo que possível o senhor também retornará e que o senhor, separado de mim, irá sofrer qual corpo separado da alma. Assim que deveria se defender em vez de ficar aí parado!

DON JUAN — Cara senhora, eu confesso: não sei fingir. Eu sou sincero. Eu não lhe digo que ainda alimento pela senhora os mesmos sentimentos, que ardo em desejo e que não vejo a hora de me unir à senhora, pois é evidente que fugi. Não pelos motivos que supõe e sim pelos motivos que me dita a consciência. Continuar a viver com a senhora seria um pecado. Com os olhos da minha alma imortal, agora observo o que fiz. Percebi que eu, para casar-me com a senhora, arranquei-a da solidão do convento. Que a senhora rompeu com votos que a atavam de outro modo. O céu é sabidamente muito ciumento nessas coisas. Temo, cara senhora, que, na verdade, o nosso casamento seja um adultério disfarçado. Temo a ira do céu por nós dois. De minha parte, vou tentar esquecê-la. Eu tenho a obrigação de permitir que retorne às suas primeiras amarras. Cara senhora, quererá se opor a um sentimento tão piedoso? Quererá que, com isso, ficando com a senhora, carregue no pescoço a ira do céu? Madame, para fazer justiça ao céu e a todas as criaturas, freqüentemente temos que fazer dolorosos sacrifícios...

DONA ELVIRA — Ah, patife! Agora estou reconhecendo o senhor! Para minha infelicidade, reconheço-o tarde demais! De que me adianta esse reconhecimento agora? Só serve para me afundar ainda mais no desespero. Mas saiba, seu crime não ficará impune. O mesmo céu que lhe serve ao deboche cuidará de me vingar.

DON JUAN — Sganarelle, o céu!

SGANARELLE — É, de fato! Esse não nos serve de ameaça.

DON JUAN — Cara senhora...

DONA ELVIRA — Chega. Não quero ouvir mais nada. Já ouvi demais. Não espere que eu me preste a injúrias e provocações. Não quero transformar meu ódio em palavras. Mas eu repito, Don Juan: o céu irá castigá-lo. *Sai.*

4

DON JUAN. SGANARELLE. MAIS TARDE OS REMADORES

DON JUAN — Bom, a beldade de quem eu queria falar é uma jovem noiva. Avistei-a há poucos dias: a graça maior que os olhos já viram. Ela passeava de braços com seu noivo. Jamais vi um par tão feliz e satisfeito consigo mesmo. O fato de não conseguirem esconder a recíproca delicadeza tocou o meu coração lá no fundo. Mal pude suportar vê-los tão felizes um com o outro. Destruir esse elo, que magoou meu coração sensível, pareceu-me voluptuoso dever.

SGANARELLE — Entendo.

DON JUAN — Você não entende nada. Aconteceu algo incompreensível. A dama não quer largar daquele safado.

SGANARELLE — Bom...

DON JUAN — De modo que me sinto forçado a tomar as medidas cabíveis.

SGANARELLE — E as nossas cartas? E os presentes?

DON JUAN — Tudo devolvido.

SGANARELLE — O quê? Quer dizer então que ela o abomina?

DON JUAN — Ela pensa que me abomina. Ela está mesmo querendo casar amanhã com aquele sujeito. Serei obrigado a tomar medidas drásticas neste caso! Ela será raptada.

SGANARELLE — Oh, não!

DON JUAN — Como? O noivo, que já se apresenta como marido, quer entretê-la com um passeio de barco pelo mar. Eu aluguei um barco muito veloz e contratei alguns remadores fortes.

SGANARELLE — Ai, senhor! E eu que sonhei com peixes mortos e ovos quebrados, e a sua cozinheira Serafina sempre diz que isso significa...

Don Juan ameaça-o

SGANARELLE — Ah, magnânimo senhor! — Isso será mais uma de suas...

DON JUAN — Minhas...

SGANARELLE — ...grandes aventuras!

DON JUAN — Você também vai, é claro. Teste as armas com cuidado, sua vida irá depender disso. E não esqueça do vinho.

Entram os Remadores com seus remos.

DON JUAN — Ao trabalho.

5

DON JUAN. SGANARELLE. BERTHELOT. ANGELOT. COLIN

DON JUAN — Dê as instruções necessárias aos rapazes.

SGANARELLE — Neste caso o dinheiro seria o melhor mestre, magnânimo senhor.

DON JUAN *atira-lhe a bolsa de dinheiro* — Isso deve bastar.

SGANARELLE *examina a bolsa* — Vinte ducados devem dar. Guarda a bolsa. Para cá, rapazes! Pagaremos seus serviços com dois ducados por homem.

Os Remadores ficam extremamente felizes.

COLIN — Muito obrigado, senhor.

SGANARELLE — Esperem! Pelo pagamento especial é claro que esperamos serviços especiais. Será que vocês conseguem segurar um remo?

ANGELOT — Meu senhor, na costa toda...

SGANARELLE — Não estou dizendo só assim — *faz o gesto de remar* — mas também assim! *Faz o gesto de bater.*

COLIN — Ah, então é um serviço desse tipo!

ANGELOT — Meu senhor, nós somos pescadores pacíficos. Se o caso for de bater...

SGANARELLE *severo* — Quer dizer então que vocês não sabem bater. Então vou ter de ensiná-los.

ANGELOT — Aula para matar? Esses pelo jeito não têm religião.

SGANARELLE — Nós não pagamos dois ducados para remarem.

BÉRTHELOT — Não vai dar, senhor. Eu conheço ele. *Aponta para Angelot.*

ANGELOT *para os dois outros* — Vocês estão cobrando dois ducados para matar o próximo?

BERTHELOT — Meu senhor, ele tem razão, para isso dois ducados é pouco, na prática.

COLIN *para Angelot* — Você não faria nem por três, faria Angelot?
Angelot balança a cabeça.

BERTHELOT *para Angelot* — Por quatro?

SGANARELLE — Três ducados de jeito nenhum!

ANGELOT — Quatro ducados é um monte de dinheiro. *Continua balançando a cabeça.*

COLIN — É que ele tem o coração mole.

SGANARELLE — Extorquir três ducados da gente, isso que vocês chamam de ter coração mole?

BERTHELOT — Abaixo de cinco não tem conversa.

DON JUAN *chama Sganarelle* — É para hoje?

SGANARELLE *rangendo os dentes* — Está bem, vou pagar a vocês o abusivo preço de quatro ducados...

ANGELOT — Cinco!

SGANARELLE — Está bem. Mas eu não terei mais vocês em consideração; não somos mais amigos. *Levando os remadores para trás.* Então, qualifiquem-se, pelo menos.
Ao fundo Sganarelle mostra aos remadores o "uso" do remo — ele mesmo usando a espada. Ouve-se ele comandando "parada à direita" — "Parada à esquerda" — "Retirada".

SGANARELLE — Magnânimo senhor, não falharemos, mas...

DON JUAN *para Angelot* — Levante o remo, homem!

ANGELOT — Não, não e não. Minha consciência não permite.
Sai correndo

SGANARELLE — Vá para o diabo!

COLIN — Mas em dois não conseguiremos.

DON JUAN *para Sganarelle* — Aumente a paga.

COLIN *chama por Angelot* — Seis ducados! Volte imediatamente!

ANGELOT *volta lentamente* — Agora já viraram seis. Sinto muitíssimo.

SGANARELLE — Continuem. *Para Don Juan.* Ih, magnânimo senhor, lá vem seu pai!

DON JUAN — Será que hoje está tudo contra mim?
Entra Don Luis.

Durante a cena seguinte, os exercícios só são interrompidos quando Sganarelle serve Don Juan.

6

DON JUAN. DON LUIS. SGANARELLE. REMADORES

DON LUIS — Eu sei muito bem que a minha presença não lhe agrada. Se você está farto da minha cara, não estou menos farto dos seus excessos. Como é que você acha, depois de tudo que já aconteceu, que eu devo encarar o seu último ato vergonhoso? A única filha do nosso nobre amigo Don Filipo, arrancada da santa clausura do convento! O que mais você pretende aprontar aos meus cabelos enbranquecidos pelos serviços prestados ao rei e à minha pátria! Você tem de acumular vergonha sobre vergonha?
Sganarelle mostra discretamente a Don Juan duas espadas para que este escolha. Don Juan aponta imperiosamente para uma delas. Sganarelle sai.

DON LUIS — Para encobrir seus escândalos tenho que abusar da paciência do nosso rei. Até mesmo a maior das paciências tem limite. Para que você consiga satisfazer os seus caprichos, sou obrigado a gastar o crédito alcançado pelos meus préstimos.

DON JUAN — Meu senhor, se o senhor desejasse sentar-se, sentado consegue-se falar mais facilmente.

DON LUIS — Não, desavergonhado, não quero me sentar! Ai, quão pouco sabemos o que estamos fazendo ao gerar filhos! Com que fervor eu desejei ter um filho, com que teimosia eu suplicava por isso — aí está ele, por quem eu cansei o céu com minhas súplicas: um monstro! Zomba das minhas repreensões, ri dos meus justos desejos!

Durante esta fala, Sganarelle aponta sorridente para as habilidades marciais dos remadores.

DON JUAN — De modo algum. Participe-me vossos desejos em relação à mencionada dama; e eu tratarei de realizá-los, pai.

DON LUIS — Cale-se! Não me faça lembrar que sou seu pai. Muitos já fazem isso para me ofender. Você não se envergonha nem um pouco de estar se tornando indigno de seu berço? O que faz para enaltecer o nome que carrega?

DON JUAN *a quem Sganarelle apresenta um cesto com garrafas de vinho* — Mais deste. *Sganarelle se afasta.*

DON LUIS — Você vive da fama de seus antepassados! Mas de nada irão lhe servir os atos heróicos deles, miserável! Muito pelo contrário, a fama deles é uma tocha que lança luz sobre os seus atos vergonhosos.

DON JUAN — Meu senhor, o senhor não vai me achar mais tão desobediente, como pensa. Existem situações em que um fidalgo não tem mais escolha. Existem obrigações que devem ser cumpridas, custe o que custar.

SGANARELLE *à parte* — Quer dizer, custe o que custar a seu pai.

DON JUAN — Eu não colocarei nada no caminho de dona Elvira, em seu retorno ao lugar de onde eu nunca deveria tê-la tirado. Espero que esse passo faça com que a sua mão sempre tão aberta não continue a se fechar para mim. Meus credores...

DON LUIS — Que seus credores coisa nenhuma, desgraçado! Acho que é melhor você temer a ira do céu por seus pecados! *Sai.*

7

DON JUAN. SGANARELLE. REMADORES

DON JUAN *acena para que Sganarelle se aproxime* — Queria dizer que devemos ter uma chaise preparada, quando voltarmos com o barco. — É um horror ver pais que vivem tanto quanto os filhos.

SGANARELLE *que colocara os Remadores em fila carregados de bagagem e armas* — Magnânimo senhor, o senhor deveria ter mandado o velho embora de uma vez. Me admira a sua paciência.

DON JUAN — Paciência? É tudo o que eu não tenho. Patife, eu tenho 31 anos de idade. Alexandre morreu aos 33. Ele conquistou 618 cidades. Está claro, tenho que me apressar. Ande logo! O barco! *Sai.*

Segundo Ato

Praia à beira mar. As roupas de Don Juan e Sganarelle estão estendidas para secar.

1

CHARLOTTE. PIETER

CHARLOTTE — Eles tiveram muita sorte que você estava aí, Pieter.

PIETER — É, minha nossa, por pouco não se afogam.

CHARLOTTE — Foi a procela de hoje de manhã que jogou eles na água?

PIETER — Bom, Charlotte, então eu vou contar pra você como tudo aconteceu, do começo. Bom, nós dois, eu e o Lucas gordo, estávamos na praia perambulando por ali, jogando areia no coco um do outro, quando, de repente, eu vejo uma coisa remando na água, lá longe. Eu vi direitinho, mas daí, de repente, vi que eu não via mais nada. Daí eu disse pro Lucas: Lucas, me parece que tem alguma coisa nadando ali. Bobagem, disse ele. Porca miséria, tem alguém nadando ali, eu disse. Porcaria nenhuma, ele disse, você está vendo o padroeiro.[*] Quer apostar, que eu não estou vendo o padroeiro e que tem gente ali nadando na nossa direção? Maldição, eu aposto que não tem ninguém, ele disse. Tá bom, vamos apostar dez vinténs, para valer alguma coisa. Tá bom, disse ele — toma o dinheiro. Eu que não sou bobo nem nada, joguei os cinco vinténs e mais dez tostões, pois sabia bem o que estava fazendo. Bom, a gente mal tinha apostado quando vimos dois homens fazendo sinal como loucos para que a gente fosse até lá e salvasse eles. Primeiro recolhi o meu dinheiro, é claro. Depois eu disse: vem logo, Lucas, não tá vendo que eles estão pedindo socorro? Vamos lá. Não, disse ele, eles me custaram dinheiro demais. Bom, prá encurtar a história, fiquei tentando convencer ele até que ele entrou no barco e daí tiramos os dois da água, eles já estavam meio roxos e aí eu levei eles para casa e deixei eles na beira do fogo, daí eles tiraram a roupa para secar e daí veio a Mathurine, e um deles logo começou a se achegar e trocar carinhos com ela. Foi assim, Charlotte.

CHARLOTTE *curiosa* — Você não falou, Pieter, que um deles é muito mais bonito do que o outro?

PIETER — Esse é o patrão. Ele deve ser peixe dos grandes. Ele tem ouro no casaco. *Aponta para o casaco estendido no varal.* De cima até embaixo. E o criado também parece ser fino. Mas mesmo sendo importante ele teria se afogado, não fosse eu.

CHARLOTTE — Não me diga.

PIETER — Porca miséria — não fosse eu, ele teria que acreditar em milagre.

---

[*] Klabautermann: na crença de pescadores da Alemanha do Norte, trata-se de um ser marítimo que bate nos cascos dos navios anunciando naufrágios ou avarias. (N.T.)

CHARLOTTE *muito interessada* — Ele ainda está pelado lá na sua casa à beira do fogo?

PIETER — Não, não, o criado já vestiu ele — nós ficamos assistindo. Meu Deus, eu nunca tinha visto alguém sendo vestido. Quanta coisarada que penduram num sujeito desses da corte. Já imaginou? Eles têm cabelos que nem cresceram na cabeça deles, e que eles vestem como se fosse uma touca gigante. E usam umas camisas com mangas tão longas que dão em nós dois juntos. Em vez de calças, eles põem um avental tão largo, que dá até os confins do mundo. Em vez de vestirem um gibão de verdade, eles vestem um casaquinho pequenininho que mal chega até o umbigo. Em vez de uma gola de verdade, eles usam um lenço enrolado no pescoço — *mostra* — desse tamanho, com quatro pontas bem grossas penduradas que chegam até o estômago. *Sganarelle busca os casacos no fundo.* E embaixo, no punho, eles também usam uma gola, e um funil enorme cheio de franjas nas pernas, e um monte de cordões, cordões em todo lugar, que a gente até chega a ficar com pena.

CHARLOTTE — Minha Nossa Senhora, Pieter, eu tenho que dar uma olhadinha nisso também. *Levanta.*

PIETER *senta-a novamente* — Escute primeiro, Charlotte. Eu ainda tenho que dizer uma coisa.

CHARLOTTE *apressada* — Então fale.

PIETER — Sabe o que que é, Charlotte, eu tenho que, como se diz, abrir o meu coração. Eu gosto de você, você sabe disso e eu sou a favor do nosso casamento. Mas, porca miséria, eu não estou lá muito satisfeito com você.

CHARLOTTE — Por quê? O que aconteceu?

PIETER — O que aconteceu? Estou preocupado com você.

CHARLOTTE — Mas por quê?

PIETER — Pomba, é que você não me ama.

CHARLOTTE — É só isso?

PIETER — Só isso, mas isso já é grave que chega.

CHARLOTTE — Minha Nossa Senhora, Pieter, você sempre vem com a mesma ladainha.

PIETER — Eu sempre venho com a mesma ladainha, porque sempre é a mesma coisa; e se não fosse sempre a mesma coisa eu não viria sempre com a mesma ladainha.

CHARLOTTE — Mas o que você quer?

PIETER — Porca miséria, eu quero que você me ame.

CHARLOTTE — E eu não te amo, por um acaso?

PIETER — Não. Você não me ama; eu posso fazer o que eu quiser. Não é para falar, mas eu compro fitas para você de tudo que é vendedor que passa, eu quase quebro o pescoço para buscar melrinhos do ninho para você; por você, eu faço o realejo tocar, no dia do seu aniversário — e tudo isso é nada.

CHARLOTTE — Meu Deus, eu te amo, sim. O que é que você quer que eu faça?

PIETER — Eu quero que você faça como se faz quando se ama de verdade.

CHARLOTTE — Eu amo de verdade.

PIETER — Não. Quando é de verdade, dá para perceber. Olha só a gorda da Tomazina, como ela fica doida atrás do Benjamin. Passa o dia inteirinho atazanando ele. Não dá nem um minuto de sossego. Outro dia ele estava sentado num banquinho e aí ela foi chegando por trás de fininho e puxou o banco debaixo da bunda dele e ele caiu estendido no chão. Pra você ver como é que se faz quando a gente ama de verdade. Mas você, você fica parada por aí feito um pedaço de pau. Eu poderia passar vinte vezes por você, sem que você se mexesse e me desse sequer um tapinha ou coisa parecida. Porca miséria! Isso não é nada bom. Você é muito fria.

CHARLOTTE — Eu sou assim, oras.

PIETER — Mas não se deve ser desse jeito. Quando a gente gosta de alguém, a gente demonstra isso de algum jeito.

CHARLOTTE — Bom, eu te amo tanto quanto eu posso. Se não estiver bom para você, você tem de procurar outra para amar.

PIETER — Viu só, o que foi que eu acabei de falar? Porca miséria, você diria uma coisa dessas se gostasse mesmo de mim?

CHARLOTTE — Por que você não pára de ficar me enchendo a cabeça?

PIETER — Eu só estou pedindo um pouquinho de amor.

CHARLOTTE — Não fica me pressionando assim. Talvez isso venha por si só, sem pensar.

PIETER — Tá bom, Charlotte. *Estende a mão para ela.*

CHARLOTTE — Tá bom. *Pega a mão dele.* Toma.

PIETER — Tente me amar um pouco mais, tá? Promete isso para mim.

CHARLOTTE — Eu vou fazer tudo o que eu puder, mas tem que vir por si só. Pieter, é esse o nobre?

PIETER *olha* — É ele, sim.

CHARLOTTE — Meu Deus, como ele é bonito! Teria sido uma judiação se ele tivesse se afogado!

2

CHARLOTTE. PIETER. DON JUAN. SGANARELLE

Don Juan acena para Pieter se aproximar.

PIETER *para Charlotte* — Você viu como ele me conhece? Enquanto Pieter se aproxima sorridente do recém-salvado, Charlotte não tira o olho do fidalgo.

DON JUAN — Meu rapaz, você certamente ainda me prestará um servicinho extra. Vá até a vila e dê recomendações minhas àquela moça, eu acho que ela se chama Mathurine. Diga-lhe que eu tenho que falar com ela urgentemente. Mas não fale nada para ninguém, entendeu?

PIETER — Ela estará aqui num instantinho, caro senhor. Pode ter certeza, caro senhor. *Passa correndo por Charlotte.* Estarei de volta num minuto, eu preciso fazer uma coisinha para o nobre senhor. *Sai.*

3

CHARLOTTE. DON JUAN. SGANARELLE

SGANARELLE — Magnânimo senhor, deveríamos partir o quanto antes. Não podemos ter certeza se esses malditos barqueiros não acabaram desvirando o barco e deram um jeito de alcançar a margem.

DON JUAN — Quieto. Estou pensando.

SGANARELLE — E o senhor ainda foi dobrar três vezes a paga deles para que continuassem esperando, quando a tempestade se aproximou! Mas a maré engoliu a nossa bolsa de dinheiro.

DON JUAN — Sganarelle, nós tivemos azar. Hoje de manhã, a tempestade derrubou não só a nós, mas também os nossos planos. Mas, para falar a verdade, a pescadora com quem estive agora há pouco fez tudo ficar bom de novo. Descobri encantos que podem compensar amplamente o contratempo. Esse coração não pode me escapar! A propósito, já deixei-o num estado que só me custará ainda alguns suspiros.

SGANARELLE — Não dá para entender: mal a gente escapou da morte como que por milagre e o senhor, em vez de agradecer ao céu por sua maravilhosa ajuda, trata logo de provocar a ira dele para cima de nós, com as suas costumeiras...

DON JUAN *ameaça-o* — Cale a boca! Você não sabe o que está dizendo. O seu patrão sabe o que faz. *Percebe Charlotte* — Ah! Ah! De onde surgiu essa outra pescadorazinha? Sganarelle! Você já viu algo mais gracioso? Fale sério, ela não é, no mínimo, tão bonita quanto a outra?

SGANARELLE — Claro. *À parte* — Já vai começar.

DON JUAN *para Charlotte* — A que devo, linda menina, esse encontro agradável? Hein? Aqui, nesse fim de mundo, no meio de árvores e rochas, a gente encontra seres como a senhorita?

CHARLOTTE — Sim, senhor.

DON JUAN — A senhorita é aqui da vila?

CHARLOTTE — Sim, senhor.

DON JUAN — E o seu nome é?

CHARLOTTE — Charlotte, para lhe servir, senhor.

DON JUAN — Ah! Doce criatura! E que olhos irresistíveis!

CHARLOTTE — O senhor me deixa envergonhada, senhor.

DON JUAN — Ah! Não se envergonhe nunca de ouvir a verdade a seu respeito! Sganarelle, o que você diz disso? É possível avistar coisa mais graciosa do que essa? Vire-se um pouco — eu lhe peço. Ah! Que costas mais delicadas! A cabeça um pouco para cima — eu lhe imploro. Ah! O rosto mais adorável! Abra os olhos, bem abertos! Mas como é bonita! Deixe olhar um pouco os seus dentes — por favor! Ah! Que apaixonante! Ah! E os lábios, lábios apetitosos! Estou estarrecido, em toda minha vida, nunca vi uma moça tão bela!

CHARLOTTE — Eu não sei se o senhor está zombando de mim, senhor.

DON JUAN — Eu, zombando de você? Deus me livre! Para isso amo-a demais, e o que eu lhe digo vem de um coração profundamente tocado. Sganarelle, dê uma olhada nessas mãos!

CHARLOTTE — Credo, senhor, estão cheinhas de piche.

DON JUAN — Ah! Mas o que que é isso! São as mãos mais bonitas deste mundo. Permita que eu as beije. Eu lhe peço.

CHARLOTTE — O senhor me deixa muito lisonjeada, senhor, se eu soubesse, eu teria esfregado as mãos com areia!

DON JUAN — Ei! Me diga, moça, eu presumo que ainda não seja casada?

CHARLOTTE — Não senhor, mas em breve, com Pieter, o filho de Simonette, nossa vizinha.

DON JUAN — O quê? Uma criação dessas casando com um simples pescador? Não, não, isso seria uma afronta a sua maravilhosa beleza. A senhorita não nasceu para morar numa vila. O seu destino é mais elevado. E o céu me enviou até aqui para impedir esse casamento e fazer justiça aos seus encantos. Agora está em suas mãos, querida, e eu irei arrancá-la desse destino mesquinho e colocá-la no lugar que está à sua altura. É claro que a senhorita pode alegar que o meu amor é um tanto repentino. Mas esse é o maravilhoso efeito da sua arrebatadora beleza, Charlotte; a gente se apaixona pela senhorita em quinze minutinhos, do mesmo jeito que a gente levaria seis meses para se apaixonar por outra.

CHARLOTTE — Para falar a verdade, meu senhor, eu não sei o que eu devo dizer. O que o senhor está me dizendo me faz bem e eu bem que teria vontade de acreditar no senhor, mas sempre me disseram que não devemos confiar nos ricos e que eles só têm palavras para que as meninas caiam na conversa deles.

DON JUAN — Não pertenço a esse grupo.

SGANARELLE *à parte* — Deus o guarde!

CHARLOTTE — O senhor entende, senhor, não é nem um pouco divertido cair nessas armadilhas. Eu sou uma pobre pescadora e tenho de zelar pela minha honra, pois prefiro morrer a ser desonrada.

DON JUAN — Por mim? Eu teria de ser muito covarde para desonrá-la. Não, nunca. Para isso, a minha consciência é sensível demais. Para o seu conhecimento, querida, quero dizer que não tenho outro plano que não o de casar com a senhorita, com todo o respeito. Estou preparado. A qualquer momento. Este senhor aqui, é testemunha da minha promessa.

SGANARELLE — Nã-nã-nã, não tenha medo. Ele casará com a senhorita, casamento não vai faltar.

DON JUAN — Ah, Charlotte. A senhorita não é dessas que a gente engana e a sua beleza é a sua proteção mais segura.

CHARLOTTE — Meu Deus, eu não sei se o senhor está sendo sincero ou não, mas o senhor fala de um jeito que a gente acredita.

DON JUAN — A senhorita quer tornar-se a minha mulher?

CHARLOTTE — Quero sim, se a minha tia deixar.

DON JUAN — Dê-me um beijo de garantia...

CHARLOTTE — Ah, meu senhor, espere até que estejamos casados. Daí irei beijá-lo tanto quanto desejar.

DON JUAN — Ah, criança, desejo tudo o que você desejar, dê-me a mão, permita que eu demonstre a ela, através de mil beijos, o indizível encanto que me invade.

4

CHARLOTTE. DON JUAN. SGANARELLE. PIETER

PIETER *chama de longe* — Caro senhor, senhor! A Mathurine já vem já, já...

Aproxima-se e percebe que Don Juan faz carícias em Charlotte. Empurra Don Juan para o lado.

PIETER — Ei, meu senhor, larga do pote! Se o senhor se aquecer desse jeito, depois corre o risco de se resfriar.

DON JUAN *empurra-o de volta* — Como é que esse sujeito veio parar aqui?

PIETER *coloca-se entre Don Juan e Charlotte* — Eu estou lhe avisando para tomar cuidado! Tire as patas das nossas mulheres!

DON JUAN *empurra-o, tirando-o do caminho* — Ah! Que barulheira!

PIETER — Porca miséria! Isso não é jeito de pegar nas pessoas.

CHARLOTTE *intervém* — Deixa ele, Pieter.

PIETER — O quê! Deixar ele? De jeito nenhum!

DON JUAN *ameaçando* — Ah!

PIETER — Ao diabo! O senhor acha que só porque é nobre, que pode ir lambendo as nossas mulheres? Vá lamber a sua própria!

DON JUAN — Ãhn?

PIETER — Ãhn, mesmo! *Don Juan dá-lhe uma bofetada.* Não encoste a mão em mim! *Don Juan dá-lhe uma segunda bofetada.* Que cacetada! É esse o pagamento por tê-lo salvado do afogamento?

CHARLOTTE — Fique calmo, Pieter!

PIETER — Não quero me acalmar! E você é uma vagabunda bem danada que se deixa lamber desse jeito!

CHARLOTTE — Oh, Pieter, como você é bobinho. Não é o que você está pensando. Esse senhor quer casar comigo; aí você não pode ficar bravo.

PIETER — O quê? Porca miséria! Mas você é a minha noiva!

CHARLOTTE — Mas o que é que tem isso, Pieter. Se você gosta de mim, você tem de ficar contente que irei me tornar uma senhora distinta.

PIETER — Não, caramba, eu prefiro ver você morrendo a vê-la vivendo com outro.

CHARLOTTE — Ah, vai, Pieter, não se preocupe, quando eu for uma dama da sociedade, você só terá a lucrar, você poderá levar todos os seus peixes e siris ao castelo.

PIETER — Maldição! Não vou levar coisa nenhuma! Nem se vocês me pagarem dobrado! A ele você dá ouvidos, não é? Meu santo Deus! Se eu soubesse disso antes, não teria tirado ele da água, eu teria é dado no coco dele com o remo, isso sim.
Don Juan avança sobre ele para bater.

PIETER — Meu Deus do céu! O senhor por acaso acha que eu estou com medo?

DON JUAN *avança novamente sobre ele* — É o que vamos ver agora mesmo.

PIETER — Eu já dei conta de muitos outros.

DON JUAN — Ah, é?

SGANARELLE — Vamos, magnânimo senhor, deixe o pobre diabo em paz. Ele só ajudou a gente. *Para Pieter* — Escute aqui, meu rapaz, pare de gritar e suma daqui.

PIETER — Mas eu quero gritar.

DON JUAN *ergue a mão para esbofetear Pieter de novo* — Ah, é? Eu vou lhe ensinar...
Pieter se abaixa e Sganarelle é quem recebe o bofetão.

SGANARELLE *furioso* — Que a peste te carregue, seu maldito catarrento! *Afasta-se.*

DON JUAN *para Sganarelle* — Taí o pagamento por sua simpatia!

PIETER *para Charlote* — Tá certo, eu vou embora, mas vou contar tudinho para a titia. *Sai.*

DON JUAN *para Charlotte* — Que alegria celestial terei quando nos tornarmos marido e mulher!

5

DON JUAN. CHARLOTTE. SGANARELLE. MATHURINE

SGANARELLE *ri ao avistar Mathurine* — Haha!

MATHURINE *para Don Juan* — O que é que o senhor está fazendo aí com a Charlotte? Também está falando de amor?

DON JUAN *em voz baixa para Mathurine* — Não, não, muito pelo contrário. Ela é quem está me aporrinhando e quer ser a minha mulher. Eu acabei de dizer a ela que estou comprometido com a senhorita.

CHARLOTTE *para Don Juan* — O que é que a Mathurine está querendo com o senhor?

DON JUAN *para Charlotte* — Ela está com ciúme porque estou falando com você. Ela quer casar comigo. Mas eu acabei de dizer a ela que irei casar com você.

MATHURINE — Muito agradável da sua parte, Charlotte, de se meter com os outros.

DON JUAN *em voz baixa para Mathurine* — Nem adianta falar com ela; ela meteu isso na cabeça.

CHARLOTTE — Isso não é nada simpático da sua parte, ficar com ciúmes quando ele está falando comigo.

DON JUAN *em voz baixa para Charlotte* — Está falando à toa; ela não tira essa idéia da cabeça.

CHARLOTTE — Tira sim. *Tira um tamanco do pé.*

MATHURINE — Sua traiçoeira!...

DON JUAN *para Mathurine* — Deixe ela; ela está possuída pelo demônio!

MATHURINE — Eu já vou exorcizá-la num instante. *Tira o tamanco do pé.*

CHARLOTTE — Sua carniça maligna!

DON JUAN *para Charlotte* — Não provoque que ela é perigosa, hein.

MATHURINE — Não, não, eu tenho que falar com ela.

CHARLOTTE — E eu quero ouvir o que ela está pensando.

MATHURINE — O que eu estou pensando? De você? *Bate nela com o tamanco, Charlotte devolve.*

DON JUAN *em voz baixa para Mathurine* — Aposto que ela vai dizer que prometi casar com ela. *Em voz baixa para Charlotte* — Quer apostar como ela vai dizer que prometi fazer dela minha mulher?

MATHURINE — Ele me viu primeiro!

CHARLOTTE — E depois me viu, e foi para mim que ele prometeu casamento.

DON JUAN *para Mathurine* — Viu, o que foi que eu disse?

MATHURINE *para Charlotte* — Foi para mim e não para você que ele prometeu casamento.

DON JUAN *para Charlotte* — Viu, não adivinhei?

CHARLOTTE — Porcaria! É a mim que ele quer e não a você!

MATHURINE — Nojenta! É a mim que ele quer, não a você!

CHARLOTTE — Nojenta é você! Ele mesmo vai falar que eu tenho razão.

MATHURINE — Estou morrendo de rir! Ele mesmo vai lhe falar quem está com a razão.

CHARLOTTE — Prezado senhor, o senhor prometeu casar-se com ela ou não? Ela está falando isso.

DON JUAN *em voz baixa para Charlotte* — Deixe que fale.

MATHURINE — Prezado senhor, é verdade, o senhor prometeu a ela torná-la sua mulher? É o que ela está dizendo.

DON JUAN *em voz baixa para Mathurine* — Deixe que diga.

CHARLOTTE — Nã, não! Eu quero saber a verdade.

MATHURINE — Isso tem que ser esclarecido.

CHARLOTTE *para Mathurine* — É isso mesmo! Ele vai provar a você que você ainda é uma franguinha.

MATHURINE — Isso mesmo! Ele vai é tapar a sua boca malcriada.

CHARLOTTE *para Don Juan* — Prezado senhor, ponha um fim nessa briga.

MATHURINE *para Don Juan* — Dê o seu veredito.

CHARLOTTE *para Don Juan* — Solta de uma vez!

Mathurine *para Don Juan* — Desembucha!

Don Juan — O que eu posso lhes dizer, minhas senhoritas? Ambas afirmam que eu prometi torná-las minha esposa. Não acham que cada uma de vocês deveria saber qual é a verdade? Devo entrar em pormenores? Eu prometi o casamento, muito bem. E quem teve a minha promessa está segura e não se deixa ludibriar por conversa fiada. Aquela a quem prometi, é que será a minha mulher. São as ações que decidem, não as palavras. Se eu me casar, já saberão com quem casarei. *Em voz baixa para Mathurine* — Deixe ela pensar o que quiser. *Em voz baixa para Charlotte* — Deixe que ela se encha de esperanças. *Em voz baixa para Mathurine* — Eu a venero. *Em voz baixa para Charlotte* — Eu sou todo seu. *Em voz baixa para Mathurine* — A sua beleza ofusca todas as outras. *Em voz baixa para Charlotte* — Quem viu você, não tem olhos para outra. *Alto* — Eu tenho de resolver um pequeno assunto. Volto num minuto. Sganarelle! Entretenha as moças!

Sganarelle *apontando preocupado para a única garrafa de vinho que salvou do naufrágio* — Só consegui salvar uma!

Don Juan — Quebre o gargalo! *Afasta-se alguns passos.*

6

CHARLOTTE. MATHURINE. SGANARELLE. DON JUAN

Mathurine *para Charlotte* — Eu estou dizendo: ele quer casar comigo.

Charlotte *para Mathurine* — Eu vou dizer uma coisa: ele me ama.

Sganarelle *oferecendo vinho* — Pobres coitadinhas! Não caiam na conversa dele. Desse... Que habilidade em virar a cabeça de vocês!

Don Juan se aproxima.

Sganarelle — Dêem-me seu traje, suas fitas e suas penas que eu seduzo vocês brincando; mas aí vocês vão tirar algum proveito disso! Eu lhes dou um bom conselho: tomem cuidado com ele! *Percebe a presença de Don Juan.* Tomem cuidado com aquele que falar mal do meu patrão...

Don Juan — Sganarelle... *Puxa-o pela orelha.*

Sganarelle — Vocês não conhecem o meu patrão!

Entra alguém apressado.

7

CHARLOTTE. MATHURINE. DON JUAN. SGANARELLE. MARPHURIUS

Sganarelle — O que aconteceu? Por que a pressa?

Marphurius *ofegante* — É aqui que vai acontecer o duelo? *Apresentando-se* — Eu sou o médico dessa pacata comunidade, Dr. Marphurius.

Sganarelle — Que duelo?

Marphurius — Entre os ilustres irmãos Don Alonso e Don Carlos e o ilustre Don Juan Tenório.

Sganarelle — Os irmãos de Dona Elvira! Eles estão na vila?

Marphurius — Logo estarão aqui. Eles já estavam bem uma hora andando pela redondeza, perguntando por esse tal sujeito ilustre, Don Juan Tenório, quando apareceu um rapaz que informou a eles que ele estava aqui. *Para Don Juan* — Meu senhor, é o senhor? Vim correndo para cá para lhe oferecer os meus préstimos durante o duelo que está por vir. Será uma grande honra para mim servi-lo, senhor. É melhor prevenir. Quando o sangue jorrar a gente tem de estar preparado. *Para as meninas* — Tragam bacias com água e uns pedaços de pano!

Charlotte — Oh meu Deus, o senhor será espetado!

Marphurius — É sim, o senhor será espetado. *Para Don Juan* — Nessas comunidades pacatas, quase não mais existem ferimentos deste tipo, senhor. Ah! Já se foram os grandes tempos dos duelos. A cirurgia aí fez mais progressos em dez anos do que nos três útimos séculos! A ferida de espada, a mais elegante, a mais limpa de todas as feridas, floresceu. Hoje em dia, me trazem, aqui e ali, um braço esmagado pela borda dos barcos. Não é pelo dinheiro, mas pela arte de curar. Os duelos refinaram a mão do cirurgião, aprimoraram os objetos cirúrgicos. Com esta sonda, por exemplo, eu tratei de Don Málaga depois do seu famoso duelo com o duque de Estremadura. Um canal de ferimento do tamanho do cúbito! De uma só vez cinqüenta ducados, meu caro. Não é pelo dinheiro mas pela arte de curar. Que decadência dos costumes e das artes ao mesmo tempo! *Enquanto conta os passos da distância que os duelistas devem ficar* — Chegará o tempo em que os grandes desse mundo serão abatidos com tinas de peixe. Suas pequenas desavenças serão resolvidas com malhos e suas mulheres serão vingadas com facas de cortar carne!

DON JUAN — Minhas belas, esse é um daqueles casos em que a honra me obriga, me força, a ficar aqui sozinho.

MARPHURIUS — O tempora, o mores! Ó tempos, ó costumes! Desaparece a ferida pela espada, surge a fratura de crânio.

DON JUAN — Se ao céu aprouver manter-me com vida, eu rogo-lhes, lembrem-se da minha promessa e estejam certas que ainda terão notícias minhas antes do cair da noite.

MARPHURIUS — Uma população sadia, mas inculta, prepara-se para impor à nação suas maneiras bárbaras.

DON JUAN *para Sganarelle* — Acompanhe as boas meninas até a vila e cuide para que nada de mal aconteça a elas.

MARPHURIUS — Esses remadores, por exemplo, que acabei de encontrar...

DON JUAN — Que remadores?

MARPHURIUS — Três remadores que com muito custo conseguiram escapar da tempestade de hoje. Eles estão gritando por aí que um sujeito muito fino está devendo cinqüenta e quatro ducados para eles! Eles balançavam os remos tomados pela ira e diziam ameaçadores que haviam aprendido a lidar com os remos.

SGANARELLE — Canalhas! Cinqüenta e quatro ducados!

CHARLOTTE — Ai, meu senhor, eles estão atrás do senhor? Então é melhor fugir!

SGANARELLE — É melhor fugir, senhor.

MARPHURIUS — Espete os canalhas e pronto!

SGANARELLE *para as moças* — Implorem de joelhos! Senão estaremos todos perdidos.

MARPHURIUS — Acabem com eles! Apaguem eles da face da terra!

MATHURINE *de joelhos* — Fuja senhor, fuja!

CHARLOTTE *de joelhos* — É sim, senhor, fuja! O terrível Berthelot da aldeia vizinha deve estar com eles, com certeza. Fuja imediatamente.

MARPHURIUS *ajoelha* — E eu lhe imploro — espete-os!

MATHURINE — Fuja, meu senhor! Um homem como o senhor não pode deixar que lhe quebrem o nariz.

SGANARELLE — Eles estão aí, estão aí!

MARPHURIUS — Seus indignos! Pensam que um Don Juan Tenório resolve seus affaires como os seus pescadores maltrapilhos?

Rasga panos de linho para ataduras e movimenta seus instrumentos para todos os lados.

MATHURINE E CHARLOTTE *ao mesmo tempo* — Fuja, senhor, eles vão matá-lo!

DON JUAN — Bem, na verdade, o jogo está me parecendo meio desigual. Não quero ter nada a ver com violência nua e crua. O destino está nos separando. Adieu, minhas belas meninas, eu não posso abatê-los. Sganarelle, me vejo obrigado a realizar o seu maior desejo, Sganarelle, pode vestir o meu casaco, me dê os seus trapos.

SGANARELLE — Magnânimo senhor, o senhor adora uma gozação. Devo morrer usando suas roupas?

DON JUAN — Não se não for necesário. Prepare tudo para nossa volta para casa!

Don Juan sai com Sganarelle. O médico segue-os apressadamente.

MARPHURIUS — Meu senhor! Mas meu senhor! E como é que fica o duelo?

As moças trocam olhares, começam a rir e caem na gargalhada, tanto que têm de sentar-se no chão.

Terceiro Ato

Parque abandonado. Entre as árvores, uma construção branca.

1

DON JUAN ESTÁ VESTIDO COM AS ROUPAS DE SGANARELLE. SGANARELLE VESTIDO COM AS ROUPAS DE DON JUAN

DON JUAN — Me diga, Sganarelle, a gente já não passou por aqui? Estas árvores, estes arbustos, estes caminhos não me são estranhos. Esta árvore de centenas de anos — não foi testemunha de juras ardentes?

SGANARELLE — Houve muitas árvores, senhor, em muitos lugares, eu não sei mais distingüir. O senhor permite que eu me sente por uns instantes? O nervosismo, o peso das suas roupas e, não por último, deste cesto, me cansaram demais.

DON JUAN — Tonto, para que você tem de ficar carregando este cesto? Por acaso eu mandei que você o trouxesse? Don Juan não carrega cestos.

SGANARELLE — Seus trajes me modificaram de tal forma que deixei de lado minha obrigação de cuidar do estômago de Don Juan. Permita que nos alimentemos, senhor.

DON JUAN — Imbecil! Não convém a um senhor distinto ficar à beira do caminho comendo um pedaço de pastel, feito cachorro magro. Faça o favor de honrar os meus trajes. Comporte-se como eu. De minha parte, serei forçado a imitar os seus modos. Imbecil, você não irá tocar em nem um bocado!

Don Juan come e bebe.

SGANARELLE *enquanto Don Juan come* — Continuo pensando naquele bom doutor. Talvez eu devesse ter me entregado aos seus cuidados. Estou muito fraco e a minha barriga está voltando a roncar de maneira peculiar — da esquerda para a direita. A minha saúde, Deus sabe, não é das melhores, senhor. *Don Juan lança-lhe um olhar severo.* Penso que bem que estaria precisando de um doutor.

DON JUAN — Para quê?

SGANARELLE — Para me curar.

DON JUAN — Um doutor para curar você? Se quiser morrer, procure um doutor.

SGANARELLE — O quê, o senhor não acredita nem mesmo em folhas de sene?

DON JUAN — Por que eu deveria acreditar nisso?

SGANARELLE *balança a cabeça, desesperado* — Tudo bem, vamos deixar a medicina de lado. O senhor não acredita mesmo. Vamos falar de outra coisa. *Serve-lhe vinho.* O senhor diria da mesma forma: "eu não acredito no céu"?

DON JUAN — Deixemos disso!

SGANARELLE — Hum, isso quer dizer que o senhor não acredita. E no inferno?

DON JUAN — Eh!

SGANARELLE — Quer dizer que também não. No diabo?

DON JUAN — Tá, tá.

SGANARELLE — Também não. Mas, e no além?

Don Juan irrompe em riso.

SGANARELLE — Mas como irá se apresentar ao bispo negro?

DON JUAN — Que a peste o carregue!

Sganarelle — Está vendo, não suporto isso. Ele é uma realidade. Quem mais sugaria o sangue dos recém-nascidos de fevereiro? O senhor acredita em quê, se não acreditar nisso?

Don Juan — No que acredito?

Sganarelle — É?

Don Juan — Que dois e dois são quatro.

Sganarelle — Que bela crença! Que artigo de fé maravilhoso. Sua religião, portanto, é a tabuada. Quanto a mim, magnânimo senhor, eu não estudei tanto quanto o senhor. Ninguém poderá se vangloriar de ter-me ensinado alguma coisa. Mas eu vejo que isso tudo não é tão simples assim. Eu gostaria de saber do senhor, por exemplo, quem foi que criou estas árvores, estas rochas, a terra, o céu lá no alto. Será que tudo se criou por si só? Aí está o senhor, por exemplo. O senhor está aí! Bem, o senhor se fez sozinho? Por acaso o senhor seu pai não teve de deixar prenha a senhora sua mãe, para fazê-lo? O senhor não se espanta como tudo funciona no ser humano, como tudo está interligado — os nervos, os ossos, as veias, as artérias, esse — esse pulmão, o coração, o fígado e todos os acessórios, esses aí —

Don Juan — Vai demorar muito ainda para acabar?

Sganarelle — Por conseguinte: existe algo de maravilhoso no ser humano, seja lá o que o senhor disser. Por acaso não é maravilhoso que eu esteja aqui? Que eu tenha alguma coisa na minha cabeça capaz de pensar cem coisas ao mesmo tempo e que guie o meu corpo como eu quiser. Eu quero bater palmas — *demonstra tudo* — erguer o braço, olhar para o céu, abaixar a cabeça, mover os pés, andar para a direita, para a esquerda, para frente, para trás, virar! *Gira e cai.*

Don Juan — Que lindo. Mas temos de pensar como alcançar a cidade.

Sganarelle — Vem vindo um homem! Vamos perguntar a ele pelo caminho.

Surge um mendigo.

Sganarelle — Ei, ei, você aí!

Don Juan — Vê se pelo menos come direito. Você sou eu, não se esqueça.

Sganarelle põe-se a comer esbanjando, como Don Juan.

2

DON JUAN. SGANARELLE. MENDIGO

Sganarelle — Onde fica o caminho mais rápido para a cidade?

Mendigo *para Sganarelle* — É só seguir em frente por este caminho e depois ir à direita, lá na frente. Mas eu aconselho aos senhores a tomar cuidado. Acabei de cruzar com uns sujeitos de aparência perigosa, eles balançavam uns paus enormes e esbravejavam fazendo ameaças terríveis contra uns tais grã-finos.

Sganarelle — Agradeço imensamente, meu amigo.

Mendigo *para Sganarelle* — Senhor, um pobre mendigo roga por uma pequena dádiva.

Sganarelle olha a seu redor indefeso.

Don Juan — Ah, vejo que a sua explicação não foi de todo desinteressada.

Mendigo *para Sganarelle* — Eu sou um pobre homem e não irei deixar de rezar pelo senhor para que o céu o cubra de bens e riquezas.

Sganarelle — Eu lhe sou grato, amigo.

Don Juan — Qual nada! Ele que peça que o céu o cubra com um casaco sem furos.

Sganarelle — Bom amigo, você não conhece este senhor. Ele só crê no "dois mais dois são quatro".

Mendigo *para Sganarelle* — Eu rezo o dia todo para que o céu multiplique o bem-estar das pessoas de bem que me dão alguma coisa.

Don Juan — Então você deve estar muito bem.

Mendigo *para Sganarelle* — Ah! Meu senhor, eu passo a maior das necessidades.

Don Juan — Você está de gozação. Alguém que passa o dia todinho rezando deve ter os negócios em pleno florescimento!

Mendigo — Eu lhe asseguro, senhor, passo a maior parte do tempo sem ter sequer uma casca de pão para a boca desdentada.

Don Juan *para Sganarelle* — Curioso, muito curioso, magnânimo senhor. *Para o Mendigo* — O seu esforço é muito mal-remunerado. *Dá uma gargalhada.* O magnânimo senhor irá lhe dar um luís de ouro, o último que tem, mas com uma condição: que você abjure.

Sganarelle — Não, não, prezado senhor.

Mendigo *para Sganarelle* — Ah, meu senhor, não me faça cair em tentação.

Don Juan — Você é quem sabe: quer ou não quer ganhar um luís de ouro? Está aqui. *Para Sganarelle* — No bolso esquerdo, imbecil. *Ele pega um luís de ouro do bolso de Sganarelle* — Anda! Pegue-o, mas abjure!

Sganarelle — Mas, magnânimo senhor...

Mendigo *para Sganarelle* — Magnânimo senhor...

Don Juan — Do contrário, não irá ganhar coisa alguma. *À parte para Sganarelle, desferindo-lhe um cutucão* — Sganarelle!

Sganarelle — Abjure só um pouquinho! Isso não é tão grave assim...

Don Juan — Pegue de uma vez! Tome, em nome do diabo, eu lhe digo, abjure!

Mendigo — Não, meu senhor, prefiro passar fome em nome do céu.

Don Juan *entrega-lhe o luís de ouro* — Seus paspalhos! Toma! Eu lhe dou por amor à humanidade.
O Mendigo pega o dinheiro e parte assustado.

Sganarelle — Magnânimo senhor, temos de ir andando! Está anoitecendo.

3

DON JUAN. SGANARELLE. ANGÉLICA. AMA

Angélica, uma moça vestindo luto, acompanhada por sua ama, sai do parque, um cestinho de flores nas mãos. Estão indo ao mausoléu.

Don Juan — Ah! Que aparição celeste!

Sganarelle *detém-no* — Magnânimo senhor, caia em si! Como é que o senhor pode se arriscar no campo do amor com esta apresentação ridícula?

Don Juan — Você tem toda razão. Somente uma beleza dessas é que poderia fazer com que eu esquecesse dos meus trajes. Anda, minhas roupas! Anda logo, imbecil, ela vai sair daí logo, logo!

Sganarelle *põe-se a tirar as roupas, mal-humorado* — Ah!
Mal desabotoou o casaco, ouve-se um terrível barulho e os comandos dos remadores. Eles importunam um jovem grã-fino.

Don Juan — Mas o que que é isso? Um fidalgo sendo atacado por três safados!

Sganarelle — Três remadores!

Don Juan — A luta está desigual; não posso ver tamanha covardia. Vá ajudar aquele homem imediatamente! Eu próprio não costumo sair por aí me batendo com sujeitos que atacam com varas de pau. Já para a luta, imbecil.
Dá um pontapé em Sganarelle, indicando a ele o local da luta e se afasta.

4

DON JUAN. SGANARELLE. DON CARLOS. REMADORES. ANGÉLICA. AMA

Pantomima: luta. Os remadores saem correndo afugentados pela gritaria de Sganarelle, depois de o fidalgo cair inconsciente no chão atingido por um dos remadores. Angélica e sua ama saem do Mau-

soléu, avistam Sganarelle mancando, gemendo e seminu e saem correndo. Enquanto Sganarelle tenta trazer o fidalgo de volta à vida com vinho, Don Juan olha chocado para as moças em fuga.

5

DON JUAN. SGANARELLE. DON CARLOS

Don Juan — Ande logo, imbecil, ande! Passe as roupas para cá! Ela está ali na clareira alimentando os veadinhos!

Sganarelle *vestindo Don Juan, pedindo desculpas a Don Carlos que geme* — Paciência, jovem senhor. Assim que o casaco estiver abotoado, o senhor terá o vinho.

Don Juan — Abotoe direito, ele vai se refazer sozinho. *O casaco está abotoado, Sganarelle intenciona acudir Don Carlos* — Cinto! *Sganarelle amarra o cinto em Don Juan.* Bandelier! *Sganarelle continua trabalhando nele.*

Sganarelle *para Don Carlos, que se levanta cambaleante* — Nada grave, jovem senhor, uma remada na cabeça. Eu fui acertado no joelho.

Don Juan — Peruca!

Don Carlos *para Don Juan, em quem Sganarelle ajeita a peruca* — Meu senhor...

Don Juan, que ainda não está completamente arrumado, faz sinal com a mão para que aguarde.

Don Carlos *depois que Don Juan está pronto* — Permita-me, meu senhor, que lhe apresente a minha imensa gratidão pela sua magnânima ação e pelo seu...

Don Juan *voltando-se impaciente* — Eu só fiz, senhor, o que o senhor teria feito se estivesse no meu lugar.

Sganarelle *à parte* — Ou seja, nada.

Don Carlos — Na verdade, bastou a sua presença. Sua figura imperiosa, sua voz acostumada ao comando... O senhor deve estar se perguntando por que esses demônios me atacaram. Um acaso infeliz separou-me do meu irmão, com quem eu havia saído para uma cavalgada pela manhã, para liquidar alguns assuntos. Na procura pelo meu irmão, deparei-me com esses bandidos. Não me conhecendo eles me molestaram com a história de um tal fidalgo que devia dinheiro a eles e a quem eles caluniavam de maneira terrível. Quando então fui repreendê-los pelos palavrões vergonhosos que desferiam contra a nossa posição, entregaram-se a tamanhas injúrias que eu, não observando a superioridade numérica deles, quis castigá-los. Estavam armados com remos. Mas manuseavam os remos com tamanha destreza... *Sganarelle curva-se vaidoso* — que eu seria derrotado, não fosse o senhor e sua coragem.

Don Juan — O senhor está a caminho da cidade?

Don Carlos — Não. Meu irmão mais velho e eu estamos envolvidos num desses affaires que atingem nossas famílias de maneira tão dolorosa e exigem de nós, fidalgos, extremos sacrifícios. Oh, implacável rigor de nossa honra!

Don Juan *para Sganarelle* — Corra! Veja onde estão as moças!

Don Carlos — O caminho do duelo é deveras, inevitavelmente amargo. Se não abandonamos a vida, somos obrigados a abandonar o país. Nós, fidalgos, nos encontramos em situação difícil. A nós de nada adianta a cautela, nem o comportamento exemplar. As leis da nossa honra deixam-nos como legado os disparates do nosso próximo. A nossa vida, a nossa calma, dependem do humor do primeiro imbecil que, sem mais nem menos, pode nos infligir uma ofensa que obrigue um fidalgo a responder com a arma.

Don Juan — De todo modo, temos a vantagem de poder preparar as mesmas ofensas àqueles que nos incomodam. Se não estiver sendo muito indiscreto — em que tipo de affair estão envolvidos?

Don Carlos — A coisa já chegou a tal ponto que não é mais necessário fazer segredo. Uma vez que a ofensa veio à luz, nossa honra dita não fazer vista grossa, mas vingá-la. Por isso, meu senhor, eu lhe digo sem rodeios que a ofensa que nós pretendemos vingar é a de uma irmã que foi seduzida e seqüestrada da santa clausura do convento. O malfeitor é um tal de Don Juan Tenório, filho do ilustre Don Luis Tenório. Estamos seguindo os rastros dele desde hoje cedo.

DON JUAN — O senhor conhece esse Don Juan de quem está falando?

DON CARLOS — Eu mesmo não. Eu nunca o vi. Mas o meu irmão mais velho me descreveu-o. A vida dele é altamente...

DON JUAN — Meu senhor, eu lhe rogo, nenhuma palavra mais. Don Juan é o meu melhor e, devo lhe dizer, o meu único amigo. Não quero ouvir nada de ruim a seu respeito.

DON CARLOS — Em respeito ao senhor, não falarei mais nada dele. Isso é o mínimo que se pode exigir de um homem que lhe deve a vida. Mas por maior que seja a sua amizade por esse Don Juan, ouso crer que o senhor não aprovaria os seus atos e que consideraria a nossa intenção de sangrenta vingança completamente natural.

DON JUAN — Sou amigo de Don Juan, não posso mudar isso. Mas mesmo ele não deverá sair impune tendo ferido a nossa honra. Irei poupá-lo do esforço de procurá-lo e vou levá-lo a desafrontar-se onde e quando desejar. Dou-lhe a minha palavra de honra!

DON CARLOS — Mas que maravilhosa esperança desperta em nós! Meu senhor, somos-lhe muito gratos, mas causar-me-ia imensa dor envolvê-lo neste caso.

DON JUAN — Sou tão íntimo de Don Juan que ele jamais aceitaria duelar sem o meu consentimento.

DON CARLOS — Que destino cruel! Por que é que tenho de lhe dever a vida e Don Juan tem de ser logo seu amigo!

6

DON JUAN. DON CARLOS. DON ALONSO

DON ALONSO *falando para trás, sem ver Don Juan e Don Carlos* — Dêem de beber aos cavalos e depois venham com eles ao nosso encontro. Quero prosseguir um pouco a pé. *Vê os dois.* O que estou vendo? Você, meu irmão, com o inimigo mortal de nossa família?

DON CARLOS — Inimigo mortal?

DON JUAN *com a mão na espada* — É sim, eu sou Don Juan em pessoa. A superioridade de vocês não vai me fazer esconder o meu nome.

DON ALONSO *empunhando a espada* — Ahn! Canalha! Agora você tem que morrer!

DON CARLOS — Pare, meu irmão, pare! Eu devo minha vida a ele. Não fosse ele, eu teria sido massacrado por um bando de ladrões.

DON ALONSO — E você quer que uma consideração dessas paralise nossa vingança? Esse tipo de gratidão é ridícula. Uma vez que a honra é infinitamente mais valiosa do que a vida, não devemos nada a ele, pois se lhe devemos a vida, ele nos roubou a honra.

Sganarelle aparece entre as árvores. Através de sinais agitados, tenta chamar a atenção de Don Juan para si.

DON JUAN — A única coisa que lhes peço, senhores, é que cheguem logo a uma conclusão. Estou com pressa.

DON CARLOS — Eu sei, irmão, o que devo a nossa honra. Devo permitir que este senhor leve consigo para o além uma dívida que não foi paga por mim?

DON ALONSO — O céu está nos dando a oportunidade de vingar nosso nome. Se você não quer lutar, então vá. Eu sozinho farei o sacrifício sagrado.

DON CARLOS — Meu irmão, eu lhe imploro...

Don Alonso — Não, ele deve morrer...

Don Carlos *colocando-se na frente de Don Juan* — Pare, estou avisando, meu irmão, pare! Eu não permito que se atente contra a vida dele, bem aqui onde ele defendeu a minha própria! Irei defendê-lo contra quem quer que seja. Quem quiser vará-lo, que vare primeiro meu coração!
Pausa.

Don Alonso — Ó, fraqueza imperdoável!

Don Carlos — Permita-me então um adiamento, irmão.

Don Alonso — Os interesses da nossa família —

Don Carlos — Serão observados. Don Juan, o senhor está vendo que estou me esforçando por pagar o que lhe devo. Peço-lhe que conclua com isso que amanhã também eu estarei querendo vingar a ofensa, da mesma forma que hoje o estou defendendo.

Don Juan — Meu senhor, eu já lhe dei a minha palavra. O senhor não pensa que eu esteja temendo este encontro. Devo confessar que, para mim, o momento agora é um tanto inconveniente. Sou-lhe grato pelo adiamento.

Don Carlos — Esteja hoje à meia-noite na viela escura que leva ao convento.

Don Alonso — Ali iremos recuperar o que perdemos agora.

Don Carlos — Vamos, meu irmão.
Saem ambos.

7

DON JUAN. SGANARELLE

Don Juan — E então, imbecil, onde está ela?

Sganarelle — Magnânimo senhor!

Don Juan — Mas que inferno, fale de uma vez! O que você está fazendo aí parado como se tivesse sido atingido por um raio?

Sganarelle — Magnânimo senhor, fui atingido de fato. O senhor sabe o que significa aquela construção branca ali?

Don Juan — Cabeça de vento, o que me interessa aquela construção branca! Onde é que está a moça?

Sganarelle — Magnânimo senhor, aquela coisa branca ali no meio das árvores é — o túmulo dele.

Don Juan — Túmulo de quem?

Sganarelle — Daquele que o senhor matou conforme todas as regras da arte.

Don Juan — O quê? O Comendador jaz ali?

Sganarelle — Que Deus o tenha!

Don Juan — Ah! — Vamos ao que interesa: cadê a moça?

Sganarelle — A moça é a filha do Comendador.

Don Juan — A filha! Vejam só.

Sganarelle — De quem o senhor roubou pai e mãe! Magnânimo senhor, eu lhe imploro, nós temos que abandonar esse lugar cheio de desgraças. Não provoque mais a ira do finado, ficando aqui por mais tempo!

Don Juan — O quê, maricão, você tem medo da minha presença diante de pedras? Terei de afastar esse temor. Apresentaremos os nossos cumprimentos a ele. E você vem junto.

Sganarelle — Magnânimo senhor, por favor, não entre ali, pelo amor de Deus.

Don Juan — Eu lhe ordeno não ter medo. Será apenas uma visita que eu devo a este senhor. E ele irá nos receber, se tiver decência, com gentileza. Venha!
Dirigem-se ao mausoléu entre as árvores. O mausoléu se abre, Don Juan e Sganarelle param diante da Estátua do Comendador.

8

DON JUAN. SGANARELLE. ESTÁTUA DO COMENDADOR

Sganarelle — Aí! Aí está ele.

Don Juan — Meu Deus! De imperador romano!

Sganarelle — Como ele parece real, senhor. Como se estivesse vivo e quisesse falar. Ele lança olhares sobre nós que me causa... *Don Juan lança um olhar ameaçador sobre ele* — ...riam arrepios, se o senhor não estivesse aqui. Tenho a impressão de que ele não está gostando da nossa presença, magnânimo senhor.

Don Juan — Isso seria muito injusto da parte dele. Isso significaria que não está levando a sério uma honra que estou lhe prestando. Convide-o para jantar comigo!

Sganarelle — Creio que isto seja uma coisa de que ele não carece mais, magnânimo senhor.

Don Juan — Anda, eu estou mandando, convide-o!

Sganarelle — O senhor está brincando, magnânimo senhor, uma pedra não pode ouvir.

Don Juan — Pois é! Faça o que estou mandando.

Sganarelle — Prezado senhor Comandante da Praça — *À parte* — Que abuso! — *Em voz alta* — Prezado senhor Comandante da Praça, meu patrão, Don Juan Tenório, manda perguntar se o senhor lhe daria a honra de cear com ele esta noite.
A Estátua faz que sim com a cabeça.

Sganarelle — Ããh!

Don Juan — O que deu em você? Abra a boca!

Sganarelle *imita o movimento de cabeça da Estátua* — A estátua...

Don Juan — O que quer dizer isso, imbecil?

Sganarelle — A estátua!

Don Juan — A estátua o quê? Fale, senão te arrebento.

Sganarelle — A estátua mexeu a cabeça.

Don Juan — Que o diabo te carregue!

Sganarelle — Ela mexeu a cabeça. É verdade! Fale com ela o senhor mesmo!

Don Juan — Cabeça de vento. Senhor Comandante da Praça, o senhor me daria a honra de — em companhia agradável — jantar em minha casa hoje à noite?
A Estátua faz que sim com a cabeça.

Sganarelle — Ah!

Don Juan *dá uma fungada no rapé* — Vamos.
Saem ambos.

Quarto Ato

CASTELO DE DON JUAN. TERRAÇO

1

SGANARELLE. RAGOTIN

Ragotin *com uma carta na mão, passa por Sganarelle; está vestindo botas e culote* — É a quarta carta que estou trazendo.

Sganarelle — Ragotin! Ela vem ou não vem?

Ragotin — Sim.

Sganarelle — Sim o quê?

Ragotin — Pode ser que sim, pode ser que não. E eu é que sei? Por que ela não viria? A gente poderia dizer que ela ainda está de luto pelo Comendador. Mas o que tenho eu a ver com isso? Já tenho muito o que fazer: transferir um guarda de parque, envenenar um cachorro, chantagear uma governanta. Cartas para lá, cartas para cá. Dois cavalos já estão esgotados. No estábulo só tem três. São meus? Então. Ela vem ou não vem? Não pergunto nada, não sei de nada, eu só cavalgo. *Sai.*

2

SGANARELLE

SGANARELLE — Sujeito feliz esse! Eu sei demais. Eu sinto um temporal violento se armando sobre esta casa e temo que o raio possa atingir junto com o dono — o criado. Vou pedir à cozinheira para ler o futuro na minha mão. Ela é boa nisso. *Chama* — Serafina! Serafina!

3

SGANARELLE. SERAFINA

SERAFINA — O que há? Tenho de preparar um souper enorme.

SGANARELLE — É justamente isso.

SERAFINA — Mas o que tem você a ver com o souper?

SGANARELLE — É justamente isso que quero saber de você. Serafina, estou com um pressentimento de que sobre essa casa esteja se armando um enorme temporal e quero que você leia a minha mão. Serafina, o meu destino está acorrentado ao destino de um senhor importante? Seja cuidadosa!

SERAFINA — Mostre aqui!

SGANARELLE *hesitando* — Quero a pura verdade.

SERAFINA *pega a mão dele* — Eu sempre digo a pura verdade.

SGANARELLE *recolhe a mão* — Mas você pode se enganar.

SERAFINA — Se você acha que eu posso me enganar é melhor eu voltar para o meu hors d'oeuvres. Estou mesmo cheia dessa

leitura da mão de vocês. Outro dia a Josefina desmaiou e o Ragotin me cortou por conta disso.

SGANARELLE *ansioso* — Você acha então que, se me disser a verdade nua e crua, eu vou desmaiar?

SERAFINA — Mas eu nem olhei ainda.

SGANARELLE — Olhou sim, você deu uma olhadinha.

SERAFINA — E eu estou dizendo: não! E agora vou voltar para as minhas carpas.

SGANARELLE — Vá pro inferno com as suas carpas! Você sempre tem de ficar logo ofendida? Tome aqui a minha mão. O meu destino está ou não atrelado ao de um senhor importante? Seja cuidadosa! *Depois de uma pausa* — Não está atrelado, né? *Balança moedas no bolso.* Olhe bem direitinho.

SERAFINA — O seu destino, atrelado a de um senhor ...

SGANARELLE — Presta atenção, estou avisando.

SERAFINA — Não, não está.

SGANARELLE — Acertou. Você acerta mesmo ler a mão. *De repente, desconfiado* — E se estiver escrito de verdade e você estiver falando pela minha boca. Eu quero saber o que está escrito na minha mão. Não o que eu gostaria de ouvir. Você acha então que a linha da minha vida, é longa?

SERAFINA *observa a mão por mais tempo* — Longa mas...

SGANARELLE — O que quer dizer longa mas..? Agora você está querendo meter medo em mim de novo.

SERAFINA — Eu disse que não suporto mais isso. Agora eu vou assar os meus patos com laranja, eles não ficam falando no meio.

SGANARELLE — Você então está querendo fechar a boca quando se trata da linha da minha vida? Quando todo mundo sabe o quão pouco a leitura da mão é séria. Quando se quer saber a verdade sobre a vida, a gente tem de mandar fazer o horóscopo. É caro, mas confiável.

SERAFINA — Você só diz isso porque está com medo. Você nem é homem. E a sua linha da vida é exatamente assim!

SGANARELLE — Mas você mesmo disse que ela é longa!

SERAFINA — Longa sim, mas fina.

SGANARELLE — Bom, então ela é fina.

SERAFINA — Isso mesmo.

SGANARELLE — Mas longa!

SERAFINA — Está certo.

SGANARELLE — Serafina, por que a gente fica brigando? O que eu quero saber de você é só se tem alguma coisa escrita nela com o que eu deva tomar cuidado em especial?

SERAFINA — E se eu te disser, você começa a gritar comigo de novo.

SGANARELLE — Não, eu prometo.

SERAFINA — Com bovinos.

SGANARELLE — Bobagem, Serafina, eu suporto bovinos muito bem.

SERAFINA — Você é carneiro, não é?

SGANARELLE — Não, sou câncer.

SERAFINA — Então você suporta mesmo os bovinos.

SGANARELLE — Olhe direito: devo tomar cuidado com pedras?

SERAFINA — Pedras?

SGANARELLE — Sim ou não?

SERAFINA *ouve Don Juan se aproximando* — O patrão! Sai correndo.

SGANARELLE *grita por ela* — Com pedras? Sim ou não?!

4

SGANARELLE. DON JUAN

DON JUAN — O que você está gritando desse jeito?

SGANARELLE — Ah, magnânimo senhor, não consigo tirar essa estátua falante da minha cabeça.

DON JUAN — Deixemos isso para lá. Vai ver que uma sombra iludiu a gente, ou que uma parada sanguínea turvou nossa vista.

SGANARELLE — Não, senhor, o senhor não pode negá-lo, ele balançou a cabeça de verdade. O céu provocou esse milagre porque o senhor atentou...

DON JUAN — Escute aqui: se você não me poupar dessa pregação pueril, eu chamo um rapaz do estábulo com o chicote, mando três, melhor, quatro te segurarem e você será surrado até amolecer. Você está me entendendo?

SGANARELLE — Eu o estou entendendo, magnânimo senhor, o senhor está se expressando com bastante clareza; isso que é bom no senhor. O senhor não faz rodeios, coloca as coisas com formidável precisão.

DON JUAN — Sei. — O que há com Ragotin?

SGANARELLE — Ele está cavalgando.

5

DON JUAN. SGANARELLE. LA VIOLETTE

LA VIOLETTE — Meu senhor, o seu fornecedor de tecidos, senhor Dimanche, está aí e deseja lhe falar.

SGANARELLE — Um credor! Era só o que faltava. Como se atreve a pedir dinheiro da gente! Por que você não falou que o seu senhor não se encontra?

LA VIOLETTE — Eu já falei isso para ele durante quarenta e cinco minutos, mas ele não quer acreditar. Ele se plantou na ante-sala e está esperando.

SGANARELLE — Então que ele fique por lá e espere o quanto quiser.

DON JUAN — Não. Isso não. Traga-o para cá! É uma péssima tática negar-se a receber credores; é melhor dar alguma coisa a eles.

La Violette conduz o senhor Dimanche para dentro.

6

SGANARELLE. DON JUAN. DIMANCHE. LA VIOLETTE

DON JUAN — Mas, senhor Dimanche, que gentileza a sua de me procurar! O senhor é o primeiro desde que voltei. Estou muito aborrecido com o meu pessoal por não terem conduzido o senhor imediatamente para dentro. Eu dei ordens para não ser incomodado por ninguém; ordem essa da qual certamente o senhor estava excluído. O senhor tem o direito de encontrar as minhas portas sempre abertas.

DIMANCHE — Meu senhor, eu lhe sou muito grato.

DON JUAN *para La Violette e Sganarelle* — Vou ensinar a vocês, corja de inúteis, deixar o senhor Dimanche esperando na ante-sala.

DIMANCHE — Ora, caro senhor, isso não foi nada.

DON JUAN — Não foi nada? Disseram ao senhor que eu não estou. Ao senhor, o meu melhor amigo!

DIMANCHE — Caro senhor, seu criado. Eu venho para...

DON JUAN — Uma poltrona, rápido, para o senhor Dimanche.

DIMANCHE — Caro senhor, eu também posso ficar em pé, se...

DON JUAN — De jeito nenhum. Faço questão de vê-lo sentado na minha casa.

DIMANCHE — Mas isso não é necessário. *Faz menção de sentar-se.*

DON JUAN — Sumam com esse banquinho daqui! Eu disse uma poltrona.

DIMANCHE — Caro senhor, o senhor gosta de brincar, eu...

DON JUAN — Não, não, eu sei o que lhe devo. Não quero ver diferenças entre nós dois.

DIMANCHE — Caro senhor...

DON JUAN — Vamos, sente-se.

DIMANCHE — Não é preciso mesmo. Eu posso lhe dizer tudo em uma palavra. Eu vim...

DON JUAN — Mas sente-se, faço questão.

DIMANCHE — Não, caro senhor, poupe o seu trabalho, eu só queria...

DON JUAN — Não, não, eu não irei escutar se o senhor não se sentar.

DIMANCHE — Caro senhor, se tem de ser. *Senta-se.* Eu...

DON JUAN — Pronto, senhor Dimanche, o senhor está com ótima aparência.

DIMANCHE — É sim, caro senhor, para servi-lo. Eu vim...

DON JUAN — Sua saúde é o seu maior patrimônio — lábios carnudos, maçãs coradas, olhos brilhantes.

DIMANCHE — Eu quero...

DON JUAN — E como está sua senhora?

DIMANCHE — Bem, caro senhor, graças a Deus. Eu pensei...

DON JUAN — Uma pessoa esperta!

DIMANCHE — Para servi-lo, caro senhor, eu esperava...

DON JUAN — E sua filhinha Claudine, como está?

DIMANCHE — Muito bem.

DON JUAN — Ah! A bela pombinha! Acho-a encantadora.

DIMANCHE — Muita honra, caro senhor. Eu queria...

DON JUAN — E o filhinho Paolo? Ainda faz tanto barulho com o tamborzinho?

DIMANCHE — Ainda, caro senhor... Eu...

DON JUAN — E o cãozinho Pippo, continua rosnando e mordendo a canela dos visitantes?

DIMANCHE — Mais do que nunca, caro senhor, não conseguimos fazer com que perca essa mania.

DON JUAN — O senhor não deve estranhar quando eu pergunto por toda a família; eu me interesso muito por ela.

DIMANCHE — Somos muito gratos ao senhor. Eu...

DON JUAN — Dê-me sua mão, senhor Dimanche, se eu tenho um amigo então este amigo é o senhor.

DIMANCHE — Seu criado, caro senhor.

DON JUAN — Verdade! Eu sou seu de todo coração.

DIMANCHE — Muita honra, eu...

DON JUAN — Não há nada que eu não fizesse pelo senhor, o senhor sabe disso... tudo...

DIMANCHE — Caro senhor, bondade sua...

DON JUAN — E sem com isso estar pensando em vantagens.

DIMANCHE — O senhor está me encabulando. Mas, caro senhor...

DON JUAN — Ora, senhor Dimanche, seja franco — aceita jantar aqui comigo hoje?

DIMANCHE — Não, caro senhor, eu preciso partir logo. Eu...

DON JUAN *levanta-se* — Rápido, pessoal, tochas! Dêem escolta ao senhor Dimanche! Quatro, não, cinco devem escoltá-lo com mosquetes.

DIMANCHE *também se levanta* — Mas, senhor, isso não é necessário, eu posso muito bem ir sozinho. Mas...

Sganarelle leva a poltrona embora imediatamente.

DON JUAN — O quê? Eu faço questão absoluta de que o escoltem. Eu sou o maior interessado na sua partida. Eu sou seu criado e, e o que é mais importante, seu devedor.

DIMANCHE — Qual o quê. Meu senhor!...

DON JUAN — Isso eu digo a todo aquele que quiser ouvir.

DIMANCHE — Se o senhor...

DON JUAN — O senhor quer que eu mesmo o acompanhe?

DIMANCHE — Qual o quê, senhor. O senhor está zombando de mim. Caro senhor...

DON JUAN — Me abrace, eu lhe peço. E eu lhe peço que tenha certeza de que eu sou todo seu e que não existe nada que eu não fizesse pelo senhor.

Dimanche é conduzido para fora pelos criados que carregam tochas.

DIMANCHE — Caro senhor, eu queria...

DON JUAN *chamando atrás dele* — Mande-me dois casacos dos de costume! Eu celebrarei esponsais.

DIMANCHE — Oh! *Sai.*

DON JUAN — O que foi, Violette?

LA VIOLETTE — Uma dama! Toda envolta em véus.

DON JUAN — Faça-a entrar. *Para Sganarelle* — Por que está me olhando desse jeito, seu paspalho? Ainda está com medo da estátua?

7

DON JUAN. DONA ELVIRA. SGANARELLE. LA VIOLETTE

DONA ELVIRA — Eu lhe peço, Don Juan, não se surpreenda em ver-me a essa hora tardia e com esses trajes. Mas o que eu tenho a lhe dizer não pode esperar mais. O que me traz não é o ódio de ontem de manhã; verá que mudei. Não sou mais aquela que o amaldiçoou e exigiu vingança. O céu baniu da minha alma toda e qualquer manifestação de ofensa provocada pelo meu amor racional-terrestre. Não sinto pelo senhor nada além de um carinho, nada mais do que um afeto destituído de todo o desejo carnal, que não pode agir de maneira egoísta e que só está preocupado com o seu bem-estar.

DON JUAN *para Sganarelle* — Desgraçado, não posso crer, você está chorando?

SGANARELLE — De alegria, magnânimo senhor.

DONA ELVIRA — Esse amor me enviou até aqui para transmitir-lhe um conselho do céu e para tentar arrancá-lo da beira do abismo em que se encontra. Sim, Don Juan, eu conheço sua vida dissoluta. O céu me incumbiu de avisá-lo que seus crimes esgotaram-lhe a paciência e que está prestes a derramar a sua terrível ira sobre o senhor. Depende só do senhor evitá-lo, arrependendo-se de imediato. Talvez só lhe restem poucas horas para escapar da grande desgraça. Quanto a mim, o meu destino está decidido. Eu retornarei à clausura do convento de Santa Regina. Nesse recolhimento eu sentiria imensa dor, se o céu tivesse que infligir um terrível exemplo sobre a pessoa que amei com tanto carinho. Por outro lado, sentiria enorme alegria se pudesse fazer com que se desviasse do terrível golpe que paira sobre sua cabeça. Conceda-me, Don Juan, este doce consolo, permita-me curar sua alma; poupe-me da dor de vê-lo condenado às eternas torturas do inferno.

SGANARELLE *à parte* — Pobrezinha!

DONA ELVIRA — Eu o amei demais. Nada neste mundo me foi tão caro quanto o senhor. Pelo senhor esqueci do meu dever; ao senhor dei tudo. A única coisa que lhe peço agora é que fuja desta condenação. Salve-se, eu lhe suplico, por amor a si próprio ou a mim. Eu lhe imploro por tudo o que possa atingir seu coração!

SGANARELLE *à parte* — Coração de tigre!

DONA ELVIRA — Partirei agora, é tarde. Era tudo o que eu tinha a dizer.

DON JUAN — Cara senhora, está tarde. Fique aqui. Iremos abrigá-la o melhor possível.

DONA ELVIRA — Não, Don Juan, não me detenha.

DON JUAN — Cara senhora, eu ficaria feliz se ficasse, acredite.

DONA ELVIRA — Não, não percamos tempo com conversas supérfluas. Deixe que eu parta logo. Não insista para que eu fique. E faça bom uso daquilo que lhe falei. *Sai.*

8

DON JUAN. SGANARELLE

DON JUAN — Sganarelle, o que vai ser da nossa fama? Tanto no amor quanto na guerra ela é mais importante do que tudo. As fortalezas se entregam àqueles a quem fortalezas já se renderam. A fama de Alexandre colocou mais cidades sob seu jugo do que o poder das armas. Ao general sem fama não resta nada além de combater como um bárbaro. A uma derrota sempre deve se seguir uma vitória. Você organizou tudo para o souper, do jeito que eu gosto? Mande vir os músicos e a louvável Belisa agora mesmo; ela deve embelezar a ceia com uma serenata. Em seguida faça entrar as encantadoras pescadorazinhas. Elas devem trazer suas ostras e siris à meia noite. O vinho provo eu.

SGANARELLE — Oh, senhor! O céu que o perdoe.

No horizonte um coriscar curioso. Sganarelle olha para o céu assustado, o que diverte Don Juan.

DON JUAN — Nada ainda do Ragotin?

SGANARELLE *tremendo* — Nada.

Entra La Violette.

9

DON JUAN. SGANARELLE. LA VIOLETTE .

LA VIOLETTE — Caro senhor, seu pai acaba de chegar. Na entrada deparou com uns remadores, que, tocados pelo porteiro, ficaram zanzando por ali. Eles contaram um monte de coisas para o seu pai.

DON JUAN *para La Violette* — Vá lá e entretenha-o por um tempo. *Para Sganarelle* — Passe-me um pouco de pó branco. *Sganarelle maqueia-o.*

DON JUAN — Sabe que eu ainda senti uma pequena efervescência no coração por Dona Elvira, que senti prazer nessa nova, bizarra situação e que sua aparência relaxada, sua expressão serena e suas lágrimas despertaram em mim pequenos resquícios de um fogo apagado?

SGANARELLE — Isso significa que as palavras dela não lhe impressionaram nem um pouquinho?

DON JUAN — Uma mancha sob os olhos.

SGANARELLE — Está certo.

DON JUAN — Sganarelle, a gente tem de pensar em melhorar.

SGANARELLE — Isso mesmo.

DON JUAN — Realmente, a gente precisa melhorar. Mais uns vinte ou trinta aninhos vividos assim e vamos pensar em nós mesmos. *Coriscar no céu.*

SGANARELLE — Oh senhor, o céu acena. Não seja obstinado; ainda é tempo. Demonstre arrependimento!

DON JUAN — De certa forma, penso em fazer isso. Vá! *Sganarelle sai.*

10

DON JUAN. DON LUIS. MAIS TARDE, SGANARELLE

DON LUIS — O que eu já fui obrigado de novo a ouvir a seu respeito, seu sem-vergonha? Oh, quanta humilhação! Oh, que comportamento mais indigno! Como é que eu vou poder continuar a esconder isso dos olhos do mundo? Não posso mais. Com que direito você desfruta dos nossos privilégios? O que você fez pelo mundo para merecer um título? Você acha que ainda é glorioso descender de sangue nobre, quando se vive uma vida de vergonhas? Você não sabe mais enrubescer? Isso quer dizer que nobre é sinônimo de monstro da natureza? Quer dizer que os filhos dos carregadores colocam os nossos na sombra, no que diz respeito à virtude, são melhores?

DON JUAN — Meu pai, uma voz deve tê-lo chamado para dizer-lhe o quanto necessito do senhor para tê-lo trazido até aqui! Eu tive uma experiência sobre a qual não posso falar com mais ninguém, senão com o senhor. O senhor é soldado, é religioso, irá me entender. Meu pai, o senhor está vendo seu filho transformado por uma maravilhosa conversão. Eu não quero mencionar os vergonhosos desejos que fizeram com que eu entrasse num barco com o propósito de apoderar-me de uma mulher. Em alto mar, na madrugada turva, vento forte soprando, ouvi a terrível voz paterna e esse "retorne". Fugi até a margem.

DON LUIS — Até a margem! Nossa!

DON JUAN — Pescadoras piedosas recolheram-me e brigaram para cuidar de mim. A discussão simplória delas me comoveu profundamente. *Ragotin entra trazendo uma carta.* O que há? *Ragotin entrega a carta a Don Juan. Este lê demonstrando grande satisfação e atira uma bolsa para Ragotin.* Perdoe-me meu pai. Um novo sinal do céu. Mas permita que eu continue. Pouco depois, encontro, sem querer, nas entranhas de um parque selvagem, uma bela criança de aparência angelical, que parece me reconhecer. Ela me toma pela mão e me conduz até um mausoléu branco de estilo romano. Entramos nele. Encontro-me diante da estátua de pedra de um homem de quem roubei tudo, a mulher, a honra e até mesmo a vida. "Meu pai!", disse a menina. "Ele deseja perdoá-lo!"

DON LUIS — Perdoá-lo!

DON JUAN — E o que o senhor acha que está escrito nessa carta? Justamente esse anjo, a filha do Comendador, anuncia a sua visita, para tornar pleno este perdão. Eu faço questão de corresponder.

Sganarelle retorna com duas jarras de vinho.

DON LUIS — Será possível?

DON JUAN — É sim, meu pai. O mundo inteiro verá minha repentina mudança, repararei o mal provocado pelas minhas ações e só irei me empenhar em uma coisa: conseguir plena absolvição. A partir de agora será este o meu objetivo, e eu peço ao senhor, meu pai, que também colabore, para que eu possa seguir seguro pelo caminho que desejo percorrer.

DON LUIS — Meu filho! *Abraça-o.* Eu vim para falar com você a respeito do seu último excesso, para o qual alguns pescadores rudes chamaram a minha atenção. Mas quão rápido se dissipam as censuras de um pai diante do menor sinal de arrependimento de um filho! Já não me lembro mais das preocupações que você me causou — as suas palavras pulverizaram-nas. Lágrimas de alegria percorrem as minhas faces. *Don Juan conduz o pai para fora.* Persista nessa postura louvável e eu lhe digo, você pode fazer tudo, pode pedir tudo. Vou correndo para perto da sua mãe, para que ela também possa participar dessa novidade celestial.

Sai.

11

DON JUAN. SGANARELLE

Durante a cena que se segue, a mesa é posta por completo e garçons conduzem os músicos recém-chegados, com seus instrumentos por entre as folhagens das árvores.

SGANARELLE — Ai, ai, magnânimo senhor, eu esperei tanto por isso. Será possível? O senhor arrependido? Deus seja louvado, agora eu não desejo mais nada.

DON JUAN *escolhendo o vinho* — Tolo! — Esse aí.

SGANARELLE — Tolo, por quê?

DON JUAN — Você toma as minhas palavras por verdadeiras?

SGANARELLE — O quê? Não é... O senhor não vai... Suas... Oh, que homem é esse! Que homem!

DON JUAN — Se digo que quero melhorar, é apenas um estratagema, uma simulação necessária a que quero forçar-me para demover meu pai e outras pessoas de quem dependo do conceito que têm a meu respeito.

SGANARELLE — O quê? O senhor não acredita em nada e quer bancar o virtuoso? Que homem! Que homem! Que homem!

DON JUAN — Um sábio sabe fazer uso do vício de seu tempo, Sganarelle. A hipocrisia é o vício que agora está em moda, e esses vícios valem como virtudes. O papel do hipócrita oferece vantagens formidáveis. Basta algumas caretas e a gente adere ao partido dos piedosos e pode, atrás deste escudo, perseguir os próprios interesses com maior tranqüilidade. Se deparo com inimigos, não preciso mover um único dedo; toda a cambada piedosa tomará as minhas dores e irá me defender contra qualquer um. Se a um homem honesto está proibido assoar o nariz, a um hipócrita, por outro lado, permite-se roubar toda uma cidade. Então vamos roubá-la! Sganarelle, Angélica, a filha do Comendador aceitou o nosso convite para o souper. Vamos nos preparar de coração firme para o encontro! Ela significa um dos mais famosos e encantadores prazeres da minha vida.

SGANARELLE — Ela aceitou? Mas ela sabe quem o senhor é, magnânimo senhor?

DON JUAN — Ela irá descobrir. Por mim.

SGANARELLE — Que o senhor seduziu a sua mãe e matou o seu pai? Magnânimo senhor, ela é a única vingadora...

DON JUAN — ...de um pai, morto, mas como você diz, irritado. Ora, superar esses obstáculos quase sobre-humanos, forçar um coração que tem tantas razões para me oferecer resistência, parece-me tarefa digna de mim.

SGANARELLE — Magnânimo senhor, até agora eu não havia perdido a esperança em sua salvação, mas isso é muito pior do que todo o resto e o céu não irá tolerar a mais terrível de todas as provocações.

Don Juan — Ah, vá, o céu não é exatamente como você imagina. Posso vê-la entrando, passo leve, meiga, levemente enrubescida. O luto pelo pai tão amado lança uma sombra encantadora sobre sua testa lisa. *Para os músicos, que durante a cena anterior, posicionaram-se nas copas das árvores* — Os meus passarinhos já estão todos preparados nos galhos das minhas árvores? Meus senhores, à Ritournelle!

A música começa a soar.

Don Juan — "Minha cara senhorita, não me conhece. Já eu, a conheço muito bem e, mais ainda, eu conheço sua família, a que as mais estreitas amarras de sangue e de amor me prendem. Pois eu sou Don Juan Tenório."

Sganarelle — Tomara que ela lhe arranque os olhos.

Don Juan — Sganarelle, eu queria que ela o tentasse. — "Minha senhorita, não me poupe de nada. Machuque-me, como quiser, mas deixe-me os meus olhos; eu preciso deles, desde que a encontrei!"— Adulação ainda atinge os mortos, Sganarelle. —"Ah, Deus é terrível, criar uma beleza como a sua! Mas eu sei o que ele faz. Minha senhorita, quando eu a vi, quando ouvi quem a senhorita era, eu perdoei seu pai."

Sganarelle — O quê? O senhor, o Comendador, que o senhor matou?!

Don Juan — É, perdoei. Não me atrapalhe agora. — "Ah, minha senhorita, ah, eu o matei! Ei-la de volta, essa responsabilidade que ele me legou com sua morte. Não poderia ter feito outra coisa para me aniquilar a não ser morrer!"— Ousado, sim, mas desconcertante! — "Se o seu pai tivesse vencido aquele duelo — que eu não desejei —, eu não estaria mais aqui. Quão melhor teria sido para mim do que estar agora sendo rejeitado pela senhorita!" O golpe final agora — "A senhorita seria capaz de rejeitar o desesperado que com o seu aspecto pálido já ficou sem nada? Se conseguir, então estará ao menos me libertando de uma vida que ficou sem sentido." — Alguma coisa desse tipo.

Sganarelle — E a honestidade não vale nada, e a mentira tem perna longa, e quem ri primeiro ri melhor, e quem tem pressa come cozido, antes mal acompanhado do que só, e perdoai a nossa inocência, e o camelo passa pelo buraco da agulha! Ah, e pensar que uma personalidade como a sua pode fazer tudo, sem que nenhuma força possa interceder! Será que não existe ninguém mesmo que o céu possa enviar? Será que ele não encontra ninguém?

Don Juan — Você tem razão: não tem ninguém.

Sganarelle — Se eu contar, só hoje, quantas pessoas desejaram que o céu o arrebentasse!

Don Juan — É mesmo, eu até vi isso nos olhos do Dimanche. O meu pai só suavizou com minha hipocrisia. Os irmãos de Dona Elvira têm sede do meu sangue. E com certeza existem outros que me odeiam. Mas você tem razão: o que é que eles podem fazer?

Clarão no céu. Trovões. Escurece.

Sganarelle — Oh senhor, senhor! Agora é a terceira vez e agora eu sei: o céu está falando com o senhor. Ele está lhe dando um sinal.

Don Juan — Se o céu está querendo me dar um sinal então ele terá de se expressar com mais clareza.

Batem à porta.

Don Juan — Lá vem ela. Vá, abra logo a porta.

Sganarelle vai.

Don Juan — Sirvam a mesa. *Para os músicos* — Gorgeiem, meus passarinhos!

A cantora Belisa começa a cantar a serenata. Don Juan espera em vão que Angélica apareça. Sganarelle retorna, pálido como um defunto.

12

DON JUAN. SGANARELLE. A ESTÁTUA DO COMENDADOR

DON JUAN — O que foi?

SGANARELLE *balançando a cabeça como a Estátua* — Ele... está aí.

DON JUAN — Oh! Não ela? Estou decepcionado, não nego. Faça-o entrar.
Entra a Estátua do Comendador.

DON JUAN — Meu senhor, eu esperava encontrá-lo acompanhado. Mas sente-se, por favor.
A Estátua do Comendador não se senta.

COMENDADOR — Don Juan, eu vim para convidá-lo a tomar o souper na minha morada. O senhor tem coragem de me acompanhar?

DON JUAN — Claro, para onde?

COMENDADOR — Dê-me a mão.

DON JUAN — Ei-la. Onde deverão procurar por mim se quiserem me encontrar?

COMENDADOR — No lugar para onde estou lhe levando não vai ser tão fácil encontrá-lo — se alguém quiser encontrá-lo.

DON JUAN *para Sganarelle* — Pegue um lampião.

COMENDADOR — Não se precisa de luz quando se é conduzido pelo céu.
Sganarelle desmaia.

COMENDADOR — Don Juan, a insistência no pecado conduz a um terrível fim. Quem esgota a paciência do céu, traça uma trilha para seu raio.
A Estátua conduz Don Juan para frente.

DON JUAN — Oh céus, o que estou sentindo? Uma tempestade de fogo está me queimando. Pare! Ah!
O chão se abre debaixo de trovão barulhento. Na mão do Comendador, segurando em vão seu chapéu, Don Juan desce às profundezas. Grandes labaredas de fogo saem do buraco onde ambos sumiram. A música parou. Personagens, umas após as outras, sobem no palco correndo.

13

SGANARELLE. LA VIOLETTE. ANGÉLICA. DIMANCHE. DON ALONSO E DON CARLOS, IRMÃOS DE DONA ELVIRA, SEGUIDOS PELO MÉDICO MARPHURIUS. DON LUIS. OS REMADORES. AS PESCADORAS ACOMPANHADAS PELOS SEUS NOIVOS

LA VIOLETTE — Que desgraça! Ele se foi!

ANGÉLICA — Eu me atrasei um pouco. Vê o buraco. Ah! Que horror!

DIMANCHE *trazendo dois casacos* — Uma exploração! Os dois casacos, caro... Ah! Meu melhor cliente!

IRMÃOS DE ELVIRA — Onde está aquele patife? — Ah, a honra da nossa família manchada para sempre!

SERAFINA — Ah! E agora, quem é que vai comer os meus patos com laranja?

MARPHURIUS — Ah! E o duelo?

DON LUIS — Ah! Meu filho! Meu herdeiro!

REMADORES — Ah! Onde está ele? — Cinqüenta e quatro ducados pro buraco!

PESCADORAS — Ah! Quem é que vai comprar as nossas ostras? — O belo fidalgo!
Todos permanecem abalados diante do buraco. Do alto, cai lentamente o chapéu de Don Juan.

SGANARELLE — Meu ganha-pão! Meu ganha-pão!

Tambores e trombetas

Adaptação da peça "The Recruiting Officer", de George Farquhar.
Escrita em 1954
Pauken und Trompeten

Tradução: Milton Camargo Mota

PERSONAGENS

Capitão William Plume
Capitão Brazen
Sargento Kite
Sr. Balance, juiz de paz
Victoria Balance, sua filha
Sr. Worthy, um fabricante de sapatos
Sr. Smuggler, um banqueiro
Simpkins, criado do Sr. Balance
Melinda Moorhill
Lady Prude
Rose, uma moça do campo
Lucy, criada de Melinda
Thomas Appletree, camponês, depois recruta
Maggie, namorada de Appletree
Costar Pearmain, camponês, depois recruta
Bullock, irmão de Rose
Sally, namorada de William
William, ferreiro
Mike, criado da taberna
Jenny, mulher de um soldado
Sra. Cobb, mãe de um soldado morto
Bridewell, comissário de polícia
Um Homem de Ombros Largos
Um Desempregado
A Mulher do Desempregado
Um Mineiro
A Mulher do Mineiro

UM CAFETÃO
KITTY, DO BECO DAS GALINHAS
UM BATEDOR DE CARTEIRA
UM MEIRINHO
UM TAMBORILEIRO
UM CRIADO

PRÓLOGO

Falado pelo Sargento Barras Kite, que aparece, juntamente com o seu tamborileiro, à frente da cortina.

Eu sou o sargento Barras Kite e quero uma tropa recrutar
Para o nosso bom rei Jorge, pois há no além-mar
Na colônia América de Vossa Majestade
Desordens e revoltas em grande quantidade.
Se alguém quiser, então, juntar-se aos nossos soldados
Algum antigo combatente ou heróis decepcionados,
Espíritos amantes da vida ao céu aberto,
Algum aprendiz de um mestre pouco esperto,
Filhos com pais relapsos e, mesmo, até
Um diarista com salário baixo, um marido com mulher que não sai do pé.
Todos estes dirijam-se ao Hotel do Corvo, a mim, Barras Kite, o sargento
Cuja honradez conhecestes superficialmente neste momento.
Meus senhores, quem defenderá, em troca de um colorido uniforme e uma farta ração,
A boa e velha Inglaterra (sem contar seu pai, sua mãe, sua irmã e seu irmão?)

1

PRAÇA DO MERCADO DE SHREWSBURY

De um lado, a casa do juiz de paz Balance, do outro, uma barraca para o recrutamento. Kite vai até os camponeses Pearmain e Appletree, que observam os cartazes afixados na barraca.

KITE — Meus senhores, eu suponho que conheceis o Severn, mas conheceis o Missisipi? *Ele vai buscar a mesinha dobrável na barraca e coloca aí um chapéu militar* — Meus senhores, estão vendo este chapéu? É o chapéu da honra. Num abrir e fechar de olhos ele faz de um simples homem um homem honrado. Aquele que pela bondosa providência nasceu com um tamanho de seis pés estava destinado por Urano a ser um grande homem. *Para Thomas Appletree* — Senhor, por favor. Só para ver como fica sua cabeça embaixo deste chapéu.

APPLETREE — Tem alguma coisa por trás disso. Você coloca o chapéu e, pronto, já está alistado.

KITE — Não, nada disso, o chapéu não pode fazer isto e muito menos eu. *Como Appletree se recusa, para Pearmain* — Então, você, vem aqui, vamos ver como é que ele fica em você.

PEARMAIN — O chapéu é realmente muito bonito, mas tem alguma coisa por trás disso.

KITE — Não tem nada, meu amigo. Vamos, homem, não tenha medo. *Kite consegue colocar o chapéu em Pearmain.*

PEARMAIN — Ele tem um fedor horrível de suor e pólvora.

APPLETREE — Que é isto aqui na frente?

KITE — O emblema de ouro, dois dedos acima do J de nosso Rei Jorge. Uma condecoração, irmão.

PEARMAIN — Irmão? Presta atenção, sargento, chega de querer me iludir, me enrolar e me jogar poeira nos olhos. Tome o seu chapéu de volta e com ele a fraternidade também. Hoje eu não estou bem. Venha, Thomas.

Eles saem rindo. Kite dependura, de novo, o chapéu na barraca. Ouve-se barulho de cavalo. Capitão Plume entra.

KITE — Bem-vindo a Shrewsbury, capitão! Das margens do Delaware de volta para as praias do Severn!

PLUME *dá uma volta* — Shrewsbury! *Suspira.* E o recrutamento, como está? Como é que Shrewsbury recebeu este ano os seus recrutadores? *Kite faz um gesto de desdém com a mão.* Nenhum sucesso?

KITE — Muito pouco, capitão. Conforme manda o dever, eu perguntei a cada um daqui se não lhes ferve o sangue, sabendo que os fazendeiros americanos e caçadores de peles não querem mais pagar os impostos ao bom rei Jorge.

PLUME — E então?

KITE — As respostas foram péssimas. Já estou aqui há uma semana e consegui apenas cinco homens.

PLUME — Cinco. *Pausa.* E como eles são?

KITE — Um caçador clandestino. O valentão de Kent, em outros tempos um célebre boxeador. Um vendedor ambulante escocês. Um advogado expulso da ordem e um padre arruinado do País de Gales.

PLUME — Um advogado? Ficou louco?

KITE — Por quê?

PLUME — Senhor Kite, eu não quero ninguém na minha companhia que saiba escrever. Um sujeito que sabe escrever, elabora queixas, faz requerimentos, apresenta petições... Não, dispense imediatamente.

KITE — E o padre? Ele sabe tocar violino.

PLUME — Provavelmente sabe escrever também. Tudo bem, vamos ficar com ele por causa do violino. E o que mais?

KITE — Mais! Isso é tudo.

PLUME — Diabo!

KITE — Há ainda um recruta para o senhor, aqui, capitão. Um completamente inesperado.

PLUME — Quem?

KITE — Uma pessoa que o senhor andou tamborilando na última vez que esteve aqui. O senhor ainda se lembra de Molly, a do Hotel do Corvo?

PLUME — Não me diga que ela está esperando um bebê.

KITE — Ela não espera mais, ela já tem.

PLUME — Kite, você tem que reconhecer esta criança como sua.

KITE — Ah não, por favor. Meu capitão sabe que eu sou casado.

PLUME — Quantas vezes até hoje?

KITE — Isto eu não sei de cor. Eu tenho anotado aqui atrás do caderno de alistamento. *Tira o caderno fora.* Senhorita Sheely Snickereyes, ela vende peixe no porto de Dublin; Peggy Guzzle, a fabricante de aguardente, ao lado da guarda montada de Whitehall; Dolly Waggon, a filha de um carregador em Hull; Mademoiselle van Bottomflat do Beijo Negro. E ainda Jenny Oakum, viúva de um carpinteiro de navios em Portsmouth, mas esta geralmente eu nem conto, pois ela era casada, ao mesmo tempo, com dois tenentes da marinha e um oficialzinho de um navio de guerra.

PLUME — Cinco. Vá até meia-dúzia, Kite. É menino ou menina?

KITE — Um menino.

PLUME — Acrescente a mãe na sua lista e o menino na minha. Registre-o como Francis Kite. Granadeiro de licença por tempo indeterminado. Eu lhe concedo um soldo inteiro de recruta para diverti-lo. Mas agora vá, vá consolar a pobre criatura na palha.

KITE *suspirando* — Às ordens. O capitão tem mais alguma outra ordem?

PLUME — Por enquanto não.

KITE — Lá vem alguém que o senhor conheceu no ano passado: senhor Worthy, o sapateiro.

Ele sai.

PLUME — Realmente, parece o Worthy... ou melhor, o fantasma de Worthy.

WORTHY — Plume! De volta, são e salvo?

PLUME — Salvo dos campos de batalha do Novo Mundo e são, eu espero, das tavernas de Londres.

WORTHY — Sois um homem feliz, Plume.

PLUME — O que aconteceu? Será que o vosso saudoso pai saiu da sepultura e ocupou, de novo, seu lugar na firma?

WORTHY — Não, não.

PLUME — Casastes?

WORTHY — Também não.

PLUME — Quem é ela então? Eu conheço?

WORTHY — Melinda.

PLUME — Melinda Moorhill? Mas há um ano ela já tinha começado a tratar convosco sobre a sua rendição, se não me engano, e com condições dignas. Eu acho que até vos aconselhei que lhe propusesses um rapto, mais de acordo com sua sensibilidade romântica. Não foi isso?

WORTHY — Foi justamente o que fiz. Ela pediu um tempo para pensar mas, de repente, contra todas as expectativas, a fortaleza recebeu reforços e eu precisei transformar o cerco em bloqueio.

PLUME — Mais detalhes, por favor!

WORTHY — Sua tia morre em Flintshire e lhe deixa vinte mil libras.

PLUME — Mas Worthy, isto é ignorar totalmente as regras da arte militar. Um bloqueio... que coisa tola. Era necessário dobrar vossos ataques, tomar a fortaleza de assalto ou até mesmo morrer na frente de batalha.

WORTHY — Eu fiz um ataque de assalto e apliquei aí todas as minhas forças. Mas, fui com tal rigor repelido, que acabei perdendo qualquer esperança de possuí-la como esposa. Já faz meio ano que a cortejo da maneira mais afetuosa e devota; a minha intenção é o casamento.

PLUME — Aí está! Já que a idolatrais como uma deusa ela vos trata como um cão. Não é?

WORTHY — Infelizmente.

PLUME — Worthy, para causar nela uma melhor opinião a vosso respeito, é preciso fazê-la ter uma bem pior sobre si mesma.

WORTHY — Como?

PLUME — Deixe-me refletir um pouco. A primeira coisa que eu faria seria dormir com sua criada. Ou melhor: eu pagaria três ou quatro mulheres da vizinhança para espalhar o boato que eu as engravidei. Ou então, nós publicaríamos nos jornais poemas sobre as belas mulheres de Shrewsbury, menos sobre Melinda. Ou alguma coisa diferente: nós organizamos um baile e não a convidamos, assim como também não convidamos duas ou três megeras conhecidas na cidade.

WORTHY — É. Seria mesmo um golpe. Mas Shrewsbury é uma aldeiazinha tão chata — não, bailes, poemas nos jornais não têm a menor importância aqui.

PLUME — E umas crianças bastardas também não? Filhos dos recrutadores que estão aqui. Porque, pelo que eu sei, é nosso lema deixar no país o mesmo número de recrutas que retiramos dele.

WORTHY — Meu caro capitão, o senhor está sempre disposto a sacrificar o melhor de suas forças pela pátria, ninguém duvida disto. A boa Molly do Hotel do Corvo pode confirmá-lo.

Kite está de volta.

KITE — O senhor me mandou confortar a pobre criatura na sua caminha de palha. *Para Worthy* — Madame Molly, minha esposa, Sr. Worthy.

WORTHY — Oh! Excelente! Bom divertimento, Sr. Kite.

KITE — Isto alivia o coração de um homem quando ele, em menos de meia hora, adquire uma mulher e um filho. Meu capitão, alguém já a havia consolado antes de mim.

PLUME — Até que ponto?

KITE — Um lacaio de libré verde trouxe para ela, hoje de manhã, uma cestinha com roupas de criança.

PLUME — Quem, meu Deus, enviou isso para ela?

KITE — Foi Simpkins, lacaio da senhorita Victoria.

PLUME — Victoria?

WORTHY — Victoria Balance? Impossível!

PLUME — Quem é Victoria Balance?

WORTHY — Lembrai-vos do internato de senhorita Prichett, do caminho das Nozes?

PLUME — Ah, aquela moça com dezesseis anos!

WORTHY — Que quase caiu da janela quando acenastes para cima.

PLUME — Sim, ela era muito estranha. Ela ainda me mandou uma cartinha ao Hotel do Corvo. Eu nem tive tempo para... Mas por que esta história, agora, de ela presentear a Molly? Assim age uma mulher, não uma adolescente. E somente uma mulher entre mil outras que estivesse acima de qualquer ciúme.

WORTHY — Um ano nesta idade significa muita coisa, ela é praticamente uma adulta hoje.

PLUME — Que belo gesto! Ela merece ser lembrada. Worthy, onde tem o melhor vinho? Lá poderemos tratar dos negócios.

WORTHY — Muito bem, é por isso que eu vim até aqui. Onde o senhor pretende arranjar as botas para os granadeiros? Eu espero que na Worthy & Co.

PLUME — Antes eu preciso saber onde eu vou arranjar granadeiros para suas botas, Worthy. Eu apresentarei agora meus cumprimentos ao juiz Balance. Kite, faça anunciar pelos tambores a minha chegada. E lhe ordeno a partir de amanhã, logo cedo, armar um barulho tão grande aqui, que esta Shrewsbury fique de pernas para o ar e faça continência com os pés.

Ele vai para o hotel com Worthy. Kite faz continência.

2

CASA DO JUIZ DE PAZ BALANCE

O juiz Balance lê um caderno escolar. Da rua ouvem-se tambores e comunicados.

O TAMBORILEIRO — Último comunicado do Hotel do Corvo. Herói de Bunker Hill chegou! De além-mar! O capitão de Sua Majestade, William G. Plume, apresenta seus cumprimentos à gloriosa cidade de Shrewsbury.

O juiz Balance esconde o caderno escolar atrás das costas, quando entra sua filha Victoria.

VICTORIA — Pai, um certo sargento Kite está aí. Ele está dizendo que o capitão Plume chegou de Londres e deseja apresentar-vos seus cumprimentos.

BALANCE *sarcástico* — A mim?!... Victoria...

VICTORIA — Senhor...

BALANCE — Que cesta foi essa que você mandou Simpkins levar para uma tal de Molly Fastspittle?

VICTORIA — Uma cestinha com uns papéis, senhor.

BALANCE — Ah sim, claro. Com umas roupinhas de criança.

VICTORIA — Que horrível da parte do Simpkins.

BALANCE — Naturalmente você ignora que o filho bastardo da srta. Fastspittle é do capitão Plume? *Ela cala.* Que interesse tem para você os filhos ilegítimos do capitão Plume, posso saber?

Som de corneta.

VICTORIA — Não são filhos, é um filho.

BALANCE — O que você tem a ver com isto?

VICTORIA — Quando pessoas que se amam são separadas por esta guerra nas colônias, pai...

BALANCE — Pessoas que se amam! Victoria, que idade você tinha quando sua mãe morreu?

VICTORIA — Quatro anos.

BALANCE — Eu deixei faltar alguma coisa a você ou sempre a cobri de cuidados e paciência? Agora, veja. A morte do seu irmão fez de você a única herdeira dos meus bens. Isto significa uma renda anual de 1200 libras para você. Pode tirar o capitão Plume da cabeça!

VICTORIA — Senhor, eu nunca coloquei o capitão Plume na cabeça... Além disso, ele nunca ousaria prender-se à filha de um homem na posição do senhor para...

BALANCE — ...para seduzi-la? Ah, ele ousaria. Eu conheço os pensamentos e os sentimentos dos jovens oficiais, porque eu conheço os meus pensamentos e sentimentos do tempo em que eu era oficial. Eu teria dado uma perna para seduzir a filha de um velho e honrado fidalgo em cujas terras nós tínhamos nosso quartel...

VICTORIA — Eu estou espantada com o senhor.

BALANCE — É isso que espero.

VICTORIA — Se o senhor acha que é assim que se deve falar dos oficiais ingleses, talvez, pelo menos alguma confiança o senhor tenha nas moças inglesas.

BALANCE — Nem um pouco. Uma jovem inglesa de temperamento comum — e espero que você o possua — sempre se deixará seduzir por um oficial. Eu receio que entre vocês...

VICTORIA — Papai, o senhor é terrível.

Balance mostra o caderno.

VICTORIA *fria* — O senhor leu o meu diário?

BALANCE — Eu não o li, mas não me obrigue a fazê-lo. Diga a verdade.

VICTORIA — Pai, não aconteceu nada. *Quando o pai faz menção de abrir o caderno.* Quase nada. No último domingo de Pentecostes, ele esteve aqui para almoçar. A mim ele não disse absolutamente nada. Só: "Um laço azul ficaria melhor, minha criança", quando me passou o pudim. Domingo à noite, eu retornei ao internato e nunca mais o vi. *O pai ameaça abrir o caderno.* Mais uma vez apenas. Ele passeava com o sr. Worthy no caminho das Nozes e me cumprimentou acenando para cima, quando eu estava à janela com outras meninas. Isto foi tudo, realmente. *O pai ameaça, novamente, abrir o caderno.* Quando muito, um bilhete no qual eu lhe desejava boa viagem. Isto foi meu dever fazer, por educação.

BALANCE — Bem. *Entrega-lhe o diário.*

VICTORIA — O senhor ainda disse, domingo passado: antes que Plume venha, não se prosseguirá com o recrutamento, e o colocou nas nuvens.

BALANCE — Isto eu ainda faço. Mas como oficial recrutador. Recrutador de soldados e não da minha filha. Em suma: tire o capitão Plume da cabeça. E qualquer outro capitão. Sente-se, Victoria. *Victoria senta-se.* Capitão não têm nada. Você possui florestas. Estes capitães tem a má fama de transformar em dinheiro tudo onde eles podem botar a mão. Eles têm uma aversão inata pelo verde, acham insuportável ver árvores de pé. O velho Hambleton mostrou-me duas milhas de terra, em Cheshire, completamente devastadas. Um capitão dos dragões havia desposado a filha do dono. Duas semanas após o casamento, veio um empreteiro até a propriedade e, aí, todos os carvalhos, olmos, árvores centenárias viraram batentes, portais, molduras de janela ou foram simplesmente leiloadas; tudo isto para que o capitão pudesse ter, sobre o Tâmisa, um destes barcos de luxo, tão extravagantes, que estão na moda. *Vai até a porta e grita* — Simpkins, prepare a carruagem! Com quatro cavalos! *A Victoria* — Victoria, eu não estou falando como pai, mas como amigo; não estou dando ordens, mas sim, conselhos. Seu tio Harry me convidou para caçar faisões. Vá na frente, tenha juízo.

SIMPKINS *entrando* — A carruagem estará pronta em dez minutos, senhor, e o capitão Plume deseja apresentar-vos seus cumprimentos.

BALANCE — À biblioteca. *Simpkins sai.* Victoria, você arruma suas malas.

VICTORIA — O sr. diz isto como pai ou como amigo?

BALANCE — Como você quiser...

VICTORIA — É sua última palavra?

BALANCE — A última.

VICTORIA — Obrigada. *Sai.*

BALANCE *grita* — Victoria! Simpkins! Mande-o entrar. *Entra Plume.*

BALANCE *com os braços abertos* — Capitão Plume!

PLUME — Senhor Balance.

BALANCE — Bem-vindo a Shrewsbury! A cidade vos abre as portas.

PLUME — Obrigado, senhor Balance.

BALANCE — Considerai, também este ano, esta casa como a vossa própria.

PLUME — Sois muito amável. Como está vossa tão encantadora filha, senhor Balance?

BALANCE — Eu desejo que o sucesso seja completo no recrutamento...

PLUME *surpreso* — Senhor...

BALANCE — ... de uma magnífica companhia de granadeiros.

PLUME — Certamente, senhor. Certamente.

BALANCE *senta-se* — Eu faço questão de uma descrição bem detalhada de nossa situação militar lá do outro lado, capitão.

PLUME — A situação lá é uma situação... como eu poderia dizer, uma situação surpreendente. De um ponto de vista militar. Sob um critério militar... Posso perguntar se a senhorita vossa filha...

BALANCE — Eu não tenho vergonha de confessar: há seis meses, eu tremi pela Inglaterra. Bunker Hill tranqüilizou-me bastante.

PLUME — Eu trouxe uma coisa para o senhor. Talvez como jurista, seja de vosso interesse este papelzinho que circula por todos os cantos lá no outro lado.
Simpkins entra com uísque.

BALANCE *lê* — "Projeto de uma Declaração de Independência". Que absurdo! "Quando no curso da evolução humana se torna necessário para um povo romper os laços políticos que até o presente momento..." Alta traição.

SIMPKINS — Patifes.

BALANCE — "Os homens nascem iguais...", onde está isto na Bíblia? "Liberdade, direito a uma vida feliz...". Então, eis aqui estas idéias impressas das quais tanto se ouve. Ganância do mais baixo nível.
Simpkins balança, triste, a cabeça.

BALANCE — Pensam estes rebeldes; estes Franklins, Jeffersons e Washingtons que o povo inglês vai tolerar tais idéias?

SIMPKINS — Ora!

BALANCE — Eles não importam mais o nosso chá, sob o pretexto de ser muito caro. Senhor, no porto de Liverpool há dez mil caixas de chá não vendidas. E mais, estes rústicos, advogados, generais, nascidos iguais, querem agora entregar todo algodão, que nós tanto precisamos, sabe-se lá para quem, só porque pagam melhor. Uma colônia que, de repente, quer comercializar com o mundo inteiro. Onde já se ouviu uma coisa dessas?

SIMPKINS — Ts, ts, ts!

BALANCE — O que que é, Simpkins?!

SIMPKINS — Perdão, senhor.

BALANCE — O que diria, senhor, se um caseiro seu se declarasse independente, assim, de repente, e ao invés de lhe mandar os ovos, mandasse para a cidade, podendo o senhor então morrer por falta de proteínas.

PLUME — É claro que eu não tenho nenhum caseiro, mas tendes toda razão.

BALANCE — E estas "novas idéias" são contagiosas: elas propagam-se como doenças. Todo o mundo civilizado deveria se pôr ao nosso lado contra estes rebeldes. Os alemães já aderiram; trinta mil numa tropa de Hessen, como se ouve. As perdas são consideráveis?

PLUME — Consideráveis. Poderíeis facilitar bem o meu trabalho, senhor Balance, se mandásseis para a guerra toda esta corja preguiçosa, como se faz agora em todo condado, ao invés de metê-la nas prisões.

BALANCE — Não ponho fé em tais práticas. Na minha Shrewsbury elas não são necessárias. Aqui, sabe-se muito bem o que se deve ao rei.

SIMPKINS — Graças a Deus!
Balance bate com os pés. Simpkins sai.

PLUME — Eu espero que o senhor tenha razão. Só que até agora...

BALANCE — Sua presença mudará tudo, Plume. Um pouco de música militar na praça do mercado, algumas bandeiras conquistadas do inimigo, um discurso patriótico. Não muito elevado para nossos bravos camponeses, e o senhor tem o mais entusiasmado apoio de nossa população feminina. Capitão Plume, Shrewsbury lhe dará tudo que precisar, tudo.

Victoria, com um véu de viagem, atravessa a cena, atrás dela um criado com as malas. Ela abaixa a cabeça secamente e sai.

PLUME — A senhorita vossa filha, senhor?

BALANCE — Sim, ela fará uma pequena viagem à casa do tio no campo, capitão Plume.

PLUME — Oh!

3

NA CASA DE MELINDA MOORHILL

MELINDA *canta com a harpa* —

Cloé sentou-se junto ao regato;
Do abrunheiro Aquiles apareceu,
Perguntou-lhe, o herói, se ela, ah, que ato!,
Se o queria seu?
A bela sentiu-se corar tanto
Que com o trevo fez a face velada.
Indagou o herói, com justo espanto:
Meu escudo de ouro não te agrada?
Aquiles virou-se para ir embora
E o regato agitou-se num sem fim.
A ave nos espinhos não pôde ser sonora —
A jovem disse: Ai de mim!
Falou ainda: luta-se fácil contra tudo.
Contra o tigre, o cervo e o pavão.
Não era para o seu dourado escudo,
Mas para o azul dos olhos minha afeição.

Victoria entra precipitadamente com criado e as malas. O criado põe as malas no chão e desaparece.

VICTORIA — Você poderia me hospedar, Melinda? Por uma semana. É desejo de meu pai que eu vá para o tio Harry no campo. Mas agora me é impossível abandonar Shrewsbury.

MELINDA — Claro. Você sabe, você é sempre bem-vinda. *Elas se abraçam.*

Victoria — Como eu sou infeliz!

Melinda — Ah, e o que tenho que suportar!
Elas choram.

Victoria — Melinda querida...

Melinda — Querida Victoria... *Chama* — Lucy, chá! Trata-se de seu capitão? Eu já ouvi que ele está de volta à cidade.

Victoria — E eu vou cuidar para que ele não vá embora uma segunda vez. E com você e Worthy, como estão as coisas?

Melinda — Ah, Worthy! Eu acho que lidei de forma errada com ele. Agora ele quer casar.

Victoria — E?

Melinda — Eu não sei.

Victoria — Mas você o ama, não?

Melinda — Sim, mas...

Victoria — Ele ama você. Evidentemente ele não é nenhum herói...

Melinda — O que você quer dizer com isso? Nem todos podem fazer extravagâncias no mundo inteiro como seu capitão Plume. Afinal de contas, o que você tem contra Worthy?

Victoria — Eu? Nada. Eu só acho que você não deveria tratar este homem honrado tão desumanamente. Ele é um cavalheiro, uma pessoa de classe e de bens. Além disso, é amigo do meu Plume, e se você não se comportar melhor com ele...

Melinda — Mas Victoria! Nós precisamos mesmo falar de mim e do Worthy? Tudo o que eu disse foi que Worthy ficou um pouco acomodado demais.

Victoria — Depois que você o adestrou como um cachorro.

Melinda — Worthy não é nenhum cachorro, Victoria. E eu quero te dizer o que eu acho do seu capitão Plume. Eu o considero um janota, depravado, preguiçoso e impertinente.

Victoria — Este julgamento, Melinda, só prova o quanto você combina bem com seu cômodo Worthy desde que você se sentou em cima da sua herança de vinte mil libras. Antes, você tratava o Worthy como um homem, na época em que você queria tirar dele uma renda vitalícia de quinhentas libras. Sem sucesso, é claro.

Melinda — O que você quer dizer com isso?

Victoria — O que eu disse dispensa comentários.
Pausa.

Melinda — Sem sucesso! Eu não invejo o seu sucesso. Êxito assim qualquer um pode ter.

Victoria — Ah sim, claro.

Melinda — Além disso, pode dar adeus a este sucesso.

Victoria — Você acha?

Melinda — Por acaso você está achando, sua perua romântica, que um oficial jovem e inflamado como aquele, que em seis meses já percorreu metade do globo terrestre e deixou umazinha esperando em cada cidade, vai se deixar fisgar, neste buraco que é Shrewsbury, pela filha de um juiz de paz?

Victoria — O que me interessa quem ele deixou ou não em cada cidade? Eu não quero mesmo nenhum homem que fique só pensando em mim.

Melinda — Você perdeu toda dignidade, jogar-se sem mais nem menos no pescoço do primeiro libertino que aparece.

Victoria — Ah, meu Deus, de novo! Pena que eu esteja em sua casa, Melinda...

Melinda — Eu não teria achado ruim se você tivesse ficado na sua, Victoria.

Victoria — Não se preocupe, Melinda. É com muito prazer que eu vou considerar suas indiretas tão delicadas.

Melinda — Quanto antes você desaparecer daqui, melhor.

VICTORIA — Eu estou sempre disposta a seguir minhas inclinações. Neste ponto, eu sou sua devota criada.

Sai ruidosamente. O criado busca as malas. Lucy traz o chá.

MELINDA — Coisinha insolente.

4

PRAÇA DO MERCADO

Os recrutadores organizam um concerto ao ar livre. Um estrado foi colocado na frente da casa do juiz de paz Balance. A barraca de recrutamento está enfeitada com as bandeiras conquistadas. Na frente do Hotel do Corvo está sentado um homem de ombros largos, junto a uma mesinha. Música militar. Kite sai do hotel e pára, admirado, em frente do homem de ombros largos. À frente da barraca, encontram-se Pearmain e Appletree observando os cartazes.

KITE *para o de ombros largos* — Oh! Deixe-me cumprimentá-lo pelo tamanho de seu peito. Mike! Nosso bom rei Jorge é generoso. *Mike, o criado da taberna aparece à porta do hotel.* Mike! Cerveja para o senhor. *Ele vai até a barraca de recrutamento e descobre os camponeses. Para os camponeses* — Meus senhores, eu tomo a liberdade de vos convidar para um pote de cerveja esta noite.

APPLETREE — Ah sim, quanto a isto não há o que se temer.

Da casa do juiz de paz saem Plume, Balance, Melinda e Worthy. Eles sobem no estrado. Fanfarra.

KITE — Shrewsbury saúda o herói de Bunker Hill. *Plume acena para todos os lados.* Capitão Plume. Hurra! Hurra! Hurra! *Os camponeses juntam-se a ele.* Vamos! Hurra para o nosso rei e para a honra de Micklesbury! *Entra no hotel com os camponeses alegres. Os cidadãos mais notáveis tomam lugar no estrado. Simpkins serve uísque.*

BALANCE — Senhoras e senhores, vistes aqui, trabalhando, um daqueles homens que possibilitam à Inglaterra conduzir no mundo uma política de força.

WORTHY — Um trabalho de Hércules. *Ele escuta a música.*

BALANCE *mostrando o lugar* — O gelo começa a derreter. Shrewsbury entrega-se às marchas de Höchstedt e Blafontaine. Os metais derramam um pouco de heroísmo nos corações anêmicos dos cidadãos. Ah! Eu faço questão de uma descrição da batalha de Bunker Hill, Plume.

PLUME — Vós me deixais embaraçado, Sr. Balance. Todas as batalhas são iguais.

SIMPKINS — Oh!

BALANCE — O que foi, Simpkins?

SIMPKINS — Perdão, senhor. Em Shrewsbury sabe-se tudo sobre Bunker Hill, senhor capitão.

BALANCE — O que é que se sabe?

SIMPKINS — O rio chama-se Hudson, senhor Balance. Lá em cima, encontram-se uma represa e um lago, senhor, embaixo, campos de cevada. Os rebeldes já tinham atravessado o Hudson, mas na calada da noite o capitão Plume, com vossa permissão, senhor, manobrou oitenta granadeiros e um canhão através das linhas de batalha. Graças a um tiro bem dirigido, se estou bem informado, capitão, a comporta vai pelos ares e a água começa a inundar os campos de cevada. É verdade que um fogo destruidor aniquila a nossa valente companhia, mas, aí, acontece o previsto pelo capitão Plume: os rebeldes não são soldados, são uns simples vaqueiros metidos em uniformes militares; quando perceberam a inundação, já de um certo tamanho, voltaram a ser simples vaqueiros, ha, ha, ha. Uma tropa inteira de vaqueiros se desfaz correndo para todos os lados, a fim de consertar o dique e salvar o gado que flutuava na fazenda alagada. Às oito da manhã nós atacamos. O resultado todo mundo conhece. Perdão, senhor. Perdão, capitão.

BALANCE — Obrigado, Simpkins. *Simpkins sai. Para Plume* — E qual seria hoje nossa principal base de apoio?

PLUME — Boston.

Balance — Boston? Deveis me explicar isto.

Plume *expõe a situação com copos de uísque* — Boston, Howe, Washington. *Faz um sinal para Worthy e, logo em seguida, explica a batalha para Balance.*

Worthy *para Melinda* — Madame, é preciso que eu dê expressão ao espanto que me tem causado a frieza que tens demonstrado ao meu amigo Plume. Sabeis como eu o prezo.

Melinda — Devo considerar isto uma repreensão? Estais criticando meu comportamento?

Worthy *fraco* — De maneira alguma. Estou apenas fazendo uma observação.

Melinda — O que tem acontecido convosco desde alguns dias? Antes de ontem não aparecestes. Onde estáveis? Ontem mandastes o criado buscar os romances que me emprestastes e que eu nem li ainda. Hoje...

Worthy — Hoje?

Melinda — Pareceis dominado por certas influências que não são as melhores. Comparecestes aqui hoje só para me ofender?

Worthy — Não tive nem a intenção de vos ofender, nem de me apresentar perante vós. Eu vim, devo confessá-lo, na esperança de encontrar outra pessoa.

Melinda — Oh!

Brazen entra.

Balance — Quem é este sujeito com a faixa, tão enfeitado assim? Nunca vi. Afinal, que tipo de regimento é esse?

Worthy — Vamos apostar que ele vos conhece? Ele é íntimo do mundo inteiro: capitão Brazen. Com as damas ele é um César. Veni, vidi, vinci... e basta. Ele falou com a criada e já, já, dormiu com a patroa.

Brazen *vem com as mãos estendidas até Worthy* — Senhor Worthy, vosso criado e asim por diante. Escutai, meu caro... *Ele lhe sussurra alguma coisa no ouvido.*

Worthy — Por favor, não sussurre nada no meu ouvido. Em sociedade...

Brazen — Mort de ma vie! Eu peço perdão às damas. Queira me apresentar, meu caro.

Worthy — Capitão Brazen, senhorita Moorhill.

Brazen — Moorhill! *Bate na testa.* Moorhill de Sussex ou Moorhill do País de Gales? Bela senhora, vosso criado e assim por diante. E quem é esse?

Worthy — Pergunte o senhor mesmo.

Brazen — Muito bem. Vosso nome, meu caro?

Balance — Muito lacônico, senhor.

Brazen — Lacônico! Ótimo nome, aliás. Lá do outro lado conheci Lacônicos fascinantes. Pobre Jack Lacônico. Morreu na batalha de Peshawar junto ao rio Ganges. Eu me lembro, ele trazia uma fita azul no chapéu neste dia infeliz; e no bolso não encontramos nada senão um pedacinho seco de língua de boi. Malaventura! Eu tenho uma boa razão para me lembrar exatamente desta data: neste dia morreram vinte e dois cavalos aos meus pés.

Balance — Mas então sois um cavaleiro muito habilidoso, senhor.

Brazen — Dilacerados por balas de canhão, todos, exceto seis, mortos pelos chevaux-de-frise inimigos.

Balance — Conheceis Plume, capitão Plume?

Brazen — Plume? Ele é parente de Dick Plume ligado à Companhia das Índias Orientais? Ele casou, em sua época, com a filha do velho Tongepad, diretor general da companhia de navegação Lord Raleigh. Ela era uma pessoa extraordinariamente bonita, só que um pouquinho vesga do olho esquerdo. Morreu no nascimento do primeiro filho. A criança sobreviveu. Uma menina. Agora, se ela tinha o nome de Margaret ou Margery, ah! meu caro, por minha honra, eu esqueci completamente.

Melinda — Sr. Worthy, teríeis a amabilidade de me acompanhar até minha casa. Está um pouco barulhento por aqui.

Worthy — De modo nenhum. Estas marchas são executadas primorosamente, senhor Balance.

Melinda — Eu vos pedi algo, senhor.

Worthy — Seria um prazer senhora, se eu não esperasse uma outra pessoa; como já vos disse.

Melinda — Ousaria em supor que há um cavalheiro, por aqui, que me levaria até em casa?

Brazen *pegando-a pela cintura* — Minha criança, eis minha mão, minha vida e assim por diante. Worthy, vosso criado. Lacônico, idem.
Brazen sai com Melinda.

Kite *atrás, na taberna* — Senhoras e senhores, viva o bom rei Jorge! Hurra, hurra, hurra!

Balance *ri* — Veni, vidi, vinci! Qual o problema, Worthy? *Vai para casa.*

Worthy — Plume!
Kite chega, vindo da taberna. O de ombros largos levanta seu copo vazio em frente à taberna.

Kite — Mike! Cerveja para o senhor. *Sai.*

Worthy — Plume! Ela se atirou nos braços de outro.

Plume — Homem, ela é sua.
Plume segue Balance em direção à casa. Worthy atrás, atônito.

Kite *novamente na taberna* — Viva o rei Jorge! Hurra! Hurra! Hurra!
Muda a iluminação. Da taberna escura ouve-se ainda: hurra! hurra! hurra! O palco está vazio e escuro. Pearmain e Appletree saem bêbados da taberna juntamente com Kite. À frente da taberna, o de ombros largos continua sentado.

Kite — Aí, boys! Esta é a vida de soldado: comer e beber. Nós vivemos, como se diz... nós vivemos... eu não sei... é... uma vida de lordes. *Para o de ombros largos* — Posso lhe perguntar se o senhor apreciou o gosto da cerveja do rei?

O de Ombros Largos — Enormemente, senhor.

Kite — O serviço ao rei teria um sabor ainda melhor.

O de Ombros Largos *esvazia seu pote de cerveja* — Faltaria capacidade, assim falou o pintassilgo, senhor. Aliás, muito obrigado pela acolhida. Eu fiquei sentado aqui o dia todo às vossas custas.
Ele levanta-se.

Kite — Mais uma palavra, senhor. Conheceis o Severn, mas conheceis o Mississipi?
O homem sai com dificuldade. Vê-se que ele tem uma perna de pau.

Kite — O que é isso? *Gritando para o homem* — Onde está sua perna?

O de Ombros Largos — Bunker Hill.

Appletree — Ele perdeu a perna.

Kite — Mas pelo rei. Tire o chapéu. Bom, ele perdeu a perna, mas o desgraçado do rebelde, lá do outro lado, perde também.

O de Ombros Largos — Mas por si mesmo! *Sai.*

Pearmain — Mas por si mesmo! *Ri.*

Kite *com os olhos fixos no homem de ombros largos* — Isso é caso para a polícia! Agora, escutem um pouco! Seus miseráveis! Já viram, por acaso, o retrato do rei?

Ambos — Não.

Kite — Isso muito me surpreende. Eu tenho dois aqui comigo, esculpidos em ouro. É o rei mesmo, escrito e escarrado. Que Deus abençoe este semblante! Aqui, todos dois feitos em ouro puro. *Ele retira duas moedas de ouro da bolsa e as mostra.*

Appletree — Um milagre da natureza! *Ele observa as moedas.*

Pearmain — Que bonito!

KITE — Eu dou a vocês de presente. Uma para cada um. *Dá uma moeda para cada.* E já, já, recebo algo de vocês em troca.

Eles põem o dinheiro no bolso e sorriem. Da casa do juiz de paz saem Plume e Worthy.

PLUME — Coragem, Worthy!

Worthy se despede e sai.

KITE — Sentido! Chapéu em baixo! Pelo amor de Deus! Tirem os chapéus! Este é o capitão de vocês, o capitão.

APPLETREE *rindo* — Ah, meu velho! Nós já vimos o capitão. Eu não vou tirar o chapéu.

PEARMAIN — Olha senhor, não há em toda Inglaterra um único capitão para o qual eu tire o meu chapéu; meu pai tem cinco acres de terra, senhor.

PLUME — Quem são esses rapazes tão divertidos, sargento?

KITE — São dois filhos de uns caseiros em Mickelsbury. Eu acabei de alistá-los, capitão, sob vosso comando, como voluntários.

PEARMAIN — Tommy? Você se alistou?

APPLETREE — Eu? Não, pelo amor de Deus. E você, Costar?

PEARMAIN — Que diabo, eu também não. *Eles riem.*

KITE — O quê? Não se alistaram? Ha, ha, ha! Muito engraçado, verdade, muito engraçado!

PEARMAIN — Vem, Tommy, vamos embora.

APPLETREE — É claro, vamos. *Tentando sair.*

KITE — Por favor senhores, tenham modos diante do capitão! Caro Tommy! Meu honrado Costar!

APPLETREE — Hum, hum, nós temos que ir.

KITE — Fiquem aqui, é uma ordem. Lei marcial! Eu ordeno ficarem aqui de sentinela por duas horas. E quem se atrever a abandonar o posto antes de ser liberado vai sentir a minha baioneta de sargento nas tripas. É isto!

PLUME — O que está acontecendo, sargento? O senhor não está sendo um pouco rude demais com esses dois senhores?

KITE — Muito suave, senhor, muito suave. O que os dois estão fazendo chama-se insubordinação, senhor; alguém devia fuzilar um deles, para servir de exemplo para o outro.

PEARMAIN — Fuzilar, Tommy?

PLUME — Meus senhores, qual é o problema?

PEARMAIN — Nós não sabemos; é do agrado do senhor sargento ficar nervoso, senhor. Mas...

KITE — Eles se recusaram a obedecer e negam que são soldados.

APPLETREE — Ora, sargento, não foi nossa intenção direta negar; a gente nem se atreve a tanto, com medo de ser fuzilado. Nós só queremos agora, com toda humildade, ir para casa de uma maneira bem gentil.

PLUME — Nada mais simples. Algum de vocês recebeu o adiantamento do rei?

PEARMAIN — Não, senhor.

KITE — Mostrem os bolsos.

PEARMAIN — Nada dentro, senhor, a não ser o retrato do rei. *Ele tira a moeda.*

KITE — Ah sim, uma peça de ouro, e que peça: vinte e três shillings e seis pences. O outro tem o ouro do rei no bolso esquerdo da calça.

PLUME — Meus senhores, estão alistados.

Kite vai até a barraca de recrutamento e pega o livro de alistamento.

APPLETREE — Costar, nós fomos recrutados.

PEARMAIN — Droga, não fomos não, Tommy! Eu quero ser conduzido à presença do juiz de paz, capitão. Isto foi um presente.

PLUME — Um presente? *Baixo para Kite* — Seus truques desgraçados! *Ele finge bater em Kite* — Isto eu não tolero! Escute aqui, seu canalha, filho da puta! Eu vou lhe ensinar a não enganar mais pessoas honestas! Patife! Assassino!

PEARMAIN — Isso é que é capitão!

PLUME *de volta para os dois* — Comportar-se tão sordidamente com homens como vocês. Eu venho até vocês como oficial que recruta soldados e não como ladrão de pessoas que rouba escravos.

APPLETREE — Você ouviu, Costar? Isso é tão doce.

PLUME — A verdade é, senhores, que eu poderia ter os dois em minhas mãos, pois o adiantamente do rei foi encontrado em seus bolsos; e o meu sargento está pronto para jurar que vocês se deixaram recrutar. Mas eu sou contra toda forma de violência. Sendo assim, considerem-se, os dois, meus senhores, totalmente livres.

PEARMAIN — Muito obrigado, capitão! O senhor é um homem decente.
Eles tentam sair.

PLUME — Meus jovens, eu preciso ainda lhes dizer uma coisinha. Vocês são rapazes de primeira linha e — acreditem ou não - o exército é o único lugar capaz de transformá-los em homens. O mundo é uma loteria, cada um tem seu bilhete. Vocês também têm um. Olhem aqui: pouco tempo atrás, eu carregava o mosquete e hoje eu comando uma companhia.

PEARMAIN — Com esse aí eu vou até o fim do mundo!

PLUME — Aqui, jovem herói, duas boas libras inglesas. É só uma amostra de tudo que eu ainda farei por vocês.

PEARMAIN — Passe para mim, senhor.

APPLETREE — Não pegue, Tommy, não pegue. *Ele chora e puxa o braço de Pearmain.*

PEARMAIN — Sim, sim! Diabo, não me segure, quando alguma coisa em mim está me dizendo que eu ainda vou ser capitão. Eu aceito vosso dinheiro, senhor.

PLUME — Perfeito! E agora marchemos os dois pelo mundo e, onde nossos pés pisarem, lá seremos os senhores.

PEARMAIN — Até o fim do mundo!

PLUME *baixo* — Se der, traga junto seu amigo.

PEARMAIN — Claro. Tommy, devemos mesmo nos separar?
Appletree luta consigo mesmo.

APPLETREE — Eu não posso te abandonar, Costar. Capitão, eu prefiro ir junto.

PLUME — Aqui, meu rapaz. *Ele dá dinheiro a Appletree.* Muito bem! E agora: seu nome?

APPLETREE — Thomas Appletree.

PLUME — E o seu?

PEARMAIN — Costar Pearmain.

PLUME — Kite, tome conta deles. *Vai para o hotel.*

KITE *faz sinal para que eles se aproximem* — Vejam só, um belo par. E com certeza o capitão já sussurou no ouvido de cada um que ele vai me botar para fora e um dos dois será o sargento. Quem quer minha baioneta de sargento?

OS DOIS RECRUTAS — Eu.

KITE — Aqui. Nas tripas! Marchem! Seus filhos da puta!
Sai empurrando os dois para o quartel.

5

PRAÇA DO MERCADO

Na banca de recrutamento estão Plume e Kite sentados e aborrecidos. Passa Workless, um desempregado.

KITE — Senhor, conheceis o Severn, mas conheceis o Mississipi?

WORKLESS — Não! *Sai.*

KITE — Nada, nada, nada!

VOZ DE ROSE — Olha o frango! Franguinho fresco de Picklewood! Quem quer comprar frango?

PLUME — Olhe quem vem lá.

KITE — E tem um roceiro forte ao lado dela.

PLUME — Nosso concerto ao ar livre esvaziou a caixa da companhia e angariou só dois recrutas. Os dois são do campo. Nós temos que olhar mais para esse pessoal do campo.

KITE — Vamos dar outro concerto ao ar livre no próximo domingo.

PLUME — Com nada na caixa!
Rose entra com seu irmão Bullock. Rose está carregando uma cesta com frangos.

PLUME — Por aqui, franguinha! Vem aqui, criança.

ROSE — Um frango, senhor?

KITE — Mostre tudo para o capitão.

PLUME — Senhor Kite. O senhor vai cuidar de suas cebolas.
Rose ri.

KITE *leva o Bullock até a barraca de recrutamento* — Conheceis o Severn, mas conheceis o Mississipi?

PLUME — Vem, minha criança, eu quero comprar tudo.

ROSE — Está tudo à venda, senhor. *Ri.*

PLUME — Deixe-me ver. Novo e macio, você disse? *Ele pega o seu queixo.* E como você se chama, bela criança?

ROSE — Rose, senhor. Meu pai é caseiro. Em dias de mercado estamos sempre aqui. Eu vendo os frangos, os ovos e a manteiga, o meu irmão Bullock, os grãos.

PLUME — Posso me servir, lindinha?

ROSE — Se tocar, tem que pagar, senhor.

BULLOCK — Rápido, Rose!

ROSE — Doze shillings e é tudo do senhor.

PLUME — Aqui está uma libra, minha bela.

ROSE — Não tenho troco, senhor.

PLUME — Ah! Tem! Tem o troco sim! O meu quartel fica só a dois passos daqui. Lá você devolve o troco, minha franguinha. E os admiradores, você tem muitos em Picklewood?

ROSE — Sim, seis admiradores e um noivo.

PLUME — E nenhum quer ser militar?

ROSE — Não.

PLUME — Nós ainda vamos conversar sobre isso, venha.
Plume e Rose vão para o hotel. Bullock olha a vitrine da barraca de recrutamento.

BULLOCK — Vocês precisam, por exemplo, de um tambor-mor?

KITE — Não, de granadeiros. Bullock olha novamente a vitrine.

BULLOCK — O que é isso?

KITE — Este é o harém do sultão de Okk.

BULLOCK — Este tal de Okk é na América?

KITE — Onde poderia ser?

BULLOCK — E para isso ganha-se um adiantamento?

KITE — Certo.

BULLOCK — Eu não vou agüentar a viagem de navio.

KITE — De onde você é?

BULLOCK — Picklewood.

KITE — Quem é de Picklewood agüenta.

BULLOCK *olha novamente a vitrine* — Em toda Picklewood não temos nem um armazém. Sargento, eu sou vosso homem.

KITE — É este o seu dinheiro. Nome?

Bullock — Bullock.

Kite — Você está alistado.

Bullock — Rose! Para onde ela foi? Rose! Rose!

Kite — Pára com tanto barulho! Ela deve ter saído com o capitão.

Bullock — Vá para o diabo, você e seus haréns! *Ele sai correndo.*

Kite — Você vai ver o tipo de harém que é.
Victoria entra disfarçada como jovem fidalgo.

Victoria — Eu preciso falar com o capitão Plume, imediatamente.

Kite — Ah, é?

Victoria — Onde está ele?
Kite não responde. Victoria dá-lhe dinheiro.

Kite — No Corvo. Mas não para conversar. Ele já volta.

Victoria — O capitão Plume está ocupado?

Kite — É. Pode-se dizer que sim. Ele morre de trabalhar.

Victoria — E o que toma o tempo dele, neste momento, posso saber?

Kite — Os camponeses, senhor, os camponeses. Nós dirigimos o nosso olhar agora para as pessoas do campo.

Victoria — Claro, a população do campo é um caso à parte. Quanto tempo, na sua opinião, ele ficará ocupado?

Kite — Uns bons quinze minutos.

Victoria — Eu posso esperar.
Brazen chega até a barraca de recrutamento.

Brazen — Sargento, onde está seu capitão? Eu preciso apertar-lhe a mão. Como era mesmo o nome dele?

Kite *enérgico* — Capitão Plume. Capitão.

Brazen *vendo Victoria* — Alto! Mostrai um pouco o rosto. *Victoria fica assustada.* Pois bem, o que dizeis deste rosto! Mort de ma vie! Mas este é o ... Como duas balas do mesmo cano de fuzil! É mesmo o Charles! Charles! *Ele abraça Victoria e a faz girar.*

Victoria — O que significa isso, senhor?

Brazen — O retrato perfeito de Charles! Até a voz! Só uma pequena variante no mi... sol sustenido... lá bemol.

Victoria — Meu nome é Wilful, senhor, Victor Wilful.

Brazen — Wilful de Kent ou Wilful de Devonshire?

Victoria — Os dois, senhor, os dois. Eu sou parente de todos os Wilfuls da Europa. No momento eu sou o chefe da casa dos Wilfuls.

Brazen — Encantado. *Para Kite* — E onde está o Frank?

Kite — Capitão Plume está ocupado...

Brazen — Perfeito. Ocupado e assim por diante... *Olha no relógio.* Eu sou um tratante. Vejo os senhores mais tarde! Wilful, vosso criado e assim por diante. *Sai.*

Victoria *limpa o suor da testa, com desânimo* — Meu nome é Wilful.

Kite — Certo, senhor.
Lady Prude chega com Bullock.

Prude — Sargento, onde está vosso capitão? Este rapaz, filho do meu caseiro, me disse que o capitão Plume raptou a irmã dele. O que o senhor sabe disto?

Kite — Nada, senhora.

Bullock — Mas ele estava junto. Ele me mostrava as gra... *Prude olha séria para ele.* As gravuras. E enquanto isto o capitão desaparecia com a bagagem.

Kite — Sentido! Por que você não cuida melhor da sua irmã?

Prude — Vocês são turcos? Onde está a menina?

Bullock — Ele mesmo me disse que ela saiu com o capitão.

Kite — Cale a boca!

PRUDE — E onde está o capitão? Pela alma de vossa mãe, sargento!

KITE — Minha senhora, por esta mesma alma que dizeis, eu não sei.

PRUDE — Turcos!

VICTORIA *para Kite* — Ocupado! Com os camponeses! *Sai atravessando a praça e entra no hotel.*

PRUDE — Quem é o moço? *Para Bullock* — Vá chamar o juiz de paz, Bullock. *Sai.*

KITE — Esperais em vão, minha senhora.

PRUDE *olhando as gravuras* — Schocking! O senhor é realmente um monstro.

KITE — Por quê?

PRUDE — Porque mente como Caifás. Mesmo se acredita fazer isso somente por seu capitão, ainda assim é uma mentira. Onde está ela?

KITE *repreendendo* — Senhora!
Gritos no hotel.

VOZ DA HOTELEIRA — Frango! Frango! Eu conheço muito bem esses frangos! Minha casa não é nenhum bordel! Fora!
Rose sai do hotel. Lady Prude vai até ela.

PRUDE — Rose!

ROSE — Oh! Mylady Prude! Eu vendi tudo! Dois shillings cada um! E, perdoai-me, Vossa Senhoria, quanto vale um metro desta renda? *Ela mostra rendas legítimas.*

PRUDE — Deus me proteja! Renda crioula! Rose, minha filha, como você conseguiu essas rendas?

ROSE — Mylady, eu consegui honestamente.

PRUDE — Eu duvido muito disso. O que você deu em troca? Olhe bem nos meus olhos!

ROSE — Por quê? Eu dei meu irmão para o sr. Kite; para ele ser recruta. E o meu noivo também, meu Cartwheel. E mais dois

ou três admiradores lá da aldeia. O capitão quis assim. A senhora não ia acreditar, Mylady, que ele me levou para o próprio quarto e que ele tirou da manga do uniforme uma fita e com as próprias mãos amarrou em mim como liga. Ele lamentou muito, como ele me disse, quando bateram na porta e era a hoteleira que precisava falar com ele urgente.

PRUDE — Turcos!
Balance chega com Bullock.

BALANCE — Lady Prude...

PRUDE — Mister Balance, sois o juiz de paz desta cidade, mas o que foi feito da paz desta cidade?

BALANCE — Por acaso fazeis alusão ao soldado que Shrewsbury tem a honra de acolher dentro de seus muros?

PRUDE — Que ele vá para o inferno!

BALANCE *bem claro* — Lady Prude, não podeis impedir às filhas deste país de demonstrar aos seus soldados a honra que lhes é devida.

PRUDE *secamente* — Eu gostaria que pensásseis em vossa própria filha ao proferir tal coisa, senhor Balance.

BALANCE *de igual modo* — Eu pensei nela, Lady Prude.

6

SALÃO DE BILHAR NO CORVO

Victoria espera Plume. Pouco depois, chega Plume.

VICTORIA — Eu espero não vos ter atrapalhado numa situação galante, capitão. A hoteleira parecia perplexa ao saber que vós não estáveis sozinho no quarto. Eu estou arrasado.

PLUME — O que vos traz até aqui, senhor...

VICTORIA — Wilful ... Eu tenho uma carta para vós. *Ela entrega a carta a Plume. Plume senta-se.* Podereis perguntar-me como esta carta veio parar nas minhas mãos. Bem, eu chegava de uma cavalgada extramuros, pela manhã, capitão, quando, de repente, uma carruagem, a todo galope, disparou em minha direção. Meu alazão recuou assustado, o cocheiro puxou as rédeas, os cavalos empinaram-se, saiu um grito de medo da carruagem; depois disso, o rebentar de uma roda que bateu contra a baliza; eu pulo do cavalo a fim de socorrer os passageiros. Compreendereis a minha alegre surpresa quando descobri, sobre a almofada, uma bela e jovem criatura totalmente ilesa que me olha pálida e tremendo. Enquanto o cocheiro trocava a roda, eu me entretia com a desconhecida e assim fiquei sabendo que ela era a filha do juiz de paz Balance, que por capricho havia mandado-a para o campo. Em seguida, confessou que por este motivo ela foi separada de seu amado, sobre quem ela ainda tinha muitas coisas a me dizer. Sentada naquela baliza, causadora de tão feliz encontro, ela escreveu umas palavras apressadamente. "Para o capitão Plume", foi só o que ela disse, depois subiu na carruagem e partiu. *Plume, que durante este discurso bebeu seu uísque, abre a carta e lê. Depois ele ri alto.*

VICTORIA — Por que o senhor está rindo?

PLUME — Lede vós mesmo, meu rapaz.

VICTORIA *lê* — "Bem-vindo à Inglaterra, nobre capitão Plume. Um jovem amigo irá revelar-vos a razão da minha partida. Que permaneçais desta vez para sempre em Shrewsbury — é o que deseja de todo coração vossa Victoria Balance." Capitão, sois um homem feliz.

PLUME — Magnífico! Só faltava eu desistir do meu penacho por causa dela.

VICTORIA *ri artificialmente* — A ingenuidade!

PLUME — É, é para chorar de rir. Um jogo? *Eles vão para a mesa de bilhar.*

VICTORIA — Por outro lado, capitão, os sentimentos desta jovem dama parecem ser de um gênero sério, e vossa profissão de oficial impede, naturalmente, um compromisso sério. E, pelo visto, não abriríeis mão de vosso cargo. Embora haja homens que aceitam, quando se têm razões suficientemente fortes para isso, desistir de tão bela profissão.

PLUME — Com certeza, com certeza.

VICTORIA — Há tais razões, capitão. E há, também, homens que, por estas ou aquelas razões, não poderiam jamais abraçar tal carreira. Provavelmente, a eles aconselharíeis que dessem um tiro na cabeça.

PLUME — Claro que não.

VICTORIA — Como assim não?

PLUME — Enfim, há outras profissões.

VICTORIA — Ah! Quais?

PLUME — Ora, um bocado.

VICTORIA — Claro, claro. Mas qual iríeis escolher? Juiz de paz?

PLUME — Juiz de paz? De jeito nenhum!

VICTORIA — Comerciante, talvez?

PLUME — Não exatamente.

VICTORIA *que tem os olhos cheios d'água* — Artista?

PLUME — Estais brincando, sr. Wilful?

VICTORIA — Então, nenhuma!

PLUME — As profissões civis têm muitas desvantagens, tem de se reconhecer.

VICTORIA — E a profissão de oficial, pelo contrário, nenhuma?

PLUME — Mas é claro que tem, tem sim.

VICTORIA — Quais? *Plume reflete em vão.* Um oficial não pode casar, é isto?

PLUME — Pelo menos não quando ele tem caráter. Mas naturalmente tem compensações.

VICTORIA — Ah!

PLUME — A propósito: quando vereis a senhorita Balance?

VICTORIA — Quereis dizer que um caso com a senhorita Balance seria uma compensação para vós que não podeis casar?

PLUME — Por que não?

VICTORIA — Naturalmente, por que não? *Victoria com raiva rasga o forro da mesa de bilhar com uma tacada.*

PLUME — O que há convosco, senhor Wilful?
Entra Mike, o criado da taberna.

MIKE — Ele acertou em cheio. *Ele vai até a mesa e verifica o estrago.*

VICTORIA — Ainda dá para remendar.

MIKE — Remendar! O senhor acabou com a mesa! Isto dá duas libras!

PLUME — Põe na conta.

MIKE — Como o senhor pretende pagar, se nem acabou de pagar a cerveja que bebeu domingo passado?

PLUME — Chega de histórias, Mike! Põe na conta.

MIKE — E o quarto, onde o senhor recebe suas damas? Também não pagou! Pôr na conta! Agora chega.

VICTORIA — Fedelho, é desse jeito que se fala aos heróis da Inglaterra? Toma, cinco libras! Pode cobrar também a cerveja do domingo passado e o quarto, para que o capitão possa receber suas damas. Fora!

MIKE — Uma mesa de bilhar novinha em folha. *Sai.*

PLUME — Meu jovem, espero que o senhor não tenha se excedido.

VICTORIA — Bagatela. A propósito, a senhorita Balance espera que o pequeno favor, que ela prestou a uma certa Molly do Hotel do Corvo, não seja encarado de vossa parte como uma coisa inconveniente.

PLUME — Muito pelo contrário. Eu admiro sua generosidade. Um gesto surpreendente de maturidade vindo de uma moça, que ainda é quase uma criança.

VICTORIA — Em todo caso, mãe e filho estão ricamente amparados.

PLUME — Ela não lhe deu dinheiro, eu espero?

VICTORIA — Por favor, não me pergunteis isto.

PLUME *chamando para fora* — Kite! *Para Victoria* — A mãe, caro Wilful, é mulher do meu sargento. A infeliz espalhou por aí que eu era o pai, esperando assim receber o apoio dos meus amigos. Ela conseguiu, pelo que vejo. *Chega Kite.* Senhor Kite, na cestinha que foi mandada para a Molly, ou melhor, senhora Kite, não tinha nenhum dinheiro, eu espero?

KITE — Tinha sim, capitão. Fiquei sabendo disto só hoje. Tinha dinheiro lá. Que mulherzinha gananciosa....

PLUME — Quanto?

KITE — Vinte libras. A velha Fastspittle foi logo comprando uma chapelaria. Palhaçada! O que eu vou fazer com uma chapelaria, o senhor pode me dizer?

VICTORIA — Ela deveria ter comprado uma loja de elmos, não é?

PLUME — Sr. Kite, pague isso o mais rápido possível para a senhorita Balance.

KITE — O quê, eu? Agora eu tenho que desembolsar também?

PLUME — Bem, você não pode. Eu vou pagar então suas dívidas. O interesse da senhorita Balance me deixou realmente muito admirado, mas dinheiro, não, com isto eu não posso concordar. Wilful, emprestai-me trinta libras.

VICTORIA — Com todo o prazer. *Ela pega a carteira e dá trinta libras para ele.*

PLUME — Eu já, já, vos dou uma promissória válida para três dias. Depois da inspeção teremos novamente dinheiro na caixa.

VICTORIA — Isto não é necessário.

Plume — Sim, é necessário. Com licença. *Sai.*

Victoria — Três dias? *Para Kite* — Em três dias, já é a partida, não é?

Kite — Três dias e avante, rumo ao Novo Mundo, senhor. Um pequeno tour pela América, não vos diz nada? Conheceis o Severn, mas conheceis o Mississipi? *Ele mostra algumas gravuras.* Boston, Filadélfia, Baltimore.

Victoria — Eu não creio, senhor Kite, que a região de Bunker Hill seja a mais indicada, no momento, para turistas.

Kite — Mas para soldados, sim.

Victoria — Quereis dizer que eu deveria entrar para o exército?

Kite — O senhor tem dinheiro como água. Compre uma patente de alferes.

Victoria — Onde?

Kite — Comigo.

Victoria — Quanto custa isso?

Kite — Vinte pequenas libras. Em média.

Victoria — Eu poderia arranjar, mas...

Kite — Vinte librazinhas e outro tanto para despesas extras e o senhor embarca junto.

Victoria — Eu confesso que a pequena conversa com vosso capitão me conveceu de que o ofício de soldado tem satisfações incríveis, prazeres mais profundos que os do amor.

Kite — Que os quais?

Victoria — Que os do amor.

Kite — Com certeza. Uniforme, bota, boldrié, penacho; tudo isto o senhor compra de mim com o melhor preço. Senão, vão passar a perna no senhor por aí. Digamos vinte e cinco libras, não, vinte e quatro libras, também não, vinte e cinco libras mesmo. *Já que Victoria, distraída, hesita* — Que é isso, medo? Vamos, isso é ridículo. Pode-se muito bem morrer em cima de uma cama. Bunker Hill custou para nós onze mil homens, é verdade, mas...

Mike *que estava ocupado arrancando o forro do bilhar estragado* — Onze mil? Será que eu ouvi onze mil, sargento?

Kite — O que você está cheirando aí, hein? Que foi que você ouviu?

Mike — Nada, sargento, por São Patrício.

Kite — Você ouviu quando eu falei de Bunker Hill. Do que se tratava?

Mike — De onze mil homens, sargento, isso foi tudo.

Kite — E o que eu disse que aconteceu com eles?

Mike *depois de um tempo* — Que eles caíram — *como Kite o ameaça* — sem piedade em cima dos inimigos.

Kite — Fora! Patife!
Mike sai assustado.

Kite — Eu faço uma conta redonda, alferes. Vinte e cinco libras com tudo incluído. Mas por este preço o senhor ficará sabendo o que é um homem.

Victoria — Eu gostaria muito, é claro.

Kite — Eu, por exemplo: nascido na sarjeta e criado no meio de uma ralé até completar dez anos. Foi lá que eu aprendi que o essencial na vida é encher a barriga. Claro que isso não é tudo, mas é o primeiro passo. Então, minha mãe Cleópatra me vendeu por três dinares a um nobre senhor encantado com a minha beleza. Foi lá que eu aprendi que se deve obedecer ao patrão de corpo e alma. Mas eu fui mandado embora por causa da minha queda pela delicada roupa de baixo do meu amo e pelo licor de ratafia da minha patroa. Depois disto, eu virei ajudante de polícia. Foi lá que eu aprendi a sacanear e a estender a mão. E depois de ter aprendido tudo isto, fui julgado bom para o serviço militar e entrei no exército, onde só me restou aprender a bebedeira e a putaria. E, é claro, o casamento.

Victoria — Como assim?

Kite — Casamento à moda do soldado, sem padre nem papel passado. Nossa honra é nossa espada. Nós a colocamos no chão. O jovem herói pula por cima, primeiro, e a mulher, depois. Pula o macho, pula a puta, um rufar de tambor e direto para a cama. É assim que se casa entre nós.

Victoria — E o capitão faz tudo isso também?

Kite — Como qualquer outro.

Victoria — Eu devo confessar que eu já tinha uma certa simpatia por vosso capitão, antes mesmo de ter ouvido isto. Ele teria, talvez, necessidade de um anjo da guarda ao seu lado no Novo Mundo, para cumprir serviço tão árduo. Eu sou um dos vossos, sargento Kite.

Eles apertam as mãos. Entra Plume.

Plume — Vossa promissória, Wilful.

Kite — Alferes, senhor. *Plume olha Victoria com espanto, deixando transparecer uma certa hesitação.* Está tudo combinado, capitão. O senhor Wilful deseja conhecer o Novo Mundo.

Victoria — O que o senhor acha disto, capitão Plume? Gostaria de me levar para o Novo Mundo?

Plume — Eu receio ter que recusar cavalheiros na minha companhia.

Victoria — Oh!

Kite — O alferes Wilful nos dá a honra de contribuir com cinco libras para o concerto de recrutamento no domingo, capitão.

Plume — Sabeis lutar esgrima?

Victoria — Sim.

Plume — Jogar whist?

Victoria — Um pouco.

Plume — E depois de meia garrafa do Porto, deveis ir parar embaixo da mesa, não é?

Victoria — Não.

Plume — Dez libras. Se não houvesse em vós um je-ne-sais-quoi que não me agrada... É só ter um bom comportamento, e vos tratarão bem. Aqui está a vossa promissória, Wilful, e fazei chegar às mãos de vossa bela conhecida este bilhete. *Ele dá uma carta para ela.*

Kite — Então ao todo seriam quarenta libras.

Victoria — Por enquanto, isto é o suficiente, senhor Kite. Trinta e cinco.

Plume — Vamos ao café da manhã, alferes.

Victoria *vacila* — Capitão Plume, eu preciso confessar ao senhor algo que, tomara, não o irrite. Esta moça do campo, de agora há pouco; ela, eu devo confessar, causou em mim uma certa impressão. O senhor está realmente interessado nela?

Plume — Ah, alferes, vamos nos pôr de acordo em tais assuntos. Eu daria qualquer mulher por um bom soldado. Nós conversaremos melhor sobre isso no café da manhã. *Saem ambos.*

Entrecena à frente da cortina.

Victoria *tendo, debaixo do braço, o uniforme* — Minhas senhoras e meus senhores, estão vendo a vossa Victoria diante de uma difícil decisão. Ela ingressou no exército para ficar perto do homem amado! Mas será realmente sua intenção partir para além-mar? Seja como for: não passar estes últimos dias na Inglaterra ao lado dele não é a minha escolha, por mais que isso possa contradizer à razão. Como diz a canção? *Ela canta* —

Momentos há em nossa vida
Que, súbito, se impõe a questão:
É nas paixões que encontro a saída
Ou saída não há senão na razão?
Mas o coração, este é só sentimento.

Não deixa à pobre razão, sequer, lugar.
As velas reconhecem o vento,
E o navio, por sua vez, o rumo a tomar.
Irmã, qual mesmo o teu feitio
Que permite tal submissão?
Por onde anda a vergonha, por onde, o brio?
Ah! Quando se ama, pergunta-se isto em vão.
A corça segue o cervo no relvado,
A leoa, o leão, no vale profundo.
Aquela que ama segue o amado
Até o fim do mundo.

7

PRAÇA DO MERCADO

Plume e Kite estão sentados na barraca de recrutamento. À frente, estão de pé Jenny Mason e a velha senhora Cobb.

SENHORA COBB — Sim, eu preciso buscar as coisas.

JENNY — Esta é a velha senhora Cobb. Parece que seu filho Bert morreu em Bunker Hill.

PLUME — Sim, sim.

KITE *tira, de um monte de coisas, um relógio* — O capitão trouxe isto com ele para a senhora, um relógio.

SENHORA COBB — Obrigada, assim mesmo.

JENNY — Isto foi um golpe para ela. Já que eu tenho o prazer de encontrar o senhor capitão, seria demais perguntar pelo meu marido Jimmy Mason?

KITE — Jimmy Mason. Ele já escolheu a fazenda que vai querer comprar depois. Ele está muito bem. Muito bem. Eu quero ser um traste, se isto não for verdade.

JENNY — Só perguntei porque já faz seis meses que eu não recebo nenhuma notícia dele.

KITE — Ah, maldito correio, sempre a mesma coisa, senhora Mason. Não, não. Ele está em plena forma. Boa noite.

SENHORA COBB *para Jenny* — O Bert tinha relógio?
As duas mulheres saem. Kite limpa o suor da testa.

PLUME — Que vão para o inferno!

KITE — Agora ela dá umas voltas por aí e deixa todo mundo de Shrewsbury louco.

PLUME — Quantos recrutas temos agora?

KITE — Nove, capitão.

PLUME — Isto nós já tínhamos há três dias atrás. Além deles, tem os dois de Picklewood que essa menina — como é que ela chama? — arrastou até aqui. Onze homens. É terrível. O que está acontecendo aqui?

KITE — O recrutamento já parou faz um bom tempo, capitão.

PLUME — Por quê?

KITE — Boatos sobre as perdas em Bunker Hill.
Entra o capitão Brazen.

BRAZEN — Finalmente! Velho jovem, como estão as coisas? Vosso nome, meu caro?

KITE — Este é o capitão Plume, capitão Brazen.

BRAZEN — Perfeito. Plume, eu queria justamente pedir ao senhor cinco libras emprestadas.

PLUME *ri e faz um gesto de quem se lamenta* — A mim? *Eles sentam-se.* Como tem andado o seu recrutamento, meu caro?

BRAZEN — Perdão?

PLUME — Quantos você já recrutou?

BRAZEN — Psiu!

PLUME — Como assim?

Brazen — Psiu! É a minha última palavra.

Plume — O que você tem aí nas mãos?

Brazen — São dois projetos de como me livrar de vinte mil libras.

Plume — É melhor fazer um de como consegui-las.

Brazen — Talvez seja difícil para você, meu caro, imaginar que um homem como eu queira se ver livre de vinte mil libras. Ora, no exército eu gasto, por dia, vinte vezes mais. Agora dê-me um conselho, por favor. Eu estou com a idéia de construir. Mas o quê? Um navio pirata ou um teatro?

Plume — Pergunta estranha, um navio pirata ou um teatro. Isto exige reflexão... Brazen, eu sou pelo navio pirata.

Brazen — Eu não sou da sua opinião, meu caro. Aliás, um navio pirata pode ser muito mal construído.

Plume — Um teatro também.

Brazen — Mas um navio pirata pode ser mal equipado.

Plume — Um teatro também.

Brazen — E um navio pirata pode afundar com tambores e trombetas.

Plume — E um teatro também, sem dúvida. Portanto, meu conselho é: fique com o navio pirata.

Brazen — Excelente! Mas como, se as vinte mil libras não estão disponíveis?

Plume — E onde você vai arranjar as vinte mil libras?

Brazen — Um mistério, meu caro. Uma dama que eu descobri recentemente. Antes de tudo, eu reagi da maneira mais prudente possível. Mas eu acho que ainda me caso com ela. Um golpe de vinte mil libras... Domingo nós temos um encontro, a meia milha fora da cidade, para um passeio junto ao rio e assim por diante. Eu preciso ir agora... Motus, meu caro. *Prestes a sair, retorna uma vez mais.* Doze shillings.

Plume faz, de novo, o gesto de quem se lamenta. Brazen sai.

Kite — Nós também estamos no fundo do poço, senhor.

Plume — Mesmo?

Kite — Nós não temos nenhuma companhia. Ainda temos as dez libras do alferes para o domingo, mas nenhuma idéia. Estou achando que, hoje à noite, vou ser obrigado a usar aquela minha velha receita: tirar as botas, trancar a porta, seis canecos de cerveja, dos grandes e, enquanto isso, vai-se mastigando um pãozinho. O senhor sabia que em Bengala esta receita caseira me deu uma grande idéia, depois de passar três semanas inteirinhas tentando convencer a criada da mulher do coronel a se entregar de vez?

Plume — Que idéia?

Kite — A de me contentar com a mulher do coronel mesmo. Meu senhor, eu vou mostrar, às margens do Severn também, do que eu sou capaz. O senhor pode considerar sua companhia completa.

Plume — Kite, o que você acha dessa escritora de cartas, a pequena Balance? Você diz que é isso mesmo que se coloca no papel, mas, calma lá, antes de ganhar um beijo na testa, ela já exige sino, grinalda e papel passado. Não faz o nosso gênero, hein? Eu mal consigo me lembrar dela; ah, vá para o diabo. Parece um pouco com o nosso alferes, não? A Balance tem irmão? *Kite levanta os ombros, irritado.* Esta Shrewsbury está desesperadora este ano. Eu preciso fazer o Wilful compreender, apesar de sua gorda carteira, que eu não estou acostumado a desistir de uma mulher sem nada em troca. Ele precisa apenas trazer a pequena Balance até aqui e basta. Eu que não vou, por causa dele, virar um monge. Meu Deus, como esta Shrewsbury é chata!

Kite — O senhor vai até o Severn domingo, capitão?

Plume — Ao concerto? Acho que sim. Mas se eu vou ter tempo para você ou não, eu não sei.

Kite — O senhor seria indispensável. O inspetor de Londres pode chegar a qualquer momento.

Entra Victoria com o uniforme do exército real.

Victoria — Alferes Wilful apresentando-se ao serviço.

Plume — Por falar em serviço, o que fizestes da pequena de Picklewood, Wilful? Essa Rose?

Victoria — Eu marquei um encontro com ela, senhor.

Plume — Onde?

Victoria — Junto ao Severn.

Plume — Quando?

Victoria — Domingo. À tarde.

Plume — À tarde! Vão dar de comer aos cisnes? Pegar na mãozinha dela? Bem, esse é um assunto seu, pelo que vejo, mas se eu perceber que lhe falta seriedade neste tipo de coisa, o senhor não valerá mais nada para mim. Atendendo a um pedido seu, eu lhe dou um presunto e o senhor o coloca no armário! A propósito, eu pensei que o senhor teria tato suficiente para pagar este favor na mesma moeda. Que acontece com esta Balance? *Victoria tira apressada uma carta do bolso de trás.*

Plume *furioso* — Chega de cartas! Quero algo concreto! Não daqui a uma semana, mas amanhã, domingo. Entendido?

Victoria — Sim, capitão.

Plume — Vá-se embora!
Victoria faz continência.

8

JUNTO AO RIO SEVERN

Plume espera sentado em um banco. De longe ouve-se música militar.

Kite *vestindo um disfarce atrás de um arbusto, para Plume* — O senhor vai levar um choque! Esta é, talvez, a idéia mais genial que eu já tive. Eu quero me chamar Miller se, hoje à noite, Shrewsbury não cair de joelhos aos meus pés. *Sai dos arbustos, entra como uma florista e apresenta-se ao capitão* — O que achou, capitão?

Plume — Simplesmente horrível.

Kite *ofendido, sai saltitando* — Olhem o lilás! Lilás florido!
Entra Victoria com o uniforme de alferes.

Plume — Sozinho!?

Victoria — Capitão Plume, como vos explicar isto? Ontem ela queria vir de qualquer jeito, hoje, de repente, ela não podia mais se decidir. O senhor está muito decepcionado?

Plume — Nada mais me decepciona em Shrewsbury.

Victoria — Ela não é como Shrewsbury.

Plume — E por que ela não veio?

Victoria — Talvez porque tenha medo de si mesma. Afinal de contas, é uma mulher de temperamento.

Plume — Ela pode muito bem controlar este temperamento.

Victoria — Isto é injusto.

Plume — Perdão?

Victoria — Talvez se o senhor lhe desse um pouco de tempo...

Plume — Wilful, o soldado vive a galope. Ele é obrigado a comer de pé. Aliás, alguns pratos nunca estão no cardápio. Isto é: um pão com manteiga e já para o cavalo. O senhor já convocou essa — como ela se chama? — Rose? Eu lhe ordeno que diga para ela me encontrar hoje à noite no Corvo. E sempre dois passos afastado de mim, entendido, alferes?

Victoria — Sim, capitão. *Furiosa* — Que o senhor, então, não escreva mais estas cartas.

Plume — O senhor, então, parece estar lendo cartas que lhe são confiadas por seus superiores?

Victoria — Não, mas eu observo, quando são lidas, se elas são ditadas por um sentimento verdadeiro ou se são falsas.

Plume — Nada de considerações sobre a minha técnica, por favor, alferes.

Victoria — O senhor não tem coração, e eu não quero compartilhar isto.

Retira-se para o lado. Entra Worthy.

Worthy — Perdido! Irrevogavelmente perdido! Plume, vossos estratagemas me levaram à ruína. Malditas estratégias! O Brazen e ela vão se encontrar aqui, às margens do rio, e depois vão remando até aquela ilhazinha famosa!

Plume — Quem vos disse isto?

Worthy — A criada.

Plume — Então o senhor foi novamente até lá! Apesar do meu aviso. Deram com a porta em sua cara?

Worthy — Não, infelizmente não. A criada veio correndo ao meu encontro.

Plume — Então ela foi mandada. Alguém está querendo incitar vosso ciúme. E aí, quereis desistir de tudo? Worthy, entregando-se agora, estará tudo perdido. É preciso deixar a Melinda atolar-se nestas intrigas de puro desespero. Ela se encontra com o Brazen só por vossa causa. Eu reconheço, deve ser desagradável para o senhor, ver os dois desaparecerem no bosque.

Worthy — Desagradável! É insuportável!

Plume — Ora, vamos! Insuportável! Sacrifica-se uma cidade para conquistar um país. Aceita-se uma derrota para assegurar a vitória final. Worthy, correis perigo de perder a chance de vossa vida por covardia.

Worthy — Quê? Eu tenho que ficar de braços cruzados, quando a mulher que eu amo está com um sujeito daquela espécie...

Plume — Exatamente. Com o maior sangue frio. Assim dais a ela a ocasião de constatar a insignificância de vosso rival.

Worthy — Não, não neste caso.

Plume — E por que não?

Worthy — Está além das minhas forças, Plume.

Plume — De maneira alguma. Vinde comigo para minha casa, bebei um grogue com bastante rum. Eu vos acompanho... Não adianta arregalar os olhos assim. Nunca estivestes tão perto da vitória final. *Para Victoria, que ainda estava por ali* — O que está esperando ainda?

Victoria — Palavra, capitão, eu não vos compreendo. Victoria não seria mais digna do senhor do que estas Mollys, Roses, ou seja lá que nomes elas tenham, que se encontram em todos os hotéis da Inglaterra e do Novo Mundo?

Plume — Sim. Mas ela não está aqui. A Rose, pelo contrário, estará. O senhor está encarregado disso. *Sai com Worthy.*

Victoria — Nunca, nunca, nunca. *Sai.*

Mike e Lucy com uma cestinha de piquenique. Lucy faz uma pequena reverência ao Worthy.

Mike — Por que você olhou toda encantada para o bico do sapato?

Lucy — Ele me deu uma libra.

Mike — Deu uma libra?

Lucy — Eu fui simpática com ele, e aí ele me deu uma libra.

Mike — Que aconteceu?

Lucy — A senhorita Moorhill me mandou até o senhor Worthy, e eu devia falar para ele que ela tinha um encontro com um ardente capitão às margens do Severn. E se não ocorresse nenhum contratempo, algo terrível ia suceder. O senhor Worthy ficou pálido de horror e me deu uma libra.

Mike — Ela tem realmente alguma coisa com este capitão?

Lucy — Pois sim! Ela quer deixar o sapateiro com ciúmes.

Eles vão até a água. Mike vê, ao longe, o cisne Felix.

Mike *mostra* — O Felix.

Lucy — Bliubliubliu. Só mais dez mensagens assim e teremos nossa travessia juntos. E "Rumo à América!".

MIKE — Mas não como eles querem a gente lá, eu como granadeiro e você como, você já sabe o quê, mas sim como hoteleiros.

O cisne aproxima-se nadando, e eles lhe dão comida.

LUCY — Eu vou escrever ainda hoje, à noite, para tia Emmy que mora em Nova York.

MIKE — Pra quê? A gente vai para Boston. Não para este lugar abandonado.

LUCY — Lugar abandonado! Nova York é uma das menores cidades, é verdade, mas tem futuro.

MIKE — Muito pequena demais para mais um hotel. Psiu!

Entram Appletree de uniforme, sua namorada Maggie, o jovem ferreiro William e sua namorada Sally.

MAGGIE — Vamos nos sentar aqui. Lá já tem alguém.

SALLY — Oh, e ali está o cisne. Eu tenho pãozinho para ele. Você concorda, Tommy?

WILLIAM — Mesmo se não concordasse.

SALLY — Ele come na mão.

MIKE *furioso* — É mesmo. *Sai com Lucy. Os camponeses olham espantados para eles.*

WILLIAM *para Sally* — Você olha tanto para ele só por causa do uniforme?

APPLETREE — Eu preferia muito bem estar livre dele novamente.

MAGGIE — O William vai ficar em Mickelsbury. Você come ovo ou linguiça, William?

APPLETREE — Ovo. *Ele pega para si.*

MAGGIE — William!

APPLETREE — Os casaquinhos de pele e as botininhas que eu vou trazer pra você de lá; disto você não fala.

MAGGIE — Quem vai, a gente sabe; quem volta, a gente não sabe.

Música.

SALLY — Estão tocando "Quando eu me separar de ti". Tommy, cante com a gente.

APPLETREE *canta com a música* —

Quando eu me separar de ti,
Por cavalos e homens cheios de si
O navio da rainha já espera no cais.
Vamos, arranja um outro, Minnie
Que a partida já se define.
Ah! O amor, o amor não existe mais.

MAGGIE *canta* —

E somos dois, três mil
E com soldado e rato e civil
O grande navio da rainha espeta o mar.
Mas de uma coisa, Jimmy, fique sabendo.
Por saudades de ti irei morrendo
Mesmo se um dia eu com outro andar.

Entra Kite como florista.

KITE — Sabugueiro, senhores, miosótis, um raminho de violetas para o tesouro, antes d'ele partir para a América. *Para Sally* — Pela sua alegria, ele deve ter a natureza de um guerreiro. Eu pus sete no mundo; estão todos no exército, como tem de ser.

MAGGIE — Este aqui não vai, é ferreiro.

KITE — Ora essa! *Para William* — Me dê sua mão. Ferreiro. Um homem violento por profissão. Você nasceu sob o signo de Bíceps.

MAGGIE — Bíceps, o que é isso?

KITE — Um dos signos do zodíaco. Tem Leão, Sagitário, Bíceps, Bigorna, Boston, Massachusetts, Kentucky, Filadélfia, Caxumba, e assim vai, doze ao todo. ... Um momentinho. Você já fabricou bombas ou balas de canhão?

WILLIAM — Eu não.

KITE — Ou você já fabricou, ou vai fabricar. É uma coisa cientificamente certa. Está escrito também nas estrelas. Oh! Seu futuro é excepcional! Exatamente em dois anos, três meses e duas horas, você será promovido a capitão.

SALLY — Capitão!
Os camponeses ouvem, em parte atenciosos, em parte céticos.

KITE — Na grande tropa de artilharia. Você receberá dois ordenanças e dez shillings por dia. Assim está escrito nas estrelas, nas estrelas fixas.

WILLIAM — E o que está escrito aí sobre minha forja?

KITE — O que é isto?

WILLIAM — O que vai ser da minha forja?

KITE — Onde iriam parar as estrelas fixas, se elas fossem se ocupar com cada forja nojenta dessas aldeias?

WILLIAM — Então eu cago nas suas estrelas fixas.

KITE — Ah! Você vai pagar por isso, mas não aqui. *À parte, saindo* — Eu desisto de ser recrutador, se eu não lhe...
Victoria entra.

KITE *faz continência* — O trompetista se recusa a tocar o solo dele, ele exige dez libras a mais. Um canalha.
Victoria paga.

SALLY — Ela é muito esquisita.

WILLIAM — Agora ela fez a continência também.
Kite sai, Victoria vai até uma canoa.

APPLETREE *faz intenção de sair* — Venham.
Os camponeses saem. Victoria sentou-se na beira da canoa.

MAGGIE — Mas eu ainda tenho uma coisinha para o Felix! *Ela junta suas coisas e corre atrás dos outros. Victoria fica sentada por um momento. Então, ouve-se a voz de Rose.*

VOZ DE ROSE — Frango! Frango fresco de Picklewood.

VICTORIA *levanta-se com um pulo* — Diabo, lá vêm os frangos.
Do bosque saem Rose e seu irmão Bullock, que já está metido num uniforme também.

ROSE *para Bullock* — Quem é aquele oficial ali do outro lado?

BULLOCK — Aquele é o nosso alferes.

ROSE — Vá e pergunte a ele onde está o capitão.

VICTORIA — Hora de combate; Victoria, você também usa calças.
Bullock aproxima-se dela.

BULLOCK — Onde está o capitão, senhor?

VICTORIA — Sentido! Você ainda não sabe que se faz continência perante um oficial? Meia-volta! Direita! Avante! Girar o pé! Perna estendida! Meia-volta! Marche!... Marche! Deitado! De pé! Deitado! De pé! Deitado! Como se reconhece um alferes?

BULLOCK *deitado* — Pelo uniforme e pelas maneiras, senhor.

VICTORIA — De pé!... Agora, seu bosta, você sabe a diferença entre carruagem a cavalo e um cavalo de carruagem?

BULLOCK — Sim, senhor.

VICTORIA — Bem, e aquela outra. Quem é ela?

BULLOCK — Minha irmã Rose, senhor. Ela precisa ir até o capitão.

VICTORIA — Criança, venha até aqui me dar um beijo, depressa!

ROSE — Mas eu não conheço o senhor, oficial.

VICTORIA — O que isso tem a ver? Nós soldados temos de comer em pé.
Rose recebe um beijo.

VICTORIA — Rose, eu sou o alferes do capitão Plume e tenho ordens para cuidar de você; hoje ele tem um impedimento.

ROSE — Mas eu precisava encontrar o capitão pessoalmente.

VICTORIA — Para quê? Em troca, você se encontra comigo.

ROSE — Ele queria me dar uma coisa, senhor.

Victoria — Eu dou isso para você.

Rose — Por favor, o senhor diz a ele que eu venho hoje à noite.

Victoria — Onde?

Rose — No Corvo.

Victoria — No Corvo, é o que você quer? À noite? Como é que você pode se rebaixar assim?

Rose — Ele recebe o que quiser de mim e eu recebo o que quiser dele.

Bullock — Com todo o respeito, senhor. Preste atenção ao que você está falando. Não vá desonrar sua família.

Rose — Naturalmente eu faço isto pelo Charles também.

Victoria — Pelo Charles?

Bullock — Charles Cartwheel, é o noivo dela.

Rose — Ele será tambor-mor.

Victoria — E ele não tem nada contra você ir encontrar o capitão?

Rose — Por que isso? "Se o capitão é tão bom para você", diz o Charles, "então ele será bom para mim também quando eu for soldado". O que eu faço, eu faço pela aldeia e pelo Charles.

Victoria *leva Rose para o lado* — Escute, minha criança, hoje à noite o capitão não vai até o Corvo, definitivamente.

Rose *teimosa* — Então vou esperar no salão.

Victoria — No salão você não vai esperar de forma alguma. Você espera no meu quarto. Eu não sou um belo homem? Vamos, um beijo, rápido!

Rose — Às ordens. *Ela o beija, depois para Bullock* — Já que o alferes exige...

Victoria — Aqui, criança, uma libra pelo seu frango. E agora nós vamos dançar. E você, rapaz, traga os frangos.

Victoria leva Rose. Bullock atrás. Entra Melinda.

Melinda *olhando ao seu redor* — Deus me proteja! Um passo muito ousado. E se alguém ficar sabendo, vai ser motivo suficiente para esta cidadezinha condenar minha conduta. Worthy, o que eu não faria para conquistá-lo! Worthy!

Brazen entra.

Brazen *vê Melinda e olha o relógio* — Pontual como o toque de recolher! Senhora, vosso mais devoto criado e assim por diante. Belo riozinho, o velho Severn. — Gostais de pescar, senhora?

Melinda — Um passatempo bonito e melancólico.

Brazen — Eu vou buscar os caniços imediatamente.

Melinda *à parte* — E se Worthy não vier mesmo?

Brazen — Deveis saber, minha senhora, que eu lutei em Flandres contra os franceses, na Hungria contra os turcos e em Tânger contra os mouros e nunca estive tão apaixonado como agora; podeis abrir minha barriga ao meio, senhora, jamais, em todas as campanhas, deparei com uma mulher tão maravilhosa como vós.

Melinda — E de todos os homens que conheci, nenhum me fez elogios tão maravilhosos como estes, meu senhor. Deve-se reconhecer que sois vós, soldados, os homens mais elevados do mundo.

Brazen — Alguns, senhora, nem todos! Tem uns estúpidos também entre nós soldados, estúpidos infelizes, sim, senhora. Eu, por outro lado, sempre tive a sorte de agradar. Já me fizeram ofertas consideráveis, senhora. Eu poderia, por exemplo, ter casado com uma princesa alemã que valia, em geral, as suas cinqüenta mil libras por ano. Mas tinha uma sala de banho repugnante. Vamos dar uma volta no bosque? *Melinda recusa.* A filha de um paxá turco apaixonou-se, também, por mim, na época em que eu fiquei prisioneiro dos infiéis. Ela me propôs roubar o tesouro do pai e fugir comigo. Mas, eu não sei por que, ainda não era o momento certo. Na forca e no casamento é o destino que nos põe a corda no pescoço, sabeis muito bem disto.

E o destino me conservou para que eu caísse no laço de uma das damas mais sedutoras de Shrewsbury. E, além disso, pelo que se diz, uma das mais ricas. Que diríeis vós de um passeio por este bosque tão requintado, minha ninfa? *Melinda tenta fugir, ele a persegue e a arrasta até o bosque. O cisne aproxima-se novamente, nadando, ao passo que entram Lucy e Mike.*

Lucy — A única coisa que vai me fazer falta lá do outro lado é o Felix.

Mike — Ele também vai sentir nossa falta domingo à tarde. *Ele retira uma folha do bolso.*

Lucy — O que é isso?

Mike — Veio do Novo Mundo. Eu consegui com um cocheiro que pegou de um marinheiro de Liverpool. Preste atenção! Vá, Felix! "Abaixo o rei, abaixo o bispo, abaixo os lordes! No Novo Mundo não precisamos de reis, nem de lordes que engordam com nosso suor. Nós, nos Estados da América, não queremos mais ser colônia da Inglaterra. Assinado: Franklin."

Lucy — Mike, desde quando você sabe ler? *Pega a folha.*

Mike — Ah, o Fred me mostrou ontem como é que se faz.

Lucy — Aqui está escrito uma coisa bem diferente.

Mike — Ah, é? O quê?

Lucy — "Declaração de Independência."

Mike — Bom também. Leia.

Lucy — "Que todos os homens nascem iguais, e que os seus...", esta palavra eu não consigo ler "...são dotados de certos direitos: vida, liberdade e o direito à felicidade..."

Mike — É para lá que nós vamos!

Lucy *anuncia uma pequena cena* — "O Hotel do Cisne" pertencente ao senhor e à senhora Mike W. Laughton. *Ela representa* — Não aceite mais hóspedes, Mike W. Laughton, quando eu tenho apenas dois lombos no espeto.

Mike — Bem, então eu vou botar porta afora o prefeito da Filadélfia, senhora Mike W. Laughton. Mas, primeiro, uma pequena dança na cozinha; afinal de contas, pagamos os músicos. *Eles dançam.*

Lucy — Tranque as portas do hotel, Mike W. Laughton. Os Jaquetas Vermelhas estão chegando.

Mike — Encha o fuzil de balas, mulher! Estes ingleses desgraçados! Bum — bum! Os fuzis estão mal lubrificados, senhora Mike W. Laughton.

Lucy — O meu melhor óleo de salada!

Mike — Bum! Em cheio! *Ele deita estirado sobre o chão. Entram os camponeses seguidos por Kite disfarçado de padre.*

Os Camponeses *vão até o cisne* — Bliubliubliu.

Kite *que foi atrás deles* — Bliubliubliu. *O cisne sai nadando depressa.*

Kite *pregando* — Irmãos e irmãs no Senhor! O acaso da visita a um doente me fez passar junto ao vosso querido Severn neste belo domingo. E sinto que eu talvez teria uma pequena palavra a vos dizer. O que, eu me pergunto, vocês gostariam de saber, queridos irmãos e irmãs da aldeia, sobre a vasta operação de recrutamento lançada nestas últimas semanas, tanto na cidade como no campo, para encorpar o exército do bom rei Jorge? Nestas semanas, quando estão em jogo a fama e o bom nome da Inglaterra perante o mundo. Meus caros, o olho de Deus repousa sobre nós nestas semanas. Deus, assim está no Deuteronômio, livro 2, capítulo 27, versículo 14: "Deus vê as formigas pretas sobre a rocha preta na noite preta." Alguma pergunta que vos incomoda, meus prezados irmãos? Fale, meu filho.

William — Não é verdade, reverendo, que também na pátria é possível mostrar toda a valentia?

Kite — Eis uma pergunta muito inteligente, uma pergunta que vale a pena responder. Meus prezados, chegou aos ouvidos da igreja que esse ou aquele dentre vós tem pavor de defender a liberdade da Inglaterra na América, por fraqueza e temor da carne. Isto é um absurdo! Carne é pó e ao pó retornará, mas a Inglaterra é a Inglaterra e será sempre a Inglaterra. Até mesmo nesta América sem Deus, oh!, vocês, luzes de Micklesbury.

MIKE — Mas não é verdade, reverendo, que as pessoas do outro lado são pessoas também?

KITE *trovejando* — E o que você fez com a geografologia, seu meleca? E com o nosso mandamento de Moisés, hein, seu monte de bosta? Não está lá escrito: "Não cobiceis a mulher do próximo, nem cobiceis a casa do próximo", sim ou não? E, por acaso, não pertence a América ao rei Jorge da Inglaterra desde que Deus a criou? E agora é o que estes americanos cobiçam. Que vão todos para o inferno, peço perdão às moças!

MIKE — Mas não é verdade, reverendo, que na América não tem lordes nem reis?

KITE — Quem te enfiou isto na cabeça, seu ladrão de uísque? Existem na América quarenta e quatro mil e trezentos e dois lordes, pelo último recenseamento, e não menos que sete reis, e nenhum presta.

APPLETREE — É verdade.

MIKE — Não é verdade, reverendo, que o senhor não é nem nunca foi um reverendo, mas sim o senhor Kite, filho da cigana Cleópatra, um marginal e sargento vitalício?

Maggie põe-se a gritar, os Camponeses olham Kite.

KITE — É tempo perdido falar com vocês. *Para Appletree, que faz continência* — Os desertores são fuzilados, de acordo com a lei marcial.

Kite sai sob risadas.

WILLIAM — Mais essa agora!

SALLY *levanta-se* — Quem vem comigo até o bosque? Eu sei onde tem framboesas.

Appletree a segue perturbado.

MAGGIE *chorando* — Você me leva pra casa, William?

William leva Maggie para o bosque também. Do bosque sai Melinda. Atrás dela Brazen, tocando a flauta de Pã.

MELINDA — Oh Worthy, meu Worthy, venha me livrar deste louco.

BRAZEN — Como vedes, senhora, o serviço do Rei manteve-me com o vigor de outrora e capaz de satisfazer com todas as forças do meu corpo e da minha alma à bela mais impetuosa da Inglaterra. Mas, em segredo, vos digo, minha senhora: tendes perante vós um guerreiro que deseja ansiosamente repousar sobre um colo amado a cabeça coberta de louros. E esta é a razão pela qual hoje vos é oferecida a chance de aceitar a minha mão.

Entra Pearmain de uniforme.

PEARMAIN — Alarme, capitão!

BRAZEN — Quê, em pleno domingo?

PEARMAIN — Sim, capitão. Inspeção de Londres, meu capitão.

BRAZEN — Eu estou ocupado!

PEARMAIN — Sim, capitão. *Sai.*

BRAZEN — Melinda!

MELINDA — Capitão Brazen, como poderia aceitar vossa encantadora proposta? Entregar-me a um homem que o rei pode me tirar a qualquer momento? Eu jurei para mim mesma, isto não; e mantenho o juramento. Não me casarei com um soldado, seja qual for.

BRAZEN — Seja qual for?

MELINDA — Isto, capitão. Este uniforme nos separa para sempre.

Worthy entra precipitadamente com pistolas.

MELINDA *radiante* — Worthy!

WORTHY — Mulher leviana! Seduzida pelo charme efêmero de uma mosca colorida! Que não tem a mínima vergonha de... Aqui, senhor, escolhei! *Ele apresenta as pistolas a Brazen.*

BRAZEN — Pistolas? Além disso devem estar carregadas?

WORTHY — Cada uma com carga mortal.

MELINDA — O que vos interessa aqui, senhor Worthy? Não sabia que meus atos chamavam vossa atenção, por menor que fosse.

Batem o tambor como sinal de alarme.

BRAZEN — Escute, alarme. Além disso, eu sou oficial da infantaria, não gosto de pistolas.

WORTHY — Eu estou aqui pela honra de Shrewsbury, que não fica assistindo de braços cruzados como suas mulheres se jogam no pescoço de homens que amanhã vão estar em alto mar, longe daqui.

BRAZEN — Fogo e enxofre! Eu já senti o gosto da fumaça que sai da boca dos canhões de bronze, senhor. *Ele pega uma pistola e toma posição para um duelo.*

MELINDA *para Worthy* — Monstro! *Ela soluça* — É disso então que me julgais capaz? É o suficiente para nos separar para sempre. *Ela sai correndo.*

WORTHY — Isto, corra mesmo! Deixe-me morrer sozinho. *Ele toma posição e conta os passos.* Um, dois, três...

BRAZEN — Alto! Onde está a dama?

WORTHY *melancólico* — Foi embora.

BRAZEN — Então por que estamos brigando ainda? Abracemo-nos, meu caro, a vida é muito curta. *Larga a pistola e vai para o banco. Worthy senta-se ao seu lado.*

WORTHY — Recuais! Um homem que usa o traje dos soldados do rei.

BRAZEN — Ah, vamos, Worthy! O hábito não faz o monge.

WORTHY — É isto o que tem a dizer? O senhor, que deve os seus êxitos suspeitos apenas a este hábito!

BRAZEN — Pelo contrário. Alguém me abriu os olhos. Este hábito me prejudica. Com licença, meu caro. *Sai.*

Kite expulsa todos os soldados do bosque. As moças querem retê-los e os chamam pelos nomes, implorando.

KITE — Inspeção de Londres! Todos os que usam o uniforme real voltem para a cidade! Marchem, seus filhos da puta! *Para as jovens* — Civil pode ficar aqui. *Para Sally, que está soluçando e agarrada em Appletree* — Deixe de choradeira.

UMA JOVEM *chamando o tamborileiro* — Jonathan!

WORTHY *sentado no banco* — Bandidos!

9

NA CASA DO JUIZ DE PAZ BALANCE

Mesma noite. Balance lê horrorizado uma carta, Simpkins segura uma vela.

SIMPKINS — Notícia desagradável, senhor?

BALANCE — Terrível.

SIMPKINS — Eu sinto muito, senhor.

BALANCE — A noite cai sobre o império da Inglaterra. *Entra Worthy.* Worthy, como está a inspeção?

WORTHY *levanta os ombros* — Eu temo que aquele tanto de recrutas alinhados na praça do mercado não vai esvaziar a minha sapataria. Não é suficiente ter botas para a tropa, é necessário também ter tropa para as botas. Lá vem o Plume.

BALANCE — Seria péssimo. E então, Plume? Eu espero de todo coração que o inspetor tenha encontrado vossa companhia completa.

PLUME — O senhor inspetor militar de Londres encontrou no quartel onze recrutas ao todo.

BALANCE — Horrível.

WORTHY — Plume, se isto pode ajudá-lo em alguma coisa, eu entro na companhia. Nada mais me prende aqui.

BALANCE — Que idéia é esta, Worthy? O senhor é um fabricante de calçados, não um guerreiro. Desta forma, pode exigir de mim que eu ponha o mosquete no ombro.

PLUME — Senhor Balance, eu já tomei minha decisão. Vou me transferir para as Índias Orientais. Por favor, transmiti à senhorita vossa filha os meus mais sinceros cumprimentos.

BALANCE — Capitão Plume!

PLUME — Senhor Balance?

BALANCE — Sente-se.

SIMPKINS — Ele está sentado.

BALANCE — Capitão Plume, não faz sentido ir para as Índias Orientais, o seu lugar é na América. Eu não revelo nenhum segredo militar para o senhor quando o torno ciente da triste mensagem que provocou a prematura visita do inspetor geral. Boston caiu nas mãos dos rebeldes.

SIMPKINS — Impossível!

BALANCE — Perdão? *Manda Simpkins, com um gesto, para fora.*

PLUME — Pois bem. Boston caiu. Ora, não será com meus débeis braços que eu vou resgatar Boston.

BALANCE — Plume, não podeis decepcionar a Inglaterra num momento tão difícil. Shrewsbury também não tem este direito. Até hoje, não considerava necessário aplicar a lei de recrutamento obrigatório. Agora é necessário, vejo bem. *Ele retira o código da sua estante.* Lei de Recrutamento, 1704.

WORTHY — Mas agora estamos em 1776. A aplicação desta lei causou um escândalo em Welshpool.

BALANCE — Mas ela causou também a formação de duas companhias de homens aptos a usar armas, retirados das prisões. Será que devemos deixar estes maus elementos engordar em nossas prisões ou então sujar as nossas ruas? Todos para o pelotão! Até poderíamos dizer que é inumano deixar estas pessoas nas prisões ou vegetando sem emprego pelas ruas, quando poderiam morrer como heróis no Novo Mundo, lutando pela liberdade da Inglaterra. Sob todos os pontos de vista, é o nosso dever de patriotas dar-lhes, a eles também, uma chance. Capitão Plume, acompanhai-me até a prisão.

Melinda entra.

MELINDA — Tio! O senhor permite que eu fale a sós com o senhor Worthy?

BALANCE — Mas com prazer, minha filha. Fale com ele, ele está com grilos na cabeça. Sinta-se em casa; Simpkins servirá um chá. Vamos, capitão. *Sai com Plume.*

MELINDA — Espero que compreendais, senhor Worthy, como é insuportável para mim, depois de tudo que aconteceu, saber que as minhas cartas ainda estão em vosso poder.

WORTHY — Eu devolverei todas, senhora, antes de embarcar. Senhorita Moorhill, permita que eu me despeça para sempre.

MELINDA — Desde quando esta disposição para viagens?

WORTHY — É simplesmente muito natural que se evite tudo aquilo que perturbe a nossa paz.

MELINDA — Ou melhor dizendo, uma tendência para mudanças, o que é ainda mais natural entre os homens.

WORTHY — A mudança deve exercer nas mulheres um fascínio natural, senão como elas poderiam ser tão a favor?

MELINDA — Estais enganado, senhor Worthy! Eu não sou tão a favor de mudanças a ponto de sair em viagem. E também não acho inteligente de vossa parte expor-se a tantos perigos e despesas na frágil esperança de prazeres questionáveis.

WORTHY — Os prazeres que me aguardam no estrangeiro são realmente bem questionáveis, senhora, mas uma coisa é certa: nos campos de batalha do Novo Mundo, entre os bárbaros cowboys e caçadores de peles, vou encontrar menos crueldade do que encontro aqui em meu próprio país.

Melinda — Meu senhor, nós dois já discutimos bastante até agora. Eu acho que se apresentássemos nossas contas, de uma vez por todas, um ao outro, chegaríamos mais rápido num acordo.

Worthy — Certamente, senhora. Deste modo constataremos que sois vós minha devedora. Durante o ano inteiro eu esbanjei minhas inquietudes, meus suspiros, desejos, promessas, minhas atenções, minhas preocupações, sem receber nada em troca.

Melinda — Um ano inteiro! Oh, senhor Worthy! O que o senhor me deve não poderia ser pago nem com sete anos de trabalho escravo. Lembra-se de como me tratou no ano passado quando, abusando da minha inocência e de minha pobreza, pretendeu fazer de mim sua amante, isto é, sua escrava? Além de tudo isto, o seu comportamento insolente, sua linguagem indecente, o tom vulgar das cartas, as visitas grosseiras; pense em tudo isto, em tudo isto, senhor Worthy! *Ela soluça.*

Worthy — Se eu penso! Pena que foi tudo em vão. Mas a senhora, faria bem se se recordasse...

Melinda — Não quero recordar-me de nada, é de seu interesse se esqueço tudo. Até hoje, o senhor procedeu como um bárbaro para comigo, eu fui apenas cruel com o senhor. Pese as duas coisas. E se agora quer mesmo virar a página, deixe de lado esta afetação aventureira e se comporte com dignidade. Como o senhor teve a coragem de me deixar plantada na praça do mercado, recentemente, como se deixa um monte de lã muito caro?

Worthy — Eu só fiz isto para vos testar e me arrependo como nada nesta vida, podeis acreditar em mim. Mas a senhora, com este capitão, na minha frente... *A voz sai quebrada.*

Melinda — Para incitar vosso ciúme. Só por isto. Não podeis acreditar em mim?

Worthy — Melinda!

Melinda — Worthy!

Eles se estendem as mãos. Simpkins entra.

Simpkins — Capitão Brazen!

Brazen *empurra-o para o lado* — Senhor Brazen! *Ele fica parado de pé, vestido com uma roupa de civil toda esfarrapada. Melinda o observa, pasma.*

Brazen — Minha Melinda! Vosso desejo foi realizado. Por vós fiz algo que jamais fizera. Bastou uma palavra da senhora e eu deitei abaixo minhas armas. *Pega-a pela cintura.*

Melinda — Como vos atreveis? Não estais vendo o senhor Worthy? *Ela dá-lhe uma bofetada.*

Brazen — Não, não, fiquei cego. Worthy! Com os diabos! Que gafe! Minha amada tem a mão pesada. Madame, perdão, são as velhas maneiras de um soldado. Worthy! Sois vós o felizardo! Será que eu compreendi bem?

Worthy — Deus me proteja! Provas da minha desgraça tenho mais do que o suficiente, agora.

Melinda — Worthy!

Worthy — Recebereis as cartas de volta, senhora. Se um dia acontecer de lê-las novamente, ficareis consciente do mal que me causastes.

Melinda — De jeito nenhum!

Worthy — Não? Está sim! A sua leviandade vai tão longe a ponto de iludir esse homem depois de ele ter sacrificado a própria carreira sob sua ordem? Se a senhora fizer isto, não haverá como um homem não lhe desprezar.

Melinda — Isto já é demais. Senhor Worthy...

Worthy — Isto já é demais! O que é demais? Pode ficar com este camaleão ambíguo, porque é bem evidente que a senhora se atém mais ao brilho exterior do que às virtudes sólidas da alma. Senhor Brazen, não sou eu o felizardo. Mas também não invejo vossa felicidade quando recompensam vosso sacrifício com provas de afeto tão convincentes.

Melinda — As provas de afeto erraram o alvo, senhor Worthy. E de hoje em diante, o senhor não tem mais nada de melhor a esperar de mim, se porventura aparecer outra vez em minha frente. Senhor Brazen, eu vos peço perdão.

BRAZEN — Concedido.

MELINDA — Acompanhai-me até minha casa...

BRAZEN — E assim por diante, senhora. Coragem, meu caro. Assim age a fortuna na guerra.
Sai com Melinda.

SIMPKINS *entra* — Chá, senhor Worthy.

WORTHY *berra* — Uísque!

SIMPKINS — Peço ao senhor que queira perdoar alguma falha cometida por mim hoje. *Com voz entrecortada* — Boston está nas mãos dos rebeldes. *Sai.*
Balance e Plume vêm com ar sombrio. Eles sentam-se mudos.

BALANCE *chama* — Simpkins!

SIMPKINS *entra* — Senhor Balance!

BALANCE *berra* — Uísque!

SIMPKINS — Eu peço, por favor, um pouco de indulgência hoje. *Sai.*

BALANCE — O que ele tem?

WORTHY *sobre seus ombros* — Boston.
Pausa.

BALANCE — Por que o senhor não sai de perto da janela, Worthy? E com um ar tão carrancudo.

WORTHY — Também não pareceis estar assim tão animado, senhor.

BALANCE — Worthy, há muitos anos temos agido com suavidade aqui em Shrewsbury. A cadeia está vazia. Um violador de menores e só. Uma gota no oceano.

SIMPKINS *entrando* — Lady Prude. Senhor Smuggler.

BALANCE — Lady Prude? Eu tive uma idéia. Mande entrar.
Entram Lady Prude e sr. Smuggler.

PRUDE — Balance, mais um domingo destes e eu abandono Shrewsbury. Sodoma e Gomorra não é nada ao lado dos crimes cometidos por vossa soldadesca às margens do nosso belo Severn. O banqueiro Smuggler, de Londres, que tomava um lanche comigo, ficou com os cabelos em pé.

SMUGGLER — Vosso criado, senhor Balance.

BALANCE — Vosso criado, senhor Smuggler.

PRUDE — Aqui no vosso salão, vejo um dos principais culpados. Molly Fastspittle teria muitas coisas para contar sobre isso e Rose também, a filha de meu caseiro.

PLUME — Senhor, já que para mim esta cidade nunca ofereceu mesmo soldados, mas apenas insultos, eu me retiro por tudo isto.

BALANCE — Capitão Plume! *Para Lady Prude* — Se pelo menos a senhora pudesse conter estes preconceitos funestos contra aqueles que apenas estão habilitados a instaurar um pouco de ordem e disciplina na Inglaterra.

PRUDE — Faz dez dias que eu luto em vão contra esta soldadesca.

BALANCE — Chamais os filhos heróicos da Inglaterra uma soldadesca? Por vós, senhora, eles arriscam a própria vida nas trincheiras.

PRUDE — Eu pago para isto, eu jogo meu dinheiro nas trincheiras: a quinta parte dos meus bens. Mas não para fazerem esta música imoral no Dia do Senhor, vagabundear e pecar atrás dos arbustos.

BALANCE — Eu não tenho o hábito, Mylady, de espreitar atrás dos arbustos no Dia do Senhor.

SMUGGLER — Em Londres existem casas reservadas para as atividades amorosas.

PRUDE — Tem delas por aqui também, senhor Smuggler; eu poderia trocar algumas palavrinhas com o senhor a respeito disto. O Beco das Galinhas.

Smuggler *para si* — Beco das Galinhas!

Prude — E não existe só o Beco das Galinhas, é a mesma coisa nas tabernas e nos hotéis. Esta cidade está infestada de elementos de todas as idades que se entregam impunemente ao pecado, de bêbados, batedores de carteiras e desempregados. Quando irão as autoridades...

Balance *que se tornou atento, levanta a mão* — Mylady! As autoridades irão, tendes razão, toda a razão. Nós iremos mostrar para a gentalha como é que se procede patrioticamente. Nós vamos dar livre curso para a moral e lotar a prisão de Shrewsbury.

Prude — Pensais em uma limpeza?

Balance — Em grande estilo, Lady Prude.

10

NO HOTEL DO CORVO

Victoria está dormindo em uma cadeira, sem botas, nem uniforme, nem espada. Alarido no hotel, escutam-se batidas e apelos: "Abram!", "Polícia!".

Victoria — O que está acontecendo?

Rose *atrás de um biombo* — Tem uma gritaria, lá embaixo, no hotel.

Victoria — Cinco da manhã. A noite foi completamente calma. Eu dormi muito bem e receio que as coisas tenham agradado pouco minha companheira de cama. Pobre Rose! *Para Rose* — Bom dia, meu tesouro, como estamos hoje de manhã? *Começa a calçar as botas.*

Rose — Exatamente como ontem, o senhor não me deixou nem melhor nem pior.

Victoria — O seu companheiro de cama não lhe agradou?

Rose — Nem sei se eu tive mesmo um. Pobre de mim, perdi minha reputação por nada.

Victoria — Eu salvei esta reputação para você, criança. Não fique triste só porque não recebeu um vestido de renda. Eu vou lhe dar coisas mais bonitas que o capitão.

Rose — O senhor não pode, eu sei muito bem disto agora.
Batem na porta.

Voz — Abram! Polícia!

Victoria — Pelo amor de Deus, eu estou seminu.

Voz *do lado de fora* — Abram a porta, ou vamos usar a força.

Victoria — Um momento! Meu chapéu, Rose, me dê o chapéu.
O comissário de polícia Bridewell entra à força.

Victoria — O que significa isto?

Bridewell — Mais um parzinho! *Para Victoria* — É uma busca! O senhor está preso.

Victoria — Para trás, moleque! Quem se aproximar da minha espada é um homem morto.

Bridewell — Ponha de volta sua espada na bainha, rapaz, ou eu lhe faço saltar todos os dentes de leite, em nome do rei.

Victoria — Tente, pé chato.

Bridewell — Isto é uma ofensa a Sua Majestade. Quem me ofende, ofende o rei. Você está preso, patife. *Entra o sargento Kite.* Uma nova captura, senhor Kite. O ganso e a gansa na armadilha.

Kite — Que tolice!
Entra Lady Prude.

Prude *olha para Rose* — Rose! Rose! Minha pobre criança! Ele te...

Victoria — Eu impedi tudo, senhora Prude. O capitão Plume queria...

Bridewell — E você fez.

ROSE — Ele não fez nada.

KITE — Este é o nosso alferes, Mylady, senhor Wilfull. E nós estamos aqui para colocar civis na cadeia.

PRUDE — Nós estamos aqui para colocar monstros na cadeia, e este é um. Leve-o, comissário.

KITE — Tire as mãos. Ninguém prende um oficial sem autorização de um superior. Um momento. *Sai. Ouve-se o chamado* — Capitão!

VICTORIA — Mylady, talvez não seja necessário buscar o capitão Plume.

Entra o capitão Plume, sem uniforme nem espada. Kite atrás dele.

PLUME — Alferes Wilful...

ROSE *lançando-se na direção de Plume* — Eu queria falar com o senhor, capitão Plume. Eu esperei pelo senhor aqui.

BRIDEWELL — No quarto do alferes. Pega em flagrante.

PRUDE — Rose, venha aqui!

PLUME *vai até Victoria* — É deste modo, então, que executa minhas ordens, alferes. Boston cai, e o senhor se diverte — e desta maneira. Um caso único em toda a história militar. Eu gostaria de saber por que é que entra um tipo assim no exército. Pura e simplesmente para se dedicar ao... amor. Eu realmente não sei de onde saístes, homem.

ROSE — Homem! Não seja tão duro, capitão, ele é totalmente inofensivo.

PLUME — Inofensivo? Um fauno inofensivo! *Rose ri à socapa.* Isto não é caso para rir.

ROSE — É sim.

PLUME — Quem sois, afinal? Um alferes não age assim; deste modo age... Inofensivo? *Fica tudo claro para ele.* Nós conversaremos ainda. *Para o público* — Victoria Balance. Caio das nuvens. Ela própria não aparece, mas mantém longe de mim qualquer outra mulher! Eu vou lhe dar uma lição. *Para Lady Prude* — Mylady, eu vos dou razão. Comissário, o alferes vai para a prisão.

KITE — Mas capitão, qual o propósito desta busca sanguinária? A gente deveria procurar granadeiros e agora estamos perdendo os próprios oficias.

PRUDE — Sargento, estais errado. Como vosso capitão deixa bem claro, não é apenas uma limpeza de Shrewsbury, mas também uma limpeza do exército real. Cumpra o seu dever, comissário.

PLUME *virtuoso* — Perfeito, Lady Prude. A lei não vê diferenças entre civis e militares.

PRUDE — Palavras de ouro!

PLUME *para Victoria* — Manchastes o uniforme de vosso rei, mereceis ir para a cadeia.

BRIDEWELL — Venha, idiota. *Ele a segura.*

VICTORIA — Capitão!

PLUME — Mais uma palavra ainda. Rose, minha filha, venha até aqui. *Ele põe o braço em volta de Rose.* Eu lhe prometo, na frente de testemunhas, reparar, pessoalmente, todo o mal causado a você por esse homem indigno. E agora, levem-no.

PRUDE — Alto! Ainda uma palavra. Fisgamos um peixe grande, assim me parece, mas onde está o tubarão? Senhor, debaixo do manto de vossa indignação moral eu vejo projetar-se, toda nua, a própria lascividade.

VICTORIA — Isto é verdade, Lady Prude. Seu libertino! Mas eu vou frustar os seus planos. Aqui, esta promissória traz a sua assinatura, capitão Plume. Ela está vencida desde a meia-noite. O senhor pode pagar? Pague imediatamente.

PLUME — Wilful?

VICTORIA — O senhor então não pode pagar? Muito bem! Comissário, eu exijo que este homem seja prontamente conduzido à prisão.

PRUDE — Sim! Esse aí engravida e não casa; toma emprestado e não paga. Levem-no também.

KITE — Oh!

BRIDEWELL — Mas, por causa de dívidas, eu não posso levar ninguém sem um mandado de prisão, lamento muito, Mylady. Além disso, ele é um oficial.

KITE — Totalmente certo!

VICTORIA — Eu acho que a lei não vê diferenças entre civis e militares.

PRUDE — Levem-no!

KITE — Tire as mãos! Eu morderia todo o meu pé, mas não deixaria que prendessem meu próprio capitão.

PRUDE — Sargento, mostrastes um zelo bem louvável a noite toda, deixai também agora que a virtude seja o vosso único capitão.

PLUME — O senhor pode ir, senhor Kite. Eles nos separam, Rose, adeus! Não se deve aceitar dinheiro de estranhos. *Saem Plume, Victoria e Bridewell, atrás.*

KITE — Agora temos uma companhia e nenhum capitão. *Sai.*

ROSE — O que vai acontecer agora?

PRUDE — Nada, minha filha. Você vai voltar para Picklewood.

ROSE — Mas lá não sobrou ninguém.

PRUDE — É o que você merece, ovelha desgarrada.

11

NA PRISÃO

Plume ocupa-se com sua toalete. Victoria está sentada em um banco.

PLUME — Wilful, para não perdermos o nosso tempo inutilmente, eu vou lhe ensinar a canção favorita da nossa famosa companhia. Dois, três...

Ele canta —

Onze soldados da artilharia
Olhavam as mulheres de Gaa.
E cada uma ficou com cada um
E foram pro mato olhar em comum
A lua vermelha de lá.
Essa foi a única lua de Gaa
Que ela viu por lá
E a lua ficou três, quatro horas a brilhar.
Ha! ha!

Plume faz sinal para Victoria. Victoria repete cantando, controlada por Plume.

PLUME — Segunda estrofe! *Canta* —

De saída estava nossa artilharia
Era de manhã e cada um no seu corcel,
Mas cada uma ganhou dos seus
Uma tâmara, foi um presente de adeus,
Que ao todo custou um só guinéu.
E esta tâmara era, mesmo, já
Tudo que ela viu lá.
Foi só uma tâmara, uma tâmara e olhe lá!
Ha! ha!

Victoria repete a estrofe.

VICTORIA — Ha! Ha!

Através das grades é possível ver, ao fundo, como os prisioneiros são empurrados um atrás do outro.

BRIDEWELL *de fora* — Onze shillings, e você está livre!

BATEDOR DE CARTEIRA *de fora* — Onze shillings? É um assalto!

BRIDEWELL *de fora* — Entra!

MINEIRO *de fora* — Eu tenho, pelo menos, quinze shillings em casa; mande alguém pegar com a minha mulher.

BRIDEWELL — Para dentro!

PLUME — Canalha!

VICTORIA — O senhor terá, talvez, dificuldade para compreender, mas eu mandei prendê-lo por pura amizade, Plume. É melhor para o senhor estar sentado aqui do que cair nos braços destas Mollys e Roses que lhe perseguem sem considerar seu justo valor. *Plume não responde.* Não é por causa do dinheiro. Eu já dei provas suficientes de que eu não sou mesquinho. Mas como poderia continuar a financiar os seus excessos!
Bridewell traz água fresca para Victoria.

BRIDEWELL *feliz* — Vamos, rapaz, é preciso se lavar! Você vai ao tribunal.

VICTORIA — Eu não quero me lavar.

BRIDEWELL — Como assim?

VICTORIA — Eu estou resfriado.

PLUME — Ele está resfriado.

VICTORIA — Isto mesmo. *Ela espirra.*

PLUME — O que fostes procurar no exército? Quero dizer, o senhor que é de uma natureza tão frágil e sujeito a ter resfriados.
Bridewell despeja água no balde.

VICTORIA *grita para o comissário* — Eu já disse que estou resfriado!

BRIDEWELL — Eu não sei por que esta gente nunca quer se lavar!

PLUME *cruel* — Sem dúvida é porque simplesmente jogam talco em cima da sujeira. Mas a higiene é a principal virtude do bom soldado. Para se lavar ele tira a roupa. Ele limpa com sabão, e se for necessário, depois do exercício, até com pedra-pome, todas as partes do seu corpo, detalhadamente.

BRIDEWELL — Tire o uniforme e se lave!

VICTORIA — Não!

PLUME — Ele se sente bem na sujeira, só pode ser isto.

BRIDEWELL — Tire o uniforme e se lave, em nome do rei!

VICTORIA — Enquanto eu for vivo, o senhor não vai me fazer tomar banho.
Bridewell persegue Victoria, que foge.

VICTORIA — Capitão!

PLUME — Nada de violência, comissário! *Faz sinal para deixar como está.*

BRIDEWELL — Faz escândalo igual uma mocinha.

PLUME — Não é mesmo? *Bridewell sai.* Não é só uma questão de higiene corporal, Wilful. O senhor é, em geral, uma figura desagradável. Dissimula, usa sempre de pretextos, tenta enganar os seus superiores. Não é leal nem sincero. Os motivos de sua entrada no exército são extremamente obscuros. Quem me garante que não estava lá só para espionar?

VICTORIA — Isto não é justo, capitão.

PLUME — Como se atreve? Sentido! Vamos! Eu quero lhe ensinar um pouco de disciplina. Ao meu redor sou eu sempre que dou o tom; na vida particular também, entendido, Wilful? Mas o senhor não, não está, absolutamente, à altura das exigências morais que a nossa posição exige. Calado! Eu tomo só um exemplo: um alferes não tem nada que meter o nariz nos casos amorosos do seu capitão, mesmo se isto o mortifica. Ainda posso achar uma maneira de indenizar aquela pobre infeliz. Além disso, parece que o senhor a decepcionou completamente. Ela não me deu a impressão de estar muito entusiasmada com você, Wilful. Apesar de tudo isto, e também porque eu sinto uma inexplicável simpatia pelo senhor, eu quero lhe fazer uma proposta sensata. Rasgue a promissória. Por duas libras o comissário o põe em liberdade.

VICTORIA — Não. Além disto, os senhores não me deixaram nem com duas libras.

PLUME — Em suma — quer levar adiante essa história, a todo custo?

VICTORIA — Sim. O senhor deve pagar suas dívidas.
Ao fundo, mais presos são conduzidos.

DESEMPREGADO *de fora* — Vocês não podem me prender só porque eu não acho um trabalho.

OUTRO PRISIONEIRO *de fora* — Os moinhos estão fechados.

BRIDEWELL *de fora* — Mas os quartéis estão abertos. Para dentro.

DESEMPREGADO *de fora* — Isto é uma vergonha!

BRIDEWELL *de fora* — Alto! Quem disse isto? Você ofendeu a polícia, está recrutado para ser soldado de cavalaria.
Kite entra com mais um prisioneiro, o banqueiro Smuggler. Ele está vestido com um robe de mulher sobre delicadas roupas de baixo.

SMUGGLER — Pela terceira vez eu peço para devolverem minha roupa, imediatamente. *Inclina-se, sorrindo, perante Victoria e Plume.* Um erro, meus senhores.

KITE — O senhor esteve no Beco das Galinhas, ou não? *Sai.*
Smuggler oferece charutos. Victoria recusa. Plume pega dois.

SMUGGLER — Meus senhores, Boston cai e junto o preço das ações. Compreensível que seja necessário tomar medidas enérgicas para suprir novamente as perdas ocorridas nas fileiras de nosso regimento, mas não com banqueiros! Se começam a nos recrutar, é bem possível que desistamos do Novo Mundo. Meu rapaz, o que vai ser então de vossa profissão?
Worthy, atrás, entra precipitadamente.

WORTHY *para Bridewell* — Abra esta porta, imbecil. *Bridewell abre a porta para ele* — Senhor Smuggler. Um equívoco da mais baixa instância. Vinde imediatamente comigo. Eu vos peço mil perdões. Bom dia, Plume.

SMUGGLER — Capitão Plume, vosso criado. *Sai com Worthy e Kite.*
Plume oferece um charuto para Victoria. Eles fumam, um momento, em silêncio.

PLUME — Wilful, eu acho difícil entender como a Victoria pôde escolher um mensageiro da sua espécie.

VICTORIA — Talvez ela não tivesse nenhum melhor.
Escuta-se, ao fundo, a canção do Loch Loman.

PLUME — Como sempre, Wilful; senhorita Balance e eu nos desencontramos mais uma vez.
Victoria está a ponto de chorar, retira-se para o lado, contida.

PLUME — Como se diz, com razão, nestas latitudes: "Aliança no dedo ou não-me-toque". Pois bem, tudo que vai acontecer, também desta vez, é que eu levarei no coração, pelas florestas brumosas de Massachusetts, nos campos de milho da Virgínia, através dos pântanos de Delaware e além dos prados flamejantes de Maryland, a imagem de uma garota realmente extraordinária.

VICTORIA *furiosa* — Na minha opinião, a senhorita Balance mereceria um destino melhor do que ser conduzida em forma de imagem por cidades em chamas na companhia de bandidos, assassinos, bêbados e desesperados de toda espécie, que o senhor comandará de hoje em diante. Vou tirar meu uniforme imediatamente e sugiro que o senhor faça o mesmo.

PLUME *cansado* — Comece, então. *Victoria assusta-se.* Eu quero lhe dizer algo: o queijo na praça do mercado também quer ser pago antes de ser comido, mas uma coisa ele não faz: ele não morde a perna do freguês.
Entra Bridewell com o chapéu e a espada de Plume.

BRIDEWELL — Capitão, o juiz de paz exige vossa presença no tribunal, sem falta. Ele está muito furioso porque prenderam o senhor.

VICTORIA — E a promissória?

PLUME — Escute-me. Eu parto amanhã de manhã e embarco depois de amanhã à noite, com ou sem promissória. E assim termina nosso breve encontro. Se eu voltar em um ou dois anos, e se eu voltar, espero revê-lo um pouco menos arrogante. Vosso criado, senhorita Victoria Balance. *Sai.*

VICTORIA — Vá para o inferno, monstro. *Ela chora.*

Entrecena em frente à cortina.
Worthy passa conduzindo, apressadamente, o sr. Smuggler, cobrindo-o com o seu manto. Bridewell segue-os, trazendo por uma corda uma fila de prisioneiros. O último da fila, o Mineiro, canta alto uma canção.

MINEIRO *canta* —
Todos, o rico e o pobre,
Pagaram ao rei tão nobre.

Todos gastaram milhares
Com os impostos militares.
Exceto I. N. Smith.

Bridewell — Silêncio!

Mineiro —

Mas para o rei tão nobre
Era o pobre muito pobre.
Pegaram todos pelo pescoço
E jogaram no calabouço.
Exceto I. N. Smith.

12

NA CASA DO JUIZ DE PAZ BALANCE

A biblioteca, onde Simpkins espera com o robe de juiz. Ao lado, na sala preparada para o tribunal, Balance recebe Plume.

Balance — Capitão Plume! O senhor queira desculpar este incidente. Permita que eu lhe ajude com trinta libras. Bridewell! *Este vem e Balance lhe entrega o dinheiro.* Leve isto para o tal alferes, como ele se chama mesmo? ...e que ele, em troca, entregue a promissória.
Sai Bridewell.

Plume — Obrigado, senhor Balance.

Balance — Seu alferes parece ser um exemplar único; que atrevimento o dele.

Plume — Não é mesmo? Cá entre nós, senhor, é uma personalidade espantosa, com uma vontade de ferro, totalmente imprópria para o serviço militar. Eu precisei cassar-lhe a patente.

Balance — Não é um tratamento muito duro? Meu caro capitão, sentareis aqui ao meu lado, no banco do juiz. Capitão Brazen não tardará a chegar. *Vai para a biblioteca ao lado.*

Plume — Obrigado, senhor Balance. *Ele olha as listas.*

Simpkins *ao lado, enquanto ajuda Balance com o robe* — Eu ouvi falar que a busca hoje à noite não foi nada improdutiva, senhor.

Balance — Sim, ladrão sempre tem o suficiente.

Simpkins — Muitos vão ter que sentir o fio da navalha.

Balance — Não seja tão sanguinário, Simpkins.

Simpkins — Claro, senhor. Shrewsbury espera muito da sessão de hoje.
Entram Melinda e Lucy.

Melinda — Senhor, a felicidade de minha vida está em pedaços. O capitão Brazen, possuído por um capricho que eu mesmo estimulei, nem sei mais como, abriu mão de seu uniforme por minha causa, de modo que me sinto comprometida com ele.

Balance — E o que aconteceu com Worthy?

Melinda — Pois é.

Balance — E o que significa isso? Abandonar a tropa no meio de uma guerra? E depois de Boston ter caído! Não tolero tais coisas. Onde iria parar a Inglaterra!

Simpkins — Monstruoso!

Balance — Perdão?!

Melinda — Mas como o senhor pode obrigá-lo a ficar com o uniforme, tio?

Balance — Isto é assunto meu. *Ele reflete* — Direito Civil... Promessa falsa de dote não-existente.

Melinda — O senhor precisa mandá-lo para a América, tio.

Balance — Não se preocupe. Lucy, o que você sabe sobre os assuntos do coração de sua patroa?

Lucy — Nada, senhor.

Balance — Perfeito; ou seja, tudo. Vá e me encontre o capitão Brazen. Diga a ele que você foi mandada por sua patroa que está em casa, afogando-se em lágrimas. Diga que toda sua fortuna estava aplicada numa carga de chá que os rebeldes teriam jogado, criminosamente, ao mar no porto de Boston.

Lucy — Meu salário!

Balance — E mais: que este azar torna a senhorita Moorhill completamente incapaz de exigir dele que ele desista de sua gloriosa carreira militar por causa dela. Depois disto, ele deveria demonstrar algum sinal de generosidade, senso de sacrifício e verdadeira abnegação, o que eu duvido; e, então, você ainda lhe pede, bem rápido, duas libras para as despesas de casa. Isto vai fazê-lo pensar um pouco.

Lucy — O dinheiro está mesmo perdido, senhor?

Balance — Vá, Lucy, confie na sua patroa.

Lucy — Muito bom. É que em matéria de dinheiro, gosto de tudo bem claro. *Sai.*

Melinda — Tio, nunca poderei retribuir-lhe minha gratidão.

Simpkins *para Balance, que está saindo* — Deus vos proteja, senhor!
Kite entra na sala do tribunal ao lado com Pearmain, que traz uma trouxa de uniformes. Bridewell leva o Batedor de Carteira para debaixo de uma vara de medição, onde é medido por Pearmain. Pelo outro lado da sala, entra o público.

Mulher do Desempregado — O meu marido está lá dentro, a senhora tem alguém lá dentro, também?

Mulher do Mineiro — Sim, meu marido também está lá dentro.

O de Ombros Largos — Eles querem colocá-los na tropa.

Jenny — Eles vasculharam cada cervejaria.

Senhora Cobb — E outros lugares também.

Mulher do Desempregado — Parece que eles pegaram, também, um banqueiro e um oficial.

O de Ombros Largos — Mas esses aí, vocês não vão ver por aqui, escutem o que estou dizendo.

Bridewell — Silêncio!
Enquanto isto, Balance entrou na sala do tribunal e foi para trás da mesa.

Balance — Declaro aberta a sessão.

Plume — Nome.

Batedor de Carteira — Bill Pickpocket.

Kite — Se for da vontade do senhor juiz, gostaria de ser ouvido neste processo. Como procurador do rei.

Balance — Eu vos passo a palavra, sargento.

Kite — Bridewell, onde está o relógio? *Para o cafetão* — Freddy, este indivíduo roubou de você um relógio, não foi?

Cafetão — É a mais pura verdade, senhor.

Batedor de Carteira — Com a permissão de Vossa Excelência, esse relógio é meu.

Kite — Freddy, você pode provar ao senhor juiz que ele é seu?

Cafetão — Kitty, fale você.

Kitty — Vossa Excelência, eu dei esse relógio para o Freddy como presente de aniversário. Ele tem um arranhão atrás.

Kite — Então é ele mesmo!

Kitty — Ele ainda me disse: Kitty, se um dia eu precisar te dar uma surra de novo, basta dizer: "Freddy, o relógio!".

Cafetão — Ela não economizava, Vossa Excelência. E pára de falar bobagem.

Balance *para o Batedor de Carteira* — Um caso típico de roubo de um batedor de carteira. Esse homem está pronto para o serviço militar.

Kite — Totalmente.

Plume — Conduzam-no.
O Batedor de Carteira é levado, Freddy também quer ir.

Jenny — Eles vão prendendo quem eles podem agora, a torto e a direito.

Kite *chama* — Um momento, Freddy. *Para a mesa* — Nome: Freddy Big. *Para Kitty* — Kitty, este reloginho vagabundo é a única coisa que você deu para o seu protetor.

Kitty — Senhor Kite, o senhor conhece mal este homem. Tudo o que eu recebo, ele embolsa. Ai!
O Cafetão deu-lhe uma bofetada.

Kite — Senhor Juiz, eu acho que isso é o suficiente. Freddy, eu não posso mais salvá-lo; isto é caftinagem pura e simples.

Cafetão — Bartolomeu, isso não é jogo limpo.

Kite — Em nome do rei, eu declaro este homem um indivíduo violento, preguiçoso e ganancioso, e, por isto, apto a entrar no exército.

Balance — Conduzam-no.
O Cafetão cai desmaiado. Ele é medido e levado embora.

Kitty *sendo levada para fora pelo criado do tribunal* — Freddy, eu não queria isso.

O de Ombros Largos — Isso vai dar bons granadeiros.

Mulher do Mineiro — Bons o suficiente para o lado de lá.

Mulher do Desempregado — Esses que estão indo para o outro lado do mar, é tudo ralé.
Entra o civil Brazen.

Balance — Aí está o Brazen.

Brazen — Senhor Lacônico, deveis me desculpar, eu retorno à vida privada. Vou me casar.

Balance — Quê? Apesar de tudo? Extraordinário! O senhor permita que eu prepare minha sobrinha. Bridewell, os próximos.

Brazen — Ela está aqui? *Segue Balance.*

Balance *entra na biblioteca; para Melinda* — Minha querida, estou inconsolável, eu me enganei.

Brazen *que seguiu Balance até a biblioteca* — Melinda!
O Mineiro é trazido para a sala do tribunal e medido.

Mulher do Mineiro — Bob!

Brazen *na biblioteca* — Minha ninfa! O padre está esperando, devemos ir neste minuto, meu coração. *Melinda cai desmaiada.* Excesso de felicidade, meu caro.

Mulher do Desempregado *na sala do tribunal* — Onde eles pegaram o seu marido?

Mulher do Mineiro — No Urso Azul! Ele estava bebendo tranqüilamente uma cerveja. Seja prudente, não xingue.
Lucy passa correndo pela sala do tribunal e entra na biblioteca.

Lucy — Senhor Brazen, eu procurei o senhor em vão no hotel e em vão na chapelaria.

Brazen — Hahaha! E eu estava na floricultura.

Balance — Ah! Você não se encontrou com ele, ele não sabe de nada. Agora eu entendo o mundo novamente. Diga tudo para ele.

Lucy — Senhor Brazen, a senhorita Moorhill está inconsolável. A gente se sente na obrigação de pedir para o senhor duas libras para as despesas da casa. Senhorita Moorhill investiu toda a fortuna num carregamento de chá. Só que ele foi jogado ao mar pelos rebeldes no porto de Boston.

Brazen — Todo o chá?

Balance — Todo o chá.

Brazen — Maldição! Canalhas! Isto, naturalmente, vos afasta de qualquer compromisso comigo. Vosso criado, madame. *Sai.*

Balance — Simpkins! *Simpkins entra.* Leve a senhorita Moorhill para a sala de fumar.
Balance volta para a sala do tribunal. Simpkins e Lucy saem com Melinda desmaiada. Na sala do tribunal ao lado, Bridewell apresenta o Mineiro.

O de Ombros Largos *para a Mulher do Mineiro* — Seu marido ganha visivelmente a própria vida, eles não podem forçá-lo a entrar no exército. Assim é a lei.

PLUME — Nome?

MINEIRO — Bob Miner, senhor.

BALANCE — O que tendes contra esse homem, Bridewell?

BRIDEWELL — Nada, Vossa Excelência, a não ser o fato de que ele é um homem muito correto.

BALANCE — Então por que o trazeis até aqui?

PLUME — Senhor Balance, deixe-me ter pelo menos uma pessoa correta na minha companhia.

BALANCE — Profissão?

MINEIRO — Mineiro. Eu trabalho nas minas de carvão.

MULHER DO MINEIRO — Meu marido ganha a vida visivelmente. *Pausa.*

O DE OMBROS LARGOS — Vejam bem vocês!

KITE — Com vossa permissão, este homem não ganha a vida visivelmente, não de uma maneira visível: ele trabalha longe da luz do dia.

MULHER DO MINEIRO — Mas justamente por isso é que ele trabalha.

BALANCE — Você não pode continuar sendo mineiro, você vai ser granadeiro. Mas em compensação, você pode ajudar a vigiar os mineiros a permanecer mineiros.

MINEIRO — Eu sou casado.

BALANCE — Você não ouviu falar que Boston caiu?

MINEIRO — Não, Vossa Excelência, não conheço este senhor.

BALANCE — Então, você nem sequer sabe o que é Boston? Você se preocupa assim tão pouco com o destino da Inglaterra? Direto para a companhia.

PLUME — Conduzam-no.

MINEIRO — Bando de canalhas. *Ele é levado.*

MULHER DO MINEIRO *enquanto é arrastada dali* — Vocês não podem fazer isso! Bob! Eu tenho um filho na barriga!

MULHER DO DESEMPREGADO — O que ele tem a ver com Boston!

JENNY — Isso tudo é ilegal.

O DE OMBROS LARGOS — Legal é, mas...

MULHER DO DESEMPREGADO — Eles fazem as leis para si de acordo com a conveniência.

O DE OMBROS LARGOS — É verdade.

BRIDEWELL — Silêncio.

SENHORA COBB — Não grite assim!
Victoria entra como alferes.

VICTORIA *para Balance* — Meu nome é Wilful, senhor. É meu dever insistir que não seja permitido ao capitão Plume, esse homem ao vosso lado, deixar a Inglaterra sob nenhum pretexto. Trata-se de um crime tão horrendo que só posso mencionar à porta fechada.

BALANCE *baixo* — Você ficou louca, Victoria?

VICTORIA — Quê? O senhor me reconheceu?

BALANCE — Que disfarce ridículo é esse? Vá agora para a biblioteca! *Victoria vai.* Os próximos.

SENHORA COBB — Olhem, mais um.

MULHER DO DESEMPREGADO — John!

BRIDEWELL — Silêncio!

JENNY — Vocês são piores que lobos.

BALANCE *para Victoria na biblioteca* — Então você foi correr atrás dele?

VICTORIA — O mais importante é o senhor não deixá-lo ir embora da Inglaterra.

BALANCE — Só? O que mais?

VICTORIA — Você precisa nos casar imediatamente.

Balance — Você está doida?

Victoria — O senhor quer ver sua filha como namoradinha de soldado, seguindo, às escondidas, um oficial e agarrando-se a ele numa sarjeta? Ela fez tudo para evitar isto, para se salvar de seus próprios sentimentos. Foi tudo em vão, ela não aguenta mais, não dá para continuar assim, absolutamente.

Balance — Ah! Meu bom Deus! Esse maldito Plume! *Chama em direção ao tribunal* — Plume! Bridewell, mande procurar o capitão Brazen.

Jenny — O que aconteceu com o alferes?
Plume vai para a biblioteca.

O de Ombros Largos *falando de Plume, que entra na biblioteca* — Parece que o capitão tem culpa no cartório.

Balance *para Victoria, na biblioteca* — Então eu fui enganado desta maneira. Debaixo do uniforme real oculta-se um namoro criminoso. Capitão Plume, eu sei de tudo. Explicai-vos.

Plume — Ora, o senhor Wilful...

Balance — Senhor Wilful! Continuais, então, a falar de senhor Wilful na minha presença?

Plume — Sim, senhor. Senhor Wilful.

Balance — Senhor Wilful?

Plume — Sim, senhor Wilful e... *Para Victoria* — Eu me admiro muito em vê-lo ainda com esse uniforme, senhor Wilful, depois de eu ter categoricamente renunciado ao prazer de tê-lo na minha companhia.

Victoria — William, nós não podemos enganar meu pai por mais tempo. Perdoe a sua Victoria se ela resolveu dizer a verdade. Pai, nós estamos casados.

Balance — Oh!

Victoria — Nós estamos casados à maneira dos soldados. Nós, soldados, não precisamos de padre, nem de grinalda, nem de papel passado. Nossa honra é nossa espada; nós a colocamos no chão, o jovem herói pula primeiro e depois a amazona. Pula o macho, pula a puta, um rufar de tambor e direto para a cama! Deste modo é que se casa entre nós. A cerimônia é curta e digna. E, assim, sua filha está esperando gêmeos.

Balance — Isso é demais!

Plume — Por minha honra, senhor...

Victoria — Sim, sim, defendei apenas vossa honra, William; vamos, negai tudo, desonrai-me pela segunda vez, concedei-me o golpe de morte dizendo: "Não houve nada."

Plume — Eu estou assombrado, Victoria.

Balance — Isso é tudo o que o senhor tem para dizer?

Plume — Como podeis acreditar nisto?

Balance — Eu acredito. Eu conheço minha filha.

Plume — Senhor, não houve nada.

Victoria — Nada! Chamais isto de nada? Fazer-me vestir um uniforme pelo qual cobrastes quarenta libras! Convencer-me a ir para a América para ficar do vosso lado! Isto é nada?

Balance — Nada! De fato! Vocês devem se casar imediatamente.

Victoria — Casar? Com um soldado? Nunca. Senhor, estes capitães têm a má fama de transformar em dinheiro tudo que lhes cai nas mãos. Eles têm uma aversão inata pelo verde. Senhor, eu possuo florestas.

Balance — Muito bem. O senhor abandona o serviço, Plume, já.

Plume — Isso é ridículo.

Balance — O que é ridículo?

Plume — Senhor, minha profissão!

Balance — Sua profissão! E a minha reputação?

Plume — E o meu dever para com a Inglaterra?

Balance — E o seu dever para com a minha filha?
Como a conversa ficou alta na biblioteca, as pessoas da sala do tribunal estão atentas.

O DE OMBROS LARGOS — O que está acontecendo lá dentro?

KITE — Psiu!

BALANCE — O senhor, agindo contra a lei, forçou uma pessoa do sexo feminino a entrar no exército, com a intenção de raptá-la para a América. Eu lhe dou cinco minutos de reflexão. Ou bem minha assistência de pai: minha filha e mil e duzentas libras por ano — não, digamos mil libras — ou então, minha ira de juiz: cadeia, a pão e água. *Para Victoria* — Tire esse trapo colorido.

Victoria sai. Balance volta para a sala do tribunal.

BALANCE *chama da janela para fora* — Mike!

O DE OMBROS LARGOS *para a Mulher do Desempregado* — Seu marido não pode dizer, de jeito nenhum, que é desempregado, senão eles o pegam.

MULHER DO DESEMPREGADO — Ah! Eles conhecem mal o meu marido.

BALANCE *na janela* — Mike! Um pote de cerveja! *Para Bridewell* — Onde está o capitão Brazen? Vamos continuar. *Ele senta-se.* Nome?

DESEMPREGADO — John Workless. Desempregado.

BALANCE — Ora, comissário, o que tendes a apresentar contra esse homem?

BRIDEWELL — Com vossa permissão, eu não tenho nada a declarar contra este homem.

MULHER DO DESEMPREGADO — É isso mesmo.

BALANCE — Então por que o trazeis até aqui?

BRIDEWELL — Ah, por favor, Vossa Excelência, eu não sei.

O DE OMBROS LARGOS — O que está escrito no mandado de prisão?

BRIDEWELL — Eu não sei ler.

KITE — Senhor juiz. O país pode muito bem passar sem este homem, o exército precisa dele. Além do que, a natureza o criou para ser um granadeiro.

O DE OMBROS LARGOS — Ele, com um peito de frango!

DESEMPREGADO — Você quer levar um soco?

BRIDEWELL — Silêncio!

KITE — Dizem que no boxe e na luta livre ele não perde para ninguém do condado. O melhor enfiador de facas da região. Todo sábado ele fica bêbado e bate na mulher.

MULHER DO DESEMPREGADO — Você está mentindo, patife, é mentira. Ele é o homem mais gentil, o mais cuidadoso de toda esta paróquia, os meus cinco filhos podem comprovar isto.

SENHORA COBB — Coitada, cinco filhos!

BALANCE — Me diga uma coisa, amigo, com o que você alimenta sua mulher e os cinco filhos?

DESEMPREGADO — Com nada.

MULHER DO DESEMPREGADO — É assim mesmo.

KITE — Caçador clandestino, senhor. Este pai de família, aqui presente, abate numa extensão de cinco milhas de terra todas as lebres e perdizes. Ele tem um fuzil.

BALANCE — Um fuzil. Ele devia era apontar para os rebeldes, já que gosta tanto de atirar nas lebres.

SENHORA COBB — Essa mulher tem cinco filhos.

MULHER DO DESEMPREGADO — Sim, sim, é por isso que querem mandar meu marido para longe. Eles sabem que todo ano eu ponho uma criança no mundo e eles têm muito medo de isto virar um estorvo para a comunidade.

KITE — Senhor Balance, esta mulher exemplar acertou na mosca. Não é muito melhor para a comunidade assumir o cuidado de cinco crianças este ano do que seis ou sete no próximo ano? Pela alimentação substanciosa e estimulante desse homem, ele é bem capaz de vos produzir mais dois ou três caçadores clandestinos de uma só vez.

MULHER DO DESEMPREGADO — Sargento, a comunidade não ganha nada com isso, se o senhor mandar o meu John para longe.

Enquanto ainda estiver sobrando um homem nesta paróquia, eu vou colocar mais um filho no mundo.

Balance — Levem essa mulher para a casa de correção. Vamos! *A Mulher é levada por Bridewell.* E o homem...

Kite — Esse o senhor deixa comigo, senhor Balance.

Senhora Cobb — E as crianças?

Balance — Evacuem a sala!
Bridewell e o Meirinho evacuam a sala.

Senhora Cobb — Mas deve haver um lugar onde a gente possa dar queixa.

O de Ombros Largos — Sim, com o juiz de paz.

Jenny — Mas ele, ele vai prendê-la também.

O de Ombros Largos — É mesmo.

Balance — Bridewell, o próximo. *Vai para a biblioteca.* Vossa resposta, senhor.

Plume — Isso tudo é ilegal. O senhor não pode fazer nada comigo.

Balance — Eu estou perguntando por vossa decisão.

Plume — Agora, que eu tenho minha companhia completa.

Balance — Vossa decisão, senhor.

Plume — Senhor, eu ainda não encarei vossa filha numa perspectiva na qual ela me interessasse de algum modo para um casamento.

Balance — Minha filha ou a prisão para devedores.

Plume — O senhor disse mil e duzentas libras?

Balance — Mil.

Plume — Duas mil e quatrocentas.

Balance — Nunca. *Voltando para a sala do tribunal, o juiz olha atentamente para Mike, que traz um pote de cerveja.*

Balance — Me diga uma coisa, Mike; por que você não está no exército?

Mike — Eu não posso, Vossa Excelência, eu ainda não tenho dezoito anos.

Balance — Você não conheceu nem pai nem mãe, cresceu num orfanato e ainda quer saber sua idade? Sua idade sou eu que decido, seu mal-criado, assim é a lei. Dezoito anos e meio. Podem medi-lo. *Mike é medido e conduzido.* Os órfãos estão sob minha tutela. Bridewell, o próximo.

Bridewell — Não tem mais.

Balance — Não tem mais lá? Antes havia uns doze lá.

Bridewell — Agora não tem mais ninguém.

Balance — Meirinho!

Meirinho — Senhor Balance.

Balance — Disseram-me que não tem mais ninguém lá.

Meirinho — Vossa Excelência, com permissão, o Bridewell deixou o resto ir embora por onze shillings cada um. Como de costume.

Balance *para Bridewell* — Você está despedido, canalha. Não, você não está despedido, muito mais, eu vou entregá-lo para o senhor Kite. Podem medi-lo.

Bridewell *procurando na bolsa* — Um momento, senhor Balance. Então, neste caso, eu me proponho a comprar meu resgate. Eu me daria o preço de duas libras.

Balance — Duas libras? Tudo.

Bridewell — Tudo?

Balance — Tudo em cima da mesa. Tudo! Inclusive o que você recebeu do alferes. *Bridewell paga.* Pronto. Podem medi-lo.

Bridewell — Mas eu paguei!
Pearmain leva-o para debaixo da vara de medição.

BRIDEWELL *faz um gesto de protesto* — Cinco pés. *Ele é levado.*

BALANCE — Senhor Kite, Shrewsbury doa uma bandeira para sua nova companhia. *Kite embolsa o dinheiro de Bridewell.* Vamos agora comparar a sua lista com a minha ata. *Eles sentam-se e comparam.*

Victoria entra com roupa de mulher na biblioteca. Plume fumando, olha mudo para ela.

VICTORIA — O senhor agora está zangado comigo?

Plume fica em silêncio.

VICTORIA — Isto é tudo que tem a dizer? Já que me odeia tanto... Eu vou retirar minha declaração. Não quero obrigá-lo...

PLUME *caçoando* — Eu entendo.

VICTORIA — William!

BALANCE *na sala do tribunal* — De acordo. Vamos ler o código marcial!

KITE — Isto é dever do capitão Plume.

BALANCE — Este você não verá mais.

Ele corre para a biblioteca.

VICTORIA — William, o que não gostais em mim? É a minha roupa? Tudo isso pode ser mudado.

BALANCE — É verdade.

PLUME — Eu tomei uma decisão.

VICTORIA E BALANCE — Sim?

Entra Brazen, que continua vestido como civil.

BRAZEN — Senhor Lacônico.

BALANCE — Ainda como civil?

BRAZEN — Estou inconsolável. O alfaiate transformou meu uniforme em um manto de criança.

PLUME *tirando o seu paletó* — Pegue o meu, meu velho.

BRAZEN — Você está renunciando?

VICTORIA — William!

BRAZEN — O ovo de Colombo!

BALANCE — A solução!

BRAZEN — É ela? Meus sinceros votos de felicidade. Alto! Esse rosto eu já vi em algum lugar.

Eles jogam os paletós um para o outro. Victoria ajuda Plume a se vestir, Balance ajuda Brazen.

PLUME — Senhor Balance, eu me decido pelas duas mil e quatrocentas libras.

BALANCE — Nunca. Capitão Brazen, leia o senhor o código marcial.

BRAZEN — Imediatamente. A quem?

PLUME — Brazen, meu caro, você não tem nenhum recruta?

BRAZEN — Nenhum.

PLUME — Pode ficar com a minha companhia.

BRAZEN — Plume, irmão, está falando sério? Onde ela está?

PLUME — No bolso esquerdo do paletó.

BRAZEN *retira um documento do paletó* — Seu por toda a vida! *Brazen entra precipitadamente na sala do tribunal, fala rudemente com Kite, que entrementes alinhou os recrutas na sala do tribunal.*

BRAZEN — Eu faço a leitura do código marcial!

BALANCE *na biblioteca* — E desta maneira, senhor, deixo para vossa autoridade conjugal a tarefa de reparar os danos causados a ela.

BRAZEN *começa a leitura do código marcial na sala do tribunal* — Quem... *Ele murmura.*

PLUME *na biblioteca* — Senhor, quando uma cidade é cercada por um regimento, ela tem o direito de se defender.

BRAZEN *na sala do tribunal* — ... será fuzilado! Quem... *Ele murmura.*

PLUME *na biblioteca* — Para toda uma tropa ela dá suas chaves.

BRAZEN *na sala do tribunal* — ... será fuzilado! Quem... *Ele murmura.*

PLUME *na biblioteca* — Longe das feridas que se ganham nos campos de batalha, aguardarei sereno uma gota no pé.

BRAZEN *na sala do tribunal* — ... será fuzilado! Quem... *Ele murmura.*

PLUME *na biblioteca* — Ao vosso amor, Victoria, eu sacrifico minha ambição.

BRAZEN *na sala do tribunal* — Será fuzilado!

PLUME *na biblioteca* — Mais glorioso por ter sucumbido ao vosso encanto que por ter subjugado a América inteira.

VICTORIA — William!

BRAZEN *na sala do tribunal* — Em suma: serão todos fuzilados. Todos juntos, meia-volta. Marchem.

Todos os recrutas saem comandados por Brazen. Ouvem-se, do lado de fora, tambores e o passo cadenciado da marcha. Simpkins entra na biblioteca.

SIMPKINS — Os recrutas de Welshpool já chegaram. Shrewsbury vai mancando atrás.

BALANCE *fala alto e bravo com ele* — Controle-se de uma vez por todas, Simpkins. E traga o champanhe. *Simpkins sai.*

LUCY *que enquanto isso atravessou a sala do tribunal e entrou precipitadamente na biblioteca* — Sr. Balance! *Ela leva Balance para a sala do tribunal* — O senhor está me tirando o Mike.

BALANCE — A Inglaterra precisa dele.

LUCY — E eu?

BALANCE — O que tem você?

LUCY — Eu também preciso dele.

BALANCE — Pode esquecer este rapaz, ele vai ser granadeiro.

LUCY — Mike W. Laughton tem outros planos, e se o senhor não deixá-lo em paz...

BALANCE — E daí?

LUCY — Então todo o mundo vai ficar sabendo como é que alguém vira alferes neste país.

BALANCE — Lucy!

LUCY — Senhor Balance...

BALANCE — Meirinho, me traga de volta o criado do Corvo.

O Meirinho traz Mike de volta; atrás deles, Kite.

KITE — Qual o problema com ele, senhor Balance?

BALANCE — Pela última vez: quantos anos você tem, Mike?

MIKE — Eu acho que dezessete, Vossa Excelência.

BALANCE — Sargento, o senhor quer raptar crianças com destino à América? O rapaz tem dezessete anos. Que abuso é esse? Liberem-no imediatamente.

LUCY — O uniforme será devolvido. *Ela ajuda Mike a tirar o paletó. Mike cambaleia, apoiado em Lucy, até o banco. Lucy entrega o paletó para Kite.*

KITE — Mas, senhor Balance! De novo, um homem a menos.

BALANCE — Quase íamos esquecendo o homem. *Para o Meirinho* — Que foi que Bridewell, aquele patife, lhe deu? Cale a boca! Direto para a companhia!

KITE — Obrigado, senhor Balance. *Ele dá o uniforme para o Meirinho, ambos saem.*

Entra Worthy.

WORTHY — Obrigado, senhor Balance. Onde está Melinda?

MELINDA *entrando precipitadamente na biblioteca* — Aqui!

WORTHY *também entrando precipitadamente na biblioteca* — Melinda!

MELINDA — Albert!

Eles se abraçam. Lady Prude chega com o banqueiro Smuggler.

PRUDE — Os meus respeitos, senhor Balance! Este é um dia histórico para Shrewsbury!

SMUGGLER — A Inglaterra marcha. Eu tiro o chapéu, senhor Balance.
Todos reuniram-se no salão. Simpkins trouxe o champanhe e taças. Ouve-se uma canção de soldado vinda da rua, cantada pelos recrutas que partem marchando.

RECRUTAS —

Vamos, meu jovem, aliste-se agora,
Nem criança, nem senhora,
Em Virgínia ouvirá chorar
Lá, além dos montes e além-mar.

BALANCE *levantando sua taça* — Pela boa e velha Inglaterra!

MIKE *em segredo para Lucy* — Por uma nova e boa.

SMUGGLER — Viva a liberdade inglesa, aqui e além-mar.

LUCY *baixo para Mike* — Por nós!

PRUDE — Pelas nossas colônias, que elas prosperem.

MIKE *baixo para Lucy* — Que elas se libertem!

SIMPKINS — Assim seja!
Uma rolha estala.

RECRUTAS —

O rei Jorge, velho e curvado,
Tem na testa uma ruga de cuidado
De seu reino se arruinar
Lá, além dos montes e além-mar.

BRAZEN *falando da rua* — Senhor Lacônico, vosso criado e assim por diante. Bom dia, senhor Smuggler! *Para Plume* — Parabéns, Plume! Você fez um bom negócio.

PLUME *na janela* — Kite!

KITE *na rua, frio* — Tenha uma agradável noite, senhor Plume.

RECRUTAS —

Ah, se eu não voltar, minha guria,
Era uma vez nossa alegria.

Mas o rei Jorge quer mesmo é reinar
Lá, além dos montes e além-mar.

A canção se distancia.

SIMPKINS *soluça* — Inglaterra, Inglaterra acima de tudo.

BALANCE — E agora, vamos caçar faisões.

TODOS — Ah!

BALANCE — Simpkins! Prepare a carruagem! Com quatro cavalos!

Fragmentos

Aníbal
Gösta Berling
Decadência do egoísta Johann Fatzer
A padaria
De nada, nada virá
A verdadeira vida de Jacó Vemcá
A vida de Confúcio
Dança da morte em Salzburgo

Títulos originais:
Hannibal (1922)
Gösta Berling (1924)
Untergang des Egoisten Johann Fatzer (1927-30)
Der Brotladen (1929-30)
Aus Nichts wird Nichts (1929-30)
Das wirkliche Leben des Jakob Geherda (1935-36)
Leben des Konfutse (1940)
Salzburger Totentanz (1950)

Tradução: Erlon José Paschoal (A verdadeira vida de Jacó Vemcá)
Ingrid Dormien Koudela (demais fragmentos)

Aníbal

(Cenas do primeiro ato)

PLANALTO NOS ALPES. É OUTONO.

Aníbal, Mago, Mabarbal, Kaleb, Mattan com três colunas de exércitos.

ANÍBAL — Tambores!

OS SOLDADOS — Montanhas de gelo. Montanhas de gelo. Montanhas de gelo.

VOZ — Vamos apodrecer em meio a essas montanhas de gelo?

OS SOLDADOS — Apodrecer.

SEGUNDA VOZ — O que mais você quer?

ANÍBAL — Itália! Toquem os tambores!

OS SOLDADOS — Pântano. Pântano. Pântano.

VOZ — Queremos um raio de sol!

OS SOLDADOS — Sol.

ANÍBAL — Lá tem sol.

VOZ — Sol! Neve sobre a pele!

ANÍBAL — Vocês ainda têm sua pele.

VOZ — Chuva preta!

ANÍBAL — Onde está a chuva ?

VOZ — Ela nos arrastou para o inferno.

OS SOLDADOS — Para dentro do pântano. Do pântano. Do pântano.

VOZES — Marchar. Marchar.

ANÍBAL — Tambores! Tambores!

VOZ — Aqui não amanhece, depois que a noite passou?

SEGUNDA VOZ — Está ventando.

VOZ — Então fiquem deitados, como a chuva.

OS SOLDADOS DE MAGO — O que devemos fazer, Mago?

MAGO — Marchar!

OS SOLDADOS — Sem os pés?

MATAN — Continuem cavalgando!

OS SOLDADOS — Onde estão nossos cavalos?

CALEB — Então fiquem deitados, seus tolos!

VOZ — Atirem-no no abismo! Enganador!

ANÍBAL — Não estão vendo a luz verde, entre os pinheiros?

VOZ — É remela no seu olho.

ANÍBAL — É chão preto. É a Itália!

VOZ — Nem ele mesmo acredita.

SEGUNDA VOZ — À noite ele corre em meio aos pinheiros e chama por Roma.

ANÍBAL — Dêem-me dois dias.

VOZ — Até lá estaremos todos embolorados.

SOLDADO — Dois dias!

VOZ — Está no mapa!
Risos.

VOZ — Que ele não entende.

ANÍBAL — Se não fizer sol daqui a dois dias e duas noites, então podem me rasgar o mapa e o peito. Vocês não têm nariz ? É cedo, podem percebê-lo pelo vento. O caminho leva para baixo, já podem ver os pinheiros.

VOZ — Como sabe que o caminho leva para baixo lá onde estão os pinheiros?

ANÍBAL — Dentro do meu peito, irmão.

VOZ — Então dêem-lhe dois dias e depois rasguem-lhe o peito!

OS SOLDADOS — Dois dias. E dessa vez enforquem-no!

ANÍBAL — Marchem!
Tambores.

SOLDADOS *chegam correndo* — Senhor, há inimigos nos pinheirais!

ANÍBAL — Inimigos?

SOLDADO — Atiradores romanos. Tudo repleto!

ANÍBAL — Itália.

VOZ DE SOLDADO *na frente* — Senhor, aqui há uma clareira.

SEGUNDA VOZ — Senhor, atrás da clareira existe um vale.

PRIMEIRA VOZ — E do vale se vê a luz da manhã.

SEGUNDA VOZ — E na luz...

PRIMEIRA VOZ — Na luz há um país...

SEGUNDA VOZ — E esse país....

PRIMEIRA VOZ — Esse país...

ANÍBAL — É a Itália!

OS SOLDADOS *em júbilo selvagem* — Itália! Itália! *Alguns se jogam no chão, muitos atiram-se sobre Aníbal* — Aníbal!
Tambores.

ANÍBAL — Querem ver a minha bunda? Não ouviram que há inimigos escondidos nos desfiladeiros cinzentos? *Os soldados se enfileiram* — Silêncio nas fileiras — *Aníbal passa por entre as colunas* — Agora que escorregamos sobre a traseira cinzenta dos Alpes em direção aos vales, quem irá lhes deter esta negra avalanche tigresca?

OS SOLDADOS — Ninguém!

Aníbal — Ninguém. Você aí, lamba as suas feridas! Ainda têm as suas facas?

Voz — Sim.

Aníbal — Vocês não dormiram? Há cabanas nos desfiladeiros. Estão vendo a fumaça? Estão sentindo o gosto da Itália? Ali há aguardente, ali há mulheres. Esperem mais um pouco. O que se vê ali adiante?
A luz se apaga.

Voz *na frente* — Primeiro um rio.

Aníbal — Atravessem-no!

Voz — A água chega até o pescoço.

Aníbal — Nadem sobre os escudos de madeira!

SINÉDRIO EM CARTAGO

Hanno. Melkir. Gisgon. Barltas.

Melquir — Vinte e um elefantes. *Suspiro.* Trinta mil cavalos. *Gemido.* Botas, armas, tropas. Suspiros e gemidos.

Voz — Vidas humanas!
Aplauso.

Gisgon — Disso nem se fala.

Barcas — Um triunfo da espécie humana e vocês fazendo contas.

Gisgon — Nós o pagamos!

Melquir — Triunfos como esse devoram a espécie humana.

Voz — Trinta mil vidas humanas!

Melquir — Sessenta mil botas naturalmente.

Barcas — Vocês estão arruinados.

Segunda Voz — E as reservas de trigo na Hispânia foram esvaziadas.

Gisgon — As minas de estanho!

Barcas — Pobres de vocês, venceram as montanhas mais altas do mundo.

Primeira Voz — Uma vida humana tem mais valor do que todas as montanhas do mundo.

Terceira Voz — Fanatismo! Torpor ingênuo! Onde se passa a plaina caem lascas.

Primeira Voz — Primeiro dêem botas aos miseráveis das minas de mercúrio!

Terceira Voz — Atiçador do povo! É aí que quer chegar?

Segunda Voz — O atiçador do povo contra Aníbal!

Primeira Voz — Cavalos vocês lamentam, homens são enforcados.

Quarta Voz — O que significam cavalos e botas diante de uma das maiores vitórias da história da humanidade! As minas na Sardenha compensam tudo dez vezes.

Terceira Voz — A oportunidade para enforcar a canalha apátrida surge como que de presente.

Quarta Voz — Tomar medidas enérgicas!

Primeira Voz — Os escravos que perecem nas minas de mercúrio irão lhes mostrar as leis da humanidade...

Segunda Voz — Humanidade! Enquanto a Hispânia está desguarnecida, o exército na Itália acorre em farrapos sobre Roma.

Terceira Voz — Dinheiro para o exército!

Barcas — Sim, sapatos, navios, armas para Aníbal!
Palmas.

Quarta Voz — Abaixo os apátridas!

Terceira Voz — Viva Aníbal!

Melquir — Os sapatos podem ser trazidos das minas.

Primeira Voz — Sapatos gastos!
Vaias.

Gisgon — Navios dos negociantes de escravos.

Primeira Voz — Apodrecidos!
Ele é ameaçado com os punhos.

Barcas — Soldados para Aníbal!

Terceira Voz — Soldados!

Hanno — Está bem. Aníbal receberá o que está exigindo. Melkir e Gisgon irão arranjar os mantimentos.

Primeira Voz — Agiotas e usurários!

Hanno — Ele xinga todo o mundo.
Ele é arrastado para fora.

Vozes — Abaixo os apátridas!

Hanno — Eu mesmo vou escolher os soldados para Aníbal. *Aplauso.* Ninguém poderá dizer que Cartago abandona seus filhos. *Júbilo.*

NOS PÂNTANOS DO ARNO. É VERÃO.

O exército. Aníbal, Mago, Mattan, Maharbal em marcha.

Mago — Vitória no Ticino. Vitória em Trevia. Estamos vencendo até a morte.

Matan — É preciso colocar os indicadores de caminho.

Aníbal — Eu queria que nos enforcassem.

Matan — É, porque logo não mais suportaremos estar no pântano.

Soldados *de passagem* — Mas que sol! Não vai nos conduzir logo para fora?

Aníbal — Marchem!

Mago — Quando estavam pendurados nos penhascos de gelo, vocês gritavam para que ele os conduzisse para dentro.

Matan — Ela está mesmo tão vermelha que parece descascada.

Mago — Por que eles ficam sempre parados? Assim afundamos!

Aníbal — Alguns já afundaram.

Soldado — Capitão, eu quero dormir.

Capitão — Deite-se no pântano. Eu lhe dou férias por uma eternidade!
Risos cansados.

Matan — Se ao menos víssemos um inimigo!

Aníbal — Nós os matamos todos.

Marbal — Como são idiotas, suportar tantos suplícios.

Mago — Nem todos os inimigos foram embora. Você deixou sobrar alguns.

Marbal — Principalmente a estupidez.

Aníbal — Esta é nossa amiga, dizia você.

Matan — Por que brigar ainda? Se Cartago não ajudar, podem matar-se uns aos outros.
Soldados trazem camponeses presos.

Soldado — General, estes porcos estrangularam nossos homens em assaltos.

Aníbal — Eles destruíram as suas casas?

Soldado — Nossos homens pediram gentilmente para pernoitar ali.

Aníbal — Não querem dirigir-se a um negro?

Um Homem — Senhor, incendiaram as nossas cabanas!

Soldado — Veja como ele mente. Não seria melhor enforcá-lo logo?

Aníbal — Não, meu filho. Fizeram bem em não enforcá-lo. Ele tem uma mulher grávida e pode falar.

Mago — Não são cabanas ardendo em chamas, ali?

Aníbal — Não, tampouco são cabanas. Eles estão procurando os estrangulados com tochas.

Marbal — Abram alas, soldados!

Mago — Então, meus amigos, encontraram alimento?

Alguns Gauleses *sombrios, de costas uns para os outros* — Não, nenhum alimento.

Mago — Então é atrás da aguardente que correm com tanta pressa?

Os Gauleses — Não há aguardente. Não há alimento. Não há bebida. E não dormimos desde que saímos da Gália.

Aníbal — É, estão com um aspecto deplorável.

Marbal — São bons soldados.

Aníbal — Sim, mas estão com um aspecto deplorável. Caleb está em seu posto?

Os Gauleses — Sim, senhor. Caleb está atrás de nós dia e noite. E quem adormece não acorda nunca mais.

Aníbal — Apenas para que não afundem no pântano.

Marbal — Eles não têm nada para comer.

Mago — Você tem alguma coisa para comer?

Aníbal — Não, ele não tem nada. Ele também me odeia.

Marbal — Sim, nós temos comida. Ontem à noite havia carne.

Mago — Isto é traição.

Aníbal — Cavalos pereceram. Vocês não podem incendiar cabanas, meus queridos. Assim receberão tudo deles. Não é assim?
Os Camponeses gemem.

Aníbal — Os gauleses não incendiaram as suas cabanas?

Os Camponeses — Sim, senhor.

Aníbal — E agora querem permanecer no seu país. O que acham disso?

Os Camponeses — Sim, senhor.

Aníbal — Recebam-nos bem, meus queridos, cuidem deles.

Os Camponeses *quase gritando* — Sim, senhor.

Aníbal — E agora levem-nos todos, os proprietários das cabanas e seus hóspedes, para algum lugar onde possam conversar uns com os outros. *Assim acontece.*

Mago — Estes não são os seus homens, Maharbal?

Marbal — Sim, isto é a minha canalha.

Aníbal — Um sol vermelho. A Itália!

Matan — Se tivéssemos ao menos comido alguma coisa!

Soldado *em marcha* — Você não tem nada para comer, Aníbal?

Aníbal — Vocês não têm mais unhas?

Soldado — Não há mais batalha? A língua está pendurada até o umbigo. A aguardente terminou. E sem dormir!

Aníbal — Logo haverá novamente batalha, soldados!

Soldado — E, antes disso, alguma coisa para comer?

Aníbal — Carne de cavalo.

Soldado — Como está o seu olho?

Aníbal — Se foi.

Soldado — Não faz mal. Não se importe com isso, você ainda tem o outro.

Aníbal — Eu sei, vocês só comem cebolas. Devem fazer assim — *ele mostra como fazer — empurrar na mandíbula e não cuspir, não cuspir a saliva. Não são gostosas?*

Soldado — Não, não são tão gostosas.

Aníbal — Tem alguma importância?

Soldado — Sim, dá dores de barriga.

Aníbal — Ponham fogo em todas as cabanas que encontrarem.

Marbal — Para que os meus gauleses levem a culpa!

Aníbal — Sim, para que conosco permaneçam!

Mago — Acredita que amanhã será melhor?

Aníbal — Isto eu não sei.

Gösta Berling

(A partir de uma dramatização de Ellyn Karin,
do romance de Lagerlöf)

Casa do pároco: quarto de madeira, atrás, à direita, uma grande porta de madeira que pode ser aberta, com vista para uma floresta negra de pinheiros; atrás, à esquerda, uma janela aberta, pinheiros negros. Noite. Gösta está diante da porta, instando os camponeses a saírem.

PRIMEIRO CAMPONÊS —
Por isso, senhor pastor, é preciso que permaneça conosco.
E expulse o diabo da aldeia!

SEGUNDO CAMPONÊS —
O diabo da aguardente!

TERCEIRO CAMPONÊS —
O satanás da impudicícia!

QUARTO CAMPONÊS —
O diabo da avareza com seu vintém trincado!

TERCEIRO CAMPONÊS —
Com o diabo, nós faremos com que vista apenas uma folha
de uma parreira!

QUINTO CAMPONÊS —
E antes de mais nada: o diabo dos vinténs do vício!

TERCEIRO CAMPONÊS —
Afinal só nos desentendemos
Porque o senhor bebeu o vinho que era destinado à missa!

SEGUNDO CAMPONÊS —
Do contrário, estaríamos para sempre satisfeitos com o senhor.

TERCEIRO CAMPONÊS —

Hoje após o sermão rezava em voz alta.
E todos sabiam.

SEGUNDO CAMPONÊS —

Nenhum outro fala assim!

PRIMEIRO CAMPONÊS —

Por isso: não há de ser nada! E doravante paz!

GÖSTA —

Então vocês já não estão mais aborrecidos?

TERCEIRO CAMPONÊS —

Eu sou um barril de aguardente desregrado
Mas os olhos ainda estão molhados...

GÖSTA —

Agora o prelado se foi e a aguardente foi derramada.
E nós permanecemos juntos em nome de Deus!
Vão com Deus e sem bebedeira!

CAMPONESES —

Amém. *Saem.*

Gösta tira a Bíblia do armário.

CHRISTIAN BERGH *aparece na janela, sob os pinheiros*

Gösta! Gösta! O que faz aqui?
Gösta! Você foi vingado! Pela Virgem Maria!

GÖSTA *sombrio* —

O que quer dizer com isso?

CHRISTIAN BERGH —

Ei! Acorde!

GÖSTA

Você acredita que eu vá dormir esta noite?

CHRISTIAN BERGH —

Não! Nem você nem o prelado!

GÖSTA

O prelado?

CHRISTIAN BERGH —

Ainda está retirando a lama dos cabelos.
Por que faz uma cara como essa?

GÖSTA —

O prelado?

CHRISTIAN BERGH —

Eu o mandei para o inferno!
Irmão, uma aguardente! E fique tranqüilo
Aquele se foi! Não voltará nos próximos dez anos
Nem ele nem os outros!
Com o diabo, ainda estou furioso!
A pele de seu rosto ficou pálida?

GÖSTA —

Christian! Estava tudo dentro da maior ordem!

CHRISTIAN BERGH —

Por que estava? Está tudo na maior ordem. Agora podemos beber!

Não mais virão nem bispo nem prelado!
O último foi conduzido por mim por entre enchentes e pedras
De tal forma que a carroça ficou pendurada sobre o abismo
O assento quebrou-se! O teto foi despedaçado!
Meu querido, eles gritavam como corvos de terror
E ficaram pendurados como trapos
Quando descemos para os pinheirais!
Mas Gösta! Por que seus lábios ficaram sem cor?
Fique calmo, irmão, não os deixei cair.
Por que hesita, irmão? Ele não volta mais.
Eu apenas disse com muita calma: da próxima vez não terão
Tanta pressa em voltar para ver o pastor Berling.

GÖSTA —

E o que disseram eles?

CHRISTIAN BERGH —

Por que você não vem até aqui?
Eles disseram naturalmente que não voltariam nunca mais.

GÖSTA —

Para ver o pastor Berling? Oh, Christian, você é —
Um bom camarada e um mau cristão
Mas que importância tem, dê-me um abraço! Venha!
Já não sou mais pastor!

CHRISTIAN BERGH *entra* —

Mas Gösta! Está tudo em ordem, está tudo bem!

GÖSTA —

Entre! A aguardente aquece e dá coragem!
Ele enche os copos.
Aí está: bebe! Eu agradeço a você, eu agradeço muito!
Termine de beber e encha o meu copo, isto aquece o sangue
E além disso já não sou mais pastor!

CHRISTIAN BERGH *sentado* —

Irmão Gösta, como vejo
Você tem um ponto de vista diferente
A peça que foi pregada
Parece que não lhe agradou.
Mas, Gösta...

GÖSTA —

O que está dizendo?
Termine de beber e olhe para mim!
Não estou contente?

CHRISTIAN BERGH —

Não. Não está. Mas veja, agora
Tem a aguardente dentro de si e isto o deixa cego.
E você pensa: vive-se melhor no sol e na neve
Sem a aguardente. Mas se não a tiver dentro de si
Ela que agora lhe corre por dentro
Então não pensa em nada mais além da aguardente
Nem no vento nem na luz do sol
Então sente a vida apenas como um fardo.
Isto não está claro para você?

GÖSTA *arrumando os caixotes* —

Sim, é verdade!
Mas agora vem a mudança! Os caixotes e as caixas

Cheios de papéis e aranhas.
E as botas, a almofada suja
Com pequenas manchas das lágrimas sem importância
E ali os mantos, eles são muitos —
Você não pode olhar para cá e parar com essa bebedeira?

CHRISTIAN BERGH *levanta-se* —

Mantos? Eles me ficam bem! Pela Virgem Maria!
Estes eu vou levar para Ekeby! *Veste-os.*

GÖSTA —

Leve-os e assim vestido beba até cair
Como eu o fiz até tombar
Pois agora quero — olhe, Christian, que monte enorme!
Correr para as florestas eternas
Para as eternas e negras florestas
Onde não se encontra ninguém!
Lá embaixo nas florestas eternas
Onde há umidade e vento nunca haverá alguém
Que beba assim a umidade e devore assim o vento!
Por isso leve tudo, capitão, tudo isso
Pois assim viverá e eu sou um cretino
O papel e as aranhas, a vestimenta e a roupa.
Diabos, por que
Silencia?

A Esposa do Major entra. Bergh avistou-a, pois estava sentado de costas para a rampa, bebendo. Agora ele se ergue.

A ESPOSA DO MAJOR —

Capitão Christian Bergh, o que faz aqui?

GÖSTA —

Quem é?

A ESPOSA DO MAJOR —

A esposa do Major em Ekeby.
Saia, Christian Bergh, vá para a sua floresta de loucos!
Christian Bergh, um pouco bêbado, vai até a porta

A ESPOSA DO MAJOR —

Espere por mim lá fora, na banqueta do carroceiro!
O senhor é Gösta, o pastor?

Gösta —
Ele mesmo.

A Esposa do Major —
Vejam só!

Gösta —
O manto bêbado no pinheiro negro e úmido!

A Esposa do Major —
O senhor fez um sermão hoje? O prelado esteve aqui?

Gösta —
Ele está cambaleando! Oh, Christian Bergh!

A Esposa do Major —
O senhor está pálido!

Gösta —
Eu, pálido?

A Esposa do Major —
Branco como a neve!

Gösta —
A senhora está enganada!

A Esposa do Major —
O que está acontecendo?

Gösta —
Agora está nevando!

A Esposa do Major —
Ao diabo! O senhor está troçando de mim?
Onde está a sua honra de padre?

Gösta —
Não diga!
Onde está a neve do ano passado?

A Esposa do Major —
Então os camponeses tiraram o senhor do cargo?

Gösta —
Eles me pediram —

A Esposa do Major —
Que o senhor fosse perdoado? Não é verdade?

Gösta —
Não!
Ficar com eles e perdoar!

A Esposa do Major —
Então o prelado lhe —

Gösta —
Estendeu-me a mão!

A Esposa do Major —
Por beber o vinho da missa e criar problemas?
Por abalar os santos costumes?
Desejo-lhe muita felicidade! E que se envergonhe!

Gösta —
Eu me envergonho. Mas a felicidade
Eu lhe devolvo porque é inútil.

A Esposa do Major —
Se eles o envergonharam de verdade
Melhor seria que o tivessem enterrado!
Mas agora o senhor é pastor? Para a eternidade?
Assim como aqui está, bêbado?

Gösta *vai até a janela, abre-a, a neve entra na sala* —
Não.

A Esposa do Major —
O senhor tem maneiras muito estranhas
Como se tivesse Deus no quarto!
O senhor não está bêbado. Para que todas essas coisas?
O senhor fala como se estivesse febril! O que quer fazer
consigo mesmo?

Gösta —
Enterrar-me!

A Esposa do Major —
Quem? O senhor?

GÖSTA —
Enterrar-me!

A ESPOSA DO MAJOR —
Mas onde?

GÖSTA —
Nas florestas de pinheiros ao norte.

A ESPOSA DO MAJOR —
E se? Bem, e se o senhor fizer o seu enterro? *Silêncio*
O senhor acredita que viveu bem realmente?
O senhor acredita que vive de verdade? E agora está cansado?
Não percebe que está com a boca cheia de terra?
Afogado na aguardente, isto se vê na sua cara!
Ele não viveu na terra verde de Deus.
Um peixe apodrecido no mar de aguardente!
Ele quer morrer! Só rindo!

GÖSTA *inclinando-se na janela* —
Para dentro com a neve!

A ESPOSA DO MAJOR —
É capaz de me sentir? É capaz de sentir, hein? É frio?
Quer ir para a floresta, hein? Para a floresta?

GÖSTA —
Para a floresta.

A ESPOSA DO MAJOR *em tom rude, na porta aberta* —
Hoje eu fui até as florestas negras.
Gösta Berling, eu me senti jovem. *Dirige-se para a mesa*
A neve caía e eu não sentia frio
E pensava que era um animal morto
Peles de animais me mantinham aquecida. *Senta-se.*
Agora feche a janela! Com a aguardente
Um pouco de calor entra dentro de mim. *Ela bebe o copo de Bergh.*
Assim sou eu, Berling, mas lhe digo:
Já fui ardente com dois.
Eu tinha um marido e um amante!

O marido me foi arranjado pela mãe. *Bebe e fuma de um cachimbo.*
Pelo amante ela me castigou duramente.
O marido, Gösta Berling, ainda vive
Mas o amante já morreu.
Meus membros estão gelados, meu cabelo grisalho
Não fui sempre uma boa mulher. *Bebe.*

GÖSTA *fechando a janela* —
Meu Deus...

A ESPOSA DO MAJOR —
E você, quer morrer? E eu? E eu?
Senhor pastor, não seja ridículo!
Eu lhe ofereço como aos meus outros animais
Uma vida de alegria em Ekeby
Com aguardente e dança com os cavaleiros!

GÖSTA *à mesa* —
Senhora, desculpe, não quero seu pão
Sua aguardente não me sacia. Não mais! Ah! *Ajoelha.*
Eu prefiro a neve no pescoço ao seu telhado
Pois fui eu mesmo quem me condenei à morte.

A ESPOSA DO MAJOR *dura* —
Então vá e morra a sua morte!
Eu sou uma velha mulher sem coragem
Endurecida pelas preocupações, não sirvo para nada.
Saia se não vê outra alternativa!
Eu mereço isso. Por que, desesperada,
Me ofereci a um pastor bêbado?
Vá e morra a sua morte!

GÖSTA *ergue-se, cambaleando até a porta* —
Desculpe. *Na porta*
Não posso.

A ESPOSA DO MAJOR —
Então vá. *Joga o cachimbo na lareira.* Então, o que há? *Levanta*
Espera por algo? Algo lhe ocorre?

Não deixa uma velha mulher sozinha?
Ela não ficou nua em vão?
Na noite de neve? Está lembrado agora? Silencia?
Não diga nada, Gösta Berling, venha comigo! Seja homem!
Empurra as coisas de lado com o pé
Vocês pássaros selvagens voam com tanta audácia
Mas Deus conhece a rede que pode pegá-los!
Com as mãos sobre os seus ombros
Não diga nada, venha comigo e não olhe:
Elas esperam, as florestas ao norte!

Decadência do egoísta Johann Fatzer

(Encenação em três partes, com coro)

PASSEIO DE FATZER PELA CIDADE DE MÜLHEIM

FATZER —
Quero saber
Em que lugar do mapa
Dessa ensangüentada, incompreensível, amaldiçoada crosta terrestre
Viemos parar.
O que há para comer aqui?
Que tipo de pessoas vivem aqui?
Quantas ainda estão vivas?
Estou pressentindo que
Vamos ficar muito tempo por aqui.

Diante do açougue local.

FATZER *pergunta a uma mulher* —
Que casas são essas?

MULHER —
São açougues.

FATZER —
Aqui tem carne?

MULHER —
Cem gramas por dia, por pessoa,

FATZER —
A senhora vai me dar quatro vezes isso.

MULHER
Você é o mesmo que quatro homens?

FATZER —
A prática está acima da teoria.
Mulher sai, rindo.

SOLDADO *para um Açougueiro —*
O comboio vem trazendo víveres.
Como disse, estão faltando cinco bois, pode olhar na nota.
É por isso que estou aqui.

AÇOUGUEIRO —
Está bem, amanhã lhe dou mais três bois. Depois de amanhã,
Na sexta-feira, vamos abater mais gado.

SOLDADO —
Precisamos dos dois restantes o mais tardar
Até depois de amanhã à noite.
Sábado de manhã, partiremos.

AÇOUGUEIRO —
Ah, daí serão vocês o gado abatido
Pessoas em torno dão risada.

SOLDADO *sai —*
Idiota!

FATZER *andando atrás dele —*
Devo segui-lo!
O odor sanguinolento dos cinco bois
Vai me guiar. Enquanto isso
Quero ver a minha amiga,
A guerra.
Com que roupas anda o povo? O povo anda
Com roupas velhas, como posso ver.
A pouca lã de carneiro e linho que possuíam
Foi amontoada atrás das baionetas,
Fio por fio. Esta guerra caminha
Em sapatos velhos; portanto
Não irá longe. Também posso ver:
O pobre mais pobre e o rico mais rico e

No meio não existe nada: isso é bom.
Crianças que nada pesam ao nascer e
Têm os lábios pálidos.
Não ficam mais pesadas. Isso é bom.
Bom também que logo será inverno, a
Guerra declina quando o povo tem frio.
Quinze estão agora sentados em cada fresta de muro, porque
Não se constrói mais nada, e quanto
Mais se unem, tanto mais
Razoáveis se tornam.
Correm atrás de suas mulheres
Como nos velhos tempos, com tanta voracidade
Como se não tivessem outra ocupação além de
Montar em cima delas. Isso não é bom.
Não estão fracos o suficiente,
Ou pior, ainda:
Ficaram acostumados com os tempos sanguinolentos.
Tudo continua. Certamente se arrastam,
Mesmo com o joelho estraçalhado,
Em busca de um buraco cabeludo. Enquanto tiverem-no,
Tudo o mais lhes será indiferente. Seria preciso
Tampar esse buraco cabeludo. Quanto mais eu vejo,
Mais desejo ir atrás dos meus cinco bois.
Um bando de recrutas passa marchando.

FATZER *para o Soldado —*
São jovens. Não deveria ser assim.
Ainda não sabem comer nem a própria ração
E já devem matar homens. Isso é mal para a guerra.
Primeiro deveriam
Crescer e depois fazer a guerra.
O Soldado continua caminhando.

FATZER *caminhando atrás dele —*
Ele não tem opinião.
Isso é mal. Por isso a guerra
Dura tanto tempo quando já teria
Terminado há muito. Esse soldado tem de
Me passar a carne.

Conheço esse sujeito.
Ele entrega a carne
Diante de uma padaria.

QUATRO MULHERES *gritando* —
Entreguem a farinha!
Entreguem a farinha!

FATZER —
Por que gritam tanto?

AS MULHERES —
Nós temos um cupom
Onde está escrito que podemos receber farinha,
Mas sempre que chegamos à padaria
A porta está cerrada e
Não há farinha para nós.
Mas sabemos
Que atrás da porta há farinha.

FATZER —
Por que não lhes dão farinha?

AS MULHERES —
Os superiores a comem!
Aquilo que o exército deixa, comem os superiores
Nós e nossas crianças
Ficamos com a cola

FATZER —
Por que não arrombam a porta?
Arrombem a porta e peguem a farinha.

AS MULHERES —
Mais um daqueles que só sabem falar alto
Pessoas como você deveriam levar um tiro!
Por que não está no campo de batalha, onde é o seu lugar?
Os ingleses não querem nos dar comida
E os franceses matam nossos homens
E eis aqui um daqueles que está do lado do inimigo!
Olhem o agitador! Agora se esconde!

FATZER *andando, para o Soldado* —
O povo é burro! Por isso a guerra
Não pára nunca.
O Soldado se volta e continua caminhando.

FATZER *caminhando atrás dele* —
Enquanto ainda tiverem fiapos de carne
Entre os dentes ou
Entre os dentes de seus irmãos
Vocês não param com a matança.
Por isso a água
Ainda há de apodrecer em suas bocas.
Morrerão como moscas ainda este ano, em dezembro.
E até janeiro as traças já os terão devorado.
Passam dois homens.

UM HOMEM —
Você ainda tem lenha?

O OUTRO HOMEM —
Umas mil achas.

UM HOMEM —
Não venda a lenha,
Esconda-a. Quando fizer
Muito frio venderemos
Acha por acha e
Terão que pagar
O que exigirmos.

O OUTRO HOMEM —
Sim, e precisamos também
Esconder nosso carvão, balde por balde,
Longe dos olhos deles. A guerra
Não pode parar.
Ambos saem.

FATZER —
Ainda há carvão e lenha. Que bom que ainda há
Pessoas que separam e guardam.
Isso é mal para a guerra!

São pessoas boas!
Se houvesse mais pessoas como essas,
Esta guerra logo teria fim.
Mas não existem muitas, e a minoria
Está bem demais e enquanto
Ainda puder engolir a erva requentada
E a carne podre de cavalo
Produzirá guerras sem cessar
Por isso precisamos cuidar de nós mesmos
E arrumar alimento
Por um longo período.
Atenção! Atenção senão ele me escapa!
Agora vejo cada vez mais claro: precisamos
Arranjar algo para comer não apenas para o almoço.
A guerra continuará por mais tempo.

SOLDADO *vira-se* —
Ei, você! Por que corre atrás de mim como um cachorro?
Por que não responde, quando
Eu pergunto?
Olha aqui, tenho
Uma faca para pessoas
Que ficam de tocaia atrás de mim.

FATZER *consigo mesmo* —
Preciso abordá-lo de outro modo,
Se quiser a carne —
Preciso de carne para os companheiros que eu trouxe —
Preciso encontrar uma saída! Eu prometi. Vou atirar-me
A seus pés e mostrar minha fome.
Ei, camarada!
Ele cai.

SOLDADO —
O que há com você?

FATZER —
Me dê alguma coisa para comer!

SOLDADO —
Levanta! Não tenho nada!

FATZER —
Me dê alguma coisa para comer!

SOLDADO
Homem, eu não confio em você!
Um tipo como esse que se joga aos meus pés!
Se der alguma coisa, vai encher a cara e
Me enfiar a faca pelas costas.

FATZER —
Assim é por todo lado agora.

SOLDADO —
Não pense que não percebi que você
Me seguia. Se fosse honesto,
Não teria se jogado aos meus pés.
Porque você não está fraco.

FATZER —
Acredite no que quiser, mas
Se eu tivesse o que comer,
Não teria me jogado aos seus pés.

SOLDADO —
O que tenho eu com isso?

FATZER —
Nada! Eu aqui deitado, quase
Esticando a canela, e você pergunta
O que tem com isso?

SOLDADO —
Por que não?

FATZER —
Claro, por que não?

SOLDADO —
Não te darei nada.

FATZER —
Está claro que não!
Mas cuidado. Nós

Somos quatro e precisamos de algo
Para comer.
Se alguém ficar sabendo,
Estamos liquidados. Mas você tem cinco bois
E foi atrás deles que eu vim
Quando caminhei atrás de você, e amanhã
Virei com meus amigos
E traremos uma carroça.
Quando estiver escuro, você
Vai nos dar um pouco de sua carne e
Farinha e um pouco de gordura de suas provisões
O tanto que estava previsto para o exército, pois nós também
Pertencemos ao exército. Agora ajude-me a levantar.

SOLDADO —
Não vou erguê-lo. Mas,
Se realmente pertencem ao exército e
Fugiram dessa guerra imunda,
Esperem amanhã com a carroça no açougueiro.
Mas ali onde tiver bastante gente, e eu
Vou ver o que posso fazer por vocês.

FATZER —
Nós somos em quatro!

1

SEGUNDO DESVIO DE FATZER
DUAS NOITES SEGUIDAS OS COMPANHEIROS QUE REGRESSARAM PROCURAM ARRANJAR ALIMENTO. FATZER FRUSTRA AS TENTATIVAS.

KEUNER —
É aqui!
Ele tem de passar por aqui
Aquele que vai nos ajudar, aquele
Que Fatzer encontrou.
O horário é o mesmo.

BÜSCHING —
Se o Fatzer, que

Conhece ele, chegar
Na hora. Ele é um
Desgraçado quando se trata de pontualidade.

KEUNER —
Fatzer vem vindo!

LEEB —
Quando soa o toque de recolher,
O homem deve estar na caserna.

KEUNER —
Veja lá, se Fatzer chegou antes que soasse
O toque de recolher,
Seu amigo também deve estar chegando.

BÜSCHING —
Deve ser um daqueles.
Qual deles será?
Passa um Soldado.

LEEB —
Aquele lá! Talvez seja aquele?

BÜSCHING —
Pode ser aquele, o que vocês acham? Ele
Parece ser amigável.

KEUNER —
Muito amigável! Um pouco amigável demais. Se ele
Parecesse um pouco mais severo entre o nariz e a boca
Não se poderia dizer que tem aparência séria, e que
Não tem alguma coisa de ávido? Assim, no andar!
Amigável sim, mas amigável com quem?
E digo ainda: quanto mais eu o examino,
Mais meigo me parece, como o colarinho suado de um assassino: não,
Não pode ser aquele.
Um civil passa.

BÜSCHING —
E aquele?

KEUNER —
O Cabeça-de-Sela? Claro, pode ser
Que ele tenha tirado a farda para não ser reconhecido, mas,
olhe,
Será que não tirará também a pele para que não seja
Reconhecido, e os músculos e as veias para que não seja
recohecido?
Essa pouco despegada orelha tem algo de vicioso.
E digo ainda: esse aí não enche quatro estômagos.
Esses (em razão de a superfície da Terra estar dilacerada
pela guerra)
Estão estendidos sob a terra e esperam pela carne.
Não, esse não.

BÜSCHING —
Não iremos encontrá-lo sem o Fatzer.

KEUNER —
Se o Fatzer conseguiu identificar aquele
Que nos ajudará, ele deve ter uma aparência
Reconhecível, porque senão
Como ele o teria reconhecido?
O Soldado da noite anterior passa.

BÜSCHING —
Esse, por exemplo, não poderia ser
Ele parece uma panela de ferro!
Eu não falaria com ele.

KEUNER —
Sim, esse aí
É um homem duro, logo se nota.

BÜSCHING —
Se Fatzer não chegar agora,
Terá sido tudo inútil por hoje.

KEUNER —
Quanto mais se olha, tanto menos
Um homem se parece com um homem. Nenhum daqueles

Que por aqui passou parecia ser alguém
Que nos ajudaria se fosse preciso.
Soa o toque de recolher.

BÜSCHING —
Podemos ir para casa.
Não entendo por que ele não veio.
Fatzer aproxima-se lentamente.

FATZER —
Vocês estão aí?

BÜSCHING —
Onde você esteve?

FATZER —
Não pude vir antes.

KEUNER —
Por que, Fatzer, você
Não veio? Não havíamos combinado?

FATZER —
Fiz um pequeno negócio com alguns açougueiros
Que acreditavam poder
Me enganar.

BÜSCHING —
Quer dizer então que acabaram as provisões
Para as próximas semanas?

FATZER —
Amanhã é outro dia. Quem sabe
Amanhã vocês sejam capazes de usar outro tom
De voz
Quando falarem comigo,
Quando precisarem de mim.

KEUNER —
Não precisamos de outro tom de voz, mas você
Precisa estar presente quando necessário.

FATZER —

Ah sim? Eu preciso estar presente?

BÜSCHING —

E amanhã? Você estará aqui?

FATZER —

Sim.

KEUNER —

E nada vai impedi-lo?

FATZER —

Não.

KEUNER —

Então até amanhã.

2

Keuner, Büsching, Leeb, Fatzer.

KEUNER *para Fatzer* —

Nós precisamos da carne.
Não vá comprar briga hoje.
Não vamos estar ao seu lado,
Porque, como você disse,
Ninguém pode nos reconhecer.
Não podemos desperdiçar mais nada
Uma carne presenteada como essa
Não ganharemos outra.

Aparecem dois Açougueiros.

FATZER —

Aqueles ali me ofenderam ontem.
Precisamos mostrar a eles
Que não podem conosco.

BÜSCHING —

Fique aqui, Fatzer, nós precisamos
Da carne.

FATZER —

Não me importa. Preciso
Falar com eles.

Fatzer avança em direção a um Açougueiro. Outros Açougueiros saem da loja e o cercam.

O AÇOUGUEIRO —

Ali está aquele sujeito que
Levou uns cascudos ontem. Ele quer
Levar mais um pouco hoje.

FATZER —

Ontem eu era apenas um. Mas hoje
Estamos em maior número. Vamos lá, Büsching!

UM AÇOUGUEIRO —

Dêem-lhe um soco na boca!
Quem é ele?

Eles derrubam Fatzer.

KEUNER *para Büsching e Leeb* —

Fiquem onde estão. Não se deixem
Notar. Façamos como
Se não o conhecêssemos.

UM AÇOUGUEIRO *para eles* —

Ei, vocês aí!
Vocês o conhecem?

KEUNER —

Não!

UM AÇOUGUEIRO —

Vocês estavam com ele.
Vocês devem conhecê-lo.

KEUNER —

Não, nós não o conhecemos.

OS AÇOUGUEIROS *voltando para a loja* —

Melhor para vocês!

BÜSCHING —

Agora precisamos erguê-lo.

KEUNER —

Fique onde está! Nós viemos
Buscar a carne.

LEEB —

Mas necessitamos dele.

KEUNER —

Ele que levante por si mesmo.

Fatzer ergue-se coberto de sangue e sai cambaleando.

KEUNER —

Fatzer!
Aqui, Fatzer!

LEEB *chama Fatzer* —

Vem aqui!

Fatzer sai, como se não ouvisse.

LEEB —

Para onde vai? Ele
Apanhou muito.

KEUNER —

Quando voltar a si,
Virá para cá, pois nós
Estamos aqui e precisamos
Ter a carne.

BÜSCHING —

Logo vai soar o toque.
Nós deveríamos
Talvez ajudá-lo, ele é o único que
Poderia arranjar alguma coisa.
Quando estava deitado no chão
Vi que olhava para cá.

Soa o toque de recolher.

KEUNER —

Agora vamos embora.
Não se fala mais sobre isso

Agora precisamos dormir, mas
Eu digo a vocês:
Não pressinto nada de bom.

Os três saem.

COROS

FATZER, VENHA

I

Abandone o seu cargo.
As vitórias estão feitas. As derrotas estão
Feitas:
Abandone agora o seu cargo.
Mergulhe novamente nas profundezas, vencedor.
O júbilo chega até ali, onde havia combate.
Não queira aí permanecer.
Aguarde os gritos da derrota, ali onde são mais fortes:
Nas profundezas.
Abandone o velho cargo.

Silencie a sua voz, orador.
Seu nome é apagado. Suas ordens
Não são cumpridas. Permita
Que novos nomes apareçam e
Novas ordens sejam cumpridas.
(Você que não mais ordena
Não exija desobediência!)
Abandone o velho cargo.

Você não foi o bastante
Você não terminou a obra
Agora que tem a experiência e está só
Agora pode reiniciar:
Abandone o velho cargo.

Você que dominou ofícios
Aqueça o seu fogão
Você que não tinha tempo para comer
Prepare agora a sua sopa.

Você sobre quem muito se escreveu
Estude agora o ABC.
Inicie já:
Assuma o novo cargo.

O derrotado não escapa
À sabedoria.
Segure-se e afunde! Tenha medo! Afunde! No chão
Espere o ensinamento.
Você a quem tanto perguntaram
Seja participante do ensinamento
Da massa:
Assuma o novo cargo.

II

A mesa está pronta, marceneiro.
Deixe que a levemos.
Não queira aplainá-la mais ainda
Não queira trabalhar ainda mais com a tinta
Deixe-a como está:
Assim como está, nós a levaremos.
Nós precisamos dela.
Dê-nos a mesa.

Você está pronto, homem de Estado
O Estado não está pronto
Deixe que o transformemos
De acordo com as necessidades de nossas vidas.
Permita que sejamos homens de Estado, homem de Estado.
Nas nossas leis seu nome é previsto.
Esqueça o nome
Respeite as leis, legislador.

Siga a ordem, líder
O Estado não necessita mais de você.
Entregue o Estado.

VISÃO DO PENSADOR SOBRE O TEMPO DEPOIS DELE

Agora há pouco
Deixaram aqui uma cadeira, a velha cadeira

Na qual figura: "Nela devem sentar-se
Apenas aqueles que são bons, de preferência todos"
Com o movimento prescrito
No velho assento. Do varal de máscaras
Retiram as velhas máscaras
Gritando e murmurando, cantam
O texto, esforçando-se por dizê-lo
A salvo de emoções.
Nas partes previstas seus ouvintes
Batem palmas gentilmente, mostrando
Que são iniciados e ainda
Estão de acordo.
O pensador esperou até que chegasse
Aquele trecho em que
O primeiro jogador deve sentar-se desajeitadamente
E quando os outros atores começaram a assoviar
Da forma prevista
Viu que honravam as leis
E os abandonou.

A INJUSTIÇA É HUMANA (CORO VII)

I

A injustiça é humana
Mais humana ainda
É a luta contra a injustiça!
Queiram também aqui fazer alto
Diante do homem, deixem
Que permaneça ileso. Aos assassinados
Nada mais pode ser ensinado!
Não queira, faca, raspar
A escrita com a impureza
Você ficará
Somente com uma folha vazia
Coberta de cicatrizes!

II

Uma folha limpa como essa
Depois de tantas folhas cobertas de cicatrizes
Possamos finalmente incluir no relato sobre
A humanidade!

BOM ISSO, MAU ISSO! (CORO E CONTRACORO)

Aqueles que nasceram, não querem morrer
Bom isso.
Eles comem mas não querem ficar satisfeitos
E comem novamente
Bom isso.
No devido tempo eles morrem e tombam nos buracos
E não voltam mais, e
O chão no qual foram atirados
Se fecha.
Bom isso.
Em seu lugar
Nascem outros, dormem em seus lençóis e
Comem de seus pratos com prazer.
Bom isso.
Aquilo que acontece, deve acontecer, por que
Não haveria de acontecer?
Não lamentem tanto
Um ser humano, ele
Nasceu e deve morrer
Não percam
O fôlego, também vocês
Logo vão morrer!

Lamentar um ser humano!
Ele deve morrer?
Mau isso!
Aquilo que acontece, não deve acontecer.

Modifiquem isso.
Não entreguem o seu prato.

Ah, para quê?
Mau isso!
Nada daquilo é bom, que o homem não
Faça bem!

Injustiça existe
Como água.
A desgraça
Nasce como o sol
E o homem massacra o homem
Assim como o peixe devora o peixe.
Assim é, e portanto
É bom isso.
A injustiça já é
Tão comum entre nós como a água, vocês diriam
Mau isso.
O sol não vem a nós tão certamente
Como nossa infelicidade
Mau isso.
O homem massacra o homem.
É mau, muito mau, muito mau, muito mau isso!

A padaria

(Três cenas, cantos e canções)

A LUTA PELO VINTÉM

OS ALS [•] (OS DESEMPREGADOS) *dirigem-se aos espectadores* —

Vocês que acabaram
De comer
Permitam que mostremos
Nosso incansável esforço para conseguir algo para comer
A comida mais modesta já é suficiente.

Pedimos que vejam
Nosso esforço incansável para conseguir trabalho!
Infelizmente comida e trabalho
Estão submetidos a leis eternas,
Desconhecidas.
Mas não param
De cair
Pelas grades no asfalto
Pessoas sem nenhuma marca
Ou indicação "cair"
De repente, sem ruído, em rápida queda
Pessoas que caminham ao nosso lado, felizes, caem
Em meio à torrente humana
Seguindo seleção imprecisa,
Seis entre sete caem, mas o sétimo
Vai ao refeitório.
Quem de nós será o próximo? Quem
Está destinado à salvação?

[•] Als: corruptela do alemão Arbeitslosen, desempregados. (N.E.)

Quem está marcado?
Onde está a grade, a próxima?
Não se sabe.

ULISSES SCHMITT (VENDEDOR DE JORNAIS) *dirige-se aos Als* — Ei, vocês aí! Procuro alguém que me entregue os jornais e fisgue novos clientes. Há tempos minha freguesia não aumenta, e preciso permanecer em minha banca.

OS ALS CARIMBADOS *comendo com suas colheres e pratos de lata* —
Não temos interesse
Pelo seu negócio
Espúrio.

OS ALS —
Escolha alguém entre nós,
Todos queremos
Entregar jornais.

ULISSES SCHMITT — Não posso ficar com qualquer um. Você aí, tem parentes?

O Primeiro Al acena que sim.

O SEGUNDO AL *colocando-se diante do primeiro* —
Eu não tenho.

OS ALS — Mas ele bebe.

O TERCEIRO *colocando-se diante do segundo* —
Eu consigo
Suportar muita coisa
Fui carregador de bagagem.

O QUARTO *colocando-se diante do terceiro* —
Você é velho.

WASHINGTON MEYER *passando por entre suas pernas e colocando-se diante dele* —
Eu sou mais jovem.

ULISSES SCHMITT — Venha comigo. *Entrega um pacote de jornais para o garoto.*

O QUARTO *segurando o garoto* —
Ei, Washington!

E eu?
Eu vou ficar sem nada? Você não pode
Arranjar com seu patrão alguma sobra para mim?

WASHINGTON MEYER —
Pode confiar em mim, Edmund,
Verei o que posso fazer,
Deixe-me firmar o pé primeiro.

Ele segue Schmitt até a banca de jornal.

OS ALS CARIMBADOS —
Em cada dez jornais
Ele ganha um vintém!
Isto não é negócio.

OS ALS —
Ulisses Schmitt, velho batalhador,
Agora dê as instruções ao novato e explique a ele
As leis do seu negócio.

ULISSES SCHMITT —
Aí estão dez jornais!
(Lave essas mãos imundas!)
Eles devem render dez vinténs:
Um para você, nove para mim.
(Fique ereto!)
Quem é você?
Você não é nada.
É apenas um buraco, que grita por comida.
Uma boca a mais, querendo comer!
Aqui estão os jornais!
Estes dez jornais são tudo o que possui:
Canudo, corda, ilha e âncora.
Comida, abrigo noturno e botas.
Tudo aquilo
Que o mundo tem para você.
(Limpe o nariz!)
Aquele que arrancar este lugar de você
É seu inimigo.
E você não tem nenhum outro, mas esse

Quer aniquilá-lo.
(Ouça o que estou dizendo!)
Dez vezes você terá que provar
Coragem, dureza e persistência,
Se errar uma única vez,
Seria melhor que não tivesse nascido,
Até um gole de água do rio
É demasiado para alguém como você.
Você não é o mais forte.
Eu lhe dei uma chance.
Outros, mais fortes que você,
Deixaram de receber o dinheiro.
Se não me trouxer o lucro,
Vou lhe quebrar a cara
Como nunca antes fiz com nenhum outro.

Washington Meyer parte para vender os jornais.

Os Als —

Agora está só e vai partir,
Seja competente!
Sabe que agora é a sua vez.
Você viu o que o espera.
Aja agora!

TÉCNICA: A VENDA DOS JORNAIS

Sobre uma fita que corre, representando uma rua, o entregador de jornais Washington Meyer vende os seus jornais. Ele encontra o padeiro Meininger, o major do exército de salvação (nome civil, Draws), o comerciante de madeira Reuter, o agente imobiliário Flamm, a Sra. Niobe Queck. Primeiro ele grita o seu pregão: "Jornais! Jornais!" ,em pé, sobre a fita que corre. Não vende nada. Os desempregados o aconselham: "Diga a eles o que está escrito!" Ele grita: "A verdade sobre a burguesia! Negociatas de madeira na Câmara Municipal!" O agente de imóveis Flamm passa e não compra nada. Os desempregados ensinam:
"Saiba, nunca os gigantes compram
A verdade sobre os gigantes!

Aprenda também que existem dois tipos
De gente! Seus desejos são
Diferentes, diferentes os seus pontos de vista e
Diferentes as suas ações!"

O garoto procura nos jornais e diz: "Então preciso descobrir o que querem uns e o que querem os outros!" De agora em diante, ele utiliza, enquanto a fita começa a correr, duas frases, primeiro: "As medidas de segurança da polícia para a noite santa no Ocidente!", e depois : "A verdade sobre a burguesia! Negociatas de madeira na Câmara Municipal" ,oferecendo as "Medidas de segurança" ao padeiro Meininger, ao agente imobiliário Flamm e ao negociante de madeiras Reuter, que de fato compram. "A Verdade sobre a burguesia" ele oferece ao Major do Exército da Salvação, por causa de suas pobres vestimentas, porém o Major não compra essa verdade. Em contrapartida, ele compra, no caminho de volta, as "Medidas de segurança". O garoto oferece as "Medidas de segurança" à pobre Sra. Niobe Queck e mais tarde ao ajudante de padeiro Ajax Januscheck.

Sra. Queck *a Washington Meyer* — Cuidado com o senhor Januscheck, ele é um bruto e certamente não irá pagar. *Sai.*

Washington Meyer — Isto nós vamos ver, se não vai pagar. Vou colocar os jornais aqui e quando ele vier pegar seu jornal terá que deixar antes um vintém.

Ele deixa os jornais na esquina.

Os Als —

Venha, Ajax Januscheck!
Matador de gente!
Mãos de bruto!

Ajax Januscheck aparece, pega novamente um jornal e sai.

Os Als *rindo* —

Agora o patrão vai quebrar a sua cara!

Washington Meyer —

De que me serviu correr de cima para baixo,
Se toda noite
Januscheck, acostumado a brigas, vem e
Pega um jornal de graça,
Se sobre cada dez jornais

Meu lucro é de apenas um
E Januscheck me rouba publicamente
Só porque é forte.

Ele senta-se desencorajado e chora. Então diz —

Já sei o que fazer.
Valha-me a astúcia!

Grita em direção à janela.

Senhora Januscheck!

Sra. Januscheck olha pela janela.

WASHINGTON MEYER — Seu filho, o senhor Januscheck, retirou um jornal daqui e não pagou!

SRA. JANUSCHECK — Não posso acreditar! Meu filho paga quando pega um jornal. *Sai.*

WASHINGTON MEYER — Vaca! *Ele pensa.* Ali está uma lata de lixo. Esta é a salvação! Canudo, corda, ilha e âncora! *Ele pega a lata de lixo, rolando-a até um ponto determinado e deposita os jornais em outro.* Aquele é o inimigo que quer me aniquilar. Veremos.

Qualquer outro deixaria
Os jornais onde a velha possa vê-los.
Vou deitar-me ali, pois
Sei que não posso convencê-la, mesmo
Que ela, a mãe, veja que seu filho
Não paga o jornal. Ela
Não vê. Que importância tem para ela,
Se falta um vintém. Tenho
De mostrar a ela minha cabeça decepada.

Ele senta no chão e recorta com um canivete o fundo da lata de lixo, experimentando passar com a cabeça.

OS ALS *dirigindo-se aos espectadores —*

Agora se comporta como homem de Estado,
O cidadão Washington Meyer.
E obedece a lei que rege nas baixezas
Frente à violência: proteja a sua vida!
Pois quando a violência bate no vazio
Ela enfraquece a si mesma.

Por que usar de astúcia
Com essa lata de lixo?

TÉCNICA: A LUTA

Ajax Januscheck volta para pegar outro jornal. Washington Meyer atira-se sobre ele, gritando : "Senhora Januscheck! Olha para fora, senhora Januscheck!" Januscheck desvencilha-se dele e ele bate no chão. Gritando alto: "Senhora Januscheck! Olha para fora, senhora Januscheck!" Washington Meyer atira-se novamente sobre o ajudante de padeiro. Inicia-se agora uma verdadeira luta.

OS ALS *dirigindo-se aos espectadores —*

Ainda é fraco porque luta.
Fraco é o fraco enquanto
Luta.
Logo mais estará vencido
E então ficará forte,
Usará de astúcia.
Rolando para dentro da lata de lixo
Sob os golpes do inimigo,
Vai fazer de conta que
Sua pobre cabeça
Foi enfiada à força
No fundo da lata de lixo.
Assim um homem morreria.
Tudo isto planeja diante dos olhos da mãe.
Assim assusta o agressor
Que estará pronto a pagar.

A Sra. Januscheck olha novamente pela janela e grita : "Ajax!" Januscheck volta-se assustado. Nesse momento o garoto se deixa cair, gritando "Senhora Januscheck!", na lata de lixo, de forma que sua cabeça se encaixa no fundo recortado como se o estivesse perfurando. Januscheck retira assustado o garoto da lata de lixo, procurando em vão escondê-lo da mãe, e diz:

"Eu pago dois vinténs
Eu pago dois vinténs!
Se ao menos você acordasse!"

Washington Meyer diz, com os olhos fechados: "Três vinténs!" Januscheck: "Eu pago três vinténs!" Washington Meyer: "Acorda!" ficando de pé e se esticando. Januscheck senta, soluçando:

"Não pude suportar
Que minha velha mãe
Visse minha baixeza!"

Paga chorando um vintém, chamando energicamente pela mãe, e volta para casa,

Washington Meyer —
Um vintém! Ao menos um vintém! *Ensangüentado e maltrapilho depois da luta, mostra-o para os Als.*

Os Als — Felizardo!

Os Als Carimbados —
É enorme o esforço para arrancar um vintém
Do punho cerrado daquele
Que o ganhou com grande esforço.

Os Als — Mas ele ficou com o seu vintém!

A MADEIRA DA VIÚVA NIOBE QUECK

Viúva Queck *diante da padaria* —
Eu sou a viúva Queck, que está com o aluguel atrasado. Faço todas as encomendas para o padeiro Meininger, a quem pertence esta casa. Já que meu marido é falecido, através dessas encomendas, eu alimento meus sete filhos órfãos, entre eles, meu Guilherme, uma criança muito esperta. São sete filhos. O falecido nunca foi comedido. Queria ser satisfeito sempre, em todos os sentidos, e nunca, jamais teria permitido que eu deixasse de satisfazê-lo por completo e de imediato.

Entra na casa.

Meininger *gritando para cima* — Senhora Queck!

Sra. Queck — Sim, senhor Meininger!

Meininger — Desça!

Sra. Queck — Já estou indo. *Enquanto corre para baixo* — Eu jamais me permitiria deixar de satisfazê-lo por completo e de imediato, senhor Meininger.

Meininger — Necessito de cem marcos de lenha para os fornos da padaria. Calculo que dez centímetros cúbicos são suficientes. Vá até o negociante de madeira, o senhor Reuter, e traga imediatamente a lenha. Geralmente usamos troncos e mandamos cortá-los pelos desempregados, que são numerosos. Fica uns bons trinta marcos mais barato do que comprar a madeira já cortada.

Sra. Queck — Senhor Meininger, vou encomendar dez centímetros cúbicos de madeira bruta por cem marcos, e neste minuto. *Sai.*

Os Als *entrando no palco* —
Que dia maravilhoso! Temos trabalho!
A lenha será trazida para cá!

Meininger — Quem disse isso, seus urubus?

Os Als — Espalhou-se como fogo de palha, senhor Meininger
Onde estão os machados, onde está a lenha?
Necessitamos também de serras!
Que dia maravilhoso!

Meininger — Fiquem a postos ali adiante.

Os Als *ficam a postos* —
Que dia maravilhoso!
Trabalho sem cessar!

Flamm *aparece* — Bom dia, senhor Meininger! Sou o agente imobiliário Flamm e estou dando a minha volta.

Meininger — Bom dia, senhor Flamm!

Flamm — Finalmente temos um inverno bonito de verdade! Com neve e gelo! É quando nos sentimos melhor, com apetite, por causa do ar. Como vai o negócio, senhor Meininger?

Meininger — A padaria Meininger, fundada em 1848, vai bem, graças à sua boa reputação junto à freguesia.

Flamm — A padaria Meininger é tida como uma das melhores desta rua. Infelizmente existem muitas padarias como essa.

MEININGER —Seu negócio é muito maior, senhor Flamm. Através da sua firma imobiliária, o senhor negocia diretamente com os bancos.

FLAMM — Os tempos estão difíceis para nós também. Trabalhamos com bancos pequenos que nos saltam ao pescoço e estão nas mãos de grandes bancos. Os grandes bancos por sua vez estão em crise. Como o senhor não estudou economia só posso lhe dar alguns indicadores sobre as complexas relações entre indústria e comércio, das quais pouco entendo. Em todo caso, será suficiente saber que o senhor, Meininger, já está liquidado. Nossa situação como pequena firma imobiliária, a qual poderá lhe parecer poderosa por ter concedido duas hipotecas pela sua casa, é simplesmente terrível. Nossos pequenos bancos — espremidos como limão pelos grandes bancos, não dormem uma noite há semanas. Até mesmo os bancos nacionais estão inseguros porque a indústria consome quantias fabulosas, sem que sua situação melhore, já que o Estado acena com a idéia de cobrar impostos das indústrias, o que nunca aconteceu antes. Existe até um plano de exigir esses impostos porque a América, para a qual a Europa está endividada até o pescoço, encontra-se em uma terrível crise, para a qual os maiores estudiosos de economia não encontram justificativas — eles mesmos estão atônitos.

MEININGER — O senhor acredita nisso, senhor Flamm?

FLAMM — Eu não entendo, senhor Meininger. O senhor emprega gente como se possuísse um grande negócio. Enquanto a Siemens despede seus operários, o senhor emprega. Quem o senhor pensa que é? No Ano Novo o senhor poderá pagar os juros? Nós estamos com a paciência esgotada, Meininger. Esta padaria Meininger, com seus juros atrasados, será fechada no dia primeiro de janeiro, se não forem pagos ao menos os juros que venceram das hipotecas. Se o senhor pagar os juros no dia primeiro de janeiro poderá levar ainda por mais um aninho o seu negócio.

MEININGER — Senhor Flamm, o senhor me abriu os olhos. Eu seria incapaz de deixar de atendê-lo total e prontamente no dia primeiro de janeiro.

Flamm sai.

OS ALS —
Este é o homem mais graúdo que já vimos!
E ele está se lamentando!

MEININGER *ao entrar* — Quando os vejo, seus maltrapilhos, o ódio cresce dentro de mim. *Ouvem-se gritos dentro da casa.* A luz está novamente acesa no quarto do forno! Este desleixo me deixa doente. Dois de vocês serão despedidos. Vocês não verão mais um vintém. A cerveja na hora da janta será suspensa, e a carpa natalina será jogada no ralo, para que ao menos a manteiga seja economizada.

OS ALS —
Ai de nós! Nosso gigante está inseguro!
Quando os gigantes ficam inseguros,
Os sacrifícios ficam para os desprovidos.

A Sra. Queck volta, entra na casa. A lenha chega, é descarregada. O negociante de madeiras, Sr. Reuter, a acompanha.

MEININGER *sai à porta* — Que lenha é essa?

REUTER — A lenha, senhor Meininger.

MEININGER — Que lenha?

REUTER — Pinheiro.

MEININGER *pega uma acha, como se não lhe pertencesse* — Que bela lenha o senhor tem aí. Senhora Queck, aqui está sua lenha !

SRA. QUECK — O senhor precisa de mais alguma coisa, senhor Meininger?

MEININGER — Não. Sua lenha chegou, senhora Queck.

REUTER — Mas, senhor Meininger, a lenha foi encomendada pelo senhor.

MEININGER — Quem encomendou a lenha, senhora Queck?

SRA. QUECK — Foi o senhor, senhor Meininger.

MEININGER — Eu? Essa é boa! A senhora acha que tenho dinheiro para jogar fora?

REUTER — Senhor Meininger, não invente histórias. A senhora Queck encomendou lenha para o senhor. Eu a acompanhei para receber o dinheiro. Espalharam como fogo de palha que aqui as coisas não andam bem. Aqui está a sua conta.

MEININGER — Senhora Queck, pergunto na presença do fornecedor de lenha, o senhor Reuter, se mandei comprar algo. O que responde, senhora Queck?

SRA. QUECK — Sim, senhor Meininger.

MEININGER — Como assim? Eu mandei comprar lenha ou não?

SRA. QUECK — Sim, senhor Meininger.

MEININGER — A senhora está despedida.

SRA. QUECK — Serei obrigada a sair do quarto, senhor Meininger?

MEININGER — Sim senhora.

SRA. QUECK —Então terei que retirar os móveis.

MEININGER — Senhor Reuter, a conta vai para a senhora Queck. A lenha pertence a ela.

REUTER — Não posso acreditar no que estou ouvindo, senhor Meininger.

MEININGER — Teria sido melhor que não acreditasse no que estava ouvindo quando a senhora Queck encomendou a lenha. Eu realmente me pergunto, senhor Reuter, como pode ir atrás do que fala a senhora Queck? A senhora Queck não é nada.

SRA. QUECK — É verdade, senhor Reuter. Por que trouxe a lenha só porque eu disse? Quem sou eu?

REUTER — Nem em sonhos eu teria confiado dez centímetros cúbicos de madeira à senhora Queck.

SRA. QUECK — Nunca.

REUTER — Acaso sou idiota?

MEININGER — Essa pergunta o senhor mesmo pode responder, senhor Reuter.

SRA. QUECK — O senhor mesmo deve respondê-la, senhor Reuter.

MEININGER E REUTER — É o que nós vamos ver.

SRA. QUECK — É mesmo.

MEININGER — Mas são troncos! Desde quando encomendei troncos?

REUTER — Há cinco anos encomenda troncos, senhor Meininger.

MEININGER — Vou lhe dizer desde quando não encomendo troncos. Desde hoje cedo.

OS ALS —

Ai de nós, entre os gigantes
A luta novamente explode.
Quem a pagará?
Certamente não será o gigante.
Ai de nós, o gigante está inseguro!
Sobre quem
Irá recair seu olhar de volúpia?
Certamente sobre nós!
Os gigantes lutam entre si
Mas os sacrifícios são feitos entre os desprovidos!

REUTER — Tem certeza, senhor Meininger, que não encomendou lenha?

MEININGER — Caro senhor Reuter, não vamos brigar por causa da lenha.

REUTER — Senhor Meininger, é desagradável discutir com o senhor diante desse povinho.

MEININGER —Não quer entrar, senhor Reuter?

REUTER — Por favor, senhor Meininger.
Eles entram.

SRA. QUECK — Que dia!
Três Als trazem uma cômoda, um sofá, duas cadeiras e sete crianças.

SRA. QUECK — Cuidado com a cômoda. Não esbarrem nela do lado esquerdo. Só tem uma perna.

Os Três Als — Nós esbarramos do lado direito, senhora Queck.

Sra. Queck — Eu agradeço, senhor Mascher. Cale a boca, Frederico. *Os móveis estão na calçada, as crianças sentam-se no sofá.* *Ufa! Ao menos isso está feito!*

Uma família sai do Coro.

Família — Uma habitação livre! Um quarto inteiro!

Entram na casa.

Sra. Queck — Não deixem a torneira aberta, está quebrada!
Moramos há vinte anos nesta casa.
Gostamos do nosso lar.
Vou sentir falta
Até mesmo do ralo furado.
Vou ficar sem a parede úmida,
Vou sentir falta
Até mesmo da esponja
Com que esfregava as tábuas.
Era essa a minha vida.
O golpe de ar que passa pelas paredes
Vai me fazer falta.
Até mesmo o cheiro do lixo
Não me incomodava.
Estava acostumada com a fumaça do fogão
Que consumia lenha em excesso
E também estava acostumada
Com o tremor da casa
Sob os vagões do trem
Sobre os vagões do metrô.

Meininger e Reuter saem da padaria fumando grossos cachimbos.

Reuter — Senhor Meininger, sabe que quero entrar num acordo com o senhor. A senhora Queck nada possui.

Meininger *apontando para os móveis* — A senhora Queck tem pouco, senhor Reuter, mas é alguma coisa.

Reuter — Esses móveis pertencem à senhora?

Sra. Queck — Sim, senhor Reuter.

Reuter *examinando os móveis* — Entulho. O senhor encomendou gravetos, senhor Meininger?

Meininger — Não pode levar de volta a lenha, senhor Reuter?

Reuter — Não. Em tempos como esses não levamos nada de volta, por princípio. O senhor encomendou formalmente gravetos, senhor Meininger.

Meininger — Sim, pinheiro. — Naturalmente, gravetos. *Gritando para a Sra. Queck* — Eu encomendei gravetos! *Para Reuter* — Se a senhora Queck passa uma encomenda errada, devo responder por isso?

Reuter — Precisa pagar de qualquer forma. Tem o direito de exigir uma reposição da senhora Queck. *Ambos observam a Sra. Queck* — De qualquer forma, a senhora Queck possui móveis.

Meininger — Senhor Reuter, eu recuso o recebimento da madeira, se não forem gravetos, como encomendei. Esta lenha é sua, senhora Queck.

Reuter — Bem, então terei que ficar com seus móveis, senhora Queck. Fora isso a senhora está me devendo cinqüenta marcos, senhora Queck. *Para o homem que trouxe a lenha* — Afonso, agora pode levar os móveis. *Despedindo-se* — Senhor Meininger!

Meininger — Senhor Reuter!

Reuter sai.

Os Als — Senhor Meininger, podemos começar a cortar a lenha?

Meininger — Perguntem à senhora Queck!

Os Três Als — Não vamos mais cortar a lenha? Há meia hora estamos esperando no frio. Isto há de ser pago.

Meininger — Meia hora apenas? Faz cinco dias que estão parados no frio. Querem que pague por isso também?

Os Três Als — Não.

Meininger — Estão vendo? *Quer sair.*

Os Três Als — Espere, espere, a meia hora vai ser paga. Foi a serviço que ficamos aqui parados.

Os Als — Reina aqui a lógica, reina aqui a fome.

Meininger — Acaso podem me mostrar o que fizeram?

Os Três Als — Carregamos os móveis da senhora Queck. Não há desculpa.

Meininger — Ah! Vocês carregaram os móveis da senhora Queck!

Sra. Queck — Quanto a isso não há desculpas, senhor Meininger.

Meininger — A senhora paga, senhora Queck? Pessoal, tenho outros afazeres. *Sai.*

Os Als —

As lutas dos poderosos são diferentes
Das lutas dos oprimidos. O gigante derrotado
Vai jantar depois da luta.
Senhora Queck, meia hora por cabeça
São vinte e cinco vinténs. Isto soma um marco e vinte e cinco.

Sra. Queck — Um marco e vinte e cinco, está certo? Muito bem!

Os Als *esticando as mãos* — Um marco e vinte e cinco.

Sra. Queck — Não tenho dinheiro. Leopoldo, sente direito. Esse garoto está sempre torto.

Os Als — Senhora Queck, o caso não está encerrado.

Sra. Queck — Eu sei, eu sei. Agora estou devendo um marco e vinte e cinco? Semana passada já não sabia mais o que fazer. Leopoldo precisava de um par de meias. Agora perco de uma só vez duzentos marcos. Se os senhores pudessem me emprestar trinta vinténs eu teria ao menos alguma coisa para começar.

Afonso — Senhora Queck, terei que levar essa poltrona.

Sra.Queck — Henrique, desça daí. Sente-se, Leopoldo.

Afonso — Sinto muito mas...

Sra. Dittmeier *saindo* — O que está acontecendo? Vocês não estão querendo levar os últimos móveis da senhora Queck!? É demais! Senhora Franzke!

A Sra. Franzke aparece.

Sra. Dittmeier — Eles estão levando os móveis da senhora Queck!

Sra. Franzke — Isto não pode acontecer! Levar os móveis da senhora Queck!

Sra. Queck — Isto não pode acontecer!

Sra. Dittmeier — E agora, o que vai fazer, senhora Queck? Sem moradia, com todas essas crianças? Senhora Januscheck!

A Sra. Januscheck aparece.

Sra. Dittmeier — Estão levando os móveis da senhora Queck!

Sra. Franzke — O senhor Bölke tem que fazer alguma coisa!

Sra. Dittmeier — Senhor Schmitt! *Para a Sra. Franzke* — É o jornaleiro da esquina.

Washington Meyer *chega correndo* — O que está acontecendo, senhora Dittmeier?

Sra. Dittmeier — A senhora Queck está na rua e estão levando seus móveis!

Sra. Januscheck *para trás* — Emil, venha dar um jeito.

Ajax Januscheck *olhando para fora* — O que estão fazendo com os móveis?

Afonso — Eu fui incumbido pelo senhor Reuter de levar os móveis, mas caso me impeçam ou gritarem comigo, vou embora sem eles.

Washington Meyer — Nós vamos gritar.

Ajax Januscheck — Todos aqui estão de acordo. Os móveis ficam, não é verdade?

Afonso — Obrigado. *Quer sair.*

Ulisses Schmitt —
Alto lá! O que estão fazendo? Desavisados,
Prontos a entrar na luta,
Sem armas, cegos por piedade!
Querem voltar
Para buscar um pedregulho
Que já caiu no mar!
Quem são vocês? Ouve-se a briga cinco ruas adiante
Como milionários, que determinam os destinos
Do mundo a seu bel prazer. Incapazes
De ajudar a si mesmos, com o estômago vazio
Mendigando por roupa,
Ainda assim não querem silenciar!
Voltem para suas casas, segurem o que é seu,
Tapem com cera os ouvidos,
Voltem atrás.
Pausa.

Os Als —
Agora estão voltando a si,
Advertidos sobre as conseqüências
Vacilam na piedade.
Logo mais
Partirão com um aperto de mão
Buscando cada qual
O aconchego do próprio lar.

Washington Meyer —
Senhora Queck, vejo com pesar
Que está numa situação difícil.
Não vai perdurar por muito tempo.
Encontrei hoje abrigo e trabalho com grande esforço.
Ficaria contente se pudesse lhe dizer: eis aqui
Meu primeiro vintém!
Mas nada posso fazer pela senhora.

Todos —
Espere! Não tire o vintém
Do bolso! Você que se ergue
Por causa dos lamentos dos que sucumbem

Tape com cera os ouvidos!
Senão estará perdido!

Uma Mulher *no andar de cima da casa* — Ela ainda me deve um pote de leite!

Seu Marido *ao seu lado* — Eu perguntei se já tinha devolvido o pote de leite!

Sra. Queck — Nunca imaginei que um dia deixaria de devolver um pote de leite.

Ajax Januscheck *vem para a frente da casa* —
Senhora Queck, o que vejo?
Está na rua? Ainda hoje de manhã
Falava tão gentilmente comigo,
Sempre manteve as escadas limpas
E tantas vezes dizia: isto e isto
Eu nunca faria.
O que aconteceu? Para onde vai
Hoje à noite?

Todos —
Parem! Não perguntem mais!
Se ela responder, o que fará?
Você não pode ajudá-la!
Tapem com cera os ouvidos!
Senão estarão perdidos!
Schmitt vai até a Sra. Queck, estende a mão e observa em silêncio.

Os Als —
Aquele ali está certo!
Ele nada diz!
Nada pergunta!
E nada dá!
Pois conhece sua situação!

Todos —
Tapem com cera os ouvidos,
Senão estarão perdidos!
Nada perguntem! A resposta do infeliz
Só traz infortúnio.

Vocês, fracos demais para ajudar,
Não são fortes o suficiente para ouvir o grito da morte!
As lutas dos poderosos são diferentes.
Nas lutas dos oprimidos, o homem oprimido afunda,
Quase sem causa alguma. Um leve golpe o derruba
Totalmente. Sete vezes sete infelicidades o atingiram
Antes de nascer. Cada desgraça
É para ele fatal.

AFONSO — Então, devo levar os móveis? *Silêncio.* Vou levar os móveis. *Sai com o carrinho de mão. A Sra. Queck corre atrás dele lamentando-se, como uma galinha, de um lado para o outro do palco.*

OS ALS —

Levaram também os móveis! O terceiro infortúnio!
Atingida pela desventura, perde não apenas
A esperança da salvação, perde também
A dignidade. É fácil separar-se daquele a quem
Não mais podemos ajudar. Graças a Deus, ele se foi.
Ajudá-lo não era mais possível.
Aquele
Que pegou furúnculo
Sente-se ele mesmo um furúnculo.
Não o livramos dos furúnculos,
É dele que nos livramos.

TODOS —

É difícil desvencilhar-se
Daquele que mora no precipício
E procura no precipício o seu pão. Difícil é para o ameaçado
Desistir de um semelhante. Quem assina uma sentença
Na qual ainda não foi preenchido o nome?
Talvez seu próprio nome seja o próximo?

SRA. QUECK — É muito desagradável ficar sentada no meio da rua. Sabe, não gosto de ficar na dependência das pessoas. Elas nada fazem por nós. Ninguém faz nada quando alguém cai em desgraça, quando eles mesmos têm a cabeça cheia de problemas. E eu agora nem ao menos poderia dizer a eles o que estarei fazendo na próxima hora.

WASHINGTON MEYER — Aí vem a senhorita Hippler. Senhorita Hippler! O que tem a dizer como irmã de caridade?

SRTA. HIPPLER — Já soube de tudo pelo senhor Reuter. Não é possível vender a lenha?

WASHINGTON MEIER — Infelizmente, o senhor Meininger não aceita a lenha porque não está cortada.

SRTA. HIPPLER — Não pode ser cortada agora?

SRA. QUECK — Não pode ser cortada agora?

SRTA. HIPPLER *para os Als* — Quanto vocês cobram para cortar a lenha?

WASHINGTON MEYER — Cinqüenta vinténs por hora.

SRTA. HIPPLER *escrevendo em um livrinho* — Quantas horas são necessárias?

OS ALS — Duas horas para quatro homens.

SRTA. HIPPLER — E quanto custa a madeira? Sem estar cortada?

WASHINGTON MEYER — A senhora Queck deve cem marcos para o negociante de madeiras, senhor Reuter.

SRTA. HIPPLER — E quanto o senhor Meininger quer pagar pela madeira cortada?

WASHINGTON MEYER — Cento e cinqüenta. *Hippler faz as contas.* Vocês do Exército da Salvação sabem fazer contas muito bem.

SRTA. HIPPLER — Ao todo dá vinte e quatro marcos para a viúva Queck.

WASHINGTON MEYER — A senhora tem vinte e quatro marcos, senhora Queck. Vai receber os móveis de volta.

SRA. QUECK — Eu tenho vinte e quatro marcos, senhor Schmitt.

TODOS —

Aconteceu um milagre! O mais miserável
Tem esperança; é ele quem
Vai trazer a presa para casa, reunir o lucro
As riquezas abandonadas dos gigantes derrotados
Um milagre! Quando dois ricos brigam,
O pobre dá risada! Como se um gigante cagasse de medo
No meio de uma praça e um lamento de dor
Se elevasse apressado entre as vítimas, sobre as quais
Está sentado. Vejam, quando chega
A manhã percebem
Que a merda pode ser negociada.
Graças a Deus a senhora Queck foi ajudada!
Graças a Deus ela não está sem recursos!
Ela não está sem esperança, ela tem um feixe de lenha!
Nos sentimos aliviados!

WASHINGTON MEYER — A senhora vende a lenha para o senhor Meininger e fica com vinte e quatro marcos de capital.

SRA. QUECK — Isso é mais do que eu esperava, senhor Meyer.

AJAX JANUSCHECK — Está vendo, senhora Queck, nunca se deve desistir, sempre há uma saída.

SRTA. HIPPLER — Deus não abandona os seus, senhora Queck. *Sai. Intervalo de almoço. Sirenes. Sinos.*

A BATALHA DO PÃO E A MORTE DE WASHINGTON MEYER

Os Als. Mascher, um Al, está em pé sobre uma pilha de lenha e olha em torno, espreitando.

UM AL — O que vê?

MASCHER — Nada.

UM AL — Se tivesse ao menos combinado um sinal para que ao dobrarem a esquina soubéssemos se foram bem-sucedidos! Ainda não vê nada?

MASCHER — Vejo muita coisa: um mar de gente saindo do solo e a fila ali do outro lado, diante da agência de empregos, mas nem sinal de Meyer, Queck, Januscheck. Desde que saíram para buscar dinheiro, machados e serras, é como se o chão os tivesse tragado; mas agora vejo algo. É Meyer!

SEGUNDO AL — Ele vem sozinho?

MASCHER — Sim.

PRIMEIRO AL — Vem rápido?

MASCHER — Lentamente.

TERCEIRO AL — O que traz consigo?

MASCHER — Nada.

TERCEIRO AL — Isto me admira.
Meyer vem e senta-se em silêncio sobre a pilha de lenha.

MASCHER — Então? *Meyer dá de ombros.* Homem, fala! Espera! Agora eles vem chegando.

OS ALS —

Agora teremos trabalho! Arregacem as mangas!
Peguem o machado e a lenha e passem gordura nas serras.
Cortem a lenha em pequenas achas.
Depois vamos comprar pão!

MASCHER — Mas não estou vendo a senhora Queck! E também não vejo Januscheck!

OS ALS — Mas está vendo serras, machados e troncos?

MASCHER — Não, também não. Só vejo uma carreta.

WASHINGTON MEYER — Pasmem agora!

OS ALS —

Bem-vindos amigos! Libertadores!
Vejam em nós voluntários,
Com as mãos prontas
Para o trabalho!
Aproveitaremos em dobro o tempo.
Três vezes mais forte será o nosso empenho.

Entra em cena o Exército da Salvação com Hippler. Hippler entra *na padaria, os outros ficam à sua frente, afinam seus instrumentos e abrem seus livrinhos.*

Mascher — Eu me pergunto: o que fazem eles na padaria?

Washington Meyer — Boa noite, senhor Meininger, ela diz. O senhor tem lenha armazenada. Senhor Meininger, quanto custa? — Senhorita Hippler, a lenha custou cento e vinte marcos. — Senhor Meininger, o senhor precisa de dinheiro vivo? O senhor vai precisar de dinheiro? Para Flamm, o amigo de negócios? O senhor não necessita de mais lenha, e aqui está o dinheiro vivo. Precisamos da lenha e a mandaremos serrar pelos pobres por quarenta vinténs a hora. — Negócio feito, senhorita Hippler. — Assim está bem, senhor Meininger.

Mascher — Não posso acreditar. Isto seria por demais correto.

Srta. Hippler *para fora, ainda na porta* — Assim está bem, senhor Meininger. *Para a tropa* —Iniciamos com a prece.

Os Als — Por favor, senhorita Hippler, onde estão os machados? Onde estão os troncos? Não estamos vendo serras!

Srta. Hippler — Agora cantamos o número vinte e sete.

Tropa do Exército da Salvação *canta* —
Elevem seu olhar para Deus!
Não almejem nada mais!
Aquilo que é terreno é apenas escárnio!
Elevem seu olhar para Deus!
Não para a morada na terra!

Enquanto isso uma parte do Exército da Salvação leva a lenha em sacos e carretas.

Mascher — O que estão fazendo aqueles ali? O que estão levando?

Um Al — Estão levando a lenha.

Segundo Al — Esperem, vocês aí! Deixem a lenha onde está!

A Tropa do Exército da Salvação *canta mais alto* —
Ouçam apenas Deus e sua palavra!
Não a voz do mundo!
Vai-te, Satanás!

Ouvimos apenas Deus e sua palavra!
Só fazemos aquilo que Lhe agrada!

Os Als —
Por Deus, eles estão levando a lenha!
Só o trabalho nos daria o pão.
Agora levam consigo nosso trabalho,
Os soldados do céu!

Srta. Hippler — Ouçam um instante, três minutos apenas, a voz do céu!

Os Als — A serviço do capital! Imundície de Aleluia! Agora querem levar a lenha! Deixem a lenha onde está! Seus cães sedentos de sangue! Seus brutos! Cantar e pisotear! Levem seus livros de cantos e deixem a lenha onde está!

Srta. Hippler — Enfrentem os xingamentos, ainda que lhes atirem sujeira, e apressem-se!

Meininger — Quem incomodar a senhorita Hippler na sua cantoria, vai se ver comigo! Xingar uma senhorita indefesa!
Famintos, que nada são e nada possuem
Nada sabem, só querem comer!
Como ousam sair à luz do dia,
Como ousam sair de seus buracos embolorados, sujos
Como percevejos, numerosos como percevejos.
Seus sangue-sugas! Corja! Vagabundos!
Fedorentos!

Os Als —
Você não é fedorento, mas você
É o próprio fedor. Cu arreganhado!
Quando chega uma cartinha do banco
Enche as calças de merda!
Mas é capaz de pisotear a viúva
Com seus pés imundos!
Pequeno-burguês nojento!
Ele põe gesso no pão para aumentar o preço!
Vejam agora como se caga de medo

Quando ameaçado pelo punho cerrado da massa!
Arrebentem-lhe os culhões!

MEININGER —
Vocês estão abusando!
Esperem só, meus inquilinos! Lehmann, senhora Franzke e
Dittmeier!
Vocês também, sublocatários dorminhocos, venham cá!
Eles estão invadindo a padaria!
Senhorita Hippler, espero que fique.

UM AL — Vamos até a construção nova, tragam pedras!

WASHINGTON MEYER — Tragam os sarrafos!

MEININGER —
Sarrafos! Vocês vão ver!
Esperem, vou trucidá-los!

OS INQUILINOS *olham para fora* — O que está acontecendo, senhor Meininger?

MEININGER — Abusos! Estão invadindo a padaria! Quem não me ajudar imediatamente a proteger a loja e não trouxer tudo o que tiver à mão será despedido.

OS INQUILINOS *descem, tentando expulsar os Als* — Não conseguimos!

MEININGER —
Então peguem o pão! E os doces!

WASHINGTON MEYER *à frente dos Als, voltando-se para trás* —
Vejam! Ele se esconde!
Prefere usar o pão como projétil,
O filão como proteção para a janela de vidro,
Do que alimentar os famintos! Saia, escória
Da humanidade! Capitalista!

MEININGER —
Seus covardes! Em número de vinte!
Senhor Bölke, sabe o que me deve!

BÖLKE —
Quatorze marcos e cinqüenta.

MEININGER —
Vá lá fora e castigue todos os que me ofendem.
Bölke vem para a frente.

OS ALS —
Este é Bölke, o suíno! Ainda há pouco era um dos nossos.
Por um quarto embolorado ele se opõe a nós!

WASHINGTON MEYER —
Se não lhes derem trabalho,
A violência buscará seu pão diretamente!

MEININGER *chorando* —
Senhorita Hippler! Seu lugar é ao meu lado!
Vão buscar o pão de trigo, aquele velho, que está duro.
E procurem acertar nos olhos!
O Exército da Salvação canta "Entrem para a luta".

OS ALS —
E eles erguem, enfraquecidos pela fome, os sarrafos
Brandindo os pedregulhos com seus braços enfraquecidos,
Mas o ódio é justificado e substitui armas mais caras.
Submetidos à fraqueza, de derrota em derrota,
Lutando pela sobrevivência, alcançarão
A decadência do terrível inimigo,
Eles o sabem.
Também Mascher, aquele ali,
Que está despedaçando seu colchão,
Luta pela vitória final.

WASHINGTON MEYER —
Não desanimem!

OS ALS —
Seus tolos,
Acreditam que algo vai mudar
Invadindo uma padaria
E dando uma sova no porco do padeiro?
Isto não leva a nada
Mas não é sem esperança a nossa luta.
Aquela que não tem fim, pelo domínio
No Estado e a própria ditadura.

MEININGER —
Neste caso o poderoso Meininger escala
A montanha de pães com os olhos em chamas.
Berrando, salvem,
Salvem o Estado, Bölke e Dittmeier.

OS INQUILINOS —
E os inquilinos agarram,
Violentos, os pães assados para proteger
A sua propriedade,
Causando ferimentos com o alimento, com o pão de trigo
Velho e endurecido.
Procurando os olhos do adversário em lugar da boca,
De tal forma que este precisa defender-se da comida.
Avante!

OS ALS —
Dêem-nos a comida, gritavam os desempregados,
Transformando, trêmulos, a fraqueza
Em coragem.

OS INQUILINOS —
Defendam a propriedade, gritavam
Os proprietários e duplicavam
Seus projéteis.

OS ALS —
Nada que tivesse sido assado por eles mesmos!

OS INQUILINOS —
Granizo,
O pão de trigo escurece o céu.

OS ALS —
Mas os famintos lutavam à sombra dos pãezinhos.

OS INQUILINOS —
Alguns olhares lançavam-se gordos
Sobre nossos bens, nossos pãezinhos
A nossa cria abandonou
Maliciosamente a cavidade natal, escorrendo

Como óleo boca abaixo, que
Anseia por outra comida.

OS ALS —
Lá e cá
Rolava a luta.

OS INQUILINOS —
Mesmo a senhora Januscheck, vejam a velhinha
Enfraquecida, com grande impulso
Despeja a jarra fervente
Sobre as cabeças da massa faminta,
Dos invasores.
Era o seu último óleo para salada.

SRA. JANUSCHECK — Agüente mais um pouco, senhor Meininger, estou vendo a polícia!

OS INQUILINOS —
Ai de nós, estamos em desvantagem
Atiramos todo o pão!

MEININGER —
Isto é obra da senhora Franzke!
Escapou em segredo
Da casa ameaçada para buscar depressa
Os guardiões da ordem.

OS ALS — Ai de nós!
Alguns Als abandonam em fuga o campo de batalha.

O POLICIAL — Senhor Meininger, o senhor me chamou. Senhor Meininger, estou a postos. Senhor Meininger, o que deseja?

MEININGER — Eu desejo a ordem.

WASHINGTON MEYER — Esta lenha pertence à viúva Queck. O Exército da Salvação quer retirá-la ilegalmente.

O POLICIAL — Qual é a verdade, senhor Meininger?

MEININGER — A lenha pertence ao Exército da Salvação, de direito.

WASHINGTON MEYER — Senhor Schmitt, seja testemunha de que a lenha pertence à viúva Queck.

Ulisses Schmitt —
Está claro que pertence à viúva Queck, mas
Que significado tem isso? Você mesmo não acredita
Que a conta esteja correta, se dela for extraído
Algo que lhes pertença. Ainda que
Na conta de vocês cada cifra esteja certa, nunca
Aquilo que resultou do cálculo será pago
Àquele que nada possui.
Por isso a lenha
No percurso da floresta para o forno,
Transformada de árvore em calor,
Aquela que era durante algum tempo escudo e esperança,
Nunca foi propriedade de vocês.

O Policial — Muito bem, senhor Schmitt. É um homem sensato.
Senhorita Hippler, leve a lenha.

Washington Meyer —
É preciso que eu diga: enquanto viver
Ninguém levará a lenha da viúva Queck.

Os Inquilinos e os Als Que Permaneceram —
Enquanto viver, ele disse,
Não levarão a lenha da viúva Queck.

Washington Meyer —
Seu ignorantão!
Venha e leve, a serviço do capital,
A lenha da viúva!

O Policial — Silêncio!

Meyer bate com o sarrafo várias vezes na cabeça do Policial.

O Policial — É proibido bater na minha cabeça!

Os Als Que Permaneceram —
Você, que prevenido foi, abandona a massa que o abriga!
Você se expôs, agora
Será executado e ouça a punição.
A uma distância sem fim estão sentados aqueles que enfrenta,
Mas a postos está o calcanhar de ferro, para aniquilá-lo.
Você sabe muito bem:

O caso da lenha que está sendo levada
Não termina com a sua retirada.
Você resiste e tombará na esquina
Por volta das sete horas da noite e será enterrado três dias depois,

Quando há muito já estará queimada a lenha,
Mas o caso não terminou.
Washington Meyer, homem de Estado,
Você não podia ver na rua a miséria
Desordem e violência —
Tomba!

Washington Meyer — É melhor irem-se. Recolham os pães na sujeira e sumam.

Meyer bate mais duas vezes na cabeça do Policial. O Policial ergue o pão acenando com a cabeça e com ele abate Washington Meyer.

Os Als —
Assim tombou Washington Meyer hoje às sete horas,
Na esquina lutando pelos interesses
De uma mulher, ele próprio decadente,
Ele próprio sem família, aliados ou teto
Submergindo no último degrau
Por justiça
Pelos oprimidos.

Meininger — Meyer tombou! A viúva ficará
Sem a lenha!

CANTOS E CANÇÕES

Estribilho dos Als —
Se a lenha não é cortada,
O padeiro não assa o pão.
Se o pão não é assado pelo padeiro,
Morrem os lenhadores.

Quando morrem os lenhadores,
Para quem assar o pão?

Quando o pão não é assado,
A lenha é cortada.

UM DIA VI UMA SOPA

Um dia vi uma sopa
Que não me pertencia
A sopa estava salgada,
Isto não me incomodou.

Vi uma segunda sopa
Que estava intacta.
Mas não a comi,
Ela não me pertencia.

Se eu não trabalhar para eles,
Não tenho direito algum.
Se para eles trabalho,
Sou sempre deles servo.
Agora não há trabalho
Eles não precisam de servos
Não tenho mesmo direito ao trabalho
Não tenho direito ao direito.

CANÇÃO DOS ALS NO EXÉRCITO DA SALVAÇÃO

Aqui há calor, aqui façam penitência.
Pela última vez aqui comam até dizer chega.
Aqui há bancos, sentem-se e ouçam.
As palavras de Deus sobre como deve ser o homem.

Deixem para os ricos vergonha e auto-estima.
Um pão receberão por confessar-se.
Façam tudo aquilo que de vocês exigem.
A morte é de graça.

Aqui há sopa. Comam e confessem
O pecado cometido contra vocês.
Junto a esse fogão aqui desculpem
Tudo aquilo que contra vocês foi cometido.

ENTRE NÓS AINDA HÁ TAMBÉM TERRENOS PLANOS

Entre nós ainda há
Terrenos planos.
Entre os quais parece haver
Outros terrenos planos.
Nós infelizes
Ainda somos, por outros,
Felizes
chamados.

O CAMINHO PARA BAIXO

Não pergunte, camarada,
Aonde leva o seu caminho.
Seu caminho leva
Para baixo.

Quando você tinha um ano de idade, camarada,
Você começou a andar.
Você andava
Para baixo.

Você ia estudar,
Você ia trabalhar,
Você ia lépido.
Você ia com dificuldade,
Camarada, não ande rápido demais,
Você anda para baixo.

Você toma uma mulher, camarada,
Você tem filhos,
Vocês percorrem juntos o caminho
Para baixo.

Mas aos domingos você caminha no compasso dos camaradas,
Vocês afundam, vocês empunham a bandeira,
Vocês caminham ao rufar do tambor
Para baixo.

Nós marchamos juntos, camarada,
Nós fizemos demonstrações,

Nós conversamos sobre o novo tempo,
Nós fomos cada um para o seu lado.

Onde
Nos encontramos?
Embaixo.

Pois também você, camarada,
Não ande sempre
Para baixo.
Quando estiver deitado embaixo do chão,
Você não irá para mais baixo.

BALADA DA VIÚVA QUECK

A viúva Queck com seus cinco filhos.
Eles foram evacuados
E ficaram no meio da rua,
Com os móveis no meio do quarteirão.

Estava frio: era novembro
E não apenas o verme da madeira sentia isso.
Quantas mulheres em tal situação
Via-se perderem a cabeça

Mas a viúva Queck, o que fez
Quando aumentou o número de vizinhos?
Ela deu um jantar de despedida
Com trigo e enguia cozida.

E ela mandou os três mais velhos
Ao cinema de bonde,
Para que ainda jovens vissem
Alguma coisa do grande mundo.

Enfiou então na cara do pequeno Eduardo
Um charuto Brasil.
Se fumasse os importados,
Não a molestaria.

Para o menor
Pede uma ama pelo telefone.

Depois vendeu algumas ações
Das quais ainda obteve lucro.

Seu destino, disse no táxi,
Era o hotel Adlon,
Mas antes de entrar no carro sorrindo
Ainda estendeu a mão para todos.

E pronunciou um juízo
Que seria digno do rei Salomão.
Ela disse: quando acontece o pior
Não se deve evitar os gastos.

Esse juízo caiu na boca do povo
Conhecido por todos,
Pois mostrava uma sabedoria
Da qual só se pode aprender.

De nada, nada virá

(Comédia)

(Início da peça, canção e coro)

OS ATORES CUMPRIMENTAM PUBLICAMENTE O PENSADOR

Os Atores carregam o Pensador, sentado em uma cadeira, para o palco e postam-se diante dele.

OS ATORES — Há muito tempo, pensador, você não aparece no teatro. Neste meio tempo, trabalhamos e progredimos muito.

O PENSADOR — Se vocês progrediram o suficiente, podemos finalmente iniciar! O que vão representar hoje?

OS ATORES — Hoje à noite íamos apresentar a peça "Uma tragédia americana". Mas como veio inesperadamente, pensador, representaremos uma peça para você.

O PENSADOR — É bom saber que é indiferente o que irão apresentar.

OS ATORES — Explique aos espectadores o que se passa aqui em cima. Não estão acostumados com o pensamento no teatro. E nós não sabemos fazer isso.

PRIMEIRO ATOR — Atores como nós existem muitos.

SEGUNDO ATOR — Nem tantos.

PRIMEIRO ATOR — Ainda assim, existem alguns, mas público existe aos montes.

SEGUNDO ATOR — Nem sempre.

PRIMEIRO ATOR — Às vezes. Mas raramente um pensador vem até aqui.

O MAIS VELHO *bate nele com a vara* — Pronto! Agora sim! Os bois não nos pertencem?

O MAIS JOVEM — Não. Ora... por que não pensa sozinho?

O MAIS VELHO — Os bois nos pertencem?

O MAIS JOVEM — Sim. É permitido bater em alguém que está dizendo a verdade?

O MAIS VELHO — Não.

O MAIS JOVEM — Você me bateu porque eu dizia a verdade.

O MAIS VELHO — Você não disse a verdade. Como pode ser verdadeiro dizer que os bois não nos pertencem? Fico raivoso quando um homem adulto não encontra, entre centenas de verdades, aquela única que lhe será útil.

O MAIS JOVEM — Naquele momento não consegui encontrar uma razão pela qual os ladrões não haveriam de roubar nossos bois! Coloque essa vara de lado. É preciso inventar uma razão pela qual deixariam de roubar nossos bois. Agora se espanta?

O MAIS VELHO — Não estou espantado.

O MAIS JOVEM — Uma razão pela qual os ladrões não haveriam de roubar nossos bois, por exemplo, seria a de colocarmos um impedimento. É preciso colocar um guarda. Agora está arrependido por ter me espancado?

O MAIS VELHO — Como? E que tipo de guarda poderíamos colocar?

O MAIS JOVEM — Um que seja suficientemente forte.

O MAIS VELHO — E quem é suficientemente forte?

O MAIS JOVEM — Gogergok é o mais forte. Depois de mim.

O MAIS VELHO — É o maior glutão, depois de você. Vai comer um boi por semana.

O MAIS JOVEM — Então o Jambek. Não é tão forte, mas come menos.

O MAIS VELHO — Vai querer um boi a cada duas semanas.

O MAIS JOVEM — Com qual deles ficamos?

O MAIS VELHO — Precisamos de alguém que necessite do cargo.

O MAIS JOVEM — Quem necessita do cargo?

O MAIS VELHO — O mais miserável. O mais fraco. O mais pobre. Alguém que seja nada. Esse devemos contratar.

O MAIS JOVEM — Mas não será forte.

O MAIS VELHO — Mas será barato.

O MAIS JOVEM — Bogderkhan é miserável. Bogderkhan é fraco. Bogderkhan é barato. Basta assoviar para que venha.

O MAIS VELHO — Não. Agora é meio-dia e sua fome aumenta. Assim como ontem e anteontem, hoje também estará rondando por aqui.

O MAIS JOVEM — Ali está ele.

O MAIS VELHO — Faça como se não o tivéssemos visto.

Bogderkhan os rodeia.

O MAIS VELHO — Ele está a pé. Espero que chova à noite.

O MAIS JOVEM — Seria ótimo.

O Pastor Mais Velho enxota Bogderkhan.

O MAIS JOVEM — Agora você o enxotou. Não voltará mais.

O MAIS VELHO — Veremos se sua fome é grande o suficiente.

Bogderkhan aparece novamente.

O MAIS JOVEM — Ei, você aí, pode nos emprestar dinheiro?

BOGDERKHAN — *sorri.*

O MAIS JOVEM — Pega ali, aquela tigela com crostas de pão.

Eles contam as crostas.

Bogderkhan desmaia ao ver as crostas de pão.

O MAIS JOVEM — Ele desmaiou. Sua fome é grande o suficiente.

O MAIS VELHO — Conte-nos como vive.

BOGDERKAHN — Na primavera minha fome é muito grande.

O MAIS JOVEM — Sabíamos. Confessa! Você não comeu nada hoje.

BOGDERKAHN — É verdade.

O MAIS JOVEM — Eu sabia! Você não comeu nada anteontem.

BOGDERKAHN — Comi sim.

O MAIS VELHO — O quê?

BOGDERKHAN — Uma raiz.

O MAIS JOVEM — Talvez já esteja fraco demais. Mostre seus músculos. Ruinzinho, muito ruinzinho.

BOGDERKHAN — Estou tremendo porque vejo que querem alguma coisa comigo.

O MAIS VELHO — Quem te disse isso?

BOGDERKHAN — Estão precisando de um homem com músculos fortes?

O MAIS VELHO — Não precisamos de ninguém.

BOGDERKAHN — Querem que eu levante uma pedra? Querem ver como ainda tenho força suficiente?

O MAIS VELHO — Não é preciso. Mas se quiser, pode levantá-la.
Bogderkahn levanta a pedra mas não consegue sustentá-la.

BOGDERKHAN — Procurei logo a mais pesada!

O MAIS JOVEM — Ouça, Bogderkahn, decidimos ajudar você. Sentimos pena quando nos contou que só come raízes. Precisamos de alguém para guardar nossos rebanhos.

BOGDERKAHN — Isso eu posso fazer.

O MAIS VELHO — Feito! Sabíamos que o faria. Há milhares de pessoas que o fariam por algumas crostas de pão por dia. Há centenas que o fariam se pagássemos cinco crostas. Você o faria por uma crosta de pão?

BOGDERKHAN — Por uma crosta de pão eu faço qualquer coisa.

O MAIS JOVEM — Porque tem fome. Mas quando comer a crosta, vai deitar de bruços e dormir.

BOGDERKAHN — Não vou dormir se ainda tiver diante de mim outras crostas de pão.

O MAIS VELHO — Quantas crostas?

BOGDERKAHN — Digamos, quatro crostas.

O MAIS VELHO — Não podemos dar mais que duas.

BOGDERKAHN — Ficaria agradecido com duas crostas de pão. Mas se puder receber três, caminharia o dia inteiro tomando conta de seus rebanhos e não precisaria mais procurar raízes.

O MAIS JOVEM — Certo! Com três crostas de pão caminharia muito. Dê a ele três crostas de pão. Assim caminhará o dia inteiro para nós.

O MAIS VELHO — Será a minha decadência, mas nós, homens pobres, já somos decaídos. Bogderkhan, você será agora o pastor e nós partimos.

BOGDERKAHN — Não esqueça das crostas de pão.

O MAIS JOVEM — Nesta tigela há o suficiente para sete dias. Tome. Ali é sua moradia. Aqui, um cobertor para a noite.

BOGDERKAHN — Obrigado pelas crostas de pão, pela moradia e pelo cobertor. Vocês são pessoas maravilhosas.

O MAIS VELHO — Não seja você o trapaceiro.
Os dois pastores saem.
Bogderkahn assobia. Sua mulher se aproxima.

MULHER — Encontrou alguma coisa?

BOGDERKAHN — Encontrei.

MULHER — O quê?

BOGDERKAHN — Uma boa moradia e um cobertor para a noite.

MULHER — Esta moradia é muito boa! Essas peles não deixam a chuva atravessar as paredes.

Bogderkahn — Não devia falar para você, mas ainda ganhei uma outra coisa.
Ele mostra a tigela.

Mulher — Crostas de pão!
Eles começam a comer.

Bogderkahn — Em troca, guardo os rebanhos.
Enquanto troca de roupa, o Ator que representa Bogderkhan conversa com o Pensador.

O Ator — O que achou de minha representação do Nada?

O Pensador — No início, fiquei temeroso que a grande apresentação pudesse ser prejudicada. Temia que você ficasse tentado a fazer coisas em excesso. Mas você não fez. Por que estava sorrindo, logo no início da primeira cena?

O Ator — Significava que eu era alegre. O Nada não pode sorrir?

O Pensador — A sua atitude era de exigência?

O Ator — Sim, eu exigia tudo, ao menos um pouco, quase nada. Enfim, tanto quanto possível. Queria ser alguma coisa.

O Pensador — Me pareceu que você esperava fazer alguma coisa do Nada.

O Ator — Quis dar a entender que ainda assim permaneceria Nada.

O Pensador — O Nada parece estar em dificuldades pela sua interpretação!

O Ator — Isso mesmo! Você reparou que estou firmemente convencido que somos todos Nada?

O Pensador — Como você mostrou isso?

O Ator — Pela frase: " ... ".

O Pensador — Como? Pode repetir?
O Ator repete o gesto.

O Pensador — O que mais gostei foi que o Nada era um ser humano, uma pessoa determinada, com características próprias, uma forma singular e única do Nada. Esse ser humano era inqualificável apenas do ponto de vista social — no qual ele era Nada.

O Ator — Pois justamente do ponto de vista social ele queria vir a ser alguma coisa!

2

A cabana. No chão há cinco peles de bois. Bogderkhan escondeu-se embaixo de uma delas. Sua mulher grita.

Mulher — Saia, Bogderkhan, os soldados foram embora. Eles mataram os bois e os devoraram e você, que tinha por obrigação guardá-los, se escondeu. O que dirão os pastores, ao encontrarem as peles? Nós perderemos nossas crostas de pão. Saia, Bogderkahn, ponha ao menos a cabeça para fora. Está com medo, Bogderkhan?

Bogdekahn *embaixo da pele* — Estou com medo.

Mulher — Você não tem juízo, Bogderkahn?

Bogderkahn — Não.

Mulher — Agora vamos perder as crostas de pão.

Bogderkahn — Não pude fazer nada. Minha vida foi ameaçada. *Põe a cabeça para fora* — Está vendo, se não tivesse medo, não estaria mais aqui, agora.

Mulher — Se não for corajoso, estará perdido.

Bogderkahn — Estou perdido, de qualquer forma. Como posso ter coragem, por apenas cinco crostas de pão? Por cinco crostas de pão, eu não tenho coragem.

Mulher — Ali vem os pastores. *Bogderkahn se esconde.* Agora sim, vai ficar com medo.
Os dois pastores se aproximam, gritando.

Os Pastores — Onde estão nossos bois? Onde foram parar nossos bois?

MULHER — Foram os soldados! Os soldados passaram por aqui e mataram os bois!

OS PASTORES — Onde está nosso guarda?
A mulher soluça alto.

OS PASTORES — Onde está o guarda? Queremos demiti-lo!

MULHER *soluça mais alto ainda* — O guarda foi assassinado em serviço.
Pausa. Os dois pastores tiram o boné do sindicato dos pastores de Orgh-Urga.

O MAIS VELHO — Que homem correto! Morreu por nós!

O MAIS JOVEM — Se fugisse, seria um assassino!

OS PASTORES — Contratamos o homem errado!

O MAIS VELHO — Era apenas o mais barato...

O MAIS JOVEM — Ele era Nada.
Os dois devoram as crostas de pão.

MULHER — O que estão comendo?

O MAIS VELHO — Estamos comendo as crostas de pão que trouxemos para vocês.

BOGDERKAHN *embaixo da pele* — Meu Deus!

MULHER *observando os dois comendo* — Bogderkahn não está morto. Está afugentando os soldados.

OS PASTORES — Não voltará. Os soldados o matarão. É muito mal alimentado.

MULHER *muito alto, para que Bogderkahn, embaixo da pele, possa ouvi-la* — Se aqui estivesse, seria um terrível assassino.
Bogderkahn ergue-se, todo ensangüentado.

MULHER — Aí está Bogderkahn!

OS PASTORES *demonstrando medo* — Onde esteve?

BOGDERKAHN — Eu estava afugentando os soldados. Quero as crostas de pão. Tenho uma fome imensa.

OS PASTORES — Quantos você matou?

BOGDERKAHN *olha para uma das mãos, com a outra está comendo. Ele conta nos dedos* — Cinco.

O MAIS VELHO — Se os soldados voltam e o encontram aqui conosco, vão matar a todos nós. Precisamos nos livrar dele.

A verdadeira vida de Jacó Vemcá

Vestíbulo de uma pequena hospedaria para fins de semana à beira do Alster, do Tâmisa ou do Hudson. Chama-se "Aos dois Cavaleiros". Os empregados da hospedaria são: o Primeiro Garçom, Franz; o segundo garçom, Vemcá; a Cozinheira, Sra. Lange; o Barman e a copeira. Início da noite, quando se prepara o local para a chegada dos hóspedes.

VEMCÁ — A vida nesta hospedaria é muito monótona. Ainda mais agora que quase não temos hóspede, pois as pessoas não têm mais dinheiro. Além disso, pioramos os nossos serviços e nem a comida está sendo bem preparada, apesar de mais cara. Antigamente eu não colocaria uma toalha de mesa como esta. Para dizer a verdade, não sabemos por que o proprietário simplesmente não fecha as portas. Provavelmente porque já tem dívidas demais. Mas, desde o último sábado, a situação parece estar melhorando. Um pequeno grupo, pelo que tudo indica membros de um clube de regatas, passou o fim de semana aqui conosco. Temos esperança que esses jovens tragam aos poucos o clube inteiro para cá. Essa região é muito bonita. Tomara que voltem hoje novamente.

A COZINHEIRA — Tem certeza, Franz? Ouviu mesmo que se tratava de um clube? Senão, vamos ter outra decepção.

PRIMEIRO GARÇOM — Um dos jovens falou claramente de um clube. E você não reparou nos agasalhos?

A COZINHEIRA — É, isso é verdade, eles tinham agasalhos de um clube.

PRIMEIRO GARÇOM — Na semana passada, o velho atrasou o pagamento um dia inteiro.

A COZINHEIRA — Hmhmhmhm...

PRIMEIRO GARÇOM — É, isso é mau sinal.

A COZINHEIRA — Mas agora ele parece ter recuperado as esperanças; desta vez ele mesmo escolheu a carne.

PRIMEIRO GARÇOM — Como ele está hoje?

A COZINHEIRA — Péssimo, o homem realmente não está bem. Ele deveria consultar um médico. Você não pode sugerir isso a ele, Franz?

PRIMEIRO GARÇOM — O que ele precisa não é de um médico, é de um banqueiro. É o maior patife que já vi dirigindo uma hospedaria nesta cidade. Sabe explorar como ninguém seus empregados. E agora estamos preocupados com sua maldita saúde. Que vergonha!

O BARMAN *entra* — O barqueiro telefonou, eles estão vindo!

A COZINHEIRA — Graças a Deus! *Vai para o fundo do palco.*

PRIMEIRO GARÇOM — Francamente, eu não estava acreditando que eles voltariam! A Sylvia ainda não chegou? Corto minha cabeça se ela não atrai mais os hóspedes do que as costeletas da Sra. Lange. *Irônico.* Sabe, Vemcá, foi o próprio patrão que escolheu a carne! Não é uma vergonha, todos esses preparativos para alguns malditos hóspedes? Não posso nem pensar na época em que aqui havia bastante movimento... Ficava tão cheio que não se podia deixar cair uma faca no chão. E como nós os tratávamos! Se algum rosto me desagradasse, eu levava o assado de volta. Bastava um gesto impaciente de um freguês que ficou esperando duas horas e dizíamos: meus senhores, aqui há lugar, este senhor está com pressa. Falava-se de homem para homem, olho no olho: deseja mais alguma coisa, seu nojento? Posso lhe enfiar mais um copo de água goela abaixo? Em que mais posso servi-lo, seu porco? No caminho, eu cortava em duas uma porção de rosbife e ainda recebia um piscar de olhos quando servia uma delas. Se alguém dizia: Sr. Franz, não se esqueça de mim, eu ficava mal-humorado pelo resto do dia. Ai daquele que tivesse pedido ganso ensopado e resmungasse ao receber uma torta de creme. Diante de um rapaz assim, tão atrevido, eu ficava em dúvida se não seria um caso para a Justiça criminal. Era pura filantropia, para não dizer sentimentalismo, quando não usávamos cacetetes no relacionamento com o público. E olhávamos o freguês com um desprezo tão esmagador, que ele preferia mandar abrir, por conta própria, um buraco no chão e se enterrar nele. Durante todo um semestre — foi o verão de vinte e sete, um verão inesquecível —, nunca ouvi da boca de um hóspede: a cerveja está muito quente. Para adquirir a minha proteção e receber o creme de leite, todas as damas teriam se jogado em meus braços, se ainda houvesse lugar aqui. Coisas como mostarda, pimenta, palitos, absolutamente não se via mais. Eles comiam como porcos, sem toalhas na mesa! Garfo, faca, guardanapo, tudo era cobrado à parte. Estou exagerando um pouco, mas só um pouco. E se eu percebesse que alguém estava relutando em deixar os dez por cento da gorjeta, ficava logo furioso. As contas, eu fazia de relance, nessa época, minha letra... Deus do Céu! Todos os números se pareciam, lembram? O três com o cinco, o um com o sete, o quatro com o nove. A conta eu sempre jogava fora e o dinheiro ia para o meu bolso. Ah, verão de vinte e sete, despertar de um novo tempo, que fim você levou?

VEMCÁ — Será que recebendo aqui um clube, as coisas vão melhorar outra vez?

Entra Sylvia, a copeira, em traje de passeio, acompanhada de seu namorado.

VEMCÁ — Bom dia, Sylvia.

SR. JOPPE — Quero falar com o proprietário.

PRIMEIRO GARÇOM — O que o senhor quer do proprietário?

SYLVIA *apontando para Joppe* — É o meu namorado.

SR. JOPPE — É um assunto particular. Traga-o imediatamente!

Primeiro Garçom — Vou voando. Com certeza ele já está esperando pelo senhor no quarto dos fundos. Há dias.

Sr. Joppe *para Sylvia* — Com que gentinha simpática você foi se meter.

Sylvia — Não diga isso. São meus colegas.

Sr. Joppe — Quero falar com o proprietário. Não me impeça.

Sylvia — Mas, se você vai e fala com ele nervoso desse jeito, vai estragar tudo. Prometa que não fica furioso e nem grita, senão vou ser despedida. Você mesmo só tem um emprego provisório e até agora não falou em casamento.

Vemcá — O velho!

O Proprietário — O que o senhor quer de mim? *A Sylvia* — Por que veio trabalhar tão tarde hoje? Anteontem à noite já saiu mais cedo. Tenho estado de olho em você a semana toda, portanto, não passe dos limites! *A Joppe* — Bem, o que o senhor quer?

Sr. Joppe — Quero saber, por exemplo, por que tem estado de olho em minha noiva a semana toda?

O Proprietário — Acho que não lhe devo satisfações sobre isso.

Sr. Joppe — Talvez sim. Fique calma, Sylvia. Minha noiva me colocou a par de um fato, que é um verdadeiro escândalo. Sylvia, conte novamente o que aconteceu aqui no último sábado.

Sylvia — Foi aquilo com os rapazes do clube de regatas.

O Proprietário *severo* — O que houve com os clientes do clube de regatas?
Sylvia permanece calada.

Sr. Joppe — Ela foi levada para o quarto e molestada, o senhor sabe disso muito bem, pois o seu primeiro garçom disse que ela teria de aceitar o convite.

O Proprietário — Franz, você disse a Srta. Schmidt que ela teria de ir ao quarto dos hóspedes?

Primeiro Garçom — Eu? De maneira alguma!

Sylvia — Sr. Franz, mas na verdade o senhor...

O Proprietário — Isso é tudo que o senhor queria saber? Vemcá, traga-me o regimento interno.
Vemcá traz uma cartolina.

O Proprietário — Aqui estão as normas, meu jovem, que o meu pessoal deve seguir, se não quiser ir para olho da rua. Pode ler aqui: "É proibido aos empregados do sexo feminino aceitar convites de hóspedes para beber e etc. O empregado deve se esforçar para manter a mais respeitosa distância". Acho que isso basta.

Sr. Joppe — Depois que já estava lá dentro, teve de beber. Mas ela não queria. Ela ainda saiu para ir à cozinha e pedir à cozinheira, a Sra. Lange, um gole de café. Você disse com toda clareza: bem forte, por favor.

O Proprietário — Seu namorado está mesmo muito preocupado com a vida que você leva. *Grita* — Sra. Lange! *Entra a Sra. Lange* — Sra. Lange, o noivo da Srta. Schmidt está contando uma história horrenda, que teria acontecido aqui, sábado passado. Deixaram-na completamente bêbada e ela chamou a senhora no meio da noite para lhe pedir um café.

Sr. Joppe — Então o senhor sabe muito bem como foi a coisa! Sabe até que foi no meio da noite.

O Proprietário — Sra. Lange, que café foi esse?

Cozinheira — Mas meu jovem, não houve nada de mais.

Sr. Joppe — Quero saber se ela pediu à senhora uma xícara de café, bem forte.

A Cozinheira — Mas à noite não servimos café aos empregados.

Proprietário — Mais alguma coisa, meu jovem?

Sr. Joppe *a Sylvia* — Não acredito no que diz o primeiro garçom, o homem não me agrada, mas a cozinheira não parece estar mentindo.

SYLVIA *chora* — Por que vocês não contam como foi? Não vêem que meu namorado está me tomando por uma moça leviana?

Silêncio.

SYLVIA — Sr. Vemcá, diga, se não me agarrei ao senhor, antes de ser levada ao carro por um dos hóspedes e pelo *barman?* Por favor, diga somente a verdade.

SR. JOPPE — Meus senhores, os senhores precisam entender que não tenho preconceitos, mas entre eu e minha noiva deve imperar a clareza. Já me resignei com o caso, sei que, neste entra-e-sai de hóspedes, deve-se passar por cima de muita coisa, mas o que me interessa é saber se minha noiva disse realmente a verdade, quando afirmou ter se defendido.

PROPRIETÁRIO — Vemcá, fizeram-lhe uma pergunta.

VEMCÁ — Eu...

TROCA DE LUZ. COMEÇA UMA MÚSICA QUE DÁ À CENA UMA CERTA IRREALIDADE. NUMA TELA APARECE:

PRIMEIRO SONHO DE JACÓ VEMCÁ.
JACÓ VEMCÁ DIZ AQUILO QUE É.

VEMCÁ — Não posso me calar. Outros fazem de seu coração um túmulo. Olhando para as pequenas vantagens exteriores, esquecem-se de seu dever, que é dizer somente a verdade em quaisquer circunstâncias, especialmente quando uma outra pessoa está sendo prejudicada pela mentira. Eu, Jacó Vemcá, não faço isso. O que me impedirá de falar? Essa existência deplorável aqui em sua hospedaria, Sr. Friedrich? Ah, não! Mande-me para debaixo da ponte se puder, mas primeiro deixe-me dizer a verdade, como Galileu Galilei na fogueira jogou na cara de uma multidão atônita seu "E no entanto ela se move!", registrado no famoso romance "Na Fogueira". Eu também ajo assim. Sim, Sr. Joppe, sua noiva não mentiu, não se entregou a prazeres imorais. Aqui, neste corredor, ela se agarrou em mim e suplicou para salvá-la de seu sedutor. Completamente bêbada — seu café, gentilmente servido, mas aqui covardemente negado, Sra. Lange, não teria mesmo adiantado —, agarrou-se em mim gritando bem alto: não quero. E agora, Sr. Friedrich, que está dito o que devia ser dito, despeça-me! Sei que isso vai acabar acontecendo. Gostaria de ficar aqui, mas agora sigo o meu caminho escuro com prazer. Depois disto, quem vai querer me empregar? Não chore por mim, Srta. Sylvia. Olhe para os olhos brilhantes de seu noivo, esta será a minha recompensa. Comece a esbravejar, Sr. Friedrich! Não? Vai ficar calado? Seu coração amolece? Hesita? Comovido por tanta abnegação, o senhor esquece sua hospedaria, aproxima-se de mim, quase não posso acreditar, estende-me a mão, olha em meus olhos e me diz...

Troca de luz. A música pára.

O PROPRIETÁRIO — Vamos logo!

VEMCÁ — Claro, Sr. Friedrich! Acho que não posso ajudá-la, Srta. Sylvia. Gostaria muito, mas realmente não consigo me lembrar de a senhorita ter se dirigido a mim.

O PROPRIETÁRIO — Então, Sr. Joppe? Também quer ouvir o *barman?*

SR. JOPPE — Acho que não é necessário.

SYLVIA — Georg, eles não têm o direito de dizer mentiras para você!

SR. JOPPE — Não devia chorar tanto, Sylvia, querendo usufruir assim do cavalheirismo dos senhores, isso me causa uma péssima impressão.

Sylvia sai chorando.

O PROPRIETÁRIO — Se não fosse tão jovem, meu rapaz, a coisa não ficaria assim. Em todo caso, você não se opõe que meu pessoal finalmente comece a trabalhar. Isso aqui não vai durar muito tempo mesmo.

Sai. Saem também a Cozinheira e o Primeiro Garçom.

SR. JOPPE *a Vemcá* — Se esses hóspedes voltarem hoje, Sr. Vemcá, o senhor teria a gentileza de me telefonar? Sou lanterninha do Cine Admiral, trinta e três mil, trezentos e trinta e três.

VEMCÁ — Telefono, mas acho que não vem ninguém. O tempo está muito ruim.

SR. JOPPE — E o tal hóspede? Era mesmo um homem bonito?

VEMCÁ — Acho que as mulheres diriam que sim.

SR. JOPPE — Isso é mal. É que minha noiva disse que ele era barrigudo. *Sai.*

A COZINHEIRA *retorna* — Ele já foi? Aliás, você viu? Ele manca. Ela está dizendo que destruímos as suas perspectivas de casamento.

VEMCÁ — A senhora acha que eu deveria ter me comportado de outra forma? Por um momento pensei em dar uma outra resposta.

A COZINHEIRA — Com vinte marcos por semana, ainda por cima incertos, não se pode exigir cavalheirismo do senhor.

VEMCÁ — Receio apenas que isso continue. O rapaz me fez um pedido, mas talvez eles não venham hoje à noite.

A COZINHEIRA *saindo* — Tomara que não.

VEMCÁ — Ou, se vierem, talvez hoje não chamem a moça. Ou, se chamarem, talvez ela não entre no quarto.

Entram quatro rapazes. Vão para o quarto. Um deles pára na porta.

O HÓSPEDE — O mesmo que da outra vez!

VEMCÁ — Sim, senhor.

O Primeiro Garçom traz quatro garrafas e copos.

PRIMEIRO GARÇOM — Pegue os baralhos e o cigarro! *Entra no quarto. Vemcá leva o que foi pedido.*

VEMCÁ *voltando com o Primeiro Garçom* — Parece que hoje só querem jogar cartas. Graças a Deus não preciso telefonar. Por que sempre se pensa o pior das pessoas?

Soa a campainha do quarto dos hóspedes.

PRIMEIRO GARÇOM *indo para o quarto* — Eu mesmo atendo.

O PROPRIETÁRIO *entra* — Tudo em ordem?

VEMCÁ — Estão jogando cartas.

PROPRIETÁRIO — Pois é. Veja você, jogam cartas pacificamente. Não gosto de escândalos.

Vai até a mesa do Barqueiro, que está bebendo cerveja.

O PROPRIETÁRIO — Será que os rapazes são de um clube de regatas?

O BARQUEIRO — Que nada! Eles são seu próprio clube de regatas.

O PROPRIETÁRIO — Ah, é?

O BARQUEIRO — O senhor tinha esperanças?

O PROPRIETÁRIO — Eu? Não. Não dá pra se viver só de um clube de regatas nos fins de semana. *Sai.*

PRIMEIRO GARÇOM *volta do quarto dos hóspedes* — Com certeza são de um clube. Usam até distintivos. *Sai.*

VEMCÁ — E agora, devo telefonar ao rapaz, ou não? Prometi telefonar se eles viessem, mas se ela não entrar no quarto deles, talvez eu não precise telefonar. Aí fica como se não tivessem vindo.

A copeira sai da cozinha. Ajeita os cabelos diante de um pequeno espelho.

SYLVIA — Pode ficar tranqüilo, Vemcá, não quero saber de nada hoje. Nem que tragam o clube de regatas inteiro com eles, não me presto a essas coisas. Vocês me afastaram do Georg, mas isso absolutamente não significa que vou dizer sim e amém a todos. Não quero perder meu emprego, mas não me deixo corromper por esta hospedaria miserável. Vocês são ótimos colegas! Realmente pode-se confiar no cavalheirismo de vocês!

Entra no quarto.

VEMCÁ — Se acontecer de novo o que aconteceu da outra vez, então eu vou...

TROCA DE LUZ. COMEÇA UMA MÚSICA, QUE DÁ A CENA UMA CERTA IRREALIDADE. NUMA TELA APARECE:

SEGUNDO SONHO DE JACÓ VEMCÁ:
O CAVALEIRO NEGRO

No escuro, ouve-se Vemcá gritar.

VEMCÁ — Abuso e injustiça! Por quanto tempo ainda
Os dominados sofrerão a exploração infinda?
Eternizarão a violência crassa,
E ninguém grita um basta?
É porque todos se esquecem
De estender a mão aos que carecem.
Onde haveria alguém que desse água a quem tem sede?
Onde haveria alguém que pela vítima intercedesse?
Onde haveria alguém com um coração no peito, em vez de uma pedra?
E que defendesse os miseráveis lá onde a miséria medra?

Clareia o palco, Vemcá desapareceu. Do quarto saem os quatro hóspedes e Sylvia, todos bêbados.

SYLVIA — Deixem-me! Não quero! Não é verdade que quando tudo parece perdido a solução aparece? Ninguém quer proteger os de coração puro? Não há aqui ninguém para me defender?

UMA VOZ ABAFADA *alto* — Sim.

HÓSPEDE UM — Alguém disse alguma coisa? Alguém aqui tem algo contra uma festinha ao luar?

O Cavaleiro Negro, que estava à direita da porta de entrada, desce repentinamente de um pedestal.

O CAVALEIRO NEGRO — Eu.

Os bêbados recuam estonteados, como depois de uma explosão.

O CAVALEIRO NEGRO *severo, adianta-se alguns passos* — Agora ouça, Egon Maschner, você que arrastou essa garota inocente e pura para seus passatempos, chegou a hora da justiça! Você vai desposar essa moça. E escute bem: antes que o galo desta hospedaria cante.

O HÓSPEDE MASCHNER — Que idéia é essa, meu senhor, de se intrometer nos meus assuntos?

O CAVALEIRO NEGRO — Se não concorda, então sou obrigado a desafiá-lo para um duelo. O que lhe espera, o senhor em breve saberá, pois sou o Cavaleiro Negro e não costumo perder tempo com pessoas de sua laia.

O HÓSPEDE MASCHNER *sisudo* — Onde deve se realizar esse magnífico duelo?

O CAVALEIRO NEGRO — Bem, o torneio vai se realizar onde sempre se realiza, ou seja...

PRIMEIRO GARÇOM *volta com o Proprietário* — Certamente ele dirá: no Desfiladeiro Cinzento, é lá que sempre se realizam os duelos.

O CAVALEIRO NEGRO — Será no Desfiladeiro Cinzento.

Burburinho.

PRIMEIRO GARÇOM — É lá que estão as sepulturas dos sete combatentes.

HÓSPEDE DOIS — Tudo deve ser feito corretamente. Lutar até a decisão final, e os próprios contendores fornecem as armas.

O HÓSPEDE MASCHNER — Uma armadura e uma lança! *Ao Cavaleiro Negro* — Será que está em condições de adquirir uma lança? Espero que não lhe falte dinheiro.

O CAVALEIRO NEGRO — Não se preocupe. *Vira-se para sair.*

O HÓSPEDE MASCHNER — Garçom, uma aguardente dupla!

O Cavaleiro Negro corre e serve uma aguardente ao Hóspede Maschner.

O HÓSPEDE MASCHNER — Quando é que vai aprender a não derramá-la?

O CAVALEIRO NEGRO *saindo* — Vai falar de maneira bem diferente antes que o galo desta hospedaria cante. Nos veremos às 11:45 hs. no Desfiladeiro Cinzento!

UMA PEQUENA CASA DE PENHORES.

Um grande relógio de parede marca 11:40 hs. e adianta-se rapidamente. Uma Velha compra pãezinhos e o Cavaleiro Negro aguarda no balcão sem ser notado.

A VELHA — Realmente não sabia que também vendia pãezinhos aqui.

A Penhorista (Sra. Lange) — Por aqui mora muita gente pobre e sempre empenham aqui alguns pãezinhos, quando precisam, por vezes, de dinheiro para um bom livro. Depois, é claro, não conseguem resgatá-los.

A Velha — Tomara que estejam também bem duros, senão o meu Emil vai devorá-los como se nada fossem.

A Penhorista — Mas, por precaução, amoleça-os numa boa água de fonte.

O Cavaleiro Negro — Por acaso não teria aqui uma lança em bom estado? Não pensei que eu mesmo tivesse de levá-la ao torneio, e justamente agora que estou sem condições.

A Penhorista — Depois das cruzadas penhoraram um monte e nunca mais resgataram. *Traz algumas lanças grandes* — Esta aqui ficou um pouco avariada, mas em compensação é barata. Para o senhor posso deixá-la por 43,50 marcos.

O Cavaleiro Negro — Sabe, é que minha vida depende da qualidade dela.

A Penhorista — Então deveria investir um pouco mais. Esta aqui é boa, mas é mais cara: 49,95 marcos.

O Cavaleiro Negro — Está bem, vou levar essa. Já é muito tarde para escolher.

A Penhorista — Naturalmente, só à vista. O senhor tem porte de arma?

O Cavaleiro Negro *procura com dificuldade o dinheiro no bolso da calça* — Não, mas estou percebendo que no momento estou um pouco sem dinheiro, então vou levar a mais barata. É, ela parece realmente muito boa.

A Penhorista — Deve saber quanto vale a sua vida.

O Cavaleiro Negro — Naturalmente. Então me embrulhe a mais barata, por favor! Sabe, é que com 20 marcos por semana não posso dar um passo maior que a perna.

A Penhorista *saindo* — Sim, e ainda por cima incertos, não é? Enquanto isso, cuide do caixa.

O Cavaleiro Negro — Certo, vou tirá-lo do caixa.

Abre o caixa com um punhal e apanha o dinheiro. A Penhorista volta com a lança embrulhada.

O Cavaleiro Negro — Aqui está o dinheiro. Não dá para deixar a lança mais barata, já que ela está avariada e eu estou arriscando a minha vida? *A Penhorista balança a cabeça, negando* —Aliás, a senhora, como penhorista, tem permissão para simplesmente vender os objetos penhorados?

A Penhorista — Não. Mas nesta desordem geral achamos isso perfeitamente possível.

O Cavaleiro Negro *saindo* — Torça por mim, cara senhora.

O DESFILADEIRO CINZENTO.

Sete sepulturas, que ocasionalmente são utilizadas como assentos. Um ringue de box montado com cordas e estacas. O Hóspede Dois segura um cavalo branco, representado pelos dois outros hóspedes. No outro lado, o Barman *segura pelas rédeas um cavalo preto, representado pelo Proprietário e pelo Primeiro Garçom. Um Fotógrafo e um Repórter, o Barqueiro como Juiz e alguns espectadores. Ao lado do cavalo preto, Sylvia ajeita os cabelos. Ao lado do cavalo branco, o Hóspede Maschner, numa armadura de cavaleiro, fuma um cigarro, nervoso. Todos com o relógio na mão.*

O Repórter — É para o "Jornal da Noite"; precisamos saber, de qualquer maneira, quem é aquele senhor que está defendendo tão desinteressadamente a inocência ofendida.

Sylvia — Eu mesma não faço idéia. Tudo aconteceu tão de repente. Escreve aí que estou muito feliz.

O Repórter — Então o melhor seria cantarmos: "Quem será o Cavaleiro Negro?"

O Fotógrafo — Espero que ele venha mesmo. Preciso fotografá-lo, senão vão dizer outra vez que era só boato. Levei a maior bronca na redação quando não consegui fotografar Lindbergh em sua chegada.

O Repórter — Quando será que ele vem? Já está na hora. E quem será ele? Você acha que é Adolf Hitler?

Sylvia — Ou Hans Albers?

O Repórter — Por favor, meus senhores. *Rege. Todos cantam.*

Todos — Quando a inocência ofendida padece
O Cavaleiro Negro aparece.
Quando aparecerá?
E ele, quem será?

O Barman — Está vindo. O barqueiro acabou de telefonar.
Entra o Cavaleiro Negro com a lança.

O Cavaleiro Negro *apressado* — O galo ainda não cantou?

O Juiz — Como é que vai cantar no meio da noite?

O Cavaleiro Negro — Isso é péssimo. Sabe, quando eu liqüidá-lo, o galo tem de cantar. Tudo deve ser cumprido à risca.

O Juiz — Que bom que está aqui. Vamos começar. Meus senhores, montem em seus cavalos.
Os contendores montam em seus cavalos.

O Fotógrafo — Seu nome, senhor?

O Cavaleiro Negro — Prefiro que meu nome não seja mencionado.

A Cozinheira *atrás do Cavaleiro Negro* — Ah, lá está também o Sr. Joppe! Venha, Srta. Schmidt, seu noivo não desiste de defendê-la. Acene para ele!
Sylvia acena. Ele desvia o olhar.

Sylvia — Desviou o olhar. Não quer mais nada comigo. Vocês o afastaram de mim.

O Cavaleiro Negro — Quando chegar a hora, Srta. Sylvia, entregarei a lança a ele. Quer apostar como vai aceitá-la? Só vai querer que lhe supliquem. Vou aquecer o cavalo primeiro.
Dá uma volta a cavalo; todos acenam.

O Proprietário *coloca a cabeça para fora do cavalo preto* — Quando isso acabar, venha até meu escritório. É um escândalo! Como você perde tempo dando voltas!
O Cavaleiro Negro bate-lhe com as esporas nas ancas. Ele empina.

O Cavaleiro Negro *grita* — Mais uma palavra e acabo com você! Acha que pode me espezinhar com 20 marcos por semana?

O Juiz — Quando soar o gongo, comecem!

O Cavaleiro Negro — Como vê, Sr. Joppe, telefonaram-lhe como foi combinado. Aqui, Sr. Joppe, pegue a lança e defenda a Srta. Schmidt, afinal é o mais íntimo dela.

Sr. Joppe — Como vou fazer isso? Preferia que ela especulasse um pouco menos sobre o cavalheirismo dos senhores. Estaria arriscando meu emprego!

O Cavaleiro Negro — O quê? Está hesitando? A garota que ama precisa de você e você fala de seu emprego? Onde já se viu? Quem não abriria mão de seus bens, com alegria, para proteger a mulher que ama? Eu faço isso, mesmo sem amar. Sim, Srta. Sylvia, por sua causa vou à luta, eu, o segundo garçom, em quem você nunca reparou, e que agora está aqui por sua causa. Lembre-se muito bem disso, por favor! Saiam da frente!
Soa o gongo. O primeiro round *consiste de um único combate a cavalo; as lanças não atingem os alvos. O gongo soa novamente. Os contendores sentam-se em suas respectivas cadeiras. Abanam-lhes com toalhas.*

O Hóspede Maschner *para o seu ajudante, o Hóspede Dois* — Avise ao meu velho pai. Pressinto que não sairei vivo desta luta. A boa causa vencerá, ela é forte demais. Garçom, um uísque com soda!
O Cavaleiro Negro traz-lhe um uísque com soda.

A Cozinheira — Vejam como ele ainda refresca o adversário com uma bebida, antes de derrubá-lo. Isso é que é um verdadeiro espírito esportivo!

O Juiz — Por decisão dos dirigentes, o segundo *round* consistirá de uma reunião de negócios. Por favor, senhores, queiram se sentar.

Os cavaleiros apeam e sentam-se um em frente ao outro, em cadeiras simples. Dão-lhes charutos. Eles fumam.

O Hóspede Maschner — Quanto você gastou com sua armadura? Será que seus rendimentos são assim tão abundantes?

O Cavaleiro Negro — Saiba que não sou obrigado a lhe prestar quaisquer informações sobre isso.

O Hóspede Maschner — Espero que possa apresentar os recibos, ouviu?

O Cavaleiro Negro — O que tem isso a ver com o assunto?

O Hóspede Maschner — Em todo caso é sempre possível que a hospedaria venha a ser comprada pelo clube de regatas.

O Cavaleiro Negro — Mas primeiro deveriam surgir as propostas. Concretas.

O Hóspede Maschner — No máximo, poderíamos dar a metade.

O Cavaleiro Negro — Não aqui conosco. Não aceitaríamos menos que o dobro.

O Hóspede Maschner — Mas é um preço absurdo.

O Cavaleiro Negro — Como quiser. Pode apresentar garantias?

O Hóspede Maschner — Está certo, negócio fechado... a armadura está incluída. Aguardo sua resposta.
O Cavaleiro Negro fica calado.

O Hóspede Maschner — Não se sente bem? Peço registrar o *round* para mim. *Levanta-se.*
Os cavaleiros dirigem-se para os seus cantos e se refrescam.

A Cozinheira — Um golpe terrível. Agora está tudo por um fio.

O Juiz — Meus senhores, terceiro *round.*
Os cavaleiros montam seus cavalos. Soa o gongo. Desta vez, a lança do Cavaleiro Negro atinge o alvo, mas se quebra.

O Barman — Pelo amor de Deus! A lança quebrou!

A Cozinheira — Eu disse para você comprar a mais cara. O bom é mais caro, mas em compensação dura mais.
O Cavaleiro Negro dá um soco no Hóspede Maschner com o punho de ferro. Começam a lutar. Enquanto isso os cavalos começam a conversar entre si.

O Proprietário *suplicante* — Desculpem, meus senhores! Evidentemente o homem vai ser despedido. Meus empregados têm a obrigação de manter a mais respeitosa distância diante dos hóspedes.

Os Hóspedes — O clube de regatas o senhor pode dar como perdido.

Primeiro Garçom — Se está tudo perdido e se o nosso hotel não é bom o bastante para os senhores, então fora! Ah, verão de 27!
O Cavaleiro Negro derruba do cavalo o Hóspede Maschner com um terrível golpe. Burburinho geral. Soa o gongo quando o Juiz termina a contagem. O barman *e o Juiz arrastam o vencido para o lado e prendem-no com uma corda à cauda do cavalo preto.*

O Cavaleiro Negro *acena de seu cavalo, pedindo silêncio, e escuta.* — O galo não está cantando! Isso é terrível!

A Cozinheira — Acalme-se, ele ainda não está completamente liquidado.

O Hóspede Maschner — Para mim está tudo acabado! Vejo agora que nunca deveria ter molestado a Srta. Sylvia. Isto será para mim uma grande lição!
O Cavaleiro Negro balança a cabeça preocupado e dá a volta de honra, arrastando o vencido. Cavalga cada vez mais rápido.

Os Espectadores — Ele o arrasta para a morte. Ele não dá o seu perdão! Um pobre homem, um leviano! Mesmo assim é um belo rapaz.

O Proprietário *coloca outra vez a cabeça para fora do cavalo preto* — Não abuse! Afinal, vivemos dos nossos hóspedes.
Sylvia, de braços abertos, atira-se no caminho do Cavaleiro Negro.

Sylvia — Pare! Não prossiga! Devolva a vida a este jovem!

O Cavaleiro Negro *parando* — Srta. Sylvia, farei o que quiser. Se deseja a morte dele, por favor, peça! Se deseja a vida dele, por favor, peça! No entanto exijo uma coisa, caso se decida pela vida dele: o ultraje cometido contra a senhorita só será reparado com o casamento.

A Cozinheira — Sr. Maschner, a decisão agora está nas suas mãos.

O Hóspede Maschner — Bem, então, vamos redigir o contrato de casamento.
O galo canta. Os senhores sentam-se sobre as sepulturas. Oferecem charutos.

Hóspede Dois — Deseja com separação de bens?

O Cavaleiro Negro — Como preferirem.

O Hóspede Maschner — Meu dever é zelar pela segurança de minha mulher.

O Cavaleiro Negro — Um momento, Srta. Sylvia! *Puxa-a para o lado* — Seu marido talvez possa censurá-la, não amanhã, no início da felicidade, mas mais tarde, quando os sentimentos mútuos diminuírem, por você ter entrado no casamento sem recursos. Aqui, tome! *Estende-lhe dinheiro.*
Entram neste momento dois senhores com chapéu-coco e lhe dão voz de prisão.

Os Senhores — Siga-nos, sem alvoroço! O senhor está preso por assalto a loja!

O Cavaleiro Negro — Um momento, meus senhores!
Afasta-se. Sylvia e o Hóspede Maschner estão de mãos dadas.

O Hóspede Maschner *sorrindo* — Não percebeu, Sylvia, que eu só queria testar você? Quando me disse hoje, toda orgulhosa, que não toleraria mais nada, eu sabia, era você ou nenhuma outra!

Sylvia — Talvez eu não tenha percebido, mas o Cavaleiro Negro percebeu. Senão ele já não teria impedido sábado passado?

O Cavaleiro Negro — Ainda tenho um pequeno ajuste de contas com esses senhores. Partam e sejam felizes! Não olhem para os lados! Nenhuma sombra cairá sobre a felicidade juvenil de vocês. Não se preocupem comigo, com aquele que os uniu, aconteça o que acontecer!
Os dois saem de mãos dadas. Os outros também saem.

Sylvia *voltando-se* — E se ninguém aqui sabe quem você é, eu sei!

O Proprietário — Sobre você, posso dar as melhores recomendações.

A Cozinheira — O que ela queria mesmo era casar com o Sr. Joppe.
Neste momento, o homem que acompanha Sylvia começa a mancar. O Cavaleiro Negro aponta para ele.

O Cavaleiro Negro — Aí está o Sr. Joppe. Sim, Sra. Lange, outra vez a senhora me subestimou. E agora é com os senhores! *Tira um pequeno punhal* — Seus sanguessugas miseráveis. Por amor às riquezas, vocês perseguem as pessoas, mas o Cavaleiro Negro não cairá em suas mãos imundas. Nunca! Nunca! Nunca!.
Atravessa o colete com o punhal e cai.

O Cavaleiro Negro *morrendo* — Está anoitecendo. Não chorem por mim. Deixo vocês, como cheguei: com a viseira fechada. Ajudem-me, quero enfrentá-la de pé! *Erguem-no* — Obrigado, amigos!

Os Senhores — Morto! Já sabem quem é ele?

A Cozinheira *abre a viseira* — Espero não ter cometido nenhuma indiscrição! É o Vemcá!

Troca de luz. A música pára. Ouve-se o telefone tocando.
Aparece novamente o restaurante. O garçom Vemcá está apoiado na janela. Entra o Barman.

O Barman — O tal Joppe está ao telefone.

Vemcá — Ih, é mesmo! Diga-lhe que estou muito ocupado e não posso atender o telefone. E que está tudo em ordem.

O Barman *saindo* — Então está tudo em ordem.

O PROPRIETÁRIO *andando lentamente pelo restaurante, melancólico* — Sonhando outra vez de olhos abertos, Vemcá? Aliás, ouvi que a copeira está de novo se metendo com os hóspedes. Não quero saber disso. Vá até lá e diga-lhe para voltar ao trabalho imediatamente. E se tiverem alguma coisa contra, ponha-os na rua.

DUAS CANÇÕES

O NOVO DOM QUIXOTE

Nestes tempos pareço, antes,
Um ser superior,
Como aqueles nos livros existentes.
Não o "Ei, você, vem cá!", mas
Um homem que sabe o que faz.
Em plena rotina,
Uma força secreta me domina.
Cresce em mim um poder lato,
O quarto altera seu formato
Apareço, julgo e executo!
A fraqueza me dá pena!
Contra a prepotência luto!
Os humilhados e ofendidos,
Antes de mim, ninguém os havia defendido
Mas respiram aliviados agora
Pois mudo o curso habitual da história
E assim vivo, ao mesmo tempo,
Uma outra vida melhor.

PARA NÓS, TREZE DÃO MESMO UMA DÚZIA

Para nós, treze dão mesmo uma dúzia
Sempre cabe mais um, de fato.
E assim, xingando, limpando os sapatos,
Aceitamos ser alugados
E imploramos por uma oferta, agachados,
Pois precisamos viver — infelizmente.
De pessoas especiais

Há muito não se ouve falar.
Das mercadorias baratas, às dúzias para comprar,
Não se pode exigir demais.

Somos os antepassados baratos da linha de produção.
Nossos filhos merecem coisa melhor.
Se tiverem medo, de antemão
O traseiro deles levará a pior.

Somos os casais da liquidação,
Não é permitida a devolução.
Já não somos o roto, mas o rasgado
E para o coito sobra o sábado.

Ah, as pessoas mais delicadas
Entre nós rapidamente são descartadas.
Como homens, somos agora mercadorias encalhadas,
Defeituosas, por isso baratas.

Vida de Confúcio

I

O POTE DE GENGIBRE

KUNG — Eu sou Kung, filho de Kung, o soldado. Meu pai morreu pobre e minha mãe me ensinou que todo ato de violência é um erro. Sou muito forte para minha idade. Posso derrubar meus colegas. Num instante os deixo deitados no chão. Minha mãe disse que o mais importante não é a força dos músculos mas sim a força da razão. Ela me disse que não existem fantasmas, nem mula sem cabeça, nem dragões. Alguém aqui acredita em fantasmas? Em dragões? Sei de cinco razões pelas quais essas coisas não existem. Ali vêm meus amigos. Do que nós mais gostamos de brincar é de escola.

Os três amigos entram em cena. O Maior carrega uma bola.

O MAIOR — Kung, vamos jogar bola!

O DO MEIO — Yen pegou a bola dos meninos da Vila d'Ouro. Eles foram atrás dele mas ele correu mais depressa. Se você vier brincar conosco e nos pegarem, não tem problema, você é o mais forte.

KUNG — Pensei que íamos brincar de escola.

O DO MEIO — Agora que arrumamos a bola.

KUNG — Já armei as carteiras e a mesa para brincar de escola, como vocês podem ver.

O DO MEIO — Então vamos colocar em votação!

Os três amigos ficam de lado.

O do Meio — Jogar bola é mais divertido. Mas ele é mais forte. É capaz de bater em nós.

O Menor — Ele não briga nunca!

O Maior — Quer tanto brincar de escola que é capaz de esquecer que não briga nunca.

Kung — Na aula de hoje vamos aprender a comer com boas maneiras à mesa. Trouxe um pote de gengibre. Minha mãe me deu de presente.

O Menor — Oh!

O do Meio — Isso já é melhor! Na última aula aprendemos a fazer gestos de cumprimento. Não tinha graça!

Kung — Vamos retomar os gestos de cumprimento ao entrar na sala de aula.

O Maior — Prefiro jogar bola!

O do Meio — Não! Vamos brincar de escola! Vamos aprender a comer gengibre com boas maneiras!

Eles saem de cena e entram em cena novamente, fazendo gestos de cumprimento para Kung, que responde com outro gesto de cumprimento. Os três sentam-se nos bancos de escola. Kung senta-se no púlpito.

Kung — Meus caros alunos, hoje damos continuidade às nossas aulas de boas maneiras. A torta de milho que trouxe de presente para a classe foi devorada com gula no final da última aula e vocês esqueceram dos gestos de cortesia que havíamos ensaiado. Esse é nosso tema de hoje. *Levanta-se* — Agora sou o grande e legendário rei Yen. Vocês são meus generais. Estão voltando de um combate do qual saíram vitoriosos porque estudaram a arte marcial. Eu os recebo com grande cortesia e ofereço a vocês, como sinal de estima, o pote de gengibre real. Apresente-se, general Fu. *Aponta para o Maior, que vem para a frente e recebe o pote de gengibre que lhe é oferecido* — Sirva-se, general.

O Maior põe a mão dentro do pote e enfia tanto quanto pode na boca, com gula.

Kung *tira-lhe o pote* — Mal! Muito mal! Não vou dizer por quê. *Dirige-se ao do Meio* — Agora você, general Tao. Ofereço-lhe o pote de gengibre real! Estamos observando atentamente os seus gestos. Não esqueça!

O do Meio recebe o pote e serve-se com a mesma gula

Kung — Mal! Muito mal! Vocês ainda não aprenderam a comer com boas maneiras! *Para o Menor* — Você viu como agarraram gulosamente o pote? Viu como era feio? Pareciam cães mordendo um osso! *O Menor faz sinal afirmativo com a cabeça e estende a mão para pegar o pote de gengibre* — Vou mostrar como devem receber o pote de gengibre se quiserem mostrar boas maneiras. É necessário mostrar cortesia e comer com discrição. *Para o Menor* — Agora segura você o pote! *O Menor também quer agarrar o pote com gula* — Não! Com as duas mãos! Agora você é o grande e legendário rei Yen, enquanto eu represento o general Go. *O Menor segura o pote de gengibre* — Primeiro faço um cumprimento. Assim! Depois recuso com ambas as mãos o presente! Assim! Dei a entender que o presente é por demais precioso! Como o rei Yen me oferece o presente pela segunda vez, eu o recebo, depois de fazer o gesto de agradecimento! Mostro que só aceito o pote para agradá-lo! Como recebo o pote de gengibre? Com gula? Como um porco que vai devorar a ração? Não! Eu o recebo com gestos de cortesia. *Ele o faz* — O gesto mostra indiferença e ao mesmo tempo alta estima. Como estendo a mão?

O Menor — Com indiferença.

Kung — Com dois dedos pego o menor pedacinho que encontro. Levo com um sorriso à boca. *Ele mostra* — Vocês observaram com atenção? Ou querem que repita?

O do Meio — Não. Deixe experimentar de novo.

Kung — É. Vocês ainda têm muito a aprender. General Fu, sirva-se!

O Maior tira um grande pedaço de gengibre do pote, mostrando gula.

Kung — Errado! Onde está o gesto de recusa, a cortesia? Onde está o sorriso de indiferença?

O MAIOR — O gengibre é bom demais, Kung. Não consigo. Deixa experimentar mais um pouco.

O DO MEIO — Não, agora sou eu. Você não aprende. *Faz rapidamente os gestos pedidos e pega o pote.*

KUNG — Melhor!

O DO MEIO *pegando um enorme pedaço de gengibre e enfiando na boca* — É muito difícil!

O MENOR — Ele pegou um montão!

KUNG — É, ainda estava errado.

O DO MEIO — Eu sei fazer melhor agora, Kung! Eu pego um pedacinho menor! *Ele põe mais uma vez a mão dentro do pote e pega um pedacinho menor.*

KUNG *segurando o pote* — Agora é a vez do Li. General Go, sirva-se!
O Menor faz rapidamente o gesto de recusa e depois o gesto de cumprimento. Os outros riem.

KUNG — Parem de dar risadas! Vocês deixam o General Go confuso! O gesto de cumprimento estava muito bom! Continue!

O MENOR *recebe o pote, olha para dentro dele, olha para os dois companheiros que estão dando risadas e pergunta* — Esqueci! O que vem agora, Kung?

KUNG — Agora você vai enfiar a mão no pote com elegância, Li.
O Menor enfia a mão no pote mas não consegue encontrar nada.

KUNG — Muito bom! Você não pegou nada? Isto é ótimo! Está melhor do que a minha demonstração! General Go, estou muito satisfeito! Será eleito marechal e servirá de exemplo a todos os meus generais. Não vi a menor gula no seu comportamento, apenas gestos de cortesia e boas maneiras.
Os dois maiores dão risada, pegam a bola e saem correndo.

KUNG *balançando a cabeça* — Saíram-se muito mal! Como recompensa pelo seu bom comportamento, você vai ganhar todo o gengibre! *Olhando para dentro do pote* — Mas ele está vazio!
O Menor abana tristemente a cabeça.

KUNG — Isto não me agrada! Não havia mais nada para você! Não posso mais fazer elogios! Será que a sua força de vontade seria a mesma se tivesse gengibre no pote? Acho que duas coisas são necessárias para manter a nobre discrição ao comer: primeiro, a cortesia, e, segundo, um pote cheio. Não havia mais gengibre no pote.

OS DOIS *vão para a boca de cena e cantam* —

Pouco gengibre
Pouca cortesia
A cortesia é bela
O gengibre é doce.

NOTA

A peça *Vida de Confúcio* foi escrita para um teatro em que as crianças são atores.

Poderá parecer que não se fará justiça ao nobre objeto, confiando a representação deste tema a crianças. É preciso dizer que crianças devem trabalhar sempre com objetos profundos e elevados. Além disso, a representação de uma vida como a de Confúcio no teatro, quando empreendida por atores, será sempre imperfeita. O escritor de peças prefere as imperfeições na representação de crianças às imperfeições na representação de artistas adultos.

Crianças não são capazes de representar interioridades psicológicas sutis — uma razão forte para confiar a elas a representação deste homem público que formulou pensamentos importantes.

É preciso tratar objetos profundos com alegria e cumprimentar a sabedoria com estima. A distância do objeto aparecerá com maior clareza na representação das crianças, sendo preferível ao processo de identificação psicológico com o personagem.

Que os intérpretes infantis preparem um trabalho alegre para o grande professor!

Dança da morte em Salzburgo

RONDA DA MORTE
Três Carpinteiros constroem uma ponte, seu Contramestre é a Morte.

MORTE —
Mais para o alto a viga, vamos, adiante!

PRIMEIRO CARPINTEIRO —
É muito pesado para três, contramestre!

MORTE —
Tempo é dinheiro, adiante, adiante!

PRIMEIRO CARPINTEIRO —
Não para nós, prezado senhor.

MORTE —
Sem gracejos! Experimentem cantar
Sem perceber, terão conseguido!

PRIMEIRO CARPINTEIRO *canta* —
Ah! O amanhecer do pobre, eeaa!
Contém ouro para a boca do rico, eeaa!

MORTE —
Pessoal, canções como essa me deixam aborrecido
Elas me deixam irritado.
Percebo que foram dirigidas contra mim
Por isso não gosto de canções como essa.
Elas encerram apenas ódio
Por que não cantam algo assim:
"Para ser feliz não é necessário ter coroa ou riquezas
O trabalho paga-se por si mesmo" ?

Incline-se, você aí, cara de queijo!
Pelo visto lhe falta coragem.
Incline-se, seu covarde, deixe
De preguiça, senão eu o mando para casa sem pagamento.

SEGUNDO CARPINTEIRO —
E se eu me inclinar e não tiver preguiça
Você me manda para casa?

O MESTRE-DE-OBRAS *aproximando-se* —
O que é?

MORTE —
É o de sempre: a criatura
Só se move sob castigo.
Mestre-de-obras, tenho um conselho a lhe dar:
Construir a ponte deste modo é contra a minha vontade
Fico danado ao gastar tantos pranchões tão caros
Um terço seria o suficiente.
Olhe, eu posso pisar em cima
Ele pula sobre a ponte e pisa com força.
Como pode ver, ela não cai.

MESTRE-DE-OBRAS —
Contramestre, agradeço o seu empenho
Mas a ponte está sendo construída para o imperador
Com essa ponte não se fará economia
Pois tudo o que nela transitar
Será para o próprio imperador
Por isso os examinadores serão rigorosos
E se fosse muito, o que chega até o imperador
Eu usaria três vezes mais pranchões.

MORTE —
Mestre-de-obras, construa a sua ponte sozinho
Eu amo os cálculos, precisos e elegantes.
Como se não possuíssemos a aritmética!
Prefiro construir casas nas periferias.
Minha especialidade é "um teto sobre a cabeça".
Quatro pranchões finíssimos que eu encho de barro!
Paredes, delicadas como cascas de ovos

Tudo construído de acordo com cifras precisas.
Pois sou bom de cálculo.
Um trabalho como este aqui apenas me deixa aborrecido!
Ele sai enraivecido, jogando fora os planos de obra.

DA FALA DA MORTE AO IMPERADOR —
Imperador, eu tive um ano péssimo
Meu negócio já não é mais o que era
Já não tenho mais prazer com meu trabalho
Sinto-me doente e envelhecida antes do tempo
Por todo lado sou empurrada
Cortada, perseguida e posta de lado.
O que será, pergunto, de mim:
Já sofro com problemas de respiração
Eles aparecem com determinados cheiros e ruídos
Não posso mais me iludir
Logo mais eu empacoto
Quando ouço soarem dois vinténs em uma algibeira
Ou sinto o cheiro de dinheiro e de livros de contabilidade
Logo preciso amarrar panos molhados em volta da cabeça
Pois nada me expulsa tão rudemente do meu campo
Tão cruelmente como esse maldito dinheiro.
Quando outrora o Senhor me chamou
Para que introduzisse mudanças no mundo
Todos os homens haveriam de ser iguais diante de mim
Não se falou de ricos e pobres
Nem que se alguém, por quem eu me sentisse atraída
Colocasse embaixo do meu nariz um saco de moedas
Eu seria impedida de chegar até ele
Ainda que fosse um homem de idade.
O que vão pensar de mim, ah!
Ao verem que faço distinções como essas
Encolhendo o rabo
Diante de tal animal, com posses e dinheiro.
Indo buscar outro algumas casas adiante
Um bom homem que nada possui?
Em vez de ser partidária de estilo e maneiras
Eu sou uma canalha muito corrupta.

RESPOSTA DO IMPERADOR DIANTE DA FALA DA MORTE SOBRE A MÁ REPUTAÇÃO —

Comadre Morte, acalme-se
As pessoas falam mal de mim também
E só distinguem com dificuldade
O imperador e a morte.
Mas ao usarem mal o nosso nome
Isto deve significar para nós apenas: avante, sem preguiça!
Entupindo os seus beiços, o que
Pode ocorrer de duas formas:
Ou com um assado de gansos,
O que eu não recomendaria,
Ou, e isso vale saber,
Simplesmente com um punhado de terra.

A MORTE —

Não se espante se compro tanta gente pobre:
Com os ricos já não posso mais.
Eles se trancam em sólidas e quentes casas
E suportam o inverno mais rigoroso.
E como remédio têm sempre uma porção de salada fresquinha
E um bom pedaço de toucinho
O ar vigoroso de uma floresta inteira
Serve-lhes como recuperação.
E para movimentarem-se, de acordo com sua posição
São capazes de aniquilar duas montarias
Paga-se, como a empregados, a uma dúzia de doutores
Que fizeram juramento contra mim
Para que mediante um gordo honorário
Fiquem à volta do paciente
Espalhando no ar um tal fedor
Que, se até ali eu fosse, ficaria doente.

1

Quarto da Sra. Frühwirt

SRA. FRÜHWIRT —

Mette, quem bate à porta?

METTE —

Não ouvi, estou atiçando o fogo.

SRA. FRÜHWIRT —

Parecia urgente.

METTE —

Quem poderia ser, antes de cantar o galo?

SRA. FRÜHWIRT —

Não o meu homem, ele não tem tanta pressa
A ponto de cavalgar pela noite
Mette, Mette, estão batendo novamente.

METTE —

Só ouço o cachorro.
Mas ele não late, só está gemendo
Não vejo nenhum espírito.

SRA. FRÜHWIRT —

Mette, hoje não é terça-feira gorda?
Cuide das moças!
Que não fiquem por aí fornicando, eu não admito:
Exibiriam a bunda na janela, se deixasse.
Agora prepare o meu banho de leite
Hoje vou sair bem arrumada
Não é todos os dias que é carnaval!
Agora estão batendo com força.
Mette, vai lá embaixo e veja quem é
Por que deixa um intervalo tão grande
Entre as batidas, por que são tão fracas
Como se estivesse só meio acordado?

Mette sai.

SRA. FRÜHWIRT —

De manhã cedo, deitada na cama
Penso em conquistar o jovem Gulper
Para que saia comigo no carnaval
E se deite comigo e seja bom para mim
Ainda ontem me olhou
Como se estivesse procurando se dominar mas não ousasse.

Vou dizer-lhe que meu corpinho está apertando
Então quero ver se não vai dar certo.

Anna Frühwirt *entra* —
Senhora mãe, está acordada?

Sra. Frühwirt —
Minha filha, durma bastante:
Amanhã será preciso acordar cedo.

Anna Frühwirt —
Posso sair para a brincadeira matinal
Com o jovem Gulper?

Sra. Frühwirt —
Por que não logo embaixo do cobertor? É aquele que não tem carnes?

Mette ajuda Martin Frühwirt a entrar.

Sra. Frühwirt —
É isto o que me diverte
Quando ouço os dois ritmos diferentes
Um deseja o curto, o outro o longo
Este o passo lento, o outro o rápido
Aquele quer devagar, aquele outro com firmeza
E cada qual mantém o seu parceiro.
Deixando que bata o ritmo sossegado
Ele tapa os ouvidos
Mette, vamos dançar
Eu no ritmo do meu Lorenzo, você no ritmo do seu João.

Patroa e empregada dançam com passos diferentes.

Sra. Frühwirt —
Você no ritmo da cozinha, eu no ritmo da sala de jantar
Eu no meu sapato de seda, você na sua sandália de palha
Aquele que para uma é amigo, para outra é inimigo
E assim como é hoje para sempre será

As rufadas do tambor na sala de jantar silenciam. Somente Mette continua dançando.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
YANGRAF
GRÁFICA E EDITORA LTDA.
WWW.YANGRAF.COM.BR
(11) 2095-7722